

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CIÊNCIAS SOCIAIS

Luana Ferreira Bispo – 8978771
Maria Tranjan Soares do Prado – 8517842
Ninna Perez da Silva Dellape – 8979153
Rafaela Romano do Nascimento – 9042192
Tainá Scartezini Orssatto – 8573182
Vinícius Ferreira Modena – 8978576

DA RAIZ ÀS FOLHAS: A LUTA PELO FIM DO PATRIARCADO

Métodos e Técnicas de Pesquisa II
Professora Paula Marcelino
Monitores: Luciana Elena Vázquez e
Renan Theodoro de Oliveira

São Paulo, 2015

SUMÁRIO

1. Prefácio: Nossas Experiências.....	2
2. Parte I: O problema de pesquisa.....	10
3. Parte II: O trabalho de campo.....	15
4. Parte III: Análise.....	18
5. Anexos	
I. Entrevistas	
A) Manas Chicas	
Entrevista com Audre.....	22
Entrevista com Heleieth.....	38
Entrevista com Pagu.....	64
B) Marcha das Vadias	
Entrevista com Ana.....	73
Entrevista com Virgínia.....	87
Entrevista com Angela.....	105
II. Histórias de vida	
A) Manas Chicas	
História de vida de Frida.....	127
B) Marcha das Vadias	
História de vida de Simone.....	151
III. Anexos	
A) Roteiros de Pesquisa.....	168
B) Roteiros corrigidos.....	173
C) Cartas-manifesto e outros textos das coletivas.....	183

PREFÁCIO – NOSSAS EXPERIÊNCIAS

Temos como objetivo, com esse prefácio, trazer para o trabalho os conhecimentos e posicionamentos dos integrantes do grupo sobre o feminismo. Não utilizamos o roteiro das entrevistas para embasar o que escrevemos, mas acreditamos que a presença deste prefácio pode não apenas aproximar o leitor do nosso trabalho e de seus objetivos para nós, mas também para que o grau de influência que as nossas experiências pessoais tiveram ao longo do trabalho seja explicitado. Tanto no prefácio quanto no restante do trabalho escolhemos modificar os nomes das mulheres interlocutoras, por uma questão de proteger a identidade daquelas que se abriram com tanta sinceridade para a composição deste. Utilizamos no lugar dos nomes reais nomes de feministas famosas, reconhecidas internacionalmente, porque consideramos que toda mulher é uma grande feminista, com papel extremamente relevante na luta diária, e as que são mais conhecidas só chegaram a esse ponto por que a mídia permitiu. As feministas escolhidas foram Audre Lorde, Simone de Beauvoir, Angela Davis, Frida Kahlo, Heleieth Saffioti, Virgínia Woolf, Ana Montenegro e Patrícia Galvão (Pagu).

Não sei exatamente qual foi meu primeiro contato com o feminismo, embora tenha questionado visões machistas bem antes de saber o que é feminismo, machismo e patriarcado. Dentro da minha família existem mulheres guerreiras e suas histórias foram pra mim um exemplo de não submissão. Minha avó optou por trabalhar fora de casa, apesar das “ordens” do marido de não fazer isso, escolheu se separar dele em uma época que uma mulher divorciada era muito mal vista pela sociedade quando descobriu sua traição e sozinha sustentou seus filhos. Minha tia avó era agredida pelo marido alcoólatra, mas quando este agrediu uma das filhas ela se separou dele e também sustentou suas filhas sozinha. Há poucos homens na minha família, o que sempre me deixou intrigada, pois, enquanto as mulheres se sacrificaram para sustentar suas famílias de forma independente, os homens simplesmente sumiam, como se os filhos não fossem responsabilidade deles também.

Com meus próprios pais não foi muito diferente. Passei minha infância os ouvindo discutindo ou um não conversando com o outro. Lembro que na primeira série a professora pediu pra que escrevêssemos uma carta para o Papai Noel; meu pedido foi para que meus pais parassem de brigar. Após uma reunião de pais, na qual a professora

mostrou minha carta, meu pedido foi atendido. Porém durou apenas algumas semanas. Em uma dessas discussões, meu pai agrediu fisicamente minha mãe e com isso ela pediu o divórcio. Apesar de saber que o relacionamento deles não existia mais há anos e de ter ouvido a discussão e a agressão, eu com os meus 9 anos fiz o que a sociedade machista esperava de mim, culpei minha mãe. A culpei por ter que sair da casa que cresci, a culpei por ter que abandonar uma parte dos meus brinquedos que não cabia na nova casa muito menor, a culpei por nessa nova casa eu não ter um quarto e ter que dormir na sala, a culpei pelas dificuldades financeiras que passávamos, mesmo sabendo que meu pai não pagava a pensão ridícula que a justiça determinou. E assim, o relacionamento entre mãe e filha também se desmoronou.

Mas foi com a minha mãe que tive um primeiro contato com a luta de mulheres. Ela começou a trabalhar em uma casa que atende mulheres vítimas de violência doméstica e foi através de relatos contados por ela e histórias que eu ouvia quando nas férias escolares ela me levava pra lá, que comecei a entender algumas questões. Foi lá que descobri que não é tão fácil pra uma mulher deixar um relacionamento abusivo, mesmo quando este envolve agressões físicas constantemente, que a ideia “continua com ele porque gosta de apanhar” é absurda, que muitos homens pensam que as mulheres são propriedades deles e devem obedecê-los e, principalmente, que há mulheres que lutam contra essas opressões e que ajudam outras mulheres a fazer o mesmo. Com meus dez ou onze anos, não fazia ideia de que aquilo era feminismo.

Foi apenas na escola, no terceiro ano do ensino médio, durante uma aula sobre sexismo, que eu entendi que o machismo está longe de acontecer em apenas alguns casos isolados ou que são ideias de alguns homens. Foi quando entendi que todas as pequenas opressões que vivi – desde ter medo de passar perto de bar, porque sabia que os homens iam mexer comigo, até não poder falar de sexo, porque é assunto de menino e não de menina – fazem parte de algo muito maior e mais complexo, que está na base da nossa estrutura social. A partir daí que me identifiquei como feminista e comecei a pesquisar e estudar mais sobre o assunto, além de participar de marchas feministas, como a Marcha Mundial das Mulheres e a Marcha das Vadias, mas não cheguei a participar de nenhum grupo ou coletiva.

Foi agora, na faculdade, que tive um contato mais próximo com o feminismo e com mulheres feministas, as teorias e os debates. Eu me afastava de discussões entre vertentes feministas por considerá-las bobas e improdutivas, mas, através desse

trabalho, estudar um pouco disso foi algo incrível pra mim, me mostrou o quão complexo é o feminismo. Conversar com diferentes mulheres maravilhosas, que possuem ideias e histórias incríveis, foi muito enriquecedor e me ajudou a rever visões e ideias que eu possuía, contribuindo com o meu aprendizado tanto como cientista social quanto como mulher e como feminista.

Eu morei no interior grande parte da minha vida. Por ter morado em uma cidade que na maioria das vezes tem um comportamento provinciano o meu contato com o feminismo foi muito prejudicado, pois eu reproduzia frequentemente o discurso machista daqueles ao meu redor, mesmo sem saber disso. Eu sabia da existência do feminismo, e pelo puro fato de eu saber que se tratava de um movimento por direitos para as mulheres eu me considerava feminista. Quando fiz 18 anos, vim para São Paulo. E na faculdade entrei em contato direto com o feminismo. Comecei a pôr em questão muitas coisas que na minha cabeça um dia foram óbvias, como por exemplo depilação. Eu achava um absurdo, e até nojento ver mulheres com pelos nas axilas e nas pernas, um sinal de descuido, mesmo nunca tendo suportado me depilar. Até que um dia, depois de milhões de pensamentos (dessa vez mais embasados pelo feminismo) eu saí de casa sem depilar as pernas. Foi uma libertação. E é isso que o feminismo significa pra mim, desde que eu entendi de fato o que ele significava: a minha liberdade, a liberdade do meu corpo e a liberdade da minha alma. Além disso, existe todo um movimento de identificação. Quando você vê uma mulher com pelos no metrô, por exemplo, e ela te vê de volta, a expressão de ‘estamos juntas’ que uma faz para a outra é quase que inevitável, e isso é um conforto absurdo depois de tantos anos ouvindo da sociedade toda que eu estava sozinha. Feminismo é sobre união, sobre estar junto e sobre entender os problemas das outras, mesmo que eles não sejam exatamente os seus. É sobre descobrir que na verdade a culpa nunca foi sua quando te seguiram na rua ou quando vieram te assediar numa festa.

O feminismo tem diversas correntes, e cada corrente vê a outra de uma maneira muito particular. E na maioria das vezes, se identificar com uma corrente ou deixar de se identificar não passa por concordar com absolutamente tudo que essa corrente tem como característico. Eu já achei que as minhas concepções fossem mais próximas do feminismo liberal do que do radical. Mas desde então eu passei por tanta coisa difícil -

não relacionadas ao feminismo especificamente, mas sobre a vida em geral – que eu acabei mudando o meu pensamento sobre diversos assuntos. Hoje eu me considero uma feminista radical, mas não assino embaixo de nada que eu não concorde. A visão que eu tenho sobre essa passagem é de amadurecimento. Eu era muito ingênua sobre diversos assuntos e precisei levar os meus sustos pra perceber como eu estava pensando errado sobre determinadas coisas. Hoje eu sei que nada do que eu passei foi minha culpa. Mas nem por isso eu enxergo as moças de outras posições minhas inimigas. Nessa luta, não existem inimigas. Nos jogarmos umas contra as outras por causa de correntes seria justamente se render novamente ao patriarcado e deixa-lo vencer. Por mais que tenhamos visões diferentes, o inimigo é um só.

O feminismo é basicamente sobre isso tudo. Sobre se identificar, se libertar e se empoderar, conquistando cada vez mais autonomia e espaços na sociedade. Sobre ser quem você quer ser, e não quem os outros fizeram você ser. É sobre descobrir uma você novinha em folha, despadronizada, aos seus olhos menos louca e aos da sociedade cada vez mais.

Opressão é algo realmente assustador, acredito que seja uma das coisas que mais exemplifique substancialmente o que é uma estrutura social, acho que ela exemplifica de forma muito eficiente o conceito do que é algo estrutural, porque ela é muito tangível, você - quando oprimido - a sente. O que eu estou tentando dizer é como a opressão é algo abstrato que se torna indiscutivelmente concreto, essa transformação do que é um discurso, costume, sei lá o que, em dor, barreiras, violência é muito “espontânea”, espontânea talvez seja uma palavra ruim, mas penso nisso como característica da opressão por ela ser tão estrutural e por isso tão violenta e difícil de ser combatida. Disse espontânea mas isso não significa que quem a pratica não tenha controle sobre ela, digo no sentido de quem a sente não perceber como e quando isso começa, do oprimido não ter poder sobre o que o torna alvo de opressão.

Quando se é mulher, ou seja, se identifica com o gênero mulher, você está sentenciada à sofrer com o machismo (o mesmo raciocínio se aplica a outras opressões), isso não depende de você, é involuntário. Quando criança eu nunca precisei quebrar um carrinho para ser proibida de brincar com carrinhos, eu só não podia brincar com carrinhos. Eu já estava sentenciada a brincar com bonecas, lavar a louça, sentar de

pernas fechadas, não tirar a camiseta, a ser encoxada em transporte público, a ter que ter uma série de comportamentos que eu nunca escolhi nunca ou disse que gostava ou não.

Minha família em geral tem mulheres dirigindo casas e eu sempre ouvi muitos incentivos em relação à autonomia da mulher, discursos relacionados à independência financeira, incentivo a educação profissional, no entanto questões sexistas e misóginas apareceram do mesmo jeito, e os questionamentos sobre comportamento que fosse digno de respeito, feminilidade, padrão de beleza, vida sexual, heterossexualidade que eu ouvi durante infância e juventude foram os que despertaram o interesse em relação ao feminismo.

Eu deveria estudar tanto quanto homens, mas ganhar menos. Ter independência financeira, mas adotar um determinado comportamento ou não mereceria respeito. Essa onipresença da opressão no corpo e na mente acompanham as mulheres, e tudo trabalha pra que você esteja de acordo com ela, que se submeta aquilo pois aquilo é o melhor pra você.

“Melhor pra mim”. Eu já me peguei pensando que de certa forma isso poderia ser verdade, viver de acordo com o que o patriarcado estabelece poderia ser melhor de alguma forma. Quando você enxerga o machismo, quando deixa de ser um sentimento sem nome e sem forma, e você vê como o patriarcado é opressor, você passa a enxergar esses cortes na sua vida, e isso é tão doloroso. Vê problemas na relação familiar, entre amigos, em relacionamentos amorosos.

Foi o que aconteceu comigo, com 14 anos comecei a me aproximar do feminismo por meio de discussões na escola, no 9º ano o meu trabalho de conclusão do curso de Ensino Fundamental estudava exclusivamente o Feminismo, então descobri a bibliografia, as correntes, a história, e comecei a me aproximar. Durante o mesmo momento estava em no meu primeiro relacionamento com um homem - relacionamento que na época eu não tinha consciência mas era bastante abusivo - os problemas na relação que surgiam e não tinham nome, sentimento de posse, ciúmes, e uma submissão forçada que duraram dois anos, ganharam nome e forma com a minha aproximação do feminismo. O mesmo aconteceu de maneira muito espontânea com todos os problemas da minha infância, e paralelamente a dificuldade de lidar com relações próximas que se mostraram muito problemáticas me abalou muito.

Esse impasse entre a consciência da opressão e a dificuldade que é viver com ela é um sentimento muito complicado, quanto mais você se liberta racionalmente e tem

consciência das opressões, mas você as enxerga, e nesse movimento o número de opressões aumenta. O que antes você não percebia, agora você percebe.

Eu nunca participei de nenhum coletivo, poucas reuniões no máximo. Eu me coloco como uma feminista interseccional, como mulher negra cis enxergo que existem outras opressões transversais e paralelas ao patriarcado e que deve ser reconhecida a pluralidade das mulheres, e a minha militância feminista dialoga com a militância negra e nordestina periférica. O Feminismo por enquanto é uma parte de mim, que eu ainda não consigo transformar em ação para os outros, ele faz parte da minha vida política e íntima que define como eu me relaciono comigo mesma, com outros e com todos.

Com quatorze anos fui assediada por um professor de meia idade, casado e com dois filhos. Ele me mandava mensagens no meu celular e nas redes sociais. Assustada e com medo, contei pra minha mãe. Fomos denunciar no colégio e a diretora chamou um delegado, que chegou a conclusão de que o professor deveria estar passando por problemas no casamento e tinha se apaixonado por mim. Alguns anos depois fiquei sabendo da história de outra menina que também foi assediada por ele.

Com quinze anos fui novamente assediada por um homem muito mais velho que eu. Ninguém fez nada.

Nos anos seguinte, muitos dos homens com quem me relacionei romanticamente tentaram me forçar a fazer coisas que eu não queria sexualmente.

Com dezoito anos, na festa de recepção aos calouros, fui forçada a ficar com um cara. Ele insistiu tanto que eu já não aguentava mais resistir e fiquei com ele para que me deixasse em paz.

Com dezenove anos, andando sozinha à noite, uma viatura da polícia militar começou a me seguir. Pensei que seria estuprada, e provavelmente o seria, mas eu estava perto de casa e cheguei antes que algo acontecesse.

Ainda aos dezoito, quando entrei na faculdade, o debate feminista chegou em mim. Ter entrado em contato com ele foi esclarecedor. O feminismo deu sentido a todos os mal estares que eu senti. Mas também foi muito doloroso, e continua sendo.

Tudo que passei, qualquer mulher também poderia ter passado, por isso, sou Maria, sou Ana, sou Pagu. Sou mulher. Sou qualquer uma. Sou todas. Minhas

experiências estão em todas as partes, estão com todas as mulheres. Minhas experiências não são só minhas, são de todas nós.

Eu sempre fui uma criança meio estranha. Naquela época em que meninas são amigas apenas de meninas e meninos só andam com meninos, eu era uma exceção à regra e era amiga dos meninos. Eu nunca me identifiquei muito com o que a sociedade diz que são “coisas de garotas”, e adorava brincar do que os meninos brincavam. Desde pequena, eu nunca entendi por que o gênero de alguém deveria determinar do que esse alguém deveria gostar de fazer.

Quando tinha 17 anos, eu estava em uma rede social quando vi um texto falando sobre papéis de gênero. Eu me identifiquei muito, pois era como se alguém estivesse dizendo tudo o que eu sempre quis dizer, mas não sabia como. Então eu vi pela primeira vez a palavra “feminismo” em um contexto que não era pejorativo.

Então eu comecei a pesquisar sobre feminismo, e percebi o quanto eu me identificava com esse movimento. Por exemplo, eu sempre achei um absurdo quando uma mulher sofria alguma espécie de abuso e alguém falava que “ela mereceu” ou que ela “estava pedindo”; ver esse tipo de situação me revoltava bastante, mas eu não sabia exatamente como me expressar ou o que eu deveria dizer nesse tipo de situação. E quando eu descobri o que realmente era o movimento feminista eu me senti acolhida, sabendo que eu não era a única em pensar assim e percebendo que o erro não era meu em me revoltar, e sim de quem tinha um comportamento machista.

Perceber que eu realmente vivia em uma sociedade machista e que poucas pessoas se davam conta disso foi uma verdade bastante difícil de aceitar, e que me deixou deprimida por um longo tempo. Eu sei que eu só vou conseguir combater o machismo se eu falar o que penso e me expor diante de pessoas que vão me criticar duramente por eu pensar assim. E sei que eu preciso ter coragem para passar por isso, porque se eu nunca falar nada e nunca lutar pelo que eu acredito as coisas nunca vão mudar.

E algo que eu percebi pesquisando sobre as diversas correntes feministas é que, apesar de todas elas teoricamente terem um objetivo em comum, que é o fim do patriarcado, não há um consenso quanto ao método utilizado para conseguir esse objetivo. E que o método considerado correto por cada corrente depende diretamente da noção que se tem sobre o quanto o indivíduo é influenciado pela sociedade e o quanto

este pode influenciá-la. Pois dizer que uma mulher tem determinado comportamento porque a sociedade machista a influenciou para tal, ou dizer que ela tem esse mesmo comportamento porque ela quer e que isso é uma forma de empoderamento são visões quase opostas, apesar de teoricamente serem as duas feministas.

E eu, por ter uma visão da sociedade que não se encaixa perfeitamente em nenhuma dessas, acabo por não me identificar totalmente em nenhuma corrente feminista, apesar de, orgulhosamente, me declarar feminista.

Eu sou homem. Nunca sofri com machismo e ignorei a sua existência durante a maior parte da minha vida. Meu primeiro contato com o feminismo foi como o de uma grande maioria: carregado por fortes visões conservadoras e embasado no senso comum. Questões como “Por que as mulheres lutam se já alcançaram direitos iguais aos dos homens?” ou “O feminismo é um meio das mulheres se sobreporem aos homens?” repercutiram durante muito tempo nas minhas reflexões.

Felizmente, no segundo ano do Ensino Médio tive contato com uma professora de história que era muito conhecida por expor pontos de vista novos para os alunos. Com ela comecei a ter uma vaga ideia do que o feminismo realmente significava e alguns preconceitos foram embora. Contudo, meu conhecimento ainda era muito superficial e eu não era capaz de atestar o machismo tal como ele realmente se apresenta na sociedade vigente. Foi somente quando entrei na faculdade que consegui ter uma ideia mais abrangente do que o movimento feminista em geral considera machismo e como esse último faz parte de um sistema de patriarcado que privilegia os homens. Ou seja, que me privilegia.

Então compreendi que temas polêmicos relacionados à mulher e ao seu corpo, como o aborto e a prostituição, precisam ser tratados considerando o machismo. Descobri que machismo oprime, agride e mata mulheres todos os dias. Assim, enquanto por um lado eu estava tendo diversas oportunidades pelo simples acaso de ser homem, por outro lado mulheres sofriam apenas por serem mulheres.

De certa forma foi um baque perceber que eu estava cego para essas questões. Pensei que precisava mudar, que precisava tentar fazer algo. A própria escolha de trabalhar em um grupo apenas com mulheres feministas foi uma tentativa de mudança. Além disso, tive o conhecimento de que o feminismo não é um grande e homogêneo

movimento, pelo contrário, é marcado por correntes e diversas ideologias distintas, que ora se sobrepõem, ora se chocam, e o trabalho seria uma boa maneira de compreender ainda mais essas diversas facetas.

Foi nesse processo de compreender melhor as correntes feministas que tomei consciência de outra característica importante: eu sou um homem criado dentro de condições sociais e educacionais machistas, e, portanto, eu posso (e provavelmente sou) machista em diversas situações ou relações que desenvolvi ao longo da vida. Isso não significa necessariamente que eu queria ser machista ou que achava isso correto, mas que reproduzo o que me foi naturalizado a minha vida inteira, de forma consciente ou não.

Isso, no início, me incomodou porque significava que eu não tinha parâmetro para medir o quanto eu estava sendo machista ou não. Apenas a mulher apresenta esse parâmetro. Logo, eu percebi o meu real problema também era decorrente do machismo, não porque ele me prejudica, e sim pelo fato de que o homem sempre é colocado como o protagonista. Nós homens somos criados de tal forma que não suportamos termos um papel secundário. Isso ocorre nos núcleos familiares, nas escolas, na política, e até mesmo no meu trabalho em grupo. Portanto um movimento protagonizado por mulheres obviamente não poderia ter espaço dentro da lógica machista, e é por isso que, em minha opinião, ele é tão mal visto pela sociedade, inclusive por mulheres que acabam reproduzindo o machismo por não terem tido possibilidade de ver que ele as circunda e as oprime.

Finalmente, posso dizer que a execução desse trabalho me auxiliou a enxergar o machismo de uma forma diferente e mais crítica, me fazendo perceber que minhas próprias atitudes podem ser machistas, e que ouvir as mulheres e seguir o que elas me aconselham é o melhor caminho para tentar uma mudança de fato. Espero que ele possa abrir os olhos de outros homens ou dar forças para outras mulheres.

PARTE I – PROBLEMA DE PESQUISA

Essa pesquisa problematiza as diversas correntes do feminismo, tratando especificamente da dualidade entre feminismo radical e liberal, e o papel dessas dentro do movimento. Ela trata, sobretudo, de analisar as experiências pessoais das integrantes de duas coletivas feministas distintas (que previamente denominamos como radical ou liberal), e com essas informações traçar um perfil para tais correntes, além de identificar

se as experiências dessas mulheres influenciaram na escolha de uma ou de outra corrente. A nossa pergunta sociológica, portanto, se materializa nessa indagação: “Quais são os fatores ocorridos na experiência pessoal das mulheres que levam-nas a ser feministas e que as colocam mais de acordo com uma determinada corrente do Movimento Feminista?”.

O nosso objeto de estudo apresenta relevância à medida que ele desmistifica o feminismo e os seus tipos, que são tratados pela mídia e pelo senso comum como algo desnecessário. Desde seu início, o movimento feminista foi alvo de críticas e piadas pelos meios de comunicação, meios estes que apenas reproduzem a ideia de um feminismo acabado, visto que o patriarcado já foi superado e que as mulheres já possuem direitos iguais aos dos homens. A partir da emancipação da sociedade burguesa o cômico virou uma arma ideológica (SOIHET, 2005). A autora ainda destaca que o antifeminismo não apenas é propagado por republicanos e monarquistas, mas também por socialistas. Essa mídia apresenta as feministas como a imagem contrária ao que é considerado ‘feminino’, feias e grosseiras, e dessa forma a imagem do feminismo é distorcida aos olhos de quem nunca entrou em contato real com o movimento, e assim toda feminista é vista como radical, devido aos seus posicionamentos ‘antissociais’. Portanto, um trabalho que não apenas explica o feminismo em si, mas também as suas posições internas é um instrumento de fortalecimento das ideias: é um direito da pessoa não concordar com o feminismo, seja ele liberal ou radical, desde que esta saiba qual é o seu papel real na sociedade. Além disso, nosso trabalho visa delimitar os limites do feminismo radical e do liberal, que também são vistos de maneira estereotipada dentro do movimento. Se existe esse limite, qual é ele? Quais são as características e linhas de pensamento que de fato pertencem a cada um deles? A distinção liberal x radical já foi superada? São perguntas que esperamos responder através das análises de nossos dados.

É importante destacar que esse trabalho não exclui outras correntes do feminismo. Consideramos trabalhar com o feminismo negro, lésbico e trans, e até mesmo com mulheres que não se consideram feministas. Não consideramos esses tipos de feminismo excludentes: uma mulher negra pode ser do feminismo negro e ao mesmo tempo se denominar uma feminista radical ou liberal. Essa escolha pode ser chamada de elitista numa visão equivocada, porém escolhemos analisar apenas o feminismo radical e o feminismo liberal por sabermos que estes podem englobar, inclusive, os outros movimentos e por estes tornarem o objeto de pesquisa muito mais complexo, não

condizendo com a quantidade de tempo que teríamos para realizar o trabalho. Consideramos indispensável a discussão sobre qualquer outro feminismo que possa existir.

Para selecionar quais coletivas seriam entrevistadas e qual classificação usaríamos para tal seleção foi necessário que os integrantes do grupo não usassem apenas de suas concepções de feminismo radical e liberal, mas também de conversas com outras mulheres feministas. A definição pode ser algo confuso, visto que a maioria das coletivas ou não identifica a sua corrente, ou se identifica como radical. Alguns autores expuseram o feminismo liberal como sendo um desdobramento dos conceitos do liberalismo em sua forma clássica colocando o ‘direito natural’ para dentro da discussão dos direitos das mulheres. Essa definição apresenta problemas: em sua maioria, as coletivas (inclusive as consideradas liberais) se dizem anticapitalistas, pois veem o capitalismo como forma econômica perpetuadora das opressões sobre a mulher, e dessa forma utilizar a classificação que trata o feminismo liberal paralelamente ao movimento liberalista clássico seria equivocada. Assim, o grupo teve que elaborar outra forma de selecionar uma coletiva que pudesse ser dito como liberal. Além das conversas e da análise das bibliografias, criamos uma série de questionamentos acerca dos assuntos que tangem o feminismo para classificar as coletivas, tais como prostituição, pornografia, presença do homem no movimento, presença das trans no movimento, e etc. A nossa bibliografia escolhida principalmente para a definição dos posicionamentos que o feminismo radical e o liberal teriam perante diversos assuntos. Para recolher as opiniões sobre esses assuntos para cada uma das coletivas, mesmo que superficialmente, utilizamos os manifestos de cada um (disponíveis nos respectivos sites na internet), identificando as diferenças. Acabamos por selecionar as coletivas Marcha das Vadias – SP, que consideramos inicialmente como liberal, e o Manas Chicas, que se considera radical.

Abaixo está bibliografia utilizada para respaldar o nosso trabalho, com uma breve apresentação de cada texto;

KRITSCH, Raquel; VENTURA, Raissa Wihby. (2012), “*Justiça e poder: críticas da teoria política feminista à igualdade liberal*”. Associação Brasileira de Ciência Política.

PRÁ, Jussara Reis; EPPING, Léa. (2012), “Cidadania e feminismo no reconhecimento dos direitos humanos das mulheres”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol.20, n.1.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. (2008), “Feminismo radical – Pensamento e movimento”. *Revista Travessias*, Paraná, vol.2, n.3.

SOIHET, Rachel. (2005), Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários, *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 13, n. 3.

STRATHERN, Marilyn. (2006), *O gênero da dádiva*. Capítulo 2: Um lugar no debate feminista, p. 53 a 77. Tradução de André Villalobos. Editora Unicamp.

SARTI, Cynthia A. (2001), “Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 16.

Raquel Kritsch e Raissa Ventura também falam da importância da diferenciação entre sexo e gênero, sendo esse último construído por concepções culturais, e como o corpo é diferenciado sexualmente através de práticas socioculturais. Além disso, essas autoras tratam das duas correntes estudadas no trabalho. Para elas o feminismo liberal enfatiza que as leis são injustas, privilegiando homens, e lutam para que as leis existentes sejam aplicadas da mesma forma para as mulheres. Já as feministas radicais acreditam que o problema está na estrutura de dominação do homem que se estende desde a família até as instituições políticas.

As autoras Jussara Prá e Léa Epping também trabalham em seu artigo a relação de gênero com a articulação do poder. Para elas, os homens possuem mais espaços públicos e políticos, garantindo a eles poder e controle das decisões. As autoras citam Heleiethe Pateman que explica a exclusão das mulheres da cidadania por causa do contrato sexual, através do casamento e da prostituição, que cria um direito político do acesso dos homens aos corpos das mulheres. É fundamental, segundo elas, a igualdade de direitos e equidade de gênero para criar uma sociedade democrática e cidadã e, para isso, é importante o empoderamento da mulher, sua autonomia individual e coletiva e a prática participativa.

No artigo de Elizabete Rodrigues da Silva, o Feminismo Liberal é entendido como a Primeira Onda do Feminismo, que surgiu no contexto no qual o estatuto social das mulheres europeias era semelhante ao dos escravos. O movimento feminista da

época, século XIX e primeira metade do século XX, buscava a efetiva igualdade dos direitos políticos entre homens e mulheres. Para a autora, a Segunda Onda do Feminismo é caracterizada como Feminismo Radical por acreditar que a raiz da desigualdade sexual é o patriarcado. A Teoria do Patriarcado o vê como um sistema de poder que para se manter necessita da diferenciação sexual, tendo como um de seus pilares a família. Assim, enquanto o Feminismo Liberal luta para alcançar os direitos políticos dentro do Estado, o Feminismo Radical rejeita o Estado e suas instituições por considerar parte da estrutura patriarcal e não permitir que as mulheres alcancem seus objetivos políticos.

Rachel Soihet discute em seu artigo a forma como a mídia trata o feminismo, de modo a reforçar os valores patriarcais da sociedade. A autora é clara no sentido de que não são apenas pessoas com pensamentos reacionários de forma geral que alimentam essa mídia, mas também pessoas que se declaram de esquerda.

No livro *O Gênero da Dádiva*, Strathern discute o estudo do feminismo dentro da Antropologia. A autora compara o saber feminista com as ciências sociais no sentido de que ambos se fundam em competição de pontos de vista, que coexistem abertamente, plenos de perspectivas. A multiplicidade de debates existentes no feminismo se dá dessa própria competitividade das abordagens internas e esse pluralismo garante o objetivo do feminismo. Para a autora, cada experiência é uma voz feminista, mas há uma perspectiva única: recusa ao patriarcado. O diálogo constante entre as feministas, as conexões e debates internos formam um discurso, um campo, sendo que o feminismo localiza-se no próprio debate.

Sarti apresenta em seu trabalho uma análise do feminismo brasileiro, conduzindo-a por meio de uma comparação histórica com os movimentos feministas europeu e norte-americano. A autora destaca a participação das mulheres na luta armada no período da ditadura militar e a nova imagem que a mulher brasileira passa a ter a partir desse momento. Outro momento destacado pela autora é o do período dos anos 90, com a entrada do movimento feminista brasileiro em partidos e sindicatos, com ação ‘especializada’. A autora salienta que o movimento feminista não pode ser estudado sem que seja dada a devida voz às suas clivagens, uma vez que este se refere às mulheres em contextos sociais, culturais e políticos específicos.

Os textos ajudam a compreender como ocorre a relação e o embate entre as correntes liberal e radical a partir de seus recortes. Além disso, eles serviram como base

para pensarmos a questão da opressão de gênero, a base do feminismo, bem como a questão da identidade de gênero, que tem repercussões diferentes em correntes distintas.

PARTE 2 – O TRABALHO DE CAMPO

O trabalho de campo se deu, sobretudo, por meio de entrevistas com membras de duas coletivas feministas, a Marcha das Vadias e as Manas Chicas, como foi explicado anteriormente. O primeiro contato com ambos foi através de seus respectivos emails disponibilizados nos seus sites. Dessa forma, nosso grupo enviou-lhes mensagens explicando para cada coletiva que pretendíamos fazer um trabalho acerca da história de vida de mulheres militantes e que, portanto, precisaríamos de um número de cinco entrevistas, sendo que uma delas provavelmente seria mais longa, uma vez que precisaríamos fazer uma história de vida.

É importante ressaltar que ocorreram dificuldades no uso do email para a comunicação devido à demora das respostas, ao ponto que algumas vezes tivemos que mandar outro email insistindo. Acreditamos que esse problema possa ter acontecido por dois motivos principais: se tratar de um email coletiva de um grupo horizontal (assim as membras da coletiva tinham que conversar e combinar entre elas antes de nos responderem) e pelas datas comemorativas (Natal e Ano Novo) que interromperam a relação que estávamos mantendo por email para marcar as datas das entrevistas.

Além disso, o grupo também precisou lidar com situações específicas de cada coletiva. A Marcha das Vadias, quando pedimos cinco entrevistas, respondeu que só poderíamos realizar uma. Mandamos outro email explicando um pouco melhor nosso trabalho e a importância de ouvirmos membras diferentes. Após isso, aceitou dar quatro entrevistas, todas previamente programadas, sendo uma delas via Skype (diferente das Manas Chicas, que passaram o contato pessoal de cada menina que aceitou ser entrevistada, o que facilitou a comunicação). Nesse sentido, uma das entrevistadas da Marcha nos informou que a coletiva recebe diversos pedidos para a realização de trabalhos acadêmicos (pelo menos um por semana, segundo afirmou) o que pôde, de fato, complicar a disponibilização de cinco membras para nosso trabalho.

Já as Manas Chicas estavam organizando um festival para o fim do mês de janeiro, ocupando grande tempo das membras, o que, muitas vezes, contribuiu para a demora das respostas dos emails e também para a diminuição do número de cinco entrevistas para quatro.

Quanto às técnicas de pesquisa, nosso grupo optou por duas técnicas de acordo com a questão que pretendíamos responder. A primeira delas é a entrevista semi-dirigida. A partir dela pretendíamos obter pontos de vistas mais específicos sobre acontecimentos nas vidas das entrevistadas que poderiam estar relacionados com as suas disposições de serem adeptas de coletivas feministas. Então, elaboramos essas entrevistas dividindo-as em três partes principais: a primeira sobre perguntas específicas acerca da vida e das experiências pessoais das entrevistadas, a segunda tratando temas gerais que se relacionam com o movimento feminista a fim de compreendermos melhor a aproximação de cada uma delas com uma corrente feminista (liberal e radical) e a última sendo um questionário socioeconômico para termos uma ideia de suas posições na sociedade. A segunda técnica é a história de vida, obtida pela entrevista aberta. Essa é uma técnica importante para que consigamos compreender qual é a visão das interlocutoras sobre os temas abordados, isto é, qual papel que o feminismo ocupa na vida das mulheres entrevistadas segundo a sua percepção e qual relação esse papel pode ter com as suas experiências pessoais. Assim, o grupo fez um enunciado geral questionando sobre as experiências de vida daquelas mulheres como militantes.

A seguir, duas tabelas com as informações das entrevistas das membras de cada coletiva.

MARCHA DAS VADIAS

Dia	Horário	Local	Entrevistada	Entrevistadoras
15/01	15:00	Sesc Consolação	Simone	Luana e Ninna
20/01	10:00	Via Skype	Angela	Luana e Rafaela
23/01	11:00	Sesc Pompeia	Ana	Rafaela
26/01	20:30	Centro Cultural Vergueiro	Virgínia	Luana e Ninna

MANAS CHICAS

Dia	Horário	Local	Entrevistada	Entrevistadoras
26/01	16:00	Sesc Consolação	Audre	Maria e Tainá
27/01	10:00	Casa da entrevistada	Frida	Luana e Maria
27/01	20:30	Casa da entrevistada	Heleieth	Luana e Tainá
01/02	17:00	Casa da entrevistada	Pagu	Luana

As coletivas não aceitaram que o integrante homem fosse o entrevistador, e sim apenas observador das entrevistas. A Marcha das Vadias deu mais ênfase ao fato de que ele não poderia participar dessas. Por isso, achamos que a sua presença poderia inibir e/ou incomodar as entrevistadas, impedindo que elas falassem abertamente, motivo pelo qual o grupo optou por apenas as integrantes meninas fazerem e participarem das entrevistas.

Com os diálogos ocorrendo apenas entre mulheres feministas, somado ao fato de três das entrevistadas das Manas Chicas serem do mesmo curso e faculdade que as integrantes do grupo, foi possível uma sensação de empatia fácil entre pesquisadoras e pesquisadas, ainda que não tivesse havido nenhuma forma de contato prévio.

Quanto aos locais de realização das entrevistas, o grupo não teve grandes problemas. O uso de locais públicos, tais como o sesc, não deixou as entrevistadas desconfortáveis, provavelmente porque não havia pessoas próximas o suficiente para ouvirem a conversa. Já nas entrevistas ocorridas nas casas das entrevistadas, havia membros da família em outros cômodos, porém isso não pareceu influenciar as entrevistadas ou deixá-las desconfortáveis.

Também não existiram dificuldades nas entrevistas em si. Com exceção de uma pesquisada que ficou relutante em falar sobre sua renda, todas as outras mulheres responderam aos questionários por completo, mesmo com as entrevistadoras explicando que não havia necessidade de responder perguntas que não as deixassem confortáveis. Nenhuma se importou com o fato de que a entrevista estava sendo gravada, e pareceu tratar isso de forma natural, falando tranquila e detalhadamente. Um aspecto que pode comprovar essa naturalidade é a duração das entrevistas: os roteiros tinham sido preparados com o objetivo das entrevistas possuírem uma média de meia hora de duração, entretanto algumas entrevistas passaram a marca de uma hora e meia, expondo que as entrevistas possivelmente estavam se sentindo confortáveis.

Quanto às dificuldades com relação aos métodos, o grupo teve empecilhos com as duas histórias de vida realizadas. As entrevistadas falaram pouco sobre suas vidas de maneira espontânea a partir do enunciado que elaboramos e as entrevistadoras tiveram que interferir algumas vezes com perguntas a fim de tornar os relatos mais detalhados. Logo, pôde-se perceber que as duas mulheres ficaram desconfortáveis com o fato de terem que desenvolver assuntos pessoais sem perguntas que as orientassem de maneira mais específica.

Já nas entrevistas semi-dirigidas, o grupo sentiu dificuldade em não demonstrar gestos de concordância com as falas das entrevistas (mesmo em casos que não havia essa concordância) como acenos afirmativos com a cabeça, sorrisos, risadas ou pequenas expressões, uma vez que o que estava sendo contado era muito íntimo e não havia outro modo de estabelecer uma relação de empatia.

É importante ressaltarmos nesse trabalho que as escolhas das membras que dariam entrevistas aos grupos foram realizadas por suas respectivas coletivas. Isso pode significar de alguma forma um viés caso essas escolhas não tenham sido aleatórias.

Por fim, o grupo acha importante fazer um breve comentário sobre uma questão específica da parte dois do questionário das entrevistas semi-dirigidas, em que tratávamos de duas charges feitas por Latuff, uma atacando o feminismo radical e outra se retratando por essa atitude. Antes de finalizarmos o campo, no dia 25 de janeiro de 2015, o chargista publicou outro desenho que gerou polêmica ao mostrar uma mulher em posição objetificada à medida que ainda restavam ainda duas entrevistas a serem feitas. A forma como as entrevistadas veem a retratação pode ter mudado, já que Latuff aparenta não ter mudado de opinião, como fez acreditar em sua charge na qual supostamente pede desculpas. Acreditamos que, como as duas entrevistas realizadas depois dessa publicação foram com membras da coletiva que mapeamos como radical (no caso, Manas Chicas), essa nova publicação tem pouca influência no resultado final do trabalho.

PARTE 3 – ANÁLISE

À medida que realizamos as entrevistas e, mais tarde, no período de análise do trabalho pudemos notar que na nossa primeira definição e escolha de uma coletiva liberal cometemos uma série de erros. Caracterizamos o feminismo liberal como sendo um feminismo que acreditasse em uma série de ideias que seriam opostas às do feminismo radical, como pornografia como forma de empoderamento, movimento aberto à participação de homens e trans, e etc. Escolhemos a coletiva Marcha das Vadias para representar a nossa concepção de liberal, mesmo que sem saber quais ideias a coletiva oficialmente defendia (não encontramos no manifesto desse nada que fosse direto quanto às questões abordadas, e então utilizamos de opinião própria para realizar a escolha, o que já foi descrito na parte I do trabalho). Nossa escolha pode ter sido equivocada em duas mãos: ou a coletiva não pode ser considerado como liberal perante

a nossa definição, ou a nossa definição foi elaborada erroneamente. Escolhemos trabalhar com a segunda hipótese após nos aprofundarmos nas análises sobre as entrevistas com a coletiva radical Manas Chicas.

Ao analisar o processo de entrevista realizado com as meninas do Manas Chicas, nos chamou a atenção o fato de que o grupo apresenta diversos métodos para proteger a sua identidade como coletiva radical. Durante a entrevista com a integrante Audre foi afirmado por ela que a coletiva ao qual ela pertence foi uma das primeiras do Brasil a se declarar feminista radical, junto com a coletiva Garra (MG) (“É meio louco o que eu vou dizer, mas de certa forma acho que a gente tá fazendo história aqui no Brasil, né, porque somos nós e as meninas do garra, nós somos os primeiros coletivos feministas radicais do Brasil. (...)”, (p. 27). Notamos também, ao longo das outras entrevistas que todas as meninas dessa coletiva mantêm um discurso praticamente idêntico sobre os assuntos abordados (assuntos esses que foram os que usamos para mapear inicialmente a diferença entre radical e liberal). Isso se dá, segundo a integrante Frida, pelo fato de que todas as meninas ao entrar na coletiva devem concordar com uma série de princípios que este defende, e se responsabilizar por ser a porta voz de todas as meninas que aceitaram estes mesmos princípios (“Mas enfim, (...) quando a gente começou a constituir o coletivo e tal, a gente pensou em duas coisas que seriam muito importantes de serem pautadas tanto internamente quanto na nossa relação com outros coletivos, que seria um documento interno de método, no sentido de como a gente se organiza, como a gente age e tal, e uma carta de princípios, geral, e aí todas as membras que pretendem entrar pro coletivo elas que necessariamente concordar com esses dois documentos, que são documentos essenciais. No sentido dessa carta de princípios a gente delimitou uma série de coisas que a gente acredita que são feminismo, e a nossa posição a assuntos específicos partindo disso (...)”, (p. 129). Nós encaramos estes fatores como uma forma do grupo, por meio de uma coerência ideológica, de proteger a própria imagem, uma vez que ‘feminista radical’ tem uma conotação negativa tanto dentro quanto fora do movimento. Outra particularidade identificada entre as meninas do Manas Chicas foi um processo de ‘endurecimento pessoal’, à medida que, nas palavras das próprias integrantes, elas amadureceram suas ideias de feminismo. Essa descrição aparece no discurso das entrevistadas atrelada à ideia de passagem do feminismo liberal para o feminismo radical (que é uma constante nas entrevistas). Esse processo também é

descrito por elas como um processo doloroso, de enxergar as opressões com mais clareza e frequência.

Uma vez que notamos o excesso de coerência no discurso das meninas da coletiva radical, pudemos notar que na Marcha das Vadias ocorre o contrário: as meninas têm as posições mais diversas o possível, e encaram essa diversidade de forma positiva: “em questão de vertente feminista é interessante que na Marcha acaba entrando muita gente variada. Tem as meninas que têm um feminismo mais periférico, tem as meninas que são mais do movimento negro, tem as feministas radicais, tem a galera que é mais anarcofeminista. É legal, porque roda, tem uma mistura bem grande. É engraçado, porque isso acho que a Marcha das Vadias não transpassa tanto, quando as pessoas pensam, elas pensam mais nas questões, não sei, que tá muito frequente falar essa coisa de feminismo liberal, acho que as pessoas vem muito a Marcha das Vadias como isso, sendo que é um negócio tão mais rico, tão mais cheio de coisas.” (p. 159).

E assim, encontramos a nossa constante. Pode não ter sido da maneira que descrevemos no problema de pesquisa inicial, no qual visávamos encontrar alguma particularidade na história de vida das entrevistadas que tivesse feito ela optar por uma ou por outra corrente, mas encontramos uma de forma a elaborar um novo conceito de feminismo radical e liberal, além do conjunto de ideias atreladas a esses feminismos. O feminismo radical seria um feminismo mais duro, no sentido que todas as suas integrantes possuem o mesmo discurso e compartilham exatamente das mesmas ideias, ao passo que o feminismo liberal seria aquele que preza pela abertura do movimento, agregando mulheres de diversas opiniões sobre os assuntos que tangem o feminismo. Não queremos dizer por meio dessa conclusão que toda feminista liberal será um dia radical, mas podemos notar que toda radical um dia flertou com ideias consideradas liberais, e por meio de um ‘amadurecimento pessoal’ migrou para o feminismo radical.

Um embate que surgiu conforme a análise dos dados e que ilustra bem essa diferença entre ideias levantadas pelas feministas liberais e radicais sendo recorrentes de um processo de endurecimento pessoal e amadurecimento das ideias feministas, é a questão do empoderamento das mulheres. Até quando o empoderamento é válido?

O nosso roteiro de perguntas das entrevistas semi-digiridas incluía questões sobre polêmicas públicas que ocorreram sobre o feminismo, entre elas o debate entre Anitta e Pitty e as manifestações feministas de Beyoncé e Valesca Popuzuda. Especialmente na análise das respostas dessas questões percebemos uma opinião divergente entre as duas

coletivas quanto ao empoderamento feminino. As integrantes da Marcha das Vadias demonstram um assentimento muito maior com as ideias levantadas pelas manifestações de Beyoncé e Valesca, e pela opinião pontuada pela Pitty. Entendemos isso observando a caracterização que obtivemos da coletiva Marcha das Vadias e sua relação com a autonomia do corpo da mulher, uma de suas principais pautas, a Marcha especificamente levanta a questão da liberdade sexual (“A gente tem essa questão da autonomia do corpo da mulher, não só autonomia em relação a questão do aborto, que já é uma questão que vem sendo tratada a muito tempo pelo movimento, mas a questão da liberdade sexual.” (p. 76) e desta forma “a porra da buceta é minha” faz muito sentido para as ideias da Marcha das Vadias.

Já as integrantes das Manas Chicas mesmo que concordando questão da autonomia e da liberdade sexual, problematizam as manifestações citadas (“Dizer que a buceta é dela pra dar, eu também tenho problemas. Seria muito mais bacana ‘não, eu vou não dar para você porque eu não quero, porque a porra da buceta é minha’. Porque no fim das contas continua existindo esse acesso quase irrestrito aos corpos das mulheres.” (p. 33). Entendemos esse embate também de acordo com as diretrizes desta coletiva, tendo em vista a perspectiva levantada pelos princípios das Manas Chicas como a heterossexualidade compulsória e o sistema de dominação masculino que necessariamente explora as mulheres, ter sua liberdade sexual não representa uma forma de emancipação enquanto ainda se impõe a atividade sexual compulsória heterossexual, “a porra da buceta é minha” não é o suficiente para as Manas Chicas.

Apesar da série de semelhanças explicitadas acima no discurso das mulheres do Manas Chicas ao serem questionadas sobre o aborto, elas divergiram. Todas se mostram favoráveis à legalização, e segundo Pagu “a gente defende aborto seguro, legal e público, gratuito” (p. 69), mas percebe-se que há uma clara diferença entre as maneiras que a Audree e Heleieth tratam o assunto. A primeira fala de modo leve e faz piada, enquanto a segunda o considera “uma experiência de extrema violência com o corpo da mulher” (p. 57). Entretanto, apesar dessa diferença de abordagem entre elas, as três membras problematizam a questão, sendo o tema da maternidade compulsória presente na fala de todas. A questão da heterossexualidade compulsória também aparece na fala da Pagu e da Heleieth, e ambas citam um texto produzido coletivamente pelas Manas Chicas (anexo p. 191). Além disso, a Heleieth também problematizou o tipo de lei que se quer, pois para ela não basta simplesmente legalizar o aborto, é preciso que a lei não

crie barreiras que desestimulem as mulheres a fazer o aborto, e se questionou por que as clínicas, legais e ilegais são dominadas por homens.

Como dito pelas mulheres da coletiva Manas Chicas, feminismo radical vem de raiz, como se fosse o feminismo em sua forma inicial, sem receber as influências externas, e ao mesmo tempo a base da luta. A forma mais dura do feminismo. O feminismo liberal poderia ser as folhas: se alteram com o vento e com o sol, mas são sempre maleáveis. Mas ambas fazem parte da mesma árvore, da mesma luta. Essa árvore só dará frutos uma vez que o patriarcado for vencido, e então toda mulher poderá comer desses frutos, saboreando a liberdade adquirida.

ENTREVISTA COM AUDRE– MANAS CHICAS

Maria: A sua família tem alguma história com militância?

Audre: O meu pai, ele foi exilado durante a ditadura militar. Ele... andava com um pessoal tipo Brizola e tal. Mas depois que ele voltou pro Brasil parou e aí ele não teve mais, né. E foi a única pessoa da família.

Maria: e o fato do seu pai ter essa experiência de militância influenciou em algum momento na sua escolha?

Audre: Influenciou sim, sempre acaba influenciando né. A gente, é... cria essa imagem de que a gente precisa fazer alguma coisa, né, em relação ao mundo em que a gente vive, a sociedade em que a gente tá inserido, né. E por mais que tenha sido uma participação pontual nisso, né, fica aquela coisa de a gente tem que fazer nossa parte né.

Maria: Você participa de algum outro movimento social que não o feminista?

Audre: Não, no momento não.

Maria: Ta. E a sua família apoia a sua militância?

Audre: (pausa) Apoiava até o momento em que isso acabou se refletindo nas relações intrafamiliares né. É... No momento em que eu parei de tolerar misoginia da minha família, isso acabou influenciando a forma como eles viam a minha militância. Aí eu passei a ser uma pessoa agressiva num ponto de vista deles, e tal e coisa. Mas até esse momento (inclusive eu meio que acabei cortando relações com a minha família mais próxima por conta disso né), mas até esse momento era assim, tipo, visto de forma muito positiva. Inclusive, assim, visto como algo muito... Como é que eu vou dizer... Como algo muito importante, sabe? Que alguém da família fizesse alguma coisa assim.

Maria: E você tinha entrado em contato com algum outra coletiva feminista antes do Manas Chicas?

Audre: Sim, eu já fui militante do Feminismo Sem Demagogia durante o segundo semestre de 2013.

Maria: E qual foi a sua experiência nesse coletivo?

Audre: Ainda bem que meu nome não vai ser revelado (risos). É... Então, o Feminismo Sem Demagogia... Ele tem uma postura... é... politicamente que eu... é... concordava com, sob vários aspectos, naquela época porque eu mesmo ainda tava muito crua em relação ao feminismo. Foi literalmente o meu primeiro contato com militância foi através desse coletivo. Então ainda era tudo muito verde, tudo muito novo, então eu achava que tava tudo muito certo. Foi depois de algum tempo que eu comecei a ter problemas com isso né. Tem um problema de tokenização forte de mulheres negras... que quem conhece mais de perto consegue visualizar de forma clara essa tokenização de mulheres negras que acontece. Tem uma... é... perspectiva, sob muitos aspectos liberal em relação a mulher e a feminilidade, em relação ao que deve ser...é...hã... Em relação a... a como atingir o fim da dominação masculina e como lidar com o ser mulher num contexto de dominação masculina e tem uma figura muito autoritária dentro desse coletivo, né. É uma pessoa que... Que... à forma como eu vejo, ela milita muito mais pro ego dela do que pra realmente fazer alguma coisa né.

Maria: E qual é a sua opinião sobre outras correntes feministas?

Audre: Sobre outras correntes feministas... Bem... Como é que eu vou colocar isso... Eu não acho que se deva adjetivar o feminismo, sabe. Colocar como feminismo marxista, feminismo anarquista, feminismo... Até feminismo negro, embora eu seja mulher negra. Eu acho que isso acaba sendo uma aplicação de outras coisas ao feminismo, assim, sabe, no lugar de ser o feminismo em si, sabe. Eu não quero aplicar o marxismo à mulheres, eu quero... Eu não vejo simplesmente a luta... Por exemplo, comparando com o feminismo marxista. O feminismo marxista vê o fim do capitalismo como sendo a solução pra questão de gênero. Eu não vejo isso porque a realidade é que embora o capitalismo e a dominação masculina vivam uma dominação simbiótica, e acabar com um sem acabar com outro seja impossível, isso não significa necessariamente que acabar com o capitalismo vá acabar com a dominação masculina, né. É possível acabar com o capitalismo sem acabar com a dominação masculina, como foi as tentativas de socialismo que a gente presenciou ao redor do mundo, né. Continuou

havendo dominação sobre os corpos das mulheres por aí, né. Então, no fim das contas, é essa a forma como eu vejo. O feminismo negro, eu acho que ele seria mais uma forma complementar ao feminismo porque ele vê muito a situação da mulher negra e tal e coisa, o que eu acho realmente fundamental porque há uma intersecção aí de sistema de exploração, né, que é o racial e o sexual, mas embora eu veja que as mulheres negras (eu inclusive) estejamos numa situação mais vulnerável por conta dessa intersecção, eu não acho que o feminismo deva ser só das mulheres negras, por exemplo. Eu vejo que todas as mulheres precisam de libertação, até porque o sistema em que a gente vive, né, que é um conjunto de sistemas, né, ele não foi desenvolvido pelas mulheres, embora as mulheres brancas se beneficiem do sistema de casta racial que se formou, né, não foram as mulheres brancas que formaram, mas os homens brancos, né, que inclusive mantiveram elas como propriedade. Então por mais que eu veja a importância de se aplicar interseccionalidade, né, à questão das mulheres e à questão negra, eu acho que o feminismo, ele deve ser pra todas. Deixa eu ver o que mais... que outras correntes eu posso pensar... transfeminismo pra mim não é feminismo, é ativismo trans. Ele...é...considera gênero como sendo uma identidade, o que vai completamente contra aquilo em que eu acredito e contra aquilo que é o meu alinhamento político porque tratar gênero como uma identidade significa que basta você não se identificar com aquilo que você deixaria de ser mulher. Só que aí você tá dizendo que as pessoas que são mulheres se identificam com aquilo que na verdade foi gerado, moldado, criado pra subjugar-las. Então como é que você vai dizer, tipo, que a pessoa se identifica. Fazendo uma analogia com cuidado, né, não se pode dizer, por exemplo, que uma pessoa negra no século XVIII iria se identificar com a escravidão, né, por mais que eu tenho certeza que houvesse, assim, uma lavagem cerebral absurda, tanto pela violência quanto pela ideologia, pra poder convencer aquelas pessoas de que aquilo dali era o melhor pra elas, né, de que Deus iria olhar por elas, de que aquilo dali era a posição certa delas e tal e coisa. Tenho certeza absoluta de que isso aconteceu naquela época assim como acontece hoje em dia ainda, né, esse papo de “deixa a vida me levar, vida leva” eu, né, que é uma coisa que se aplica, tipo, em todos os lugares. É impressionante. Você conversa com gente de qualquer lugar do mundo e existe essa noção de que “Deus dará”, sabe, e que se não der é porque não era pra ser, sabe. E isso é uma forma de superestrutura subjugação, de manter as pessoas submissas, cativas, porque você diz a elas que elas não tem o direito de revolta, né, e que aquilo dali é o destino delas, né. E a verdade é

que a revolta , a raiva, né, essa... esse impulso é um direito inerente a qualquer um que esteja sendo submetido a uma condição desumanizante, né. Só que aí, na questão trans, colocam isso como sendo uma questão identitária. Você se identifica com aquilo. E aí reduz-se o “ser mulher” a aquilo que cunharam uma mulher né, tipo, que é a feminilidade, a maternidade, a heterossexualidade, o ser doméstico, a delicadeza, e tal, coloca-se tudo isso como um sinônimo de “ser mulher”, né, no lugar de dizer “não, mulheres são pessoas que tiveram essas coisas impostas à elas por conta de uma condição biológica” né. Eu não tenho problema nenhum com, por exemplo, uma pessoa, um homem, colocar uma saia, usar o cabelo comprido, não sei o que, tal e coisa. O problema que eu tenho que é com ele dizer que isso torna ele uma mulher. Eu vejo pessoas trans sofrendo uma violência absurda no Brasil e no mundo. Os casos de assassinato, né, de travestis e transsexuais são geralmente de uma violência, uma agressividade absurda, e acredito que essas pessoas devam ter seus direitos humanos concedidos à elas, mas quando se trata de libertação de mulheres a gente tem que ver as coisas de uma forma material, né, e aí eu vejo pela questão da exploração material que as mulheres sofrem, que não é o caso né... Deixa eu ver se tem mais alguma corrente que eu esqueci. Porque tem várias, né. Hoje em dia tá pior que Pokemon novo. “ Ah, no começo pokemons eram 150, hoje em dia são mais de 700” daqui a pouco feminista vai ser assim também. É... tem também o lesbofeminismo, que eu vejo como sendo algo extremamente liberal, porque aí é questão do lesbianismo político:”ah, eu vou ser separatista, eu vou parar de me relacionar com homens, então tá tudo certo”. Meu bem, não tá! Sabe tipo... Não tá, desculpa, não tá. Tudo bem você realmente preferir dar prioridade pra mulheres na sua vida. Eu mesma fiz isso. Mesmo sendo heterossexual, prefiro dar prioridade pra mulheres na minha vida, né. Tipo, minha afetividade é mais voltada para mulheres. Tipo, caso eu vim a ter um namorado, por exemplo, né, ele sempre vai tá em segundo, terceiro, quarto plano, e ele tem que entender isso e que eu vou tá sempre alerta pro primeiro deslize dele. Mas, mesmo assim, isso é uma postura individual, né, de autoproteção, de autocuidado e tal. Mas a gente tá falando de toda uma estrutura. A verdade é que no sistema de dominação masculina, mesmo acontecendo isso, esse cara ainda vai ter uma posição de dominação em relação a mim, né, por conta dessa questão que é estrutural, né. Então eu vejo como sendo algo individualista, eu digo que até quase que egoísta, sabe, porque aí a pessoa vira “não, agora eu sou lésbica tá tudo bem” sabe, e às vezes a pessoa nem é mesmo. Mas enfim,

isso é... aí vai de cada um. Cada um sabe o que faz com as próprias partes íntimas, né (risos). E eu acho que agora eu cobri todas (risos).

Maria: Quando você conheceu o Manas Chicas?

Audre: Eu conheci foi em meados de 2014 através do comitê Pela Abolição da Prostituição. Eu fui lá... Eu já tava começando a ler sobre feminismo radical, já tava me alinhando politicamente com o feminismo radical e eu tava querendo voltar a militar, né, porque eu sempre me vi como uma pessoa sendo mais atuante mesmo, não tanto só na absorção de conteúdo, sempre na ideia de fazer política mesmo. Então eu fui até esse comitê e tal, já conhecia as Manas, né, que compunham uma boa parte do comitê, eram uma parte grande das membras do comitê. E aí assim que eu comecei a conversei com elas perguntei se elas eram de um coletivo e tal e assim foi. Acho que em três semanas eu já tava dentro (risos).

Maria: E esse foi um momento marcante pra você?

Audre: Sim, sim. Foi um momento marcante porque foi um momento de retomada da militância, que a minha saída do coletivo que eu tava antes, Feminismo Sem Demagogia, foi uma saída... É... Eu não diria traumática, mas foi uma saída conflituosa. Então foi um momento de retomada aos eixos, né, então isso foi realmente muito importante, assim, sabe.

Maria: E você ta desde 2014 no coletivo?

Audre: É, meados de 2014. Maio, junho, uma coisa assim.

Maria: E o que você gosta, assim, especificamente, sobre os Mana Chicas?

Audre: Hmm... Tanta coisa. Eu sou louca por aquelas meninas (risos)... O que mais me encantou logo que eu entrei no Manas e que continua a me encantar e me fazer muito feliz sendo parte da coletiva é o cuidado, sabe. O cuidado tanto uma com as outras quanto com o exterior, sabe, com as outras pessoas de fora. Eu vejo que tem um cuidado muito, muito forte... e deu né? (risos). Eu vejo que tem um cuidado muito, muito forte entre as mulheres, não só no âmbito pessoal, de amizade e tal, mas também no âmbito político, né. Há essa questão da responsabilidade, a questão de... De métodos que são para que as mulheres se protejam e se mantenham unidas pra fazer política do jeito tão organizado quanto possível dentro das capacidades que agente tem. E isso me encantou muito, assim, sabe. São mulheres com quem dá gosto de militar, sabe.

Maria: Qual importância pra sociedade você atribui ao Mana Chicas?

Audre: Eu acho que... É meio louco o que eu vou dizer, mas de certa forma acho que a gente tá fazendo história aqui no Brasil, né, porque somos nós e as meninas do garra, nós somos os primeiros coletivos feministas radicais do Brasil. E isso é fundamental pro movimento e pras mulheres do país, assim, porque o feminismo no Brasil tem sido tomado de um liberalismo, um oba-oba, uma coisa meio Aleister Crowley, meio “faz o que tu queres pois é todo da lei”, sabe, que é muito danoso pras mulheres no fim das contas, né. E é importante que se tenha gente disposta e determinada, né, a chegar e dizer: “não gente, não é bem assim”, sabe, você num... Chegar e... Não é esse papo de “ah, ela colocou silicone porque quis então tá tudo certo porque ela tá empoderada”. Não, sabe. É importante que se tenha quem diga isso né, é importante que se tente mudar o rumo do feminismo no Brasil mesmo, sabe. Ele tem sido nos últimos anos, nos últimos cinco anos, muito tomado por essa questão liberal assim, sabe, individualista, de “faz o que quiser fazer e tá tudo certo” e tal, e “vamo se empoderar” e “uma mulher empoderada é uma Beyoncé de salto-alto e cinturinha finíssima exibindo bundas no seu show” sabe, tipo... É... Sabe essa coisa? É importante que se tenha quem tente, tipo, mudar o rumo, né. E embora a gente ainda esteja começando, né, a gente tá... Eu acho que a coletiva num total tem uns cinco anos, eu acho que a gente tem a...hã... a capacidade de realmente começar, daqui a algum tempo, a expandir o feminismo radical no Brasil e com isso procurar mudar os rumos mesmo de como tem sido a situação de libertação das mulheres, sabe.

Maria: E na sua vida pessoal, qual é a importância que o coletivo tem pra você?

Audre: Ah, o coletivo acho que é uma parte fundamental da minha vida. Decido emprego em volta do coletivo, se eu vou trabalhar ou se eu não vou depende do quanto eu vou poder flexibilizar o meu tempo, é... a maior parte dos meus roles são com as mina (risos). Isso acaba acontecendo... Isso é muito comum de acontecer em coletivos feministas: as mulheres passam a sair todas juntas o tempo todo, sabe? Rola essa cumplicidade entre as membras. Então na minha vida acho que o Manas Chicas tem um papel enorme, assim, realmente fundamental. Se não for a minha prioridade máxima, é a segunda assim, sabe, nesse aspecto de que o eu priorizo na minha vida.

Maria: E você pode falar algumas pautas gerais pra gente?

Audre: Ok. No geral eu posso dizer que a gente é abolicionista em relação à prostituição, a gente é anti-pornografia, a gente é crítica ao gênero, e à feminilidade, e à papéis sexuais, a gente vê a heterossexualidade como sendo compulsória para as

mulheres e a gente vê as mulheres como sendo uma classe que é explorada materialmente pelos homens nos campos sexual, reprodutivo, laboral, né. E acho que em linhas gerais tá mais ou menos por aí (risos).

Maria: E agora assim: você soube da polêmica que aconteceu no programa do “Altas Horas” com a Pitty e a Anitta?

Audre: Sim, eu soube.

Maria: A gente queria que você falasse um pouco... Pra você, como é que...

Audre: É... A Anitta... A Anitta cagou no pau, isso é fato. Não tem muito o que dizer em relação a isso. Ela realmente falou, né, bobagem e tal, mas tem que se levar em consideração também o... a origem, tanto dela quanto da Pitty. A Pitty é uma moça que cresceu na classe média baiana, o que significa que ela cresceu num ambiente muito efervescente cultural, então a gente que lembrar...hã... São Paulo tem essa mania de achar que Nordeste não produz nada, e esquece que Maria Betânia, Gilberto Gil, Caetano Veloso, todos vieram da Bahia. A gente esquece que Wagner Moura veio da Bahia, a gente esquece que Lázaro Ramos veio da Bahia, a gente esquece Ariano Suassuna, a gente esquece Jorge Amado, a gente esquece uma caralhada de coisas que veio do Nordeste, né. E ser classe média em Salvador significa estar no meio de um... de um caldeirão cultural muito efervescente, né. Então a Pitty teve contato com um monte de coisa, né, e é uma mulher branca. Enquanto a Anitta é uma menina negra que foi embranquecidíssima pra poder ser vendida, né, foi moldada. Praticamente rolou o...o... Acho que é Pigmaleão que moldou a mina, né, na lenda lá. Foi isso que aconteceu com ela: cortaram ela inteira, alisaram o cabelo dela, clarearam a pele, afilaram o nariz, encheram os peitos, afinaram a cintura, tudo pra ela se tornar um produto. Mas ela é uma menina negra do subúrbio carioca. No subúrbio carioca o que você tem é o funk ou a igreja. A menina suburbana carioca, e eu digo isso porque eu sou suburbana carioca, né... mas a menina suburbana carioca, a menina favelada carioca, ela tem ou o funk ou a Igreja Evangélica, né. E mesmo no funk e tal, a menina que resolve sair, e não sei o que, e tal e coisa, ela sofre uma pressão social muitíssimo forte, né, que é justamente pra poder introjetar aquele discurso que a Anitta falou. E esse tipo de discurso que é imposto na gente, que é enfiado goela a baixo na gente, ele é enfiado... ele é imposto com muita eficácia, é feito de forma muito eficaz. Colocam nós mesmas pra vigiar umas as outras, né. Colocam as próprias mulheres como sendo capatazes umas das outras,

praticamente, né. Então a Anitta teve isso colocado nela, e aí a Pitty veio e falou :“ Não, ta errado” e tal e coisa. Só que aí entra também uma outra questão que é a questão da rivalidade feminina que é extremamente estimulada, né. E nisso que essa questão é estimulada pronto, foi suficiente pra colocar o “Pitty VS Anitta” no lugar de “Pitty e Anitta debatem”, né. Imagina, porque a mina do funk, a neguinha do funk, e a mina branca do rock. E a mina branca do rock ainda por cima é moderna, feminista, então ela sambou na cara da Anitta. Sabe, tipo, tem um viés racista fortíssimo aí, porque se fosse... é.... Quando aconteceu, por exemplo....Não foi no Altas Horas, foi no programa do Pedro Bial, Na Moral. Teve a Djamila Ribeiro, a Clara Averbuck e uma outra moça cujo nome não me lembro. Djamila Ribeiro é uma mulher negra e a outra moça é uma mulher branca. E a Djamila Ribeiro sim, ela sambou na cara da garota, porque Djamila é uma mulher que estuda Simone de Beauvoir assim, tipo, há anos assim, então ela realmente entende do negócio, sabe. Não foi uma opinião de leiga como a da Pitty. A opinião da Pitty também é de leiga. Eu também vi problema no discurso da Pitty, né, eu não me lembro exatamente o que é que foi, mas teve vários mimi e eu disse “Hmm... também tão... tá, tá, tá, tá meio merda aí amiga” (risos). Rolou, rolou. Mas então assim, a Djamila chegou e tipo, nossa, foi... foi assim de eu assistir aquilo gritando em casa assim, tipo, de dizer “ Nãao, nãao, oh no she didn´t” (risos) mas o impacto disso foi diminuto, né. Não se pode dizer porque “ah, elas não eram famosas e tal” porque vira e mexe acontece de gente que não é famosa ir no Na Moral e falar lá as coisas e o vídeo viralizar, sabe. Mas de alguma forma a Djamila virando fofa (isso é hipotético) não, não viralizou tanto assim, ficou uma coisa que ficou mais entre as amigas da Djamila,né, tipo, as pessoas que conhecem a Djamila, as pessoas que já leem a djamila e só, sabe, enquanto a Pitty, tipo, virou meme, teve videozinho dela falando com o garoto, e “turn down for what” , e não sei o que e tal e coisa. Tem toda uma disparidade aí que deve ser considerada, né. Enfim, foi profundamente problemático o negócio todo (risos).

Maria: Você já falou um pouco disso, mas qual a sua opinião sobre identidade de gênero?

Audre: Eu acho culpabilizador de mulheres. Assim, identidade de gênero, a forma como é colocada, né, é visto justamente como se aquelas características que dizem que formam uma mulher ou as outras características que dizem que formam o homem, formassem realmente, né. Você deixa de ser uma mulher porque você tem o corpo feminino e todas essas características de feminilidade foram impostas a você e passa a

you ser mulher porque you tem uma relaao de identidade com a feminilidade, n, e não tem como you considerar a feminilidade um ritual de submissão e considerar como um processo identitário ao mesmo tempo, n, uma busca por identidade ao mesmo tempo. Não tem como. Ou  uma corrente ou  uma identidade. You não pode dizer isso assim, simplesmente dessa forma. Ia ser paradoxal, n. Então é assim que eu vejo identidade de gênero. Assim, tipo, acho bem ... Acho um oximoro.

Maria: Então n, you provavelmente já viu, mas o Latuff fez essa charge.

Audre: Eu vi!!

Maria: E a gente queria saber o que you pensa sobre essa publicaao.

Audre: Ah, primeiro eu acho que ta mal desenhada (risos). Eu acho que... É... Bem, isso daí foi uma charge que ele fez, pra comeo de conversa, porque as mulheres estavam cobrando do amiguinho dele que ele parasse de assediar mulheres no inbox, n. Então são isso já demonstra o que que é. Eu acho que homens falando de feminismo é uma merda. E aí you percebe nitidamente que eu sou carioca pra cacete. Acabei de voltar do Rio de Janeiro trs e pouco . Mas... Homem falando sobre feminismo vai ser sempre um olhar contaminado, n. É a mesma coisa que pedir, por exemplo, pra um Eike Batista falar sobre capitalismo e socialismo, por exemplo. Não tem como! Ele nunca vai falar, sabe, que ele não possuir os meios de produao seria melhor. Nunca! Ele nunca vai dizer isso. Então, tipo, todo homem que diz que  pr-feminismo, não sei o que, ele sempre vai ter um ponto onde ele vai se recusar a abrir mão, n, que é o ponto fundamental de acesso aos corpos das mulheres. Tipo, todos, todos, todos sempre vão ter um ponto em que eles vão virar e dizer: “não, desse ponto eu não passo, desse ponto eu não avano” que é o ponto de acesso aos corpos das mulheres. Eu costumo dizer: “You acha que seu namorado  feminista, meu anjo? Vira pra ele e fala que vocês vão passar um mês sem penetraao”. São isso. Não precisa nem dizer nunca mais. Vira assim “um mês e aí eu vou pensar”. Nossa... You acabou com o cara, you acabou com o cara. Ele vai tentar de toda forma convencer you a aceitar penetraao, isso se ele não resolver simplesmente te estuprar ou ir embora. Tipo, não tem como. Tipo, ele quer acessar o seu corpo, sabe. Então eu sempre vou ver assim, tipo, homem falou que  feminista e tal, que  pr-feminismo e tal eu vou sempre olhar assim e tal. Tem uns ou outros que eu desconfio menos. Acho que dá pra contar nos dedos da mão e sobra dedo, sabe. Acho que da pra contar nos dedos da mão do Lula e sobra dedo (risos). E mesmo assim eu sempre vou olhar, no mínimo, com desconfiana.

Maria: E da resposta do Latuff, o que que você achou?

Audre: Eu achei que foi uma tentativa de consertar a cagada né, tipo, “ah, agora que eu vi, né, que a mulherada vai parar de dar pra mim (risos)”. Porque foi isso, né. Ele achou... Ele primeiro fez o texto falando lá do Idelber, defendendo o Idelber, dizendo que ele estava sendo perseguido e aí a mulherada caiu matando e tal e coisa. Aí ele resolveu fazer isso inclusive se apropriando da questão da questão que tem em relação a inclusão ou não de mulheres trans no movimento feminista, né, de pessoas que se identificam como mulheres trans no movimento feminista, né, ele resolveu se aproveitar disso pra poder fazer essa charge e tal, pra poder causar uma fissão aí, né. Ele quis fazer isso, ele quis fazer uma divisão. Você vê que ele dividiu o feminismo em duas categorias: existe o feminismo que quer acabar com o machismo e existe feminismo radical que quer matar os pobres homens. Foi isso que ele fez. Ele quis dividir as críticas. Só que aí o que que aconteceu? Pessoal continuou caindo matando nele. Então, pra poder não ficar tão mal assim na fita, ele foi e fez essa. É que nem o tal do Paulo Ghiraldelli. Paulo Ghiraldelli é um cara que falou lá que a Sheherazade precisava ou merecia ou devia ser estuprada. Enfim, ele fez apologia ao estupro em relação à Sheherazade porque ela é de direita. Meu bem, ela pode ser de direita o quanto for, eu posso ter sérias vontade de dar na cara dela, mas eu não vou nunca desejar que ela sofra misoginia. Nunca, né. Muito menos uma violência tão grave quanto o estupro, né. E aí, depois de algum tempo eu o conheci por conta de grupos de grupos no facebook, e nós dois estamos no mesmo grupo, e vira e mexe ele posta coisas sobre como as mulheres precisam, né, ser emancipadas e tal e coisa. Eu sou sempre a primeira a perguntar: “Quem é você pra me falar sobre isso? Você é misógino cara, cala essa boca”. Todos eles vão fazer isso. Todos eles. Quanto mais ele verbaliza e tal e coisa, você pode ter certeza, mais alto vai ser a queda. Nunca... Essa regra nunca decepciona. É impressionante.

Maria: Bem, você também já falou um pouco disso, mas...

Audre: Eu falo pra caralho, né? (risos) Benza Deus... Carioca ainda por cima... Atriz... nossa senhora.

Maria: No último Video Music Awards, da MTV, teve aquela apresentação da Beyoncé e durante o show apareceu “feminism” no fundo do palco. Ao mesmo tempo tem um grupo de funk carioca, a Gaiola das Popozudas, que tem a música que chama “a

porra da buceta é minha”, em que a cantora defende que as relações sexuais que ela tem, ela tem com quem ela quiser. Qual a sua opinião sobre essas duas manifestações?

Audre: Ok... Hãh... Mais uma vez a gente tem que entrar também num contexto social, né. A gente tá comparando a Beyoncé com a Valesca (risos). Eu acho que é um pouco de covardia. É... tem toda essa questão... O feminismo nos Estados Unidos também tem sido bastante liberal por conta do capitalismo, né. Como o capitalismo nos Estados Unidos é muito profundamente hegemônico na cabeça da população, né, você se dizer socialista nos Estados Unidos é escandaloso, né, embora aqui no Brasil seja apenas controverso (dependendo de onde você esteja) dizer que você é socialista ou que você é anti-capitalista de alguma forma. Nos Estados Unidos é uma coisa tipo assim, é... Sei lá, você diz que matou mil, mas não diz que você é anti-capitalista. Então lá o liberalismo é muito fundamentado, muito... É uma fundação da sociedade americana, né. Então faz sentido a Beyoncé dizer que ela é feminista mesmo ela sendo casada com um cara profundamente misógino como o Jay-Z, né, porque ela é casada com um cara que é extremamente misógino. Os funks dele são absurdos... os raps dele são absurdos. O rap mais famoso dele diz: “ eu tenho noventa e nove problemas, mas uma vadia não é um deles”, “ I’ve got ninety nine problems, but a bitch ain’t one”, né. É... Ela... Ela é uma mulher que foi extremamente embranquecida também, né. Você compara Beyoncé do começo da carreira dela, no começo das Destiny’s Child, a imagem que tinha ali e a imagem de hoje, ela hoje tá praticamente branca. A pele tá mais clara. Inclusive se for colocado nos anúncios então... Nossa! Aí pele dela sobe mais três tons. Assim, tipo, a pele tá mais clara, os cabelos tão mais lisos louros, né, esvoaçantes e tal. Então ela passou por esse processo, mas ela alcançou a noção de sucesso que norte-americano tem né, que estadunidense tem, que é a riqueza material, né. Então ela acaba sendo a tal da mulher empoderada, né. Só que ao mesmo tempo que ela colocou “feminista”, né, e colocou trechos do discurso de uma feminista negra (que eu não lembro o nome agora) numa música dela, ela também, no mesmíssimo show, colocou uma fila de bundas. Não era de mulheres, era de bundas, porque elas estavam apenas com a bunda pra cima abrindo as pernas. Isso é uma objetificação da mulher, sabe, isso é objetificação mais clássica, que é simplesmente mostrar parte do corpo da mulher, deixa de ser uma pessoa e passa a ser um par de pernas, passa a ser uma bunda, sabe. E não se pode negar que ela ali... É... Que existe toda uma indústria fonográfica, e tal e coisa, que tá se beneficiando dessa objetificação de mulheres, sabe. Então assim, ela quer dizer que é

feminista? Ok. Mas seria bacana se a gente pudesse conversar um bocado. Em relação ao “a porra da buceta é minha” (o que eu acho inclusive de uma poesia ímpar –risos– como tudo mais o que Valesca produz, né, como boa carioca que eu sou –risos–) tem todo um outro contexto né, ainda mais nessa época da Gaiola das Popozudas, a Valesca era extremamente favelada. Ela não tinha ainda passado por esse processo que ela ta passando de gourmetização. A Valesca ta sendo profundamente gourmetizada, ela ta sendo moldada pro gosto da classe média, sabe. Ali é ela no sentido mais puro, feita pra pessoa da favela, né. E no contexto da favela, em que existe essa coisa da fiel, da amante e tal e coisa, sabe, do cara ter uma fiel e várias amantes e a fiel lava calcinha, e não sei o que e tal e coisa, acaba tendo a sua importância ela dizer que a buceta é dela, sabe. Mas, daí a ela dizer que a buceta é dela pra dar, eu também tenho problemas, né. Eu acho que seria muito mais bacana “ Não, eu não vou dar pra você porque eu não quero, porque a porra da buceta é minha.”, sabe. Porque acaba que no fim das contas continua existindo esse acesso quase que irrestrito aos corpos das mulheres, né. Ela falou: “eu dou pra quem eu quiser”, mas ela não falou: “eu deixo de dar pra quem eu não quero”. Faltou isso, né. Embora eu seja fã da Valesca, eu acho que falta isso na obra dela, sabe. Falta esse momento. Mas eu tenho fé. Em Valesca eu tenho muito mais fé que na Beyoncé, né, tipo, porque justamente aqui aconteceu isso do... Não foi ela que se disse feminista, foram as feministas que se disseram Valesca, e aí ela teve que começar a prestar atenção, sabe. Tipo “Opa, pera aí, por que que esse bando de mulher tá me olhando?”. E aí ela teve que começar a pensar nisso, né. Então acho que se a Valesca quiser, sabe... Acho que ainda tem muita coisa que ela pode fazer por aí.

Maria: Qual é o seu posicionamento sobre aborto?

Audre: Sobre aborto? Quero (risos). Mas é, quero. Se acontecer de eu engravidar hoje e tal, alguma coisa assim, eu vou abortar sem dúvida alguma. Acho que não é “tem que simplesmente ser legalizado, mas não faria, não sei o que”. Faria, faria muito, faria mesmo, faria vários se tivesse segurança, sabe, tipo, abortinho (risos). Acho que existe um tabu muito grande em relação ao aborto justamente porque existe um tabu muito grande em relação à rejeição da mulher à maternidade, né, e a rejeição da mulher ao papel social que é imposto a ela, né. Então por isso que existe esse estigma de aborto ser sempre... Mesmo quando colocam uma mulher abortando, por exemplo, na Cultura, nos filmes, séries, TVs e tal e coisa, é sempre visto como algo sendo muito traumático, algo muito doloroso e tal e coisa. Eu ainda não vi acontecer de uma mulher de, tipo, dela

ficar meio assim, e tal e coisa, mas depois que passou ela se sentir ok e acabou, sabe. De ela se sentir aliviada. É muito difícil inclusive de aparecer uma personagem que tenha se sentido aliviada pós aborto porque a gente coloca isso, né: a rejeição da mulher ao papel de mãe é algo criminoso, né. Não é nem que ela esteja... Não é nem que o aborto seja crime só porque “ah, ta ‘matando’” com aspas né, mas porque ela ta rejeitando o papel de mãe, e como ela ousa, né. Essa é a função dela na sociedade em que há dominação masculina. Então em relação ao aborto: quero, aceito. Dois pra viagem (risos).

Maria: Teve uma matéria que foi publicada na Folha...

Audre: Ai Jesus...

Maria: Em dezembro do ano passado, cujo título é “Mulheres querem pornô com mais naturalidade, realismo e enredo”...

Audre: Como é que é?

Maria: O nome da matéria é “Mulheres querem pornô com mais naturalidade, realismo e enredo” e foram divulgados dados nessa matéria que foram feitos pela Playboy Tv. O número das mulheres aumentou em 54%. Segundo a matéria isso influencia outro resultado, que diz que 63% das pessoas interessadas em programas eróticos preferem cenas naturais. O que você acha sobre isso?

Audre: Eu acho pornô uma merda (risos). Eu acho que existe... Não existe uma possibilidade de se fazer pornô feminista. Eu acho que esse aumento de consumo de pornografia por mulheres se deve a esse discurso falacioso da liberdade sexual, que não é uma liberdade sexual, é uma ampliação do acesso dos homens aos corpos das mulheres, né. Deixou de ser aquela coisa... Vem deixando, né, de ser uma coisa tabu a sexualidade da mulher enquanto heterossexual pra ser uma questão tipo “você tem que ser o máximo possível e se você não for é porque você ta presa, coitada”, né. E isso é uma coisa... É um aspecto de cultura de estupro se você for parar pra pensar, né. No que você diz pra uma mulher “se você não quer transar é porque você não é livre, se você não quer ser penetrada por um homem é porque você não é livre” isso é uma coisa profundamente problemática, e em busca disso é que mais mulheres tem procurado assistir pornografia. Você vê que a forma como as mulheres, hoje em dia, né... Essas mulheres que se pretendem libertas sexualmente falam sobre sexo é meio que quase como tentando provar pra elas mesmas que elas estão livres assim, sabe. E tudo muito falocêntrico. Tudo muito ao redor do falo, do pinto, do pau, sabe, e isso é um reflexo também da heterossexualidade compulsória, né, que é um regime em que a gente vive.

E... Pensar o que mais... E em relação à pornô com cenas mais naturais eu acho meio difícil, né, com a quantidade de mulheres que tão fazendo pornô porque foram traficadas, sequestradas e forçadas àquilo. O que a gente vê como tendência no pornô cada vez maior na pornografia, né, é uma escalada exponencial da violência contra a mulher, né. Uma coisa que aconteceu que foi muito curiosa foi quando meu pai descobriu pornô de internet. Meu pai é um senhor... Eu tenho 26 anos, vou fazer 27... Meu pai tem 67 anos de idade. E meu pai há uns três, quatro anos atrás descobriu site de pornografia na internet, né. Você imagina: ele veio horrorizado falar comigo e com o meu irmão, sabe... Horrorizado, sabe, sobre a quantidade de coisas, assim, absurdas que ele viu que tem pessoas fazendo nos filmes e pessoas assistindo, sabe. Toda violência, né, do “obedece ele”, de coisas de simulação de estupro (que na maior parte das vezes não é simulação) e etc., etc., etc.. Existe um site que eles mostra assim os boopers, os erros de gravação né, aqueles “falha nossa”, né, do mundo da pornografia. O nome do site é “efukt”, e-f-u-k-t, e ele mostra tudo em tom de deboche, tudo sendo muito engraçado, mas o que você mais vê são mulheres entrando, assim, em síncope, em surto derivado da violência que tão sofrendo ali. Aí você vai querer dizer que quer coisa mais natural? Como que você vai fazer isso, sabe, com algo que é tão fundamentalmente violento? É impossível! Primeiro teria que se derrubar todo o sistema, e aí não haveria necessidade da pornografia, porque a pornografia ta ensinando como que deve ser o comportamento sexual, né. Ela serve aos homens, né, e ela hoje em dia, pras mulheres, tem ensinado o comportamento sexual delas. Ensina aos homens formas mais eficazes de serem brutais com as mulheres, de serem violentos com as mulheres e de dominarem as mulheres fisicamente das formas mais degradantes possíveis, no caso.

Maria: E o que você considera estupro?

Audre: É... O que eu considero estupro?

Maria: Uhum.

Audre: Existe um conceito de consentimento, né. Hoje em dia se a pessoa consente ta tudo bem. Eu tenho algum problema com esse termo “consentimento”. Porque consentir com algo é diferente de querer algo, de desejar algo, né. E a minha relação com a minha sexualidade sempre foi muito boa. Desde o início a forma como eu me envolvi sexualmente com os homens que eu tive na minha vida sempre teve muito essa coisa do desejo, sabe. Nunca aconteceu de eu consentir com sexo, eu sempre desejei, e se eu não desejei, eu não fiz, sabe. Eu não transo com essa frequência toda,

muito pelo contrário, né. O pessoal pensa que eu sou transona, mas nem (risos) porque justamente sempre tive esse cuidado, né, comigo mesma. Eu acho que por conta dessa ideia do consentimento isso tem sido perdido assim, sabe. A gente ainda não ensinou a mulher, no Brasil e no mundo... Ela ainda não se apoderou da... Ainda não domina a própria sexualidade a ponto de saber o que ela deseja. Então ela só consente, sabe. Isso eu acho problemático, assim, eu acho que isso tem que ser debatido, acho que já passou da hora da gente passar da fase do consentimento e ir pra fase da vontade, do desejo, sabe. Tipo, não é simplesmente “ela consentiu”, é “ela quis, ela desejou”, sabe, de preferência “ela desejou aquilo do fundo da alma dela, e no primeiro momento que ela duvidou desse desejo, tudo parou” porque é assim que é com os homens, por exemplo. Os homens tem esse direito ao desejo, ao afã, ao impulso, né. As mulheres não, elas são sempre receptoras do impulso sexual dos homens, né. Isso tem que ser discutido, debatido e mudado, sabe. Isso no caso do que eu digo das mulheres heterossexuais, né. Em relação às mulheres lésbicas, elas tem a penetração imposta a elas o tempo todo, né. Tipo “Ah, mas vocês usam consolo?”, “Ah, mas você tem que meter.”, “ Ah, e não sei o que.”, “Ah, então como é que é sexo? Não é sexo porque não tem um pinto e tal e coisa.”, “ Então é porque eu não te peguei de jeito.” existe tudo isso justamente por conta dessa heterossexualidade compulsória, né, essa noção de que mulheres tem que ser penetradas por homens. Inclusive mulheres heterossexuais, gente! A revista Nova, que nem é uma revista feminista (ta longe de ser), vira e mexe lança pesquisa que fala que a porcentagem... Assim, tipo, cerca de 30% das mulheres sentem prazer com penetração. Só que o problema é... Até aí, ok. O problema é qual a conclusão que a revista tira daí, né. Caga tudo, né. Diz que a mulher é que tem que aprender a sentir prazer com penetração e não o homem que tem que parar de penetrar, né. Tipo, então é isso, assim, sabe. Tem que deixar de ser sobre consentimento, tem que passar a ser sobre aquilo que a mulher deseja de fato, sabe. Eu valorizo muito o desejo assim, sabe, no âmbito sexual... E nos outros também.

Maria: E que classe social você diria que você pertence?

Audre: Ah meu bem, no momento desempregada, né (risos). Isso é tão complexo, que tem tantos fatores, tantos vetores. Eu sou uma mulher negra, trabalhadora de origem periférica que calhou de conseguir ter uma educação formal, né, acima da média, mas que mesmo assim ainda sofre com todos esses vetores sobre ela: vetor racial, vetor sexual, o vetor laboral, né. Dificilmente vou me tornar uma burguesa, sei lá, só se eu

protagonizar uma novela na globo e tal e coisa, e lançar minha própria linha de perfumes (risos). Vai saber, coisas podem acontecer né. E vocês não sabem qual era a feminista que tava prometida pro BBB (risos). Não, não era eu não gente, jamais (risos). Mas é isso assim: eu me considero uma trabalhadora negra, mulher, de classe média baixa... É... Classe média baixa, assim, sabe, tipo moro de aluguel com alguns amigos, não tenho papai e mamãe com quem contar nem nada (sou sozinha, nesse aspecto, no mundo: tem eu e meu cachorro), trabalho pra pagar minhas contas e tentar de vez em quando fazer alguma coisa de diferente.

Maria: E você costuma acessar internet?

Audre: Orra! (risos)

Maria: Onde?

Audre: Agora eu comprei um notebook usado pra poder acessar, mas até pouco tempo atrás eu tava acessando só do meu celular.

Maria: E você estuda atualmente?

Audre: No momento não, mas eu vou começar um curso de computação gráfica, arte digital agora em março.

Maria: Qual foi a última série ou ano de estudo que você completou?

Audre: Eu sou formada bacharel em cinema e fiz um curso livre de teatro aqui em São Paulo.

Maria: Considerando todos os seus anos de estudo, só escola pública, particular ou particular e pública?

Audre: Particular até quinta série e depois pública federal. E na faculdade particular com bolsa.

Maria: E qual faculdade foi?

Audre: Eu fiz cinema na Estácio.

Maria: Falando sobre seus pais ou responsáveis que te criaram, até que ano da escola a sua mãe frequentou?

Audre: Minha mãe... Ela foi professora de português e inglês. Minha mãe era formada também.

Maria: E seu pai?

Audre: Meu pai era... É advogado.

Maria: E... Você já falou que você se considera negra.

Audre: Sim.

Maria: É... E você já disse que ta desempregada, mas de trabalho remunerado você geralmente realiza o que?

Audre: Eu dou aula de inglês.

Maria: Falando do seu pai, qual era a ocupação que ele tinha quando você tinha quinze anos?

Audre: Advogado

Maria: E foi a que ele exerceu por mais tempo?

Maria: Não... O meu pai só começou a advogar depois que a minha mãe morreu. Até então ele trabalhava como representante comercial em empresas e tal. Já trabalhou na Roche, já trabalhou numa firma de tênis. Enfim, ele trabalhava como representante comercial em empresas assim grandes.

Maria: E a sua mãe... Você disse que ela era professora. Quando você tinha quinze anos ela fazia...

Audre: Não, quando eu tinha quando eu tinha quinze anos ela já tinha falecido. Ela faleceu quando eu tinha onze. E ela nunca trabalhou depois que os dois casaram, ela era do lar.

Maria: É... somando a sua renda com a das pessoas que moram com você, considerando salário, aposentadoria, qualquer fonte de ganho, quanto foi a sua renda aproximadamente no mês passado?

Audre: Mês passado...

Maria: Se você quiser tens os valores (mostrando os intervalos de valores).

Audre: Hãn... Foi a número dois, porque por mais que eu divida a casa com os meus amigos, não é grupo familiar assim, sabe. Aí cada um paga as suas contas e tal.

Tainá: Muito obrigada.

Audre: Nada gente, eu que agradeço.

ENTREVISTA COM HELEIETH – MANAS CHICAS

Luana: Sua família tem história com alguma militância?

Heleieth: Eh, tem. Eh... o meu pai, (aponta para a parede) nas fotos aqui que a minha mãe coloco. Eu não faço a decoração da minha casa (riso baixo e suave). Eh... meu pai, ele foi, eh... ele foi militante, eh... no, no, na época da ditadura né. Ele chegou a ficar um tempo na militância armada. E depois ele saiu; ele chegou a se preso e tal,

mas era uma militância, eh, no sentido, eh... de luta, enfim, eh, anti-capitalista e contra a ditadura na época. Mas militância feminista na verdade não. Nenhuma assim. Ninguém da minha família, nenhuma mulher teve... teve algum tipo de experiência com o feminismo. Só meio a primeira mesmo.

Luana: E você acha que a experiência do seu pai como militante influenciou?

Heleieth: Influencio muito, assim, porque... eh, acabou que o meu caminho pro feminismo, eh... ele... ah. É óbvio que a gente enxerga todas as relações de exploração, então, eh, eu sou uma feminista radical, uma feminista materialista, né. Então, assim, a, a questão da, do... dos grupos sociais homens e mulheres, elas, pra mim, são estruturais também, né. Assim como a questão do capitalismo né, do modo de produção da subsistência e tal, da vida. E a questão do racismo, a questão, eh, da supremacia branca, né. Então essa são três questões que eu vejo como estruturais. Então assim, eh, a... eu acho que aproxima, ir se aproximando, né, cada vez mais da esquerda e da preocupação, eh, de movimentos sociais, eh... Ter esse olhar que o meu pai, né, teve né, tipo, um pouco do gostinho, assim, do que ele, do que ele teve quando ele era... quando ele era mais jovem, ele me contava poucas coisa, mas, mas as coisas que ele me conto foram, tipo uma centelha assim já pra.. já pra me importa né, pra eu vê o mundo de outra forma. E eu acho que até mais que a militância assim, eh, do muita importância pra... pra forma como ele, ele... né porque quando ele já tava, tava, eh, mais velho e tal, já tinha mais consciência das coisas; ele não tava mais militando nem nada, e a gente tinha muita discordâncias políticas, né como sempre. Geralmente é difícil né. Tem sempre aquela questão geracional. Mas a gente tinha muitas discordâncias políticas, mas mesmo assim, eh...ele, ele trouxe um pouco de crítica social, né, ali pro meio que eu vim da classe média, né. De classe média, média pra baixa, agora (riso abafado). Mas eu vim numa classe média e eu poderia ter passado sem nenhum contato, sabe, com, ter ido prum caminho de, tipo, capital cultural ascendente e etcetera (risos), e aí eu acho que esse contato assim que, que ele, né enfim, trabalhando em escola pública, levando sempre meus pais, e esse contato foi muito importante assim, tipo. Foi um início, né. Depois eu vi que não era só isso, tinha outras coisas, né, mas. Mas acho que foi um início sim.

Luana: Você participa de algum outro movimento social?

Heleieth: Além do grupo feminista que eu faço parte, não. Não. Eu cheguei a participar de associação de bairro, eh, quando eu morava, eu morava na periferia, eh, de

Mogi das Cruzes. Eu morei em Jundiapéba, e, enfim. É muito difícil, assim, porque a maior parte dos meus amigos, eh, eles não tinham as mesmas condições que eu e eu fiquei até envergonhada quando eu falei que ia pra USP, assim. E eu me senti, senti, sabe, um pouco deslocada, assim sabe, de, de... Eu acho que esse, esse choque de ter morado numa periferia também foi muito importante pra mim, e as organizações iniciais, tipo, não era realmente uma orga (interrompe a palavra no meio), eram organizações, eram movimentos sociais importantes, mas não era nesse, nessa, nesse nível de, de comprometimento que eu tenho com o movimento feminista. Mas eu tenho vontade sim, eu acho que é muito bom, é importante militar em todas as possibilidades, né, em todas as frentes que você pode. Mas as minhas forças agora tão difíceis de ser voltada pra outros lugares agora. A gente tem pouca força, infelizmente.

Luana: E a sua família apóia a sua militância?

Heleieth: Bom (pausa). Essa é uma pergunta um pouco difícil, porque, eh... eu vejo, eu vejo a questão de... Pra mim, feminismo, como eu sou feminista radical, a gente tem um lema que o pessoal é político, né. Então, eh, as minha, a minha chamada vida pessoal e a própria separação entre o privado e público, né, ela é uma ferramenta também da dominação masculina. Então, assim, todas as escolhas e todas as maneiras como eu tento lidar com a minha vida pessoal, ou até com o corpo, com a maneira como a gente vê a vida, como significa as coisas, tipo isso passa também, né, pelo feminismo. Então eu não tenho aí vô aqui me aposenta um pouquinho do feminismo quando eu tô com a minha família, sabe, aí. Mas tem umas coisas que a gente tem que tolera, infelizmente, sabe, porque não valem a pena, no sentido de efetividade. Mas eu digo que eu tenho uma relação muito boa assim com a minha família, até porque a minha família é meu irmão e a minha madrasta, assim hoje. E a minha mãe biológica, a gente tem uma relação um pouco mais distante e tal, enfim, por questões muito sérias, e meu pai é falecido. Então tipo, eu tenho... eu tenho sorte, meu irmão é muito companheiro, assim, a gente compartilha de visões políticas e tal, e ele até tá fazendo pedagogia, pra homens... E ele é bem compreensivo. Mas com a minha mãe é aquela... A gente tá, enfim, não mora juntas mais, eu moro sozinha com meu irmão faz uns tempos, então... eu acho que é mais complicado pras minhas companheiras que moram junto, né, com, com a família, e tem que lidar com aquela vigilância diária e tal, né, principalmente pra elas que são lésbicas, né, aí eu acho que é bem mais complicado ainda, né, enfim. Pra'quelas que tem condições materiais mais difíceis. Enfim, acho que depende muito

acho que do, da relação em casa. Mas no meu caso isso não tem sido um impedimento, assim. Eu tenho tido um apoio.

Luana: Você entrou em contato com alguma outra coletiva feminista antes de entrar nas Manas Chicas?

Heleieth: É, então, eu acabei mais... eh, participando, antes de a gente forma a coletiva, a qual eu faço parte hoje, eh, eu acabei participando da coletiva na faculdade, né. Então da coletiva Lélia Gonzalez, né, das ciências sociais e da Frente Feminista da USP também. E antes da gente, né, se organizar e tal, a gente frequentava esses lugares e aí eu fui conhecendo algumas pessoas que, tipo, tinham algumas coisas em comum e comecei a falar sobre o que eu tava conhecendo com mulheres fora da universidade também. E aí, a partir daí a gente, a gente começou a fazer reuniões pra falar sobre direitos reprodutivos, né, eh, abrir, eh, reuniões pra mulheres que tinham conhecimento sobre certos temas relacionados com mulheres, e houve uma, uma convergência entre algumas, né, com a vontade de criar uma organização.

Luana: Então você tá desde a criação das Manas.

Heleieth: É, eu tô desde a criação, assim, efetiva, eu tô desde a criação da coletiva. Eh, a gente começou com um, eh, enfim, a partir desses grupos, né, que, que tavam discutindo... Na verdade começou um pouco antes, assim, as mulheres a se conhecerem, eh, em fóruns e tal, ou tipo presencialmente, eh, em algumas reuniões quando a gente fazia atividades, mas a partir dum, numa oficina sobre os direitos reprodutivos, né, que uma das mulheres que tava, que depois veio a formar a coletiva com a gente, e agora ela não tá mais, eh, a Ana, ela que deu essa oficina e foi uma oficina de colaboração coletiva, que cada um fez as suas experiências, né, e falava sobre sexualidade, criticando o falocentrismo e todas essas questões da heterossexualidade compulsória . Foi muito interessante, assim. E a partir daí a gente começou a se conhecer, né, e já tinha algumas afinidades, né, entre algumas, e a gente começou a se conhecer e a pensar na possibilidade de formar uma coletiva.

Luana: E isso foi há quanto tempo?

Heleieth: Eh, esse processo todo teve cinco anos (pausa) até a sedimentação do que é agora, com carta de métodos, de princípios, né, a gente organizada, enfim, com tarefas, com um modelo mesmo de organização que foi, eh, que na verdade é um modelo meio único. A gente foi criando. A gente não queria fazer um partido, e a gente não queria uma coletiva de autoconsciência, ou uma coletiva mais fragmentada, menos

centralizada, que é o que a gente tem mais hoje em coletivas feministas, né, que é um grupo de mulheres que, enfim, é pra dar apoio nas situações de violência, que claro, é muito importante, mas a gente queria, enfim nós somos feministas revolucionárias, então a gente queria efetivamente transformação social. A gente queria agir tanto em, eh, em espaços de frente única né, com outros coletivos, com outros grupos, com outras mulheres, quanto também tê ações nossas né, e também formação, enfim, e atividades, e ações. Então a gente teve que pensa um modelo diferente, né, de, de coletiva, que, eh, pelo que a gente viu e tal, e tanto que as nossas companheiras, né, que já foram de outras coletivas, ou mesmo de partidos, ou de outros grupo políticos, ele é bem diferente, assim, mas ele carrega características de cada, de cada possibilidade de organização.

Luana: E de onde surgiu a vontade de você fazer parte da formação dessa coletiva? Foi um momento marcante pra você?

Heleith: Ah, nossa, foi extremamente marcante, assim. Eu acho que, que existe um momento em que, apesar de toda a onda, eh. de liberalismo forte, e quando eu falo liberalismo, eu falo em todos os sentidos, assim, eh, liberalismo econômico, liberalismo social, né, que, eh, alavanca os indivíduos como se fossem as,as... enfim, o indivíduo como a coisa mais relevante na sociedade, eh, mas de uma forma extremamente comercializada e, enfim, preocupante. E eu acho que quando a gente percebe que individualmente a gente não vai consegui muda as coisas de forma efetiva, e que também a gente tem que preza pela possibilidade de que haja uma individualidade dentro dos grupos coletivos, fazer esse balanço, né, porque se não vira uma coisa autoritária, né. Você tem que seguir a direção do partido, por exemplo, e é isso. Mas ao mesmo tempo, a gente não queria que fosse algo do tipo ai grupo de autoconsciência pra falar sobre o que quer e aí a gente não tem nenhuma ação, sabe, pra fora. Então a gente foi busca um balanço, né, de possibilidades de organização que contemplasse isso, e quando aconteceu, eh, eu acho que foi todo um processo, né, e foi justamente uma, uma (ininteligível) consciência. Esse processo levou à uma conscientização do que era necessário, não dava mais, eh, não dava diante da emergência, da situação que a gente tava vendo... eh aquilo, eu acho que eu não vejo possibilidade, e eu até tava conversando com uma outra companheira da coletiva, eu não vejo possibilidade, eh, da gente trata essas questões de exploração, ou fala em revolução ou transformação social, eh, sem emoção, sabe, sem senti isso, todo os dias, tipo sei lá, na rua, todos os dias você

sente isso na pele, sabe, a partir do momento que você toma consciência... às vezes é extremamente, na verdade o tempo inteiro é extremamente doloroso, sabe. E isso foi um processo, assim, sabe, até você ficar com aquela delicadeza, sabe, de sensação, de perceber que aquilo é de grupos sociais, aquilo não é só individual. Então, quando uma mulher sofre, todas as mulheres sofrem. Então né, por ser mulher. E claro que isso não é homogeniza, né, a classe de mulheres. A gente sabe que existem desigualdade, diferenças, que existem, enfim, desde mulheres negras até as mulheres em situação e condições econômicas, enfim, que são muito mais complicadas e existe sim uma hierarquia sim entre as mulheres, mas mesmo assim existe uma base em comum também pra se dizer que as mulheres são uma classe. E é nisso que eu acredito. Então, eh... e vê isso todos os dias assim, sabe, vê essas... essas violências, vê isso acontecendo cotidianamente, e se senti cada vez mais incapaz de fazer alguma coisa, sendo um indivíduo, isso que me deu vontade de se organizada sabe. E sem aquela lógica metódica masculinista, sabe, tipo ai a gente tem que cumpri horário e tal. Não, agente tem que entende também que as nossas pressões, os nossos desejos e os nossos sofrimentos, eles fazem parte justamente das relações de exploração que a gente tá vivendo, e acho que usa isso como força pra transforma em ação coletiva é que é a minha vontade, assim, e a vontade das meninas com quem eu tô... essas grandes mulheres com quem eu tô militando. E de todas as mulheres, né também, de todas nós.

Luana: E qual a sua opinião sobre outras correntes feministas?

Heleieth: Bom, isso é um pouco complicado. A gente não... Uma coisa que a gente sempre fala e a gente tenta se o máximo de responsável politicamente assim, sabe. Então isso é uma coisa que a nossa coletiva sempre prezou. A gente faz muitas discussões sobre isso, sabe, a gente, eh... eu não quero falar só pra feministas radicais, sabe, eu não quero, eh, eu quero que a dona Maria, que era a minha vizinha do Japeba, que fazia barro, sabe, tipo vaso de barro, tipo, eu quero que ela, sabe, ouça o meu discurso e não só ouvir, mas que ela traga as experiências dela e a gente troque experiências e seja, uma, uma, uma... que se crie alguma coisa, sabe, e que, e que todas as mulheres consigam perceber de onde muitas dessas violências que elas passam vem e que elas são violências. Então, tipo, eu não acredito em dizer quem é feminista ou não, em quem... ai aquela indivíduo é feminista aquela não é. Isso eu acho tipo, porque isso é justamente coloca pras mulheres um patamar masculinista, sabe, de ai você tiro carteirinha, compro carteirinha. Não existe isso, aliás, elas tão todo dia resistindo,

mesmo as que não sabem que tão resistindo. Então eu acho que não tem que dizer quem é feminista ou não. Agora outra coisa é disputa o feminismo. Isso é outra coisa. E assim, a gente também não pode deixar com que o retrocesso do liberalismo, ou de, enfim, muitas coisas pesadas que a gente (ininteligível). Vi uma entrevista agora com uma comercialização do feminismo, sabe, eh, transforma feminismo em mercadoria, ou em moda, fala que qualquer coisa em feminismo, sabe, ou o Obama com camiseta ai é assim que feministas parecem. Sabe gente, não! Sabe, isso é muito complicado. Então, eh... acho que a ideia é justamente a gente disputa o que é feminismo. Então assim, se eu acredito que, que certos feminismos são feminismo, porque pra mim feminismo é a luta pela emancipação das mulheres. E se tem algumas teorias que não fazem isso? Eu acredito que tem, que tem teorias que não fazem isso. Então, se eu posso desconsiderar isso do feminismo, eu desconsidero, porque pra mim não vai ao cerne da questão, não vai à raiz. Quando a gente chama de radical é ir à raiz, né, não é ai de quebra ônibus. Pode até ser (risadas), tô brincando. Mas... suprime isso da entrevista (risos). Mas não é só em relação aos métodos, também, mas é em relação a quão profundo você vai investigar a estrutura social, né, que tá condicionando, eh, esses grupos sociais. Então, eh, pra mim não é dizer ai você não é feminista porque você é uma feminista marxista. Não é isso, né. Mas é diz olha, isso aqui eu não considero feminismo, porque não vai à raiz da questão, sabe. E pra mim essa é uma disputa que a gente faz no campo político com muito respeito, sabe, com todas as mulheres, sabe, que tão, que tão militando, que tão aí na ativa, porque a gente sabe que é muito difícil, eh, mas sem condescendência também, sabe, porque é sempre esperado das mulheres que a gente seja fofinha, que a gente não lute, que a gente não debata, que fale com respeito, mas que a gente não debata, porque qualquer debate mais acalorado vira um briga, e não é assim, né, a gente também tem que te força pra debate, né, pra enfrenta e pra disputa as coisas, e é isso que a gente tenta fazer com o máximo de respeito possível pelas outras mulheres.

Luana: O que você mais gosta dentro da coletiva que você participa?

Heleieth: O que eu mais gosto...?

Luana: Dentro da coletiva?

Heleieth: Nossa! É tanta coisa... Assim, eu sou muito, muito (pequena pausa). Eu fico muito, muito feliz de fazer parte desse grupo e eu, assim... meu sonho é que esse grupo se expandisse. Mas mais que isso é se expandisse com a mesma qualidade e com a mesma horizontalidade que a gente tem hoje, sabe, e com as mesmas críticas internas

que a gente sempre faz a todos acontecimentos e todas as tentativas de sempre, eh, pensa nas desigualdades entre as mulheres que compõem o coletivo e nas ações que a gente tá querendo manter. Então, eh, eu acho que o que eu mais gosto é, assim, a coesão, né, entre as mulheres, entre as ideias, eh, a horizontalidade que a gente sempre tenta prezar ao máximo, de ver as companheiras, enfim, que tão com dificuldade de acompanhar alguma coisa, ou ver quais são as necessidades da, das companheiras que tão e acho que o respeito que a gente tem umas pelas outras, saber mais que a gente, enfim, a gente já teve problemas com mulheres que tiveram que sair da coletiva e tal. Mas geralmente foram saídas tranquilas, assim, sabe, por mais que houve um, ou dois problemas, no máximo, sabe, em relação a divergências. Mas a maior parte delas foram feitas com muito respeito. E eu gosto muito de que... eu não sei, eu acho extremamente importante, a gente é que fundou junto, a gente que criou, né, juntas a primeira coletiva feminista radical do Brasil. E isso, eu acho que é um feito assim, sabe, não individual, mas um feito coletivo de todas que já passaram por esse processo, mesmo as que não tiveram, não estão mais com a gente agora, mesmo as que, enfim, a gente teve companheiras que não tiveram força, né, pra continuar, mas que tão com a gente e quando quiserem tá, eh... A gente sabe que é difícil, é extremamente cansativo, até porque a gente é atacada de muitos lados, e existe uma incompreensão muito grande do que é feminismo radical hoje em dia... não só hoje, né, mas sempre, assim. E, eh, é muito difícil, assim. A gente tá com um trabalho de muita responsabilidade a respeito das mulheres, e sei lá, eu acho que a gente conseguiu muita coisa também. A gente não conseguiu fazer tudo que a gente queria, nós somos pouquíssimas (pausa breve) infelizmente, mas a gente conseguiu fazer muita coisa com nossa (ininteligível). Isso me deixa muito, muito feliz.

Luana: E pra você, qual é a importância da coletiva pra sociedade?

Heleieth: Olha, eh, eu acho que... Eu vejo principalmente em outras mulheres, né, eh, feministas radicais ou não, eh, ou mulheres que estão se aproximando agora do feminismo, eh, ou começando a entender certos debates, ou que vem perguntar, eh, mulheres de todos grupos, eh, sociais, eh, enfim, que tão começando a conhecer algumas coisas, e eu vejo que as vezes aí eu li um texto de vocês, aí eu vi uma reunião de vocês, eu vi uma formação aberta de vocês, né, ou aí eu não sabia que existia uma coletiva, sabe, e que era feminista radical ainda, e eu vejo como isso solidifica um pouco, sabe, pras mulheres. E vejo que a gente tá tentando levar ao máximo as coisas com

responsabilidade, sabe, de maneira muito séria. Eu acho que uma das características maiores da gente é seriedade, não que a gente não faça humor algumas vezes, mas eu acho que a seriedade e a responsabilidade, tipo, é uma, enfim, não sei, eu vejo muitas mulheres falando isso e levando isso como modelo, por exemplo: hoje a gente tem coletivas em Belo Horizonte, a gente tem coletivas em Florianópolis, né, então, a gente outras coletivas que pediram a nossa ajuda pra falar olha, a gente acha muito interessante o modelo de vocês e tal, e a gente queria fazer uma coletiva, e como que foi o processo, vocês podiam vir aqui explica pra gente. E a gente foi e tal, e nossa, é muito prazeroso isso, eh, sei lá, mesmo que se difícil também disputa espaço com outras, eh, chamadas vertentes e tal de feminismo, eh, também é muito importante, assim, sabe, a gente sente que, por exemplo, eh, alguns debates que a gente fazia e que outros grupos, que não eram feministas radicais, não faziam, esses grupos tão fazendo hoje, né, por exemplo, fala da chamada questão da maternidade obrigatória, da heterossexualidade obrigatória, dos direitos reprodutivos, né, da barriga de aluguel como um problema, uma questão que não é positiva pras mulheres, e muitos grupos não tinham a menor ideia, não falavam sobre isso, e as vezes ficavam muito em questões institucionais, que são importantes também, mas que a gente sabe que institucionalmente, ou por vias legais somente a gente não vai conseguir revolucionar nada, né, e também tem todas as questões institucionais, né, enfim. Mas agente também fico feliz, sabe, por conseguir pauta alguns temas, sabe, direciona alguns temas e que eles tão sendo hoje debatido. Mas mais importante que isso, de fato, é te feito efetivamente algo de bom pras mulheres. É claro que, enfim, eu me identifico como feminista radical, não é porque ah eu, hum... não é uma identidade superficial. Não. Eu realmente acredito nisso, eu vejo como isso é verdadeiro, verdadeiro no sentido de que passo por isso tudo todos os dias, né, não é uma teoria só. O feminismo radical, nos anos sessenta, ele foi uma experiência de grupos de autoconsciência de mulheres que começara, a fala sobre suas vidas. É uma dor de cabeça que aquela mulher, eh, que tava casada há vinte anos e sentia na hora de fazer sexo com o seu marido, não era uma dor de cabeça, era um sintoma, não era só uma dor de cabeça, era um sintoma da obrigatoriedade marital que ela tinha, que era a obrigatoriedade de estar disponível sexualmente. Então, quando a gente faz esse tipo de crítica, né, que essas mulheres conversando, chegaram a isso, e isso é base material, isso é a realidade dessas mulheres, então, pra mim foi simples sabe, total sentido, eu não precisei ficar buscando ou adequando a teoria, sabe, na minha realidade, falando nossa

isso aqui faz sentido. Não. Era muito simples e muito perceptível na vida minha, na vida da minha mãe, na vida da minha vó, na vida da minha vizinha, sabe, então foi isso, assim.

Luana: Qual é a importância da coletiva pra você?

Heleieth: Nossa! Acho que eu falei um pouco, né, sobre. Mas é fundamental, assim. Tá na coletiva mudo minha vida (pausa breve) completamente. Assim, eu... é difícil, né, porque a gente... a gente vaga, né, nessa, nessa sociedade procurando algum objetivo, seja lá qual for, que historicamente devido as classes, de qual grupo social você faz parte, você vai ter um objetivo meio que traçado ali, né, não determinado, mas, né, direcionado, e... e eu não sei, assim, eu acho que eu, eu sei que ter acesso a esse material, ter acesso... essas pessoas ter a possibilidade de ter organizada, isso também é um capital político, isso também é um certo tipo de privilégio. Eu queria que todas as mulheres pudessem ter acesso a isso e pensar criticamente as experiências delas e não com imposição, mas pensar as experiências delas. E a importância da coletiva pra mim é isso, assim, eu não, eu não vejo algo hoje mais importante na minha vida do que luta contra a dominação masculina e o patriarcado. Claro que eu vejo que é igualmente importante luta contra todas as outras relações de exploração, mas como eu tô organizada nessa luta agora, né, e como eu não sou, por exemplo, sujeito político da luta negra, mas eu apoio, claro, e enfim, então eu vou ser sempre beneficiada disso, mas eu apoio e... mas eu tô muito engajada nessa luta, e infelizmente agora é só essa força que eu tenho pra luta, mas essa é a coisa mais importante da minha vida.

Luana: Você já falou um pouco, mas você pode explicar um pouco as pautas gerais da coletiva?

Heleieth: As pautas, eh, em que sentido? Quais são os focos que a gente luta? Então, eh, basicamente são, assim, os focos, eh, em que o feminismo radical, eh... são as bases que o movimento feminista radical tenta critica as ferramentas de dominação masculina. Então, eh, essa é uma questão muito importante, assim, pra mim, eh, estratégia e táticas, né. Então, passa por estratégias e táticas e as questões que a gente considera mais relevantes de atua agora. Mas eu acho que tudo depende do momento histórico e político e tal, e o que você consegue fazer. Foi a gente que fundou o Comitê Pela Abolição da Prostituição, né, que é uma organização de frente única, né, então a gente chamo outras organizações pra compor ele com a gente. Organizações que tivessem acordo com o modelo, eh, de abolição da prostituição, né, um modelo sueco,

que é um modelo que criminaliza o cliente, dá ênfase no cliente e realoca possibilidades pra que as mulheres saiam da prostituição, não impondo, né, mas dando possibilidades pra que elas consigam sair da prostituição, e, enfim, a gente conseguiu fazer algumas ações e foi muito importante. A gente teve um trabalho com a psicoteca na Luz, né, que era uma biblioteca diferente pra mulheres prostituídas. Eh, a gente fez várias atividades com várias prostituídas, também com elas trazendo o que elas queriam, eh... Cada roda elas traziam o próximo tema, né, então a gente falo sobre saúde da mulher, a gente falo sobre varios temas, eh, sobre a própria lei Pagu Leite, enfim, elas traziam os temas que elas queriam, né. Agora a gente tá fazendo um documentário sobre prostituição também, e a intenção é torna o conteúdo com dados e experiências de mulheres que aceitaram bravamente participar do documentário, algumas como até um pedido de socorro mesmo, e aceitaram fazer parte do documentário e ai a gente tá, enfim, vai lança num agora festival feminista que a gente tá fazendo no cursinho popular onde eu trabalho. E, bom, nossa, a gente fez muitas ações, assim, desde as formações abertas até atividades sobre pornôgrafia. Então, acho que os temas maiores que a gente trabalha são a questão da pornôgrafia, da prostituição, da maternidade compulsória, da heterossexualidade compulsória, da lesbofobia, óbvio, de violências contra lésbicas, e, eh, a questão dos direitos reprodutivos, né, também, da inseminação, da barriga de aluguel, eh, compra e venda de mulheres nesse sentido também, pra ser um receptáculo. Bom, acho que agora esses são os temas que a gente tá mais trabalhando, eh, mas a gente acaba diversificando um pouco, né, pra cada tema que a gente vai trata.

Luana: Agora a gente vai fazer algumas perguntas de algumas coisas que tão acontecendo, enfim.

Tainá: Você soube da recente polêmica que aconteceu entre as cantoras Pitty e Anitta no programa “Altas Horas” que foi ao ar dia 6 de dezembro? O que você pensa sobre essa polêmica?

Heleieth: Ah, sim, então, eu vi. Eh, na verdade assim, eu vi, sh, só um pedaço da, da Anitta com um discurso, eh, com a reprodução de um discurso, eh, misógino e tal, e a gente fala em reprodução, porque né, a gente acredita que mulheres não possam ser machista, porque isso beneficia somente ao homem. Mas a gente acredita, né, que os sujeitos políticos, eh, que tão sendo explorados ou subjulgados, né, eles reproduzem, né, as, as situações de opressão, mas eles não produzem, porque eles não vão se beneficia disso. Então, né, pra gente, mulher não é machista, ela reproduz o machismo. Claro que

ela pode ser violenta com outras mulheres, e não é isso que a gente tá dizendo. A gente tá dizendo de grupo social, não indivíduo. Então, em última instância ela não tá se beneficiando também. Então, eu vi isso na Anitta, assim, uma reprodução do discurso misógina, né, vi ela fazer isso e aí a Pitty foi lá e respondeu, né, de uma forma que eu considero liberal. Não tô fazendo uma crítica individual a Pitty, mas a esse tipo de discurso, né, tipo aí o corpo é meu, as regras são minhas, eh... a gente entende muito de onde esse discurso veio, e ele já teve uma força, e não era... não significava exatamente isso que ele significa hoje. Mas hoje houve uma apropriação que a gente acredita ser politicamente muito errônea e muito pouco efetiva, inclusive, eh, que retrocede na luta das mulheres esse tipo de o corpo é meu, as regras são minhas, porque efetivamente o corpo não é nosso e as regras não são nossas, e a gente não é livre no patriarcado. Nenhuma mulher é livre no patriarcado. Se eu for lá fora e mostra o meu peito na rua, eh, como na Marcha das Vadias, eh, no ativismo... A gente não tá fazendo uma crítica às mulheres, a gente tá fazendo a crítica de que você tem que pensar estratégias porque você tá querendo fazer, que é uma transformação social e nesse sentido não dá pra você pensar que dentro do patriarcado seu corpo não vai ser objetificado se você expor seu seio. Isso é a melhor maneira de os nossos corpos são sempre desnudados, sempre. Nosso corpo são sempre usados como uma ferramenta, eh... sempre hipersexualizado, né, então, essa não é a melhor ferramenta e você diz ah não, toda mulher tem direito de fazer o que quiser e tal, esse é um outro discurso que a gente fala, eh, do problema desse discurso, da revolução sexual, do liberalismo sexual, porque é justamente... é um discurso falacioso, assim, porque... Desculpa. Você teve nos anos sessenta, eh, aquele movimento da revolução sexual e tal, e aí você teve a pílula e toda uma, uma liberação, né, em termos de costume e uma mudança, até, nesses sentidos que veio com outras políticas, etcetera e várias outras questões. Mas você teve isso, e isso acabou permanecendo hoje de uma forma que é muito perigosa, assim, porque, eh, a gente acredita que a heterossexualidade seja compulsória, né, obrigatória e uma ferramenta de dominação das mulheres. Então assim, o sexo, ele é uma construção social também, né, e a manutenção do sexo como algo pessoal e não político, como algo que tá na fronteira das quatro paredes, que não tem nenhuma significação política. Isso é muito sério pra mulheres. E um dos aspectos da nossa dominação, é que a gente tem trabalho reprodutivo também, que não é nem considerado trabalho, né. A gente tem trabalho doméstico, modo de produção doméstico, tem trabalho reprodutivo, e isso não são

considerados trabalhos, né. A gente reproduz a força de trabalho, e a gente tem um monte de ferramentas, do amor romântico ao liberalismo sexual, que sempre nos coloca pra que? Pra homens, pra tá acessível e disponível pra homens. Nosso corpo tá disponível pra homens. Então o que a gente tá pregando? Moralismo? Não. Não é isso, mas é pensa criticamente e politicamente o que é o sexo e o que significa uma relação heterossexual no patriarcado, né. A gente fala todas as mulheres tem que se lésbicas? Não, não é isso, a gente não acredita que você trabalha com a questão de ah então vô me mante fora do acesso do, do... do meu corpo aos homens veio pra consegui revolucionaria. Não, não é isso, porque aí seria uma solução que acaba sendo individual. Mas é claro que a gente considera como uma resistência, né. Eu acho que as mulheres lésbicas, eh, elas tem importância fundamental, e a questão da resistência, né, do corpo resistente ao masculino e da questão da junção entre mulheres, da aproximação entre mulheres, de você tá positivamente voltada pra mulheres, isso é uma forma de resistência. Mas a gente não acredita que todas as mulheres serem lésbicas vai acabar com o patriarcado, porque as mulheres lésbicas, também elas vão sofrer o estupro corretivo, né, elas vão continua acessíveis aos corpos dos homens impositivamente ou de outras formas, mesmo na socialização, no trabalho doméstico. Isso não vai muda, isso é cultural. Aliás, isso vai muda, mas com outras, né, com outras formas não individuais de tratar a questão. Então, eh, voltando um pouco, recapitulando, esse discurso do liberalismo sexual, a gente acredita que seja muito maléfico, na verdade, pras mulheres, né, e ele pra gente um retrocesso. E tanto a resposta da... voltando a questão. e tanto a resposta da Pitty quanto a resposta da, da... da Anitta, eu acho que elas tem problemas, eu acho que elas são problemáticas. E o que eu acho que é outra questão problemática, é que aquilo a mídia vai pega e vai transforma numa competição entre mulheres, né, e aí, né, você transforma em circo, em espetáculo e de novo você tem uma competição entre mulheres, que é o que a gente vê, né, o afastamento de mulheres, né, o tempo inteiro, invés de fazer uma crítica política que cabe no jogo ali, vira um circo. Mas não individualizando a questão, ah o problema é a Anitta ou a... não, o problema são essas questões políticas que tão envolvidas. Acho que seria isso.

Tainá: Qual sua opinião sobre identidade de gênero?

Heleieth: Então, eh, eu sou feminista radical, eh, a gente tem uma opinião crítica, né, à identidade de gênero. A gente considera gênero não como uma escolha, uma identidade, né, a gente considera gênero como uma ferramenta de dominação masculina,

também, assim como a maternidade compulsória, assim como a heterossexualidade obrigatória. A gente considera como uma ferramenta de dominação, ou seja, eh, a gente tem o que? A gente tem os sexos biológicos, né, a gente tem a diferença biológica, né, e nessa diferença você, né, no ideal não existe hierarquia nenhuma, você tem que a partir de uma diferença biológica, você cria uma diferença social. Então, assim, a partir do momento que uma mulher nasce, ou mesmo antes disso, no ultrassom, com todos esses aparatos tecnológicos, eh, que tão ligados a questão do direito reprodutivo também, eh... em vários países você tem, eh, o costume de você vê o sexo da, da criança, e se for uma menina ela vai se enterrada, ela vai se morta. Então a misoginia já pode começar antes do nascimento, e as vezes ela começa. Então, assim, o processo todo de socialização, ele não é só uma questão de vestimenta, eh... enfim, de trejeitos, etcetera e tal. E ele não é uma questão de escolha. Eu tô aqui com o meu corpo, e eu tenha plena noção de que eu não escolhi nada disso, plena noção de que é extremamente difícil eu consegui resisti a isso, só de deixa... só de não faze depilação, deixa os pelos cresce, tipo, isso já é extremamente violento. E a gente vai se violentada de qualquer forma, fazendo ou não fazendo, porque o gênero, ele é uma imposição social e tende a que? A forma uma hierarquia social entre todas as mulheres. Infelizmente isso não é uma escolha, né. Então, assim, a gente não tá, eh, dizendo que pessoas, que mulheres trans não sofram violência, pelo contrário, né, a gente sabe, a gente, enfim, todo o apoio as lutas de todos os ativistas por direitos sociais, né, mas a gente sabe que algumas lutas vão na contra mão, né, do feminismo. Então, por exemplo, eu não quero, eh, que identidade de gênero seja considerada, eh... que gênero seja considerado uma identidade, porque seria justamente formata outras caixinhas de gênero, e eu não quero caixinhas de gênero, eu quero a abolição de gênero. Eu não quero tá conformada. Eu não tô conformada, né, com esse corpo, ou com a saia, eh, eu fui socializada nisso, e é extremamente doloroso, é extremamente doloroso. E quando a gente vai falar da questão da identidade de gênero, eh, não é que a gente tá falando que as pessoas não... ai elas não podem tê liberdade pra isso. Não, não é isso. É a mesma coisa do discurso do liberalismo sexual. A gente não vai ser livre por simplesmente se declara livre individualmente, né. A gente tem que aboli essas maneiras, porque enquanto isso eu sou considerada uma mulher cis. Cis no que? O que isso me trouxe de bom? Sabe. O salto alto, a depilação, a deformação, a mutilação, sabe, cirurgia plástica, né. O que isso me trouxe de bom? Cada aspecto do meu corpo se analisado e ter que se reformulado e ter

que ser mutilado, tipo, isso não é uma conformidade com o meu corpo, e o gênero não é conforme, ele serve pra rebaixa a gente, ele não é só uma forma de vesti, ele é uma forma de ser, uma forma de pensa. Então, tipo... tem coisa que eu, eu tento todos os dias e eu não consigo me desfazer, porque foi todo um processo de socialização, de mutilação pesada, pesada, pesada, e eu não conheço uma mulher que seja feliz com o seu próprio corpo. Mesmo uma feminista há cinquenta anos acorda às vezes, ou tem aquela questão que guarda. Eu não conheço nenhuma mulher. porque é isso, a gente é mutilada do pensamento, ao modo de ser vê, de vê as outras, até o dedão do pé. Então assim, é por isso que eu não considero gênero uma identidade. Mas assim, a gente respeita ao máximo, enfim, o que a gente considera justo nas lutas das ativistas, né... eh, a gente sabe de toda a violência, de, eh... enfim, de todo, de todo o horror, né, que a gente vê nos jornais e de companheiros, pessoas que a gente conhece e foram mutiladas de todas as formas, mas é isso, a gente não quer lutar pela identidade, a gente que luta pra acabar com gênero. Acho que essa é a grande diferença.

Tainá: O cartunista Latuff criou polêmica ao publicar uma charge acerca do feminismo radical. O que você pensa sobre essa publicação? (entrevistadora mostra a charge)

Heleith: Bom, eu sinceramente acho que o Latuff, ele, eh (pausa breve) ele devia para de retratar mulheres, e ele devia pare de... Acho que na verdade ele tá cumprindo o, o, o papel social dele que é de se beneficiar disso, né, sendo homem. A gente sabe que tudo aquilo que começa a provocar um grupo social, e começa a provocar, eh, aqueles que tão se beneficiando, eh, a gente vai ter um retrocesso, a gente vai ter um ataque, né. Então isso pra mim, eh, não é mais que isso: são homens se defendendo pra manter seus privilégios, né. E não sei se vocês viram mas ele fez uma outra charge, né, que é nossa... Se essa aqui já deu pano pra manga, inclusive com feministas que não eram feministas radicais, também, né, enfim, eh, defendendo e falando do absurdo que ele foi fazer, e, eh... entre a gente debate e um homem ridiculariza, porque isso é uma ridicularização, isso aqui não é um debate. Mesmo assim, quem é ele pra vir debater, assim, quem é ele sujeito político de alguma coisa? Não é. Vai fazer as lutas dele com responsabilidade também. Mas ele fez uma outra charge, né, que foi pavorosa também, de... parece que ele tava se referindo a uma ex-namorada, a uma namorada, enfim, a alguma mulher, enfim, uma coitada que ele retratou de maneira extremamente violenta, eh que era uma mulher tipo... enfim, eu não quero dizer exatamente o que era, mas era

uma mulher que dizia u te amo pro cara enquanto tava na relação sexual com outro de uma forma extremamente humilhante, e era uma crítica a essa mulher. Então, né gente, eu acho, que tipo, partindo disso, assim, é mais um ataque, assim, o problema é que, que... é aquilo que as pessoas dizem. Parece que por ela ser de esquerda, né, de ele tá envolvido com movimentos sociais e tal e não sei o que, eh, e tá tudo bem, sabe, então ele vai ter, ele vai tá aberto pra essas questões. E é por isso que a gente fala que não são as mesmas lutas, por isso que a gente é feminista radical, porque a gente considera que estruturalmente classes sexuais como questões diferentes de classes econômicas marxistas, né, ou, ou, enfim, no sentido de anticapitalismo. São questões diferentes e a gente trouxe as ferramentas de Marx, né, o materialismo histórico-dialético e transpos isso pro, pro... grupo que a gente chama de classe sexual, ou castas sexuais. Então, assim, são... a gente não hierarquiza lutas. Acho que essa é a grande diferença, assim. Pra gente o machismo é uma questão de atitude, e o problema não é só a atitude, existe uma estrutura. O homem trabalhador se beneficia do trabalho reprodutivo e produtivo da mulher trabalhadora, e é isso assim. E a chamada mulher burguesa, claro que, enfim, a gente tem que analisa as desigualdades absurdas entre as mulheres, eh não só desigualdades, mas, enfim, que mulheres podem explorar mulheres não por ser mulheres, né, mas por serem brancas, ou negra, ou enfim, a, a, mulher que luta tem meios de proteção que outras não tem. Mas efetivamente a maior parte das mulheres, ela tá num certo lugar social dependendo do lugar social do marido. E pra isso ela tem que o que? Vende o... de alguma forma ela tá vendendo o seu corpo também, ela tem que reproduzi pra ele, né. Então assim, por isso que a gente considera uma classe sexual, porque mesmo com todas essas questões sociais, que de maneira nenhuma a gente considera como menores, pelo contrário, a gente não hierarquiza a luta anticapitalista, nem a questão da supremacia branca, que são todas questões estruturais pra gente, dentro da nossa coletiva, quanto a questão da dominação masculina. Então eu acho que essa é a grande diferença. Então, por exemplo, pra gente, um cara que é de esquerda não significa nada na luta feminista. Você pode se esquerda que for, assim, você pode se misógino e você continua se beneficiando por ser homem, assim como eu continuo me beneficiando por ser branca. E eu posso ter todo o entendimento, tenta apoiar e reve meus privilégios lá todos os dias, eu vô continua me beneficiando. Então, assim, o que eu posso fazer é tenta vê isso cada vez mais. Mas o que ele fez não foi isso, foi o

contrário, foi justamente, eh, se beneficia. Acho que é isso. Desculpa se eu tô falando muito gente.

Tainá: Depois disso, Latuff tentou se retratar com uma segunda charge. Qual sua opinião? (entrevistadora mostra a charge)

Heleith: Bom, eu acho que, eh, (pequena pausa) eu sinceramente não me importo com o que ele tenha a dizer sobre a retratação dele, porque justamente agora, né, que saiu a outra charge dele sendo extremamente violento com uma companheira dele, eh, e eu acho que ele se retratou depois de uma pressão muito forte, sabe, de feministas de tudo quanto é lugar, assim, eh, de... enfim, muitas amigas e conhecidas minhas de outras organizações, de outras visões sobre o feminismo, e houve uma começação muito massiva em torno disso. Então, eu acho que na verdade foi ele tentando se mante, né, dentro do espectro de posição e status que ele tem dentro da esquerda, assim, então... E ele veio com um texto também absurdo, assim, sabe. Dizendo ai foi mal, mas nossa não tô afim, sabe, ai sei lá, vejam o que eu tô tentando fazer, assim. E eu acho que sinceramente o movimento feminista é muito difícil, porque a gente tem que fica focando em expurgar os homens, sabe, e mais do que foca nas mulheres, né, porque é isso, né, sempre um retrocesso. A gente tem que sempre fica, tipo, voltando força contra homens como esse, sabe, em vez de a gente tá se voltando pra mulheres, fazendo trabalhos pras mulheres que tão sofrendo violência e tão precisando, então, tipo, sabe, isso é muito cansativo. Assim, tem uma hora que a gente só que (pequena pausa) não senti pressão, sabe, porque parece que não tem... que a gente não consegue avançar. E isso é muito frustrante. A gente sabe que a gente consegue, mas é muito frustrante, e a gente tem que fica rebatendo crítica, sabe, a gente tem que fica, eh, demonstrando pela milionésima vez que a gente é responsável, sabe, e invés disso, de todos esse caminha, sabe, devagar e tal, a gente poderia tá fazendo ações mais efetivas. Mas, enfim, a gente entende que é disputa, que é difícil, e que a gente tem que dá resposta. Acho que as mulheres que deram respostas pra isso eram muito bravas e foi muito importante, assim.

Tainá: No último Video Music Award (VMA) do canal de televisão MTV, ocorreu uma apresentação da cantora Beyoncé. Durante seu show, ela colocou em grandes letras a palavra “Feminist” no telão logo atrás de seu palco. Já o grupo de funk carioca Gaiola das Popozudas lançou uma música cujo nome é “a porra da buceta é minha” em que a cantora defende que ela tem relações sexuais com quem ela quiser. Qual sua opinião sobre essas duas manifestações?

Heleieth: Eu acho que.. eu acho que toquei um pouco nesse ponto já quando eu falei sobre o liberalismo sexual e da Pitty e da Anitta. Eh, eu acho que é muito complicado. Assim, quando a gente vai fazer essa crítica, eh, parece que a gente tá fazendo a crítica, por exemplo, à Beyoncé, mas eu não tô fazendo uma crítica à Beyoncé, sabe, muito pelo contrário, eu acredito muito que deva ser, nossa... de uma força tremenda, sabe, você ser uma mulher negra, sabe, nesse lugar de indústria cultural, sabe, que vai te dissolve, sabe, e te... enfim, drena até o último instante, sabe, todas as suas forças, e transformar você em um objeto, e eu acho que é muito difícil, assim, e eu acho ela uma mulher extremamente talentosa e forte. Mas em relação à questão política, eh, eu acho muito complicado, mais que complicado, assim. Eu acho que é aquilo que eu falei de uma disputa feminista, isso pra mim não é feminismo. Infelizmente, assim. É claro que, enfim, pode ter aberto os olhos de muitas e muitas meninas pra pergunta o que é feminismo. Mas ao mesmo tempo é muito complicado também, porque eu passei por isso, eu via, eu já vi o feminismo como algo como liberação sexual, e o que aconteceu foi que eu fui estuprada. Basicamente foi isso, sem sabe que aquilo era um estupro, né. A maioria das mulheres, tipo, acham que o estupro é o cara atrás da moita né e, enfim, você não conhece e vai chegar e nossa. E não, o estupro, ele é algo.... ele tem graus, né, e, e, e tem uma sutileza entre aspas, né, que na vida real, que às vezes a gente não considera como estupro, né, porque é justamente isso, pra gente não considera como violência. Então desde o estupro marital, né, até tudo que a gente fala de estupro de lésbicas, que é um estupro corretivo, todo estupro é corretivo. A gente fala que todo estupro é corretivo, porque mesmo um estupro de mulheres heterossexuais, eh, enfim, que se dizem heterossexuais, ele é um estupro corretivo, porque ele visa sempre a corrigir o lugar daquela mulher, de fala olha, eu tenho acesso ao seu corpo, se você não tá acompanhada de outro homem eu vou acessar o seu corpo. Então assim, essa questão da sutileza do que é o estupro ou não, né, é muito complicada. No discurso de liberalismo sexual, e eu falo por experiência própria, eu tive muitas experiências de violência própria, eu caí muito nesse discurso, e não é culpa individual da Beyoncé, ou da x, ou minha, mas é um movimento patriarcal mesmo, ideológico. E é muito difícil, porque isso fere mulheres, na prática isso fere mulheres, então eu falo o corpo é meu, eu faço o que eu quise, e aí eu vou lá e transo com vários homens e tal. E o que tá acontecendo é que você tá se expondo cada vez mais sem percebe que aquilo são relações de violência, porque aquilo não são relações igualitárias. Então a maneira como a gente aprende o

sexo, a maneira como a gente ensina a pedagogia sexual e o que significa sexo na nossa sociedade, né, que os direitos reprodutivos não são, eh, a serviço das nossas mulheres, é violento. Então assim, eh, eu acho que se existe uma possibilidade de a gente fazer crítica, né, ao que significa sexo na nossa sociedade, que existe uma relação de poder, né, sexual também, e dizer o corpo é meu, a boceta é minha, tipo, acaba até reforçando, né, que, que... o acesso, né, pra, pra... das mulheres, eh, pra ascensão, entre um milhão de aspas, social, eh, ou do chamado empoderamento, é através do seu corpo. E isso não é coletivo em nenhuma instância, porque é de novo reforça que pra gente conseguir alguma coisa, a gente só vai ter isso condicionado aos homens terem acesso ao nosso corpo. Isso é, de novo, uma ferramenta de dominação, né. Por isso eu acho muito complicado esse tipo de discurso e eu acho que ele acaba ferindo muitas mulheres, né. Mas é um discurso muito difícil, assim, porque eu acho que a gente tá... que isso tem a ver com o momento político e social que a gente tá com o liberalismo, né, do indivíduo, né, como uma base pra sociedade, então eu acho que tem muita coisa escondida aí. Mas é óbvio que, como eu falei, eu não tô criticando individualmente a Beyoncé, ou individualmente a... enfim, acho que todas nós passamos por isso e é muito difícil. E fazer disso um movimento de, por exemplo, pra mim, eh, não foi tipo aí labei a minha consciência e percebo que isto é errado. Não, foi um negócio extremamente doloroso. Quem que vê que aquilo que a gente considerava amor, ou carinho, ou afeto era violento. Nossa! Ninguém que vê isso, sabe a gente não que vê, porque é muito doloroso, sabe, eu não queria vê. Quando eu tive que reanalisa todas as minhas experiências, né, eh, heterossexuais, eh, e até o modelo, eh, das minhas relações com mulheres, né, porque a gente também tem que performa pra homem, né, então a lésbica também tem que servi sexualmente ao homem, mesmo em relação ao voyeurismo, né, então, tipo, mesmo as experiências que eu tive com mulheres, e todas as experiências que eu tive com homens, eh, eu tive que revê com esses olhos críticos, e nossa, isso foi uma das coisas mais terríveis, assim, e vê a vida, sabe, das minhas amigas, da minha mãe, da minha vó, da minha... foi muito doloroso, acho que foi a parte mais dolorosa, assim, sabe, de perceber essas questões. A gente não que faz isso, porque dói e continua doendo, e precisa de muito apoio pra perceber essas coisas. Não é uma aí nossa, agora estou acima porque percebo. Não. É horrível. É horrível vê as coisas dessa forma.

Tainá: Qual o seu posicionamento sobre o aborto? Existem casos específicos (ou não) em que a prática do aborto é aceitável?

Heleieth: Eu acho que, eh, na verdade, assim, eh... tem um texto que a gente escreveu coletivamente, se vocês quiserem dá uma olhada, eh, ele foi escrito justamente na época em que a gente foi participa dum ato de cortejo fúnebre das mulheres que faleceram, que morreram, que foram assassinadas, na verdade, pelo estado e pelos homens, eh... e a gente fez um texto que abordava muitas questões. Então hoje você tem, eh, um movimento feminista, a maior parte, eu acredito, porque é o mínimo, que se diz a favor da escolha da mulher sobre o aborto, né. Mas um debate que a gente vê pouco os movimentos feministas fazendo, eh, assim.... o aborto em si, ele é um outro lado da moeda da questão dos direitos reprodutivos, porque o aborto é uma experiência de extrema violência com o corpo da mulher, ele não deixa de ser extremamente invasivo. E se hoje a gente for olha as clínicas de aborto, eh, legais e etcetera, se a gente for vê números, notícias sobre isso e tal, elas são majoritariamente dominadas por homens. Então assim, a quem interessa ter tanto controle legal e o ilegal sobre os direitos reprodutivos das mulheres? Então, assim, o aborto é justamente o outro lado da heterossexualidade compulsória; da obrigatoriedade do sexo como ele é visto hoje, que é violento e que tem que ser falocêntrico, e ele tem que ter a penetração, e ele tem que ter todo o tempo do homem para aquilo e com uma função de reprodução muito forte, ou do prazer simplesmente do homem, que é um prazer de subjugar, né, da forma como ele é... na forma como pedagogia do sexo é feita hoje, apoiada na pornôgrafia e etcetera, que são os modelos de sexo que a gente tem socialmente. Então, eh, eu acho que é importante fazer essa crítica também, assim, né, porque, eh, as mulheres continuam sofrendo, as mulheres continuam se, se... o aborto não é uma experiência agradável pra nenhuma mulher, é uma experiência extremamente dolorosa e violenta, eh, você tem que se submete ou a, enfim, ou a procedimentos ilegais, todos invasivos, então, assim, o ideal seria que nenhuma mulher tivesse que fazer aborto e que nenhum corpo de mulher fosse acessado, eh, que a gente tivesse essa cultura de que o corpo tem que se acessado, que isso é sexo e que eu tenho que reproduzir, ou eu tenho que tá numa relação desse jeito, sabe, eh, esse seria o ideal: que nenhuma mulher tivesse que passar por uma experiência desse jeito, né, que a maternidade não se constituísse de uma obrigação também, ou nessa imposição, ou nessa carga de culpa, né, dessa forma, como se a paternidade não fosse nada. E ai eu acho que a gente pensa em outras coisas, né, em

uma coisa mais profunda do que simplesmente falar viva o aborto, ou não, ai quero o aborto sim. Acho que o assunto é mais profundo que isso, eh... Mas é óbvio que agente, enfim, institucionalmente a gente luta, né, pra que o estado, eh, pare de criminaliza o aborto, eh, e torne o aborto legal em todas as situações que as mulheres precisarem, né, porque infelizmente é isso que a gente tem hoje. Mas acho que é interessante também, por exemplo, pega os modelos que a gente tem em que houve uma, uma lei que o estado, eh, cobre a mulher e, enfim, o aborto. Por exemplo, se você pega o Uruguai, a gente fez uma análise da lei uruguaia, e existem várias etapas que as mulheres tem que passar pra conseguir aborta no Uruguai, né. Uma delas, por exemplo, é você passa por uma assistente social, passar por um psicólogo que vai reitera, reitera, reitera se você que mesmo faz uma aborto, mas olha isso, olha aquilo, o estado pode te ajuda a não sei o que, a cria a criança. E assim vai colocando todo tipo de barreira, sabe, assim, tanto a pressão já familiar, a pressão moral e social, que mesmo num estado que legaliza o aborto e que você possa fazer esse aborto pelo estado, você tem essas barreiras, e isso não é visto, né. E isso é muito complicado, assim. A gente não tá falando que ai você vai lá e chega e faz o aborto e tal, porque já é uma experiência de violência pras mulheres. Eu acho que tem que se explicado que isso é uma experiência de violência, mas outra coisa é você ir desencorajando, você ir colocando um monte de pequenas barreiras e fala ah tá legalizado, mas pera aí, como tá legalizado? Então, essa é uma outra coisa que a gente tem que discuti e que a gente não fala muito aqui no... que diz, né, tem movimento que fala, mas é algo importante a se discuti, porque geralmente não se processa esse debate. E eu acho que é isso.

Tainá: Em uma matéria publicada pela Folha de São Paulo em 7 de dezembro de 2014, com o título “Mulheres querem pornô com mais naturalidade, realismo e enredo”, foi divulgado os resultados de uma pesquisa feita pela Playboy TV. O número de mulheres entre os assinantes aumentou, chegando a 54%. Segundo a matéria isso influencia outro resultado que diz que 63% das pessoas interessadas em programas eróticos preferem cenas naturais. O que você pensa sobre isso?

Heleieth: Olha, eh (pequena pausa), eu acho que (pausa) a gente... parodiando uma grande feminista, eh, eu acho que a gente não pode usa as mesmas armas dos mestres pra tenta transforma nada, assim. E o que eu vejo é que a pornôgrafia, ela é justamente isso, assim, ela, a pornôgrafia é a pedagogia da violência sexual. E eu não gosto nem dessa expressão violência sexual, porque parece que existe uma violência

particular naquele tipo de sexo, assim, mas que no outro não, né. E eu não tô querendo dizer aqui que todo tipo de sexo é violento sempre, mas eu digo que institucionalmente, eh, e, e socialmente, a maneira como a gente entende sexo é violenta. É isso que eu tô querendo dizer. Mas existem possibilidades de a gente criticar isso? Sim, mas só observando que há, eh, eh... que o sexo como a gente conhece é uma construção social, que é uma construção social que serve pra violentar mulheres. Então, é, eu acho, eu sou, enfim... o feminismo radical como um todo é crítico à pornografia, né, eh, as bases da pornografia tem, enfim, desde um tipo de literatura específica, voyeurista, eh, eu recomendo muito um livro de uma autora chamada Barbara Dorc, que é uma feminista radical, que é um livro todo sobre pornografia, né, e, enfim, ela vai traçar historicamente o que é a pornografia, e ela vai falar que o problema hoje, eh... assim, que hoje você tem muito, eh, uma crítica, ou um discurso da pornografia como um discurso, uma narrativa, né, que é o que tá acontecendo muito agora com pós-modernidade e estudos pós-modernos, que é você trabalha no simbólico, no discurso, e fora das relações materiais, né. E o que acontece é que ela vai simplesmente trazer isso pro plano material e falar não, olha, eh, a pornografia é uma narrativa, é um discurso, mas mais que isso, ela vai influenciar diretamente como na prática você vai pensar o que é o sexo. Mas mais que isso, tem efetivamente, mulheres de verdade ali, sendo abusadas, que são estupradas. Existem muitos grupos de ex-mulheres que, que... estavam na pornografia, né, e, eh... e esses grupos são, enfim, muito importantes, de você ler os relatos, de você ver que essas mulheres começam geralmente antes dos dezesseis anos, né, porque é muito curiosa essa separação: quando eu tenho dezesseis eu sou, eh... não pode fazer violência comigo, mas com dezesseis tudo bem. Isso é muito curioso, assim, que nem a prostituição, antes dos dezesseis era tráfico, mas depois dos dezesseis não, eu vou por vontade própria. Todas as mulheres prostitutas com quem eu conversei até hoje, elas começaram aos catorze, quinze anos. Alguém chega e pergunta pra elas, ai agora que você fez dezesseis anos você quer continuar? Não faz nenhum sentido, assim, sabe. Isso, é... é desde a mais tenra idade, você vai ser violentada o tempo inteiro independente do que aconteça, e é aquilo, essas mulheres, elas são desde pequeninhas, todas somos desde pequeninhas incentivadas a que? A serem sensuais, a serem exuberantes, a gostarem desse sexo, né, que é violento e é pesado, e, enfim, que é extremamente doloroso; e de aceitar isso e de achar isso bom, né. E aquelas que não aceitam, elas vão pras drogas. Ou até mesmo aquelas que aceitam

vão pras drogas, né, por serem extremamente exploradas pelo produtor, pelo diretor e pelo, enfim. E é aquilo, a gente não acredita que há violência na pornôgrafia, assim como na prostituição, há violência na prostituição. Não é que há, elas são violência em si já, ali você já tem uma violência. Então assim, se você for procura relatos de sexo, como realmente funciona, eh, a, a... a indústria pornôgráfica, que é uma das indústrias, eh, enfim, indústria cultural que mais gera, eh, dinheiro hoje no mundo inteiro, é um negócio assustador, assim, né. E você tem desde as questões do soft porn. né, que é considerado mais natural, da, do chamado pornô feminista, do pornô terrorista espanhol, você tem o gore e milhares de variações. E o que todas tem em comum? As mulheres são violentadas. Isso é comum em todas, então assim, esse, isso, essa questão de, tipo, as mulheres tarem pedindo comercialmente que haja mais fantasias e sedução, aquilo mais próximo da normalidade, da suavidade, aquilo permanece na relação objeto, permanece um voyeurismo, né, de você observa aquela, né, aquela situação, eh, como se fosse natural, porque aquela mulher ali não tá nessa situação naturalmente, e segundo, acha que o natural de uma relação sexual, ele também não é violento, porque a gente tá numa sociedade patriarcal. Então, eu acho que tem que tira um pouco isso. Não é porque é suave e tem amor romântico que é menos violento. Claro que acho que existem graus, né, de, enfim, existem... enfim, eu não vou fica aqui encadeando o que é pornô gore, o que é sadomasoquismo, mas enfim, tem muitas categorias de pornô e eu temo que eu particularmente tenho que estuda mais assim, e meche muito com a gente, assim, tem muita violência, eh, mas isso é tão terrível que eu vô dice uma coisa pra vocês já que a gente tá fazendo entrevista, mas é tão terrível que eu, por exemplo, sou uma ativista antipornôgrafia, mas se vocês colocarem um pornô agora na minha frente, eu vô fia exitada. (pausa breve) E eu tô falando isso pra dizer que o papel da socialização ele é tão pesado, ele tá tão além do que a gente consegue individualmente ultrapassa, que eu sei que aquilo é violento, eu sou completamente contra aquilo politicamente e tenho todas as críticas, eu tenho bases pra ter essas críticas, e mesmo assim aquilo pode afeta meu corpo de uma forma que eu não quero. (pausa breve) Então é isso, assim, é a desculpa do estupro do cara que vai dice ai você tava molhada, então você quis, sabe, porque é isso, a gente foi socializada por esse processo de extrema violência pra considera prazer como dor. (pausa) Aliás o contrário, dor como prazer. Então eu acho que é bem pesado. Eu não vejo como fala em pornôgrafia feminista, eh, possa ser algo positivo, porque pra mim não faz sentido pega algo que é justamente uma ferramenta

patriarcal, no patriarcado e transforma em alguma coisa menos ruim. Vai continua ruim, ainda vai continua ruim, porque a gente tá no patriarcado. É que nem eu falei da questão da roupa, sabe, não dá pra agora eu vô me reapropria e ressignificar, né, como o pessoal fala bastante, vou ressignificar o meu corpo ali fora. O que vai acontece é que, infelizmente, a gente tem que pensa na recepção e naquilo como uma questão política, né. Então não adianta eu individualmente tira a minha roupa ali fora, e isso eu não tô falando que ah eu vou ser estropada porque eu tava nua, pelo contrário, eu posso, eh, a gente sabe que as mulheres podem ser estupidadas o tempo inteiro, independente de qualquer tipo de vestimenta. Mas o que eu tô falando é a questão de você isso ativamente como uma estratégia e ferramenta política. Não funciona, a gente tá no patriarcado, não somos livres, ainda.

Tainá: O que você considera como estupro?

Heleieth: Nossa, essa pergunta é difícil. Parece fácil, né, mas eu acho essa pergunta muito difícil. Bom, eu acho que, eh, eu (pausa). Acho que eu toquei um pouco nisso também quando eu falei da questão do estupidador como sendo ai o cara que tá ali atrás da moita e tal, e eu participei, eh, dum livro, da pesquisa Mulheres e Espaços Público e Privado, né, e tem várias informações muito bacanas lá, assim, muito tristes, mas é uma fonte muito importante de material de pesquisa e tal, e nesse, nesse, eh... mostrava, por exemplo, eh, o grau de proximidade das mulheres que haviam sido estupidadas, ou o graus de proximidade de mulheres que haviam sido, eh, enfim, violentadas, sido espancadas, etcetera, que sofreram alguma violência física. E a gente sabe que o grau de proximidade geralmente é muito alto. São pai, são amigos, são maridos, esposos, namorados, primos, eh, tio, vô e, enfim, os casos que geralmente vem pra gente é isso. E isso a gente tá falando daquilo que a gente consegue percebe como estupro, porque foi aquilo que eu falei pra vocês da, do doloroso que é você percebe que o amor romântico, eh, ele é justamente uma possibilidade de ser outra ferramenta pra mascara relações violentas. Então, aquela coisa do ciclo da violência, né. A gente sempre vê isso, ah, mas dá flores, né, o amor vem, não sei o que, conhece, incrível, ai da qui a pouco xinga, bota pra baixo, vai acabando com a autoestima. Não, não, desculpa, não sei o que, flores, nã, nã, sofre a violência, depois vem a lua de mel, né, e isso vai acontecendo. Isso vai acontecendo, vai acontecendo, né. E ai você não, mas tá tudo bem, né, a gente não quer vê que é violento, porque quantas vezes a gente deixo, a maior parte das mulheres que eu conheço deixo toda a vida, deixo de fazer tudo, né, pra

se dedica, né, pra o amor. Se afasta de outros grupos, de outras coisas pra se dedicar ao amor, porque é isso, né, isso é uma questão política também. A gente é criada pra ser, pra a gente ser do amor, da paixão, né, pra se completa, da metade de laranja, né. Então, eh, como que a gente vai vê que tudo isso que a gente foi criada, que foi a maior realização da vida, foi estupro? E, assim, a própria forma como o sexo é visto na sociedade né, a própria maneira como se faz sexo, né, eh, pensando nas relações heterossexuais, eh, ela nunca... como você parte de uma relação entre desiguais pra ter um sexo igual? Não é, e tem uma relação de poder ali. Sempre tem que percebe dentro duma relação qual é, quais são, de que grupos sociais você faz parte, né. E em todos os momentos daquele relacionamento, você percebe que ali vai ter uma relação de hierarquia. Mesmo que seja com amor, e principalmente às vezes que seja com amor. Porque é isso, o amor não é suficiente, e mais do que isso, ele pode ser uma ferramenta pra violenta, né, mais fácil, mais dificuldade de sair. Por isso é que a gente fala que é muito difícil que as mulheres se vejam como uma classe. A gente não consegue se vê como uma classe, porque o tempo inteiro a gente tem que tá ligada a nossa classe antagônica. A gente é preparada a vida inteira pra tá com a classe antagônica e competindo entre a gente. Aquela sensação de mal estar, né, de ter que ser a mais bonita, de ter que ser a mais aceita, de ter que ser a mais legal, de ser a mais querida, é uma constante competição, né. Tem brincadeiras, tem, eh, como se chama, (inadível) de classes populares de mulheres competindo umas com as outras, isso tá como se fosse dado, assim, entre a gente. Então, eh, é muito complicado, né, reconhece quando você viveu um estupro, assim, se você foi a vida inteira, eh, criada, feita e pra se senti completa quando o seu antagonista, né, se sentisse. E eu não tô falando individualmente, né. Eu não tô falando ai vamo matar homens individualmente, tipo, os homens são inimigos individualmente. Não é isso que eu quis dizer. É de grupo social mesmo. e também, às vezes, individualmente, a maior parte, né, (riso), infelizmente. Mas, enfim, eu acho que o que é mais difícil... Estupro, acho que pra mim não é necessariamente a, o... ou aquela representação de o pênis na vagina. Não, porque até de acordo com a lei não é só isso, mas é justamente... eu acho que tem toda uma preparação pra todas as mulheres serem estupradas de alguma forma. Sabe, é difícil encontrar uma mulher que... que por exemplo veja as coisas como uma feminista radical e que não enxergue alguma experiência de violência sexual na sua vida, né, considere ela estupro ou não, né, enfim, desde o assédio na rua, desde, enfim, uma ai fica com ele, não sei o que, todo mundo

fica empurrando e tal, até um cara que pula na rua e vai e estupra, ou até o marido que vai e fala é obrigatoriedade marital, ou ai é a lua de mel, todo mundo sonha com isso, eu tenho que sonha também. Silêncio, dor de cabeça, e aí, qual é o limite do estupro? É muito difícil. Eu acho que o limite do estupro tá na consciência das mulheres.

Tainá: Pra termina, a gente queria fazer umas perguntas socioeconômicas. Às vezes as pessoas falam em classes sociais. A qual classe social você diria que pertence?

Heleieth: Bom, agora que minha mãe tá desempregada e que eu vô ter que sai desse apartamento, e eu tô indo pro CRUSP, e tô tendo que trabalha pra paga as contas, eu diria que sou média-baixa.

Tainá: Você costuma acessar a Internet, ainda que de vez em quando?

Heleieth: Sim.

Tainá: Onde?

Heleieth: Eu acesso aqui e no meu trabalho. às vezes cai bastante aqui, mas dá pro necessário.

Tainá: Você está estudando atualmente?

Heleieth: Sim. Beirando o jubileamento. (risos)

Tainá: Qual foi a última série ou ano de estudo que você completou?

Heleieth: É o sexto ano da graduação

Tainá: Considerando todos os seus anos de estudo, você estudou: só em escola pública, só em escola particular ou estudou em escola pública e particular?

Heleieth: Escola pública e particular, mas particular com bolsa.

Tainá: Qual faculdade você cursou/ está cursando?

Heleieth: USP. Mas eu cursei, eh, um ano de jornalismo também, eh, na universidade de Mogi das Cruzes.

Tainá: Pensando nos seus pais ou responsáveis que te criaram, até que ano da escola sua mãe/madrasta estudou?

Heleieth: Eh, enfim, eu falo a minha mãe ou a minha madrasta?

Luana: A que você quiser.

Heleieth: Tá, então eu posso fala a que eu quiser. A minha mãe biológica, ela foi até o ensino médio e a minha madrasta, ela foi ao ensino superior completo.

Tainá: E seu pai?

Heleieth: Ensino superior completo.

Tainá: No Brasil tem gente de várias cores ou raças. Você diria que a sua cor ou raça é qual?

Heleieth: Branca. Com todos os privilégios.

Tainá: Atualmente você faz algum trabalho remunerado?

Heleieth: Sim,

Tainá: Qual o cargo/função que você ocupa hoje?

Heleieth: Agora eu sou secretária, professora e bolsista de pesquisa.

Tainá: Falando novamente de seu pai, qual era a ocupação ou atividade principal que ele exercia quando você tinha 15 anos?

Heleieth: Quando eu tinha quinze anos (pausa) acho que ele já era, ele tava ainda como médico plantonista.

Tainá: Esta foi a ocupação que ele exerceu por mais tempo?

Heleieth: Foi.

Tainá: Qual era a ocupação ou atividade principal de sua mãe quando você tinha 15 anos?

Heleieth: Minha mãe é dona de casa.

Tainá: Esta foi a ocupação que ela exerceu por mais tempo?

Heleieth: Foi.

Tainá: Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, considerando salários, benefícios, aposentadorias ou qualquer outra fonte de ganho, de quanto foi aproximadamente a renda na sua casa no mês passado? (entrevistadora apresenta o papel com as faixas de renda).

Heleieth: A terceira.

Tainá: Se não for incomodo, gostaríamos de saber sua orientação sexual.

Heleieth: Eu sou bissexual.

Luana e Tainá: É isso. Muito obrigada.

Heleieth: De nada, e desculpa a demora.

Tainá: Imagina.

Luana: Muito obrigada por compartilha a sua história.

ENTREVISTA COM PAGU – MANAS CHICAS

Luana: Tá... Eu não sei se você tá sabendo um pouco do nosso trabalho?

Pagu: É... falaram que era sobre organização feminista...

Luana: Isso. É, a gente tava pesquisando histórias de mulheres militantes feministas e a identificação que elas tem com as suas coletivas. E assim, tudo o que você falar pra gente é válido, não existe resposta certa ou errada, e assim, se você não se sentir confortável com alguma pergunta você pode não responder, tá.

Pagu: Tá bom.

Luana: Sua família tem história com alguma militância?

Pagu: Hã... Infelizmente sim. Minha vó já foi do PSDB e acho que tinha um tio avó lá que também foi... agora eu... Da outra família da parte do meu pai... da minha mãe, quer dizer, que foi ministro da fazenda. E acabou a coisas (risos).

Luana: Entendi. E você acha que a sua família influenciou você a ser militante feminista?

Pagu: Hã... Eu fiquei com muita raiva da minha família (risos). É, de algum jeito influenciou, mas bem diferente.

Luana: Você participa de algum outro movimento social?

Pagu: É... Atualmente eu participo da Frente Feminista também, além do Manas Chicas e coletivo feminista da Sociais, Lélia Gonzales. Mas fora outros movimentos feministas eu só vou em ato, essas coisas quando tem. Ainda não to participando em nada.

Luana: Entendi. E sua família apoia a sua militância?

Pagu: Ah, eles tem alguns medos, principalmente em alguns casos em que ações, quando é mais perigosa. Mas eles também sabem que não dá pra ser contra, que não ajudaria em nada (risos). Então eles apoiam vai... Mais ou menos, mas deixam pelo menos eu fazer tudo o que eu quero (risos).

Luana: Entendi. E você já teve algum contato com outro coletivo feminista? Você falou que participa, né, de outros. Qual foi o primeiro que você teve contato?

Pagu: Então... O primeiro coletivo, coletivo acho que foi o Lélia, mesmo. Na minha antiga escola, no ensino médio eu fazia parte de um coletivo que não era feminista ... É... Era horrível, era tipo um pseudo esquerda (risos). Mas daí lá a gente começou a fazer uma organização pra conseguir uns debates feministas e daí eu comecei por lá a organizar e trazer pessoas de outros movimentos feministas pra irem na escola fazer debate. Dáí depois, quando eu entrei na faculdade, que daí eu tive contato.

Ah, e o primeiro foi com a Frente e depois com o Lélia! O Lélia não existia ainda quando eu entrei.

Luana: Ah, entendi. E há quanto tempo faz que você entrou nele?

Pagu: No...?

Luana: Na Frente.

Pagu: Ah, na Frente foi no final do meu primeiro ano, então uns quatro anos atrás.

Luana: E nas Manas Chicas, quanto tempo?

Pagu: No Manas Chicas faz uns dois anos, por aí.

Luana: Entendi. E qual a sua opinião sobre outras correntes feministas?

Pagu: Ah... Depende. Eu acho que assim, eu admiro o trabalho de muitas das feministas, mas também eu me preocupo com algumas coisas que são postas como feminismo e que pra mim não é feminismo, não é nem outra corrente do feminismo, simplesmente não é feminismo. Então quando falam “ah, feminismo liberal” pra mim muito do que é posto pelo feminismo liberal simplesmente não é feminismo. Eu não acho que tem como considerar, por exemplo, o que a Beyoncé fez de pole dance, aquelas... uma apresentação enorme, que tinha várias coisas desde pole dance, hiperssexualização das mulheres, objetificação das mulheres e daí vem ela e feminista traz... Eu não acho que aquilo dá pra considerar como feminismo. E eu problematizo os textos dos posicionamentos das feministas solícitas, mas alguns momentos eu não acho que algumas outras assim são feministas.

Luana: Entendi. E quando você conheceu a Manas Chicas, especificamente?

Pagu: Ah, eu conheci na Lélia. Já tinha uma mulher que era do Mana Chicas que tava lá e foi por lá mesmo, por ela.

Luana: Entendi. E da onde surgiu a vontade de você participar de coletivas feministas? Foi em algum momento marcante pra você?

Pagu: Não... É... Sei lá, quando eu tava no ensino médio eu nem pensei em coletivas, sei lá, pensei em entrar em alguma organização. Na época eu só conhecia a Marcha e a Sof, mas daí eu entrei na faculdade, depois quando surgiu o Lélia foi “tá dentro”, não foi não muito assim... chocante.

Luana: Entendi. E nas Manas, especificamente?

Pagu: As Manas Chicas foi quando o Lélia pra mim não foi suficiente porque eu queria uma coisa mais organizada, mais centralizada, mais um tipo de organização e eu queria alguma coisa com teor, que fosse mais profunda, que eu pudesse discutir. E o

coletivo de curso é uma coisa incrível, mas tem suas limitações porque a gente... Todo ano você tem que refazer algumas discussões e por conta disso você não consegue criar um coletivo que vai ao ponto de certas discussões. Então, pra mim, entrar no Manas Chicas foi um jeito de conseguir isso também.

Luana: Entendi. E o que você mais gosta da coletiva Manas Chicas?

Pagu: Eu acho que o fato de ser uma coletiva feminista radical, porque no momento tem muito pouco e é uma das discussões que realmente precisam e que ninguém tá fazendo. Desde problematizar o aborto por uma perspectiva diferente até... Sei lá, falar sobre prostituição, pornografia, que também ninguém tá falando, a não ser quando vai falar fala de pornografia feminista, que pra mim há uma contradição entre as duas palavras, não existe (risos). Mas é, acho que esse caráter de feminista radical que vai em alguns assuntos que os outros feminismos vão é uma coisa que eu gosto muito.

Luana: Entendi. Qual é a importância que você dá da coletiva pra sociedade?

Pagu: Pouca. A gente é muito pequeno e eu tenho que reconhecer os limites (risos). Mas eu acho que a gente tá conseguindo mais visibilidade, a gente tá se articulando com outros coletivos pelo pai, então tá melhorando, mas a gente ainda é pequeno, não tem como negar isso.

Luana: Entendi. Qual é a importância da coletiva pra você?

Pagu: Ah, é a maior importância. Da minha vida, é a maior importância. Sei lá, eu, por exemplo, só quero um trabalho que não me vai atrapalhar a minha militância (risos). Hoje em dia eu penso nisso (risos). É, a prioridade número um já faz um tempo que é a militância.

Luana: Entendi. E qual as pautas principais das Manas Chicas?

Pagu: Acabar com o patriarcado. Acabar com o sistema de dominação e exploração masculina.

Luana: Ok. Eu vou fazer algumas perguntas agora de coisas que aconteceram. Você ficou sabendo da polêmica que aconteceu entre as cantoras Pitty e Anitta no programa Altas Horas?

Pagu: Não.

Luana: Ah, enfim, então deixa pra lá (risos).

Pagu: Não, eu tava... A gente tá com um festival então foi... Assim... Umas semanas assim caóticas só pensando nisso (risos).

Luana: Uhum. É, eu perguntar sua opinião sobre isso, mas enfim. Qual sua opinião sobre identidade de gênero?

Pagu: É, então, a gente critica identidade de gênero porque na nossa perspectiva gênero não é uma coisa individual de identidade, gênero é uma construção social que é imposta às pessoas.

Luana: Entendi. Você viu a charge que o Lattuf publicou sobre o feminismo radical?

Pagu: Sim, vi, vi.

Luana: E o que você pensa sobre isso?

Pagu: Ah, ele não entendeu o que é radical e um homem com medo de feminismo radical não vejo problema, não. Sei lá, é um pouco isso: querem muito (os homens, principalmente) que o feminismo não seja contra homens e contra só o machismo que pode ser qualquer um, que pode ser até as mulheres, que pode ser... Que tá voando no céu, parece. Mas, feminismo... Os homens tem um poder sobre as mulheres e falar sobre isso eu acho importante e não acho que seja uma coisa que as feministas devem se esquivar ou não falar muito. A gente tem um problema com a dominação e exploração dos homens.

Luana: Entendi. E aí depois ele publicou essa se retratando. Qual é a sua opinião sobre essa retratação?

Pagu: Ah, a nota eu acho que não foi aos pontos que precisava ir, e depois ele publicou... Ele já publicou tanta coisa problemática que eu acho que não justificou. E não é simplesmente só porque ele é homem que ele não pode fazer isso, e não era um erro de interpretação, ele realmente tem problemas nessa imagem e ele não tava entendendo.

Luana: Entendi. E numa apresentação, que você chegou a comentar, né, que a Beyoncé colocou a palavra “feminista” em um telão e tem também um grupo de funk carioca, a Gaiola das Popozudas, que lançou a música “A porra da buceta é minha” em que ela fala que tem relações com ela quiser, né. Qual a sua opinião sobre essas duas manifestações?

Pagu: É um pouco da questão do liberalismo sexual, que por um lado sim, é um avanço pensar “a porra da buceta é minha”? É, mas o problema disso é a ilusão de que “só porque eu quero eu sou livre” que não é uma verdade, ou “ah, eu que escolhi dançar até o chão, eu que escolhi usar roupa decotada, eu que escolhi isso, eu que escolhi

aquilo”. E o que a gente sempre fala é: você, sinto muito, não tem muito poder de decisão numa sociedade patriarcal, porque a gente tá em um contexto, e o contexto afeta as nossas decisões. Então o jeito que a gente foi educada, o jeito que a gente foi criada vai afetar as nossas decisões, e você falar que você que escolheu o batom vermelho, então não é culpa do patriarcado, não é culpa de sei lá o que... A questão é que o patriarcado te formou quem você é, então essa liberdade sexual que vai pelo “eu quero, então eu sou feminista e eu posso fazer porque agora eu que escolhi, então não é uma hiperssexualização para os homens porque eu que escolhi” é uma falsa ideia, que não existe. Então... Tá, “a porra da buceta é minha” é uma frase legal, mas ela tá junto com uma hiperssexualização das mulheres. É a mesma coisa com a Beyoncé, ela falar “feminista” é muito legal porque um monte de gente viu a palavra “feminista”, mas isso atrelado a uma hiperssexualização pro prazer masculino, que ela tava reproduzindo um pensamento machista, não ajuda.

Luana: E qual o seu posicionamento sobre o aborto? Tem alguns casos que ele não é aceitável? O que você acha sobre isso?

Pagu: Não, aborto legal sim. É, a gente defende aborto seguro, legal e público, gratuito. A gente soltou um texto sobre aborto há um tempo atrás que ele... A gente acha que tavam falando assim... Tá indo muito a ideia, nas feministas, de falar só as frases de efeito e não problematizar a fundo, então a gente não tem como falar de aborto sem falar de maternidade compulsória, sem falar de heterossexualidade compulsória, sem falar de como... Porque que muitas mulheres tão ficando grávidas. Então a gente é a favor do aborto com certeza, mas a gente acha que também tem que problematizar por que que essas mulheres tão ficando grávidas e precisando do aborto antes, sabe. E é mais do que simplesmente a necessidade de haver educação sexual nas escolas (que isso tem que haver, e não tá havendo), mas também uma problematização da heterossexualidade, uma problematização da maternidade precisa haver na criação das... Porque a gente precisa de uma problematização do patriarcado, né, nas escolas, e isso não tá acontecendo. Então muito mais do que o aborto ser legalizado, a gente precisa mudar toda uma cultura, todo um sistema de dominação.

Luana: Entendi. Não sei se você chegou a ver uma matéria que foi publicada na Folha de São Paulo em dezembro do ano passado com o título “Mulheres querem pornô com mais naturalidade, realismo e enredo”. E aí foi divulgada uma pesquisa feita pela Playboy TV que o número de assinantes mulheres aumentou chegando a 54% dos

assinantes e eles falam que isso influencia outro resultado da pesquisa, que 63% das pessoas interessadas em programas eróticos preferem cenas mais naturais. O que você pensa sobre isso?

Pagu: Ah, eu sou contra a pornografia de qualquer jeito. Assim, a pornografia... Ela é uma forma de exploração das mulheres. E o fato das mulheres estarem consumindo mais pornografia volta praquela discussão sobre escolha. Elas tão consumindo mais um sexo pro prazer masculino e isso não quer dizer que é pra elas, isso só quer dizer que elas vão ficar ainda mais nessa ideologia de ter que agradar o homem e não ajuda, assim, a pornografia ser mais leve, “ai, agora a pornografia é mais natural, mais sei lá o que” não importa, ainda é o sexo por dinheiro consumido, ainda tão... E existe essa pesquisa aí, mas também existem outras pesquisas que mostram que nos sites, tipo, de pornografia o mais vendido é o gonzo, que é a pornografia mais dura, que é “as mulheres tem que apanhar”, tem várias coisas, que é o body punishing, que é o mais pesado no corpo das mulheres. Então, assim, pornografia nunca é bom, sempre é exploração sexual das mulheres.

Luana: E o que você considera como estupro?

Pagu: Estupro? Estupro é um sexo não consentido e é uma arma dos homens contra às mulheres. Então... Deixa eu ver como explicar isso... Estupro, ele é mais do que simplesmente um cara que de vez em quando tá escondido e vai lá e ataca uma mulher que ele nem conhece. Estupro, ele acontece sistematicamente na vida das mulheres e toda mulher vai ter alguma experiência com o estupro, seja o estupro, seja o medo do estupro. Então toda mulher pelo menos tem o medo do estupro na vida constante. Então você não sai de noite porque você tem medo de ser estuprada, ou, sei lá, você não vai beber muito porque você tem medo de ser estuprada porque você não confia no seu amigo e você não tá com nenhuma menina junta. Então, tudo isso. Estupro é uma forma dos homens terem sempre... Da violência masculina estar sempre aí. É um pouco isso. E a gente sempre tem que problematizar o que é consentimento numa sociedade patriarcal, porque as mulheres muitas vezes... Tá, ela falou sim, ela falou não, ela não falou nada, mas ela foi educada desde criança que pra ter um casamento feliz ela tem que transar, ou porque... O namorado ela tem que transar que nem uma atriz pornô. Então o que que é consentimento aí? É o fato dela ter dito sim, é o fato dela até ter seduzido o cara? Ou será que ela não quis porque.... mas ela sentia que

tinha que fazer, como elas foram educadas, que elas tem que tá sempre servindo os homens sexualmente?

Luana: Certo. Eu vou fazer algumas perguntas sobre você, tá?

Pagu: Tá.

Luana: As pessoas falam em classes sociais. A qual classe você diria que pertence?

Pagu: Tá... Nossa, é meio complicado isso porque os meus pais, eles não detém meios de produção, não detém nada disso, então não são tecnicamente burgueses, nem são operários nem nada perto assim. Eu sou muito privilegiada. Embora eu trabalhe, eu ainda sou muito dependente do dinheiro deles, então eu não escapei desse negócio ainda (risos). Mas é, não são burgueses, mas também não são nem perto de proletários.

Luana: Tá. Você costuma acessar a internet?

Pagu: Sim.

Luana: Onde, assim, você acessa?

Pagu: O que?

Luana: No celular, em casa, no trabalho?

Pagu: É, celular e... Bom, trabalhar, trabalho em casa... O celular e em casa.

Luana: Entendi. E o que que você... Qual a sua ocupação no trabalho?

Pagu: Ah, eu sou confeitadeira, então eu faço entrega de bolo.

Luana: Entendi. Você tá estudando atualmente?

Pagu: Sim.

Luana: Você tá em que ano?

Pagu: Eu to mais ou menos no quarto (risos).

Luana: De Ciências Sociais na USP, né?

Pagu: Sim.

Luana: E considerando os anos que você estudou, você estudou na maioria em escola pública, privada, os dois?

Pagu: Privada. Muito pouco em pública.

Luana: Tá, faculdade você tá cursando... E seus pais, até que ano eles estudaram?

Pagu: Os dois têm ensino superior completo.

Luana: Tá. Eles trabalham com o que?

Pagu: Minha mãe é enfermeira da rede pública e meu pai é engenheiro.

Luana: Essa é a ocupação que eles exerceram por mais tempo?

Pagu: Foi.

Luana: Tá. Você diria que a sua cor/raça é qual?

Pagu: Branca.

Luana: Somando a sua renda com as pessoas que moram com você, qual foi aproximadamente a renda do mês passado? Aqui tem algumas faixas.

Pagu: Tá... É... O onze.

Luana: Se você não se sentir incomodada, pra completar você podia falar a sua orientação sexual?

Pagu: Lésbica.

Luana: Ah, eu vou te contar um pouco como foi com a Anitta e a Pitty e aí... Não sei se você pode ver a opinião. A Anitta tava falando sobre que ela vê na noite mulheres ficando com vários caras, e assim, ela meio que falou que a mulher tem que se dar o respeito, então se o cara julga aquela mulher ele tá certo. E a Pitty interrompeu e disse que ele não tem que achar nada, que ele tá errado, que a mulher faz o que ela quiser. O que você acha sobre isso?

Pagu: Espera aí, explica... O que que a... A primeira que falou é a Anitta?

Luana: Isso.

Pagu: O que que ela disse?

Luana: Que ela vê na noite, né, mulheres ficando com vários caras e que ela acha que a mulher tem que se dar o respeito, que se um cara julga uma mulher que tem essa atitude, ele tá certo.

Pagu: Uhum. E a Pitty falou que ele não tem achar nada?

Luana: É, que ele tá errado, que a mulher tem que fazer o que ela quiser.

Pagu: Não, o que a gente fala é: a gente acha que de vez quando tem uma valorização da hiperssexualização, então “ai, que legal, você é feminista você fica com vários caras, vai pra balada”. Não é uma hiper... A gente acha que não deve haver uma hiperssexualização, mas a gente é totalmente contra essa frase que a Anitta falou, a gente não acha que tem que valorizar um pensamento conservador de “ah, você pode só ficar com um cara e casar virgem”. Essas coisas também fazem parte do patriarcado tanto quanto uma hiperssexualização. É um pouco isso.

Luana: Entendi. Bom, foi isso, muito obrigada por você ter compartilhado as suas ideias, sua história. Obrigada mesmo.

Pagu: Ah, relaxa.

ENTREVISTA COM ANA – MARCHA DAS VADIAS

PARTE I - VIA LIGAÇÃO COM WEBCAM NO FACEBOOK

Rafaela: A sua família tem alguma história de militância?

Ana: Não, não.. Não, na minha família, absolutamente (nn)nenhum contato com a militância, nem muito com a política também e.. ninguém, assim..

Rafaela: E esse, o fato da sua família não ser militante influenciou você querer ser militante?

Ana: (pausa) Putz. (pausa) Não sei, assim, éé, eu acho que a história, a minha história de vida acaba me levando pra militância, é, então talvez tenha alguma coisa a ver com o fato de militar, assim.. Eu venho de uma família de pessoas muito simples, meu pai (nome do Pai), minha mãe (nome da Mãe) estudaram até o primário, a minha vó materna assina usando a digital, não sabe absolutamente nada. Éee, eee é uma situação de pessoas que sempre tiveram a margem... Hoje eu consigo racionalizar isso muito bem, assim.. parte da minha infância, por muito tempo, eu não tinha formado o sentimento de lugar, de meu lugar social, assim, qual qual, qual era, então, é, éee, essa situação de (pausa) puf (barulho) (pausa) eu ia falar pobreza, digo, eu falei pobreza, mas é, pensando mais no sentido de (pausa) éee.. A Hannah Arendt tem uma definição de pobreza e miséria, que eu acho muito interessante que ela fala que é, não é só a falta, mas é a carência de uma série de coisas que levam a estar sem, não estar bem com o corpo. Então eu acho que é um pouco disso, essa, essa, essa situação social da minha família e de pessoas a margem e,e , e pobre, de lutar todos os dias para cada dia sobreviver, éee.. (pausa) É, gera uma situação familiar um pouco complicada. Então eu talvez até adiante alguma coisa aí na frente mas enfim, eu, eu, eu tenho histórico de abuso familiar, abuso sexual, é, por uma situação de tios morando na casa com a genteee, ée, casamento da minha mãe e meu pai também muito conturbado.. Então, é, essa situação de abuso, negligência, ee, que eu, que eu acho que tem muito a ver com, com condição social e essa história do abuso é, mais pra frente eu acho que, que, acho não, é o que faz eu me identificar com a Marcha das Vadias, é o que faz com que eu tenha nesse coletivo a referência de luta que é, que é onde eu consigo colocar toda a minha dor e ver, ver isso sendo, é, transformador também. Então é, a não culpabilização da vítima, acreditar na palavra da vítima, é, lutar comigo mesma pra, pra, entender que a culpa não foi minha.. Isso tudo é bandeira da Marcha, então tudo é a minha história de

vida, por isso eu já testei, procurei outros coletivos, antes de conhecer a marcha, antes da marcha começar.. Procurei outros coletivos para militar, tentei outras aproximações mas é, num, num rolou assim, não deu, não me identifiquei com nada como com a Marcha, assim.. com a identificação que acontece com a Marcha. Ée, (pausa) não sei se eu respondi sua pergunta, se eu fui longe de mais (risos)

Rafaela: Respondeu sim, respondeu sim, adiantou mas depois a gente vai voltando, é, e de outro movimento social, sem ser a militância feminista você participa? Participou?

Ana: Não. Não. Assim, fui nos protestos do ano passado, já tive em outros protestos em outros momentos, mas não vinculada a nenhum grupo, só como, como, sabe? só pra apoiar, como, como, coisas que eu acreditava, mas não... Quer dizer! Agora, (risos) é, depois da maternidade já me deram parabéns pela minha militância pelo parto humanizado, é uma coisa que eu nem tinha consciência que eu tava fazendo é, mas, eu também não tô em nenhum grupo assim, sabe? Mas é uma outra coisa que tá, é, junto, que eu consigo também alinhar as coisas da Marcha porque é autonomia do próprio corpo, respeito ao corpo da mulher e tal. Então, eu não sei, tenho que pensar se eu tenho uma segunda militância ou não.

Rafaela: Certo, e a sua família apoia sua militância de alguma forma?

Ana: (pausa) Hm, eu acho que minha família não sabe direito, assim, eu já tentei falar umas coisas com a minha mãe e as vezes falo com ela sobre feminismo, é, a gente troca algumas figurinhas mas assim, as vezes, ela, eu acho que ela não sabe direito, que, que ela não tem muita direção e eu nunca sentei pra falar “olha, eu sou militante” meu irmão sabe que eu sou feminista, sabe da minha relação com a Marcha das Vadias, mas ele é meu irmão mais velho também. A minha cunhada que conversa sobre feminismo é, mas eu nunca perguntei assim o que eles acham, e eles nunca falaram.

Rafaela: Você disse que já tinha entrado em contato com outras coletivas antes da Marcha das Vadias, quais foram eles, elas, as coletivas?

Ana: Foi.. Foi a Marcha Mundial das Mulheres é, e eu cheguei, foi bem, foi bem antes assim, bem pouco antes de conhecer mesmo a Marcha das Vadias, eu fui no hotel onde é a sede da SOF na Vila Madalena, falei da minha, do meu, eu to agora num mestrado, antes era só um projeto, uma pesquisa que eu queria começar mas não tava ainda no mestrado, falei do meu interesse pelaquele (sic) trabalho do, do feminismo e que eu queria militar e tal, e acabo que me coloquei como voluntária e acabou que não

rolou, porque a SOF, a Marcha Mundial de Mulheres tem eu acho que um outro, uma outra pegada assim, da, da, de militância. E no final eu nem sabia direito, eu só fui entender mesmo é.. as coisas que eu gostava e que eu não gostava de militância quando eu entrei pra Marcha, assim. Eu acho que depois teve, teve uns outros lugares que eu entrei em contato, eu não me lembro mais, e também não tive retorno.. não consegui chegar nos lugares direito.. Enfim, eu conheço o feminismo há 26 anos, eu sou formada em Jornalismo, atualmente eu faço uma pesquisa de mestrado na USP sobre, na ECA, sobre é, como a imprensa cobre os casos de violência de gênero e essa pesquisa veio antes da militância mas é, ela foi,é, eu sai de um trabalho que eu tinha como assessora de imprensa pra me dedicar a pesquisa. Nesse caminho a militância começou a ficar muito importante pra mim, começou a fazer muito sentido o feminismo prático, mas o feminismo entrou na minha vida quando eu tinha dezoito, quando eu comecei a estudar na faculdade, dos 18 até os 33 eu.. não tinha muitos pares, assim.. Nessa época de faculdade, eu sou de Belo Horizonte, eu tinha uma ou outra amiga que dava pra conversar, o feminismo não era uma coisa “à mão” como eu acho que é hoje, não tinha rede social, então o feminismo não tava ali assim. Eu, era com uma certa dificuldade que eu chegava a algumas coisas, bandas feministas, ah, o feminismo chegou pra mim pelo, pela terceira onda, pelas wild girls. Uma das primeiras bandas que eu ouvi aqui era a Dominatrix, que me levou muito pro feminismo. É.. depois é, Courtney Love, né? E daí que foi a minha entrada, não tinha muita gente Belo Horizonte não é como São Paulo, isso há 20 anos atrás.. Era um negócio muito mais difícil, era muito mais gueto. Então quando eu vim pra São Paulo então que eu comecei mais essa busca direta, então era pra mim, era muito difícil, o acesso era muito difícil.. Então, nossa eu me dispersei, já não sei qual era a pergunta inicial que me levou a falar disso.

Rafaela: É, se você já tinha participado de outra coletiva anterior aí você tava falando..

Ana: Ah, aí eu não participei de nenhum, mas acho que eu to falando tudo isso pra dizer de como era difícil é, buscar, não tinha grupo, não tinha feminista assim pra conversar, quando eu vim pra São Paulo é que eu comecei a me aproximar, e aí, eu, eu, eu vi alguns grupos e não gostava, é, uma coisa que me incomodava um pouco é essa ideia da militância de esquerda comunista que tem que ser tudo igualzinho, tudo só de um jeito e igual. E acaba que você anula a individualidade do militante em prol da grande causa, e isso é uma coisa que eu adoro, a Marcha não faz, a gente tenta ter os

protocolos pra ter alguuuma organização, porque também é preciso de alguma organização mas a identidade e a individualidade e a autonomia de cada uma que está ali é super importante. Claro que o coletivo é o que vai pra rua, é o que conta né? É a marcha, isso eu acho que é meio unânime em toda militância, mas a Marcha tem um jeito que é mais, (pausa) ah, mais legal! (risos)

Rafaela: É você, comentou dessa pluralidade da Marcha né? Você se diria dentro de alguma corrente feminista específica assim, sem ser a liberal ou sendo a liberal?

Ana: (pausa) Putz. Eu não sei te responder. Eu não sei, assim. A minha bagagem teórica de feminismo vem de uma coisa mais didática assim, então a primeira onda do feminismo, a segunda onda e a terceira onda. Hoje há quem diga que a gente ainda tá na terceira onda porque é o feminismo ainda na cultura, mas há quem diga que a gente já tá numa quarta onda e aí essas diferenças, é.... Nem sei quais são as correntes hoje assim (risos), tem as radfem né? Com as quais eu não me identifico de forma alguma é, mas quando a gente fala da questão do aborto por exemplo né tem aquela descrição né? tem as abolicionistas e as .. putz, como é mesmo, as abolicionistas e as.. Ai, fugiu. Mas tem essa divisão também né, das mulheres.. Aborto não, prostituição! Eu falei aborto?

Rafaela: Falou aborto.

Ana: É prostituição, prostituição né? Que tem as mulheres que são contra e as que são contra a legalização e as que são contra a prostiuição em si, não tem nenhuma a favor, é que... Então assim, essas vertentes todas eu não sei nem te nomear, mas é.. (pausa) (pausa) Eu acho, e eu vou falar só de achismo mesmo, não tenho bagagem nenhuma teórica, pra te, te respaldar o que eu vou dizer mas eu acho que a marcha poderia ser colocada e o feminismo que eu tô, poderia ser colocada como, como, como uma corrente progressista, porque eu acho que é uma, uma

PARTE DOIS - ENTREVISTA PRESENCIAL

Rafaela: Qual a sua opinião sobre outras correntes feministas?

Ana: Eu lembro que eu tava dizendo que (pausa) se eu que definir onde a Marcha das Vadias se encaixa eu diria que progressista, porque eu acho que a gente acrescenta algo que já veio sendo consolidado no feminismo, a gente tem essa questão da autonomia do corpo da mulher, não só autonomia em relação a questão do aborto, que já é uma questão que vem sendo tratada a muito tempo pelo movimento, mas a questão da liberdade sexual. Esse é um ponto que no meu entender pelo que eu tenho de experiência no, na militância ainda existe dentro do feminismo a questão de que a

mulher tem que se comportar, ela tem que usar uma roupa X, ela tem que se dar ao respeito, ela não pode ser, tanana. Eu já vi feministas mais antigas com esse pensamento, é um pensamento arraigado (filho dela interage “você também quer participar meu amor? Mas você é homem você não pode dar muita opinião, você fica aí na sua tá?”) São valores muito arraigados, muito difíceis de serem mudados. Então eu acho que a Marcha das Vadias, é.. traz essa questão..éé.. que.. veio de uma forma muito espontânea como, como muitas coisas do feminismo né? Como eu imagino que você já saiba de cor e saltado a história da Marcha né? Toronto e tanana, mas quando você tem mulheres se levantando pra dizer “olha a culpa não é da minha roupa é do estuprador” isso acontece em Toronto em 2011, acho que abril de 2011, e daí em questão de dois meses tá reproduzido no mundo inteiro sem ter uma conexão é, é.. forçada, sem ter uma ligação é, direta mas que espontaneamente a coisa vai se repetindo isso é, eu acho que é uma coisa que precisa ser debatida porque tá já, naquilo chamado inconsciente coletivo, as mulheres não conseguem mais admitir a essa altura do campeonato que uma roupa vá provocar sabe, uma violência tamanha e que o agressor vai ser a vítima né? Esse tipo de discurso foi repetido por muito tempo, se você pegar julgamentos de agressores aqui no Brasil você vai ver como por exemplo da... Angela Diniz onde o cara quando foi julgado a primeira vez não foi condenado e ele diz “eu matei por amor” e aí as feministas vão pra rua com o lema: quem ama não mata. Né? Então, aí você tem ali a pessoa cumprindo a pena máxima que é a sentença de morte e o agressor saindo livre porque o Direito entende que ele é vítima, é.. e essa é uma questão muito interessante porque aqui no Brasil a gente não tem a jurisprudência que entenda a ..a..a... (pausa) que entenda o crime da honra, o crime de legítima defesa da honra, isso não existe. Isso foi uma jogada de um advogado e o juiz comprou, o juiz nesse momento em que o advogado disse que aquele crime, era crime de legítima defesa da honra o juiz deveria parar e dizer pro jurí pra ignorar aquilo que aquilo não era, não era uma lei, que aquilo não podia ser usado mas o juiz não fez e aí isso começou a ser usado em defesa desses crimes passionais e isso começou a ser comprado.

To dizendo isso pra dizer que como na nossa cultura a ideia de que a mulher é culpada pela violência porque ela não se comportou de tal forma é uma ideia arraigada, inclusive para feministas de outra geração. Não tô (-----) mas não é incomum você ver feminista mais velha dizendo que a mulher tinha que ter se comportado. Então eu acho que nesse sentido é o que a Marcha das Vadias traz pra acrescentar, então é um

movimento progressista. Das outras correntes eu tinha falado antes né? Assim, é... (pausa) tem várias assim, é, eu não sei nem assim se dá pra dizer das correntes assim, mas você tem, você tem várias.. Você tem o feminismo interseccionado que você precisa... entender que as questões de classe, as questões de etnia elas tangenciam o feminismo e elas precisam ser levadas em consideração. Então você teria aí outras correntes, o Feminismo Negro, o Trans*feminismo, você teria outras é, outras questões que não só ser mulher mas o resto, que cruza com isso vai atingir o feminismo e vai precisar de algum ajuste. Então nesse sentido eu diria que, bom, aí sim a gente tem que ter essas correntes porque elas são muito necessárias! Porque não dá pra um grupo representar todas as mulheres porque as mulheres são.. somos no plural e, e não dá pra ser no singular. (pede para dar uma pausa por conta do filho)

Então nesse sentido o feminismo precisa de várias correntes porque ele não pode ser, ele não pode ter um grupo X de mulheres representantes. Eu acho que a Marcha das Vadias, ela consegue fazer a intersecção com.. as várias.. as várias.. situações da mulher quando a gente fala da questão da violência, porque tem uma série de crimes que só acontecem porque a mulher é mulher. E aí não interessa se ela é branca, se ela é negra, se ela é trans.. é..qual a classe social dela.. ela vai sofrer violência só porque ela é mulher. (pausa para falar com o filho)

Claro que essa violência vai ser agravada, aí sim entra a questão da intersecção, essa violência vai ser agravada se a mulher for negra, se ela for de uma classe social mais baixa, né? se ela for trans, aí essa violência vai ter outras nuances que vão atenuar.. nem sei se dá pra dizer que é possível atenuar alguma violência, mas que não agravar o tipo de situação que ela vive.. é, então aí não dá pra esquecer, mas quando a gente fala principalmente de violência sexual, eu acho que a gente consegue fazer aí um diálogo com as várias possibilidades do feminismo, e de todas as..as... questões sociais que tangenciam.

Rafaela: E como, e quando foi que você conheceu a Marcha das Vadias?

Ana: Eu conheci a Marcha... Em dois millll eee dooze.. (pausa) Foi em 2012, eu tava fazendo um curso de .. é... de cidadania na Maria Antônia, é um curso super interessante que tem em uma escola de governo que é um curso que a Maria Antônia, ahn, o Centro Cultural Maria Antônia da USP abriga e eu fui fazer esse curso, e eu esqueci o nome completo, era alguma coisa de cidadania, e conheci uma representante da Marcha das Vadias lá. E aí eu falei pra ela do meu interesse de.. de.. participar, de

conhecer. Fui para a primeira reunião. Ela me convidou para a próxima reunião, que foi a minha primeira, isso eu acho que foi em agosto de 2012, ou foi 2011? (sussurra) (pausa) Eu sei que, é. Acho que, acho que foi 2012. E aí eu entrei pro grupo e tô desde lá. É, eu perdi a marcha de 2011 que foi a primeira, e acho que,é, e a de 2012 também quando, é.. foi isso. E aí eu fiz 2013, 2014 e agora 2015 que vamos fazer. É, desde 2012.

Rafaela: Você já comentou um pouco, mas da onde surgiu a questão específica da, de participar da Marcha das Vadias e se foi em algum momento importante pra você. Se tem alguma relação com a sua vida essa escolha.

Ana: Então, como eu tinha te falado no começo da nossa conversa, é... Participar da Marcha das Vadias em especial tem a ver com a minha história de vida, por eu ter sofrido violência sexual na infância, é.. por eu ter carregado a culpa.. por muitos anos apesar de ser uma criança eu ouvi que a culpa era minha aos 4 anos de idade, os 5,6 durou um tempo, eu ouvi aquilo “ a culpa é sua, você não pode dizer pra ninguém” e isso foi uma coisa que foi introjetada. Quando aos vinte seis eu, fui confrontar a minha mãe, minha família, pra dizer o que tinha acontecido eu ouvi “porque você não, não, não disse nada, se já que isso é verdade, porque você só ta falando agora? porque você não pediu ajuda antes?” e eu ficar gritando “eu tinha 4 anos, eu tinha 4 anos quando isso começou” mas isso não era justificativa pras pessoas que estavam me, me, me inquerindo ali. Elas achavam mas com 4 anos, eu lembro da minha vó dizendo eram os filhos dela ela tava defendendo, eram meus tios, mas ela dizia “com 4 anos você já falava, você já podia ter dito alguma coisa” ou seja, é... eu tava numa situação de eu ser culpada por não ter pedido ajuda, por de alguma forma eu ter permitido que aquilo acontecesse,é.. Então a Marcha vem exatamente ao encontro desse sentimento que eu, lutei contra minha vida inteira e nunca tinha conseguido expulsar que é o de ter me sentido culpada por uma violência que eu não consegui, não podia, não sabia evitar. E... então tá na Marcha das Vadias é uma forma de transformar a minha dor pessoal em luta, conseguir fazer disso uma coisa política, porque é...(pausa) Não é uma questão só pessoal né? E eu acho que não é uma questão só da minha história, é uma questão política você ter tantos agressores soltos, você não ter legislação que realmente dêem conta de amparar e acolher uma vítima, é.. e eu acho sim que a impunidade ela, se ela não incentiva ela não dá conta, ela dá conta de não criar nenhum mecanismo de controle então assim, se eu sei que não existe impunidade pra um determinado crime, pode ser

que eu nunca vá cometer-lo mas vai ter gente que vai. O fato de não ter uma pena rígida ou algo assim não faz nem que as pessoas consigam entender que aquilo é um crime, e seja difícil alguma discussão. Então nesse sentido é muito ruim, a violência contra mulher é uma questão social sim, então colocar isso numa pauta maior, discutir isso com a sociedade, aplaca um pouco a minha dor.

Rafaela: Você já discutiu bastante, mas o que você acha mais importante na Marcha das Vadias?

Ana: É.. eu acho que talvez como a gente, como a gente faz a militância eu acho importante porque a gente tem uma forma de, de se organizar que permite a individualidade obviamente sem fazer que personalismos né? abatem o grupo, o coletivo é o mais importante mas ali dentro cada um tem uma voz, cada um é igual, a gente é horizontal, a gente sempre trabalha para que essa horizontalidade permaneça né? Para que todo mundo tenha a mesma voz, que tenha rodizio ali dentro pra quem tá chegando consiga acompanhar a gente, se sinta a vontade, isso é um esforço nosso pra que as pessoas tenham a sua individualidade, a sua voz respeitada. E a forma como a Marcha acontece (fala com o filho) a gente não tem carro de som, a gente vai pra rua, a gente faz oficina de cartaz, é cada um segurando a sua mensagem o seu cartaz, ai cada uma tem sua importância, não tem ninguém liderando, no máximo a gente tem um megafone que é pra puxar os gritos né? E quando a gente vai fazer esses gritos também a gente publica no Facebook pedindo ajuda pras pessoas darem ideias e colaboração, então eu acho que a gente faz as coisas de uma forma muito horizontal e isso faz com que as pessoas acho que se sintam muito parte sabe? E assim, eu tô ali na rua, quando a gente vai pra rua a Marcha é de quem tá na rua a gente só organizou pra receber as pessoas que são as vadias que vão compor, assim quando ganha a rua e vai pra rua, ele é da rua, ele não é nosso. E é isso que é importante pra gente, e a gente tem noção e a gente tem que entender que desde 2011 é.. a gente tem noção que se não for a gente isso vai continuar a acontecer porque isso não é nosso, eu acho que é uma coisa muito legal, a gente não controla sabe? A gente não quer, a gente vai cada ano é um tema de acordo com o que tá acontecendo sabe? Eu acho que isso é muito legal da militância na Marcha.

Rafaela: Você pode falar um pouco das pautas gerais da Marcha?

Ana: As pautas gerais da marcha é, são as pautas é, que por incrível que pareça né? Assim, são as mesmas desde Toronto até todos os lugares que ela atingiu é: não

culpar a vítima, acreditar na palavra da vítima e autonomia do corpo da mulher e aí dentro disso você tem: não culpar a roupa, é, várias coisas..é que estão agregadas a isso mas isso é, essas três coisas são os pilares é.. Aqui em São Paulo, - é eu acho que você também sabe, cada Marcha é autônoma , geralmente cada marcha trabalha com cada grupo, cada coletivo se organiza de forma autônoma - Aqui em São Paulo, a gente tenta observar as questões que acontecem aqui mas também no geral pra gente levar tema pra rua. No ano passado a gente levou a questão de denunciar (fala com o filho) de denunciar a violência e como era importante quebrar o silêncio, foi o que a gente trabalhou aqui porque a gente percebia, isso foi o ano retrasado. Como era importante quebrar o silêncio e trabalhar a ideia de que você precisa, né? A gente precisava incentivar, ou ajudar, ou pelo menos dar algum tipo de força nessa de no sentido de apoio luta das mulheres. O silêncio ajuda a manter a violência, a gente sabe o quanto é difícil falar e a denúncia é importante, as vezes nem, as vezes a mulher nem precisa fazer a denúncia formal mas de conseguir dizer da violência pra alguém que ela confia já é um grande passo. Isso foi uma coisa que a gente trabalhou que eu acho que é uma pauta super importante. No ano passado a gente trabalho com a questão de... é... das várias... situações de estupro porque ao longo do ano a gente foi percebendo que tinha é.. que existe uma ideia de que o estupro é só aquele que acontece a noite num beco escuro com um desconhecido, e a gente, a medida que a gente foi conversando com outros grupos, dando entrevistas, participando de várias coisas, lendo notícias, a gente viu olha a gente precisa tentar trabalhar aqui essa questão de que o estupro ele acontece entre pessoas conhecidas né? E aqui no Brasil é uma das suas grandes características, tipo 85% dos estupros acontecessem ou local, ou na casa da vítima ou em local que elas frequentam e são realizados por pessoas próximas (fala com o filho). Então a gente sentiu que era uma questão muito, muito importante de ser trabalhada esse ano, mas a gente tenta dentro desses três pilares, a gente tenta.. é.. ver o que é que tá pairando no ar que a gente consegue trabalhar. Cada Marcha trabalha de um jeito, trabalha muito dentro da realidade do que acontece, acho que em Campinas ano passado, retrasado, não sei, as meninas fizeram um ato liiindo e tinha a ver com o estupro de uma menina dentro de um hospital pelo enfermeiro, então esse foi o tema sabe? (interage com o filho) (pausa longa por conta do filho)

Rafaela: Você viu a discussão da Pitty e da Anitta no Altas Horas?

Ana: Na verdade não, eu ando bem perdida, pode me contar.

Rafaela: É, no Altas Horas teve um debate entre a Pitty e a Anitta, foi sobre como as mulheres deveriam se portar nos bailes funk e a Anitta fala diz que acha ótimo as conquistas feministas para os direitos das mulheres mas que hoje em dia tem muita mulher que não se valoriza, e aí a Pitty fala que as mulheres não tem que estar a serviço dos homens, e aí teve uma discussão póstuma tanto do assunto quanto da postura específica da Pitty e da Anitta, não sei se com base nisso você tem algo a falar sobre o que você acha..

Ana: Esse tipo de.. Esse tipo de...(pausa) polêmica é sempre complicado porque quando uma mulher vai a público e diz “eu sou feminista e acho X,Y,Z” daí vem outra feminista e diz “o seu feminismo tá errado” é um negócio complicado. Eu pontuaria algumas coisas na fala da Anitta, justamente porque a minha militância é a da Marcha das Vadias e eu estou dizendo olha “não existe um protocolo a ser cumprido pra mulher ser respeita, o respeito ele é... ele não pressupõe condição, não deveria pressupor sabe?” “eu só te respeito se...” isso não deveria existir, o respeito deveria tá acima de qualquer coisa. Você tá pelada na rua, dizendo “vem aqui, me come”.. se você tiver bêbada.. sabe ninguém ta vendo que você.. sabe? Não ta pedindo. É... Então nesse sentido eu colocaria algum, algumas... (fala com o bebê) Mas eu acho que essa é sempre uma discussão delicada, porque também deslegitimar o que a Pitty fala porque ela é branca, é.. Tô eu aqui, uma mulher branca, dizendo isso... É... Mas também acho que não dá assim... Se ela não estiver ali querendo se colocar acima, tipo.. Se eu quiser dizer qualquer coisa sobre as mulheres negras, obviamente minha palavra não vale, mas se eu tiver dizendo alguma coisa sobre feminismo e olha “seu feminismo não vale”, também não vale, porque eu acho que a gente tem que ter essa intersecção e a gente tem que ter um diálogo. E eu acho ainda mais ainda, o feminismo no Brasil é um negócio novo, e a gente precisa sim discutir... Poxa, meu coração aperta quando eu vejo que vai ter feminismo no.. é.. “Na Moral”, sabe? Agora você fala que teve debate de feminismo no Altas Horas, né? Big Brother, fui assistir o primeiro pra ver quem era a feminista radical, e ninguém, ninguém. Eu só assisti o primeiro capítulo do primeiro dia, a apresentação e não teve ninguém que foi apresentado “fulana de tal: feminista radical” não teve. (Fala com o filho) Eu acho que enfim, meu coração aperta porque... tipo porque eu penso “putz, o que é que vai ser dito porque né, é a Globo!” eles não tão realmente afim de discutir pauta feminista.. Mas eu acho que isso é ainda melhor que a situação que eu vivi na minha adolescência, que era de não ter com quem conversar e eu

falar sobre feminismo e ninguém saber sobre o que eu to falando. Eu sei que pro senso comum, pra quem não ouviu falar a ideia de feminismo já é uma ideia radical, né? Então... Eu sei que a gente precisa discutir, precisa entender que o feminismo que se o feminismo só é radical porque pede direitos iguais, as mulheres como sujeitos, cidadãos, é... numa democracia pra muita gente isso já é radical, mas dentro do feminismo existe o feminismo radical então, eu acho que é válido sim, ter a Globo hoje falando, quando eu era adolescente eu não tinha, não tinha com quem dialogar, e isso não aconteceria como acontece de alguém fazendo um trabalho. Então assim, eu acho que ainda é melhor a gente ter essas, essa, essa disputa do que a gente não ter nada como era há pouco tempo atrás.

Rafaela: Outra coisa que também aconteceu esses dias, foram as charges do Latuff né? Você viu elas?

Ana: Não...

Rafaela: Então.. São essas.. foram feitas depois de um escracho em um colega da esquerda do Latuff, e ele fez essa charge, depois de um debate sobre a charge ele fez essa segunda.

Ana: Putz, dá até medo de falar qual é a minha opinião, porque... assim... (pausa) Eu tendo a concordar com essa diferenciação que ele colocou aqui nessa charge, tá? Porque... não sei se você lembra, quando o FEMEN chegou aqui... É... O feminismo começou a realmente ser conhecido aqui pelo FEMEN, pela Sarah Winter isso eu acho que não dá pra negar, ela é que foi chamada pela Pagu pra falar de feminismo porque ela entra num pressuposto de mostrar o corpo e isso causa uma super polêmica. Mas! Eu. tenho algumas ressalvas com o FEMEN, porque o FEMEN, ele fez coisas do tipo: - o FEMEN Internacional - é.. Eu lembro de um poster que tinha que era uma mulher branca, FEMEN, num campo de futebol, ela tava com um short preto pisando na cabeça de uma mulçumana, de uma mulher, como se aquilo fosse a bola.. Ela tava acabando com a religião (filho).. É, eu acho isso complicado, eu acho isso (interage com o filho) é.. em uma outra charge com o mesmo cenário era... Uma mulher pisando no saco de um homem (pausa). Se você volta na segunda onda e você pega as radicais da segunda onda, da década de 50, ela vai dizer que todo ato sexual entre um homem e uma mulher é um estupro. (pausa breve) Não consigo concordar com isso também. Então tem uma onda sim que é radical, que vai dizer isso que pro feminismo acontecer as mulheres precisam acabar com os homens. Isso é..é... Eu acredito que sim que é bem menor, não

sei em quantidade, mas acredito que é um pensamento menor dentro do feminismo. Existem as radfem mas eu acho que não é a maioria e hoje as radfem elas reviram.. Mas enfim, se você for estudar o feminismo, se você for lá ver a origem, a história, começa com o começo da democracia. A ideia de liberdade, igualdade e fraternidade que os homens, brancos, letrados, burgueses tão pedindo pra poder viver suas vidas independentemente do estado, é nesse contexto que surge o feminismo que são as mulheres pedindo a mesma coisa, liberdade, igualdade, fraternidade pra gente também (filho brincando). Então assim, quando a democracia começa a nascer e vê a ideia de igualdade, liberdade e fraternidade né? Principalmente na França, porque a Revolução Francesa era muito mais contundente que a Revolução Inglesa, você tem a burguesia que é uma nova classe, se consolidando... esse grito de liberdade é um grito que ecoa, não só para os homens, ricos, brancos, burgueses, ele é um grito tão natural que ressoa pros negros, pros indígenas, pras mulheres, pras crianças entendeu? Então nesse contexto de quebra de paradigma radical, então esse quebra de paradigma que você tem essa ideia de igualdade, porque vo..vo..você começa a criar ai, criar não, mas você começa a perceber que já existe um contexto que já não são mais súditos, são cidadãos.. tem uma troca de cartas maravilhosa entre uma feminista chamada Abigail Adams e o marido dela que era o... John Adams. (pausa filho) Ela manda uma carta pro marido no processo de independência dos Estados Unidos, e ela diz pra ele “olha, eu espero que esse código de leis que vocês tão, tão, tão fazendo é.. não se refira só aos homens da espécie espero que ele contemple também as mulheres porque se não a gente vai se rebelar, porque não faz sentido nós obedecermos a leis que não nos contemplam” e aí ele responde dizendo “quanto ao seu questionamento eu só posso rir, a gente sabe que a nossa luta afrouxou é, um controle sobre, sobre as classes, sobre os negros, sobre os indígenas e sobre as crianças mas a sua tribo é a maior tribo que vem reivindicar liberdade, nós não somos loucos de abrir mão do nosso sistema masculino de privilégio”. Isso pra ilustrar que o feminismo nasce com a ideia de igualdade e é isso que ele busca até hoje, olha, homens e mulheres são da mesma espécie a gente não pode dizer que homens podem ser livres e iguais e as mulheres não. Não dá pra gente pensar em cidadão de segunda categoria, porque isso é anti-democrata, se você achar que um pode e você não, você tá num regime ditatorial de tutela, isso não tá certo.

Então o feminismo é sobre igualdade, então quando feministas querem acabar com os homens, eu acho que essa é uma interpretação errada do que que é o feminismo,

da história do feminismo, dá história da democracia, eu acho que essa é uma interpretação errada.. Mas essa é só a minha opinião, porque quem é contra vai ter seus argumentos pra dizer que não, mas enfim.. Eu acho que é pela igualdade e não pela inversão de pólos.

Rafaela: No último Video Music Award (VMA) do canal de televisão MTV, ocorreu uma apresentação da cantora Beyoncé. Durante seu show, ela colocou em grandes letras a palavra “Feminist” no telão logo atrás de seu palco. Já o grupo de funk carioca Gaiola das Popozudas lançou uma música cujo nome é “a porra da buceta é minha” em que a cantora defende que ela tem relações sexuais com quem ela quiser. Qual sua opinião sobre essas duas manifestações?

Ana: Nossa! Eu acho que.. quanto mais pop for o feminismo melhor é pra luta! A gente vai ter divergências feministas teóricas, a gente vai ter divergência prática né? Porque, porque quando, porque quando a teoria (fala com o filho) quando a teoria, quando sabe coloca o elemento humano na equação não, não tem o resultado (pausa) o resultado nunca vai ser... um resultado igual sabe? Assim (pausa por conta do filho e interação com uma moça que pede caneta emprestada) vai haver várias repercussões e a forma que a teoria vai ser aplicada depende do sujeito, da situação, do período de tempo, do local, mas ainda assim eu acho que é sempre um ganho é.. a gente conseguir discutir isso, porque quando você invisibiliza a questão é uma questão que não existe, ela não pode ser discutida, ai a gente vai depois aparando as arestas com o público. Principalmente o caso da Beyoncé, que eu me lembro pouco antes dela no VMA e se assumir feminista, ela e o marido tinham feito uma música era uma situação em que eles acabavam com a Tina Turner que sofreu violência doméstica a vida inteira! E eles fizeram piada com aquilo, então quando ela veio a público e se diz feminista, e se declarou feminista, eu fiquei feliz porque na minha cabeça ela tinha conseguido rever e ponto pro feminismo sabe?

Eu acho que, eu acho que quem sou eu pra falar “não, sua carteirinha não pode sair porque seu feminismo não vale” sabe? Não dá. Ai a Valesca, a Valesca eu acho que ela também é super importante pra Marcha das Vadias, ela canta uma série de coisas que são super importantes, ela também assume o feminismo no trabalho dela...e... “Ah, mas depois ela fala de mulher contra mulher” mas... É porque essa coisa de ficar jogando mulher contra mulher é uma coisa que também não acha legal, mas justamente por isso eu não vou ficar aqui criticando a Valesca, é.. publicamente pelo menos...

Rafaela: Em uma matéria publicada pela Folha de São Paulo em 7 de dezembro de 2014, com o título “Mulheres querem pornô com mais naturalidade, realismo e enredo”, foi divulgado os resultados de uma pesquisa feita pela Playboy TV. O número de mulheres entre os assinantes aumentou, chegando a 54%. Segundo a matéria isso influencia outro resultado que diz que 63% das pessoas interessadas em programas eróticos preferem cenas naturais. O que você pensa sobre isso?

Ana: Eu penso que você tem que falar com a Frida Baltazar, que é uma professora do Rio de Janeiro que tem uma pesquisa específica sobre isso, sobre a naturalidade que as mulheres pedem ela tem muito a dizer, ela participou de uma palestra que nós fizemos, que a Marcha das Vadias fez, dois mil e... doze ou treze e ela mostra como o pornô é pautado pro masculino sim, o movimento da câmera, tipo de cenografia.. Mas mulher também gosta de sexo, mulher fala de sexo, mulher tem desejo.. Ela tem muito a dizer sobre isso, a minha opinião é que sim, a indústria pornográfica é pautada pelo olhar masculino como todo mundo, o feminismo tem sim grandes conquistas? Têm. Mas a gente ainda precisa lutar, e uma das coisas que eu acho fundamentais na questão do pornô é como ele mostra uma super dominação masculina, são os.. os.. filmes de.. de.. é.. vou traduzir do inglês, é como se fosse os corretivos assim, corretivos extremamente violentos em que a mulher é estuprada e que a pauta do filme é a violência do estupro e é muito do universo masculino, mas quando você sai desse nicho você vê inúmeras cenas super agressivas, super violentas que naturalizam a violência sem criticar e aí vão se tornando muito natural.

Rafaela: As pessoas falam em classe social, a qual você diria que pertence?

Ana: Acho que eu tive uma movimentação porque (fala com o filho) eu acho que eu tive uma ascensão social depois da faculdade, acho que hoje eu tô dentro da classe média, eu não saberia dizer isso por renda tá? Eu até posso se você quiser depois, te procurar pra ver como é que eu me encaixo na renda, mas eu sou uma mulher, moro num bairro classe média de São Paulo, frequento esse lugar que é classe média alta, tô fazendo mestrado né? Posso viver com a bolsa do mestrado porque o resto da minha renda vem do meu marido. Se não em números, mas em vivência eu sou classe média, mas eu venho de uma classe baixa, de uma classe C.

Rafaela: Pensando nos responsáveis que te criaram, até que ano da escola sua mãe ou madrasta estudou?

Ana: Minha mãe, meus pais são separados, eu morei com a minha mãe desde os 7 anos, meu pai continua vivo, minha mãe fez até a 7ª, o meu pai fez nem até o primário, foi tirado da escola pra trabalhar na roça com o pai dele né? O meu padastro ele lê e escreve mas deve ter ido até a 7ª também.

Rafaela: Você comentou que seu pai trabalhou na roça, foi maior ocupação da vida dele?

Ana: Não. Isso foi quando ele era criança, muito cedo ele foi pra Belo Horizonte, o meu pai se aposentou com 45 anos você imagina quando ele começou a trabalhar, hoje ele tá com 60, ele é aposentado desde os 45. Ele trabalhou como lanterneiro numa empresa de ônibus, ele consertava os ônibus, depois ele passou a ser motorista de ônibus, depois que ele se aposentou ele é caminhoneiro. Então eu acho que a maior parte da vida dele ele foi lanterneiro.

Rafaela: E a sua mãe?

Ana: Minha mãe foi cabeleireira a maior parte da vida dela, ela foi doméstica na infância com 9 anos e depois foi ser cabeleireira autônoma.

Rafaela: É, somando a renda das pessoas que moram com você, qual foi a renda da sua casa no mês passado?

Ana: No mês passado teve décimo né? (risos) Mas a renda mensal média se eu não tô enganada, a gente tá entorno de 8 mil reais.

Rafaela: E se não for incomodo a sua orientação sexual.

Ana: Eu sou confusa, eu sou bissexual (risos).

Rafaela: Foi tudo.

Ana: É?

Rafaela: É.

ENTREVISTA COM VIRGÍNIA – MARCHA DAS VADIAS

Virgínia: É do mestrado, tcc...?

Luana: É da graduação mesmo, da faculdade. É de uma disciplina obrigatória de métodos de pesquisa...

Virgínia: Entendi.

Luana: ... qualitativos, então que envolve entrevistas. Não sei se contaram pra você um pouco do nosso trabalho...

Virgínia: Mais ou menos...

Luana: Sim, resumindo, a gente é estudante de ciências sociais da USP e a gente tá fazendo uma pesquisa sobre história de vida de mulheres militantes, né, e a identificação que elas têm com os coletivos feministas.... Seus coletivos feministas.

Virgínia: Uhum...

Luana: E assim, a gente queria fazer algumas perguntas, que não existe respostas certa nem errada, qualquer coisa que você falar pra gente é útil, e se você não se sentir à vontade com alguma pergunta, não precisa responder, tá. É só...

Virgínia: Tá bom.

Luana: Tudo bem?

Virgínia: À vontade.

Luana: Tá, vamos lá.

Virgínia: Ah, só por curiosidade, em que anos vocês são? Terceiro?

Ninna: A gente tá terminando o primeiro agora.

Virgínia: Ah! Já são fazendo metodologia?

Ninna: É, a gente começa desde o primeiro semestre já.

Virgínia: Hmm, tá certo, legal.

Luana: Sua família tem história com alguma militância?

Virgínia: Tirando a minha geração, não.

Luana: E você acha que isso te influenciou a ser militante, a sua família de alguma forma influenciou a sua militância?

Virgínia: Não, quem me influenciou... Talvez tenha sido minha professora de história.

Luana: Como foi?

Virgínia: Ah, ela era uma baiana louca dando aula pra gente numa escola católica. Meu, era tudo que um adolescente pra pegar fogo né (risos), alguém numa escola católica falando contra a igreja.

Ninna: Nossa.

Virgínia: Era demais. E ela era baiana mesmo (risos). Louca, completamente. Adorava, ela chamava Dinalva.

Luana: E aí ela te incentivou ?

Virgínia: Ah, ela falava coisa que... Que te levam a se... A questionar, né, a se rebelar contra a caixinha, né. Então você começa a pensar sozinha também, né, não fique querendo só que alguém confirme as coisas pra você.

Luana: Entendi. E você participa de outros movimentos sociais?

Virgínia: Eu trabalho com movimentos sociais, né, porque eu trabalho com política pública...

Luana: Ah, legal.

Virgínia: Exigindo que as políticas públicas sejam efetivadas, né, que os direitos sejam acessíveis. Então não é que eu esteja num movimento, mas eu me pauto pelas demandas dos movimentos pra trabalhar.

Luana: Ah, entendi. Então você tem algum contato com eles.

Virgínia: Tenho, tenho. Não faço parte diretamente, mas... considero, assim... é o que pauta o meu trabalho, assim, o que as pessoas precisam, né. Pelo menos o que elas dizem que precisam, eu acredito nelas (risos).

Luana: Entendi. E a sua família apoia a sua militância no movimento feminista?

Virgínia: A minha família não sabe muito, ela não ta muito sabendo (risos). Então ela nem apoia nem reprime (risos).

Luana: Entendi. E você teve algum contato com outro movimento feminista antes de entrar na Marcha?

Virgínia: Não, eu já tinha ouvido falar. Conhecia mas não... nunca tinha participado de fato de nenhum assim.

Luana: Quais você tinha contato?

Virgínia: Ah, eu conhecia a Marcha Mundial de Mulheres, já tinha ouvido falar dessa, mas... Eu não era uma pessoa que ia atrás de movimentos, né, grupos. Eu ficava comigo pensando, refletindo, fazendo música (risos). Então essa coisa muito de pensar sozinha mesmo, de olhar pra dentro pra ver que tem alguma coisa errada fora, sabe. Reconhecer que tão te enganando sabe (risos), uma coisa assim.

Luana: Entendi. Então você nunca participou ativamente de outra coletiva?

Virgínia: Não, não.

Luana: E como você conheceu a Marcha?

Virgínia: Minha irmã (risos).

Luana: Sua irmã é da marcha?

Virgínia: É, aham. Por isso que eu falei “a minha geração”, porque não sou só eu, né.

Luana: Ah, entendi. E quando foi isso, que você entrou?

Virgínia: Eu entrei ano passado, mas ela já tava desde 2012 se não me engano. O primeiro foi em 2011, né... Acho que foi em 2011... Nossa, nem tenho certeza (risos), mas acho que foi 2011. E depois já teve a que ela entrou também.

Luana: Da onde surgiu a vontade de você participar de uma coletiva feminista? Foi em algum momento marcante pra você?

Virgínia: Não, acho que... Eu participava informalmente, né, discutindo com as meninas porque a minha irmã trazia discussão e minhas amigas participavam também (algumas participavam). Eu conheci algumas meninas porque a minha irmã tava envolvida, então... “Ah e não sei o que e não sei o que”, falou e tal “ vamos fazer isso, precisamos daquilo” então acabava participando, dando ideias ou refletindo junto com elas, né, então... Já queria ter entrado antes, mas eu achei que não ia dar conta. Mas aí depois eu “ ah, foda-se, vamos lá!” (risos). Se não der conta sai, né, porra (risos).

Luana: Ta certo. E assim, quando... Algum momento na sua vida que você descobriu que você era feminista e você se lembra?

Virgínia: Eu nunca me chamei feminista, me chamaram de feminista. Quando eu entrei no meu trabalho, eu entrei num grupo muito engajado politicamente, né. Politicamente no sentido político mesmo, não partidário, né. E uma amiga que era feminista falou: ”Ah Bel, você é feminista.” aí eu “ Hã? Não, feminista estuda, lê Simone de Beauvoir e não sei mais quem. Não, não sou feminista.”. Mas depois “É... Não sei... Tão me chamando de feminista, né, vai ver que é, né. De repente, pode ser. Ah não, acho que sou sim, sou feminista , né. Aborto essas coisas, é, sou feminista” (risos). Então foi isso. Acho que é uma história meio deprimente (risos).

Luana: Não, imagina.

Virgínia: Tipo: “Não, não era isso que eu queria ouvir” (risos).

Luana: Não, imagina.

Ninna: Não, imagina, não, não.

Luana: E o que você mais gosta dentro da Marcha especificamente?

Virgínia: A horizontalidade. Não tem alguém que manda. Todo mundo discute tudo, caga junto, pensa junto (risos). É bem... Tipo, não sabe junto, é bem legal.

Luana: Ah, legal. E qual importância que você atribui da Marcha pra sociedade?

Virgínia: A Marcha questiona uma coisa central no patriarcado, que é “a culpa é da vítima, a culpa é da mulher, ela que provocou, ela mereceu”. Você questionar esse pilar é você questionar tudo. Se você derruba esse, não sobra pedra sobre pedra. Então a Marcha é... Revolucionária é pouco, não tem um nome. Não tem palavra suficiente pra descrever a potencialidade dessa rebelião. É tipo outro planeta, entendeu (risos)? É tipo outro planeta: antes da Marcha, depois da Marcha (risos).

Luana: Ah, legal. E qual importância que a Marcha tem pra você?

Virgínia: Ela me fortalece. Ela me mostra, tipo, que eu não to maluca, sabe. Que quando alguém aponta pra você e diz “Ah, pô, mancada”, mancada é o cacete, mancada é você querer me invadir, sabe, mancada é você querer dizer pra mim que eu que to errada porque eu não quero que você me toque, que você me entre, que você me diga o que que eu tenho que sentir, o que que eu tenho que pensar, o que que eu tenho que querer. Pra mim é essa a importância, porque eu sempre posso voltar... Quando eu entro na dúvida, eu “Não, não to maluca. Esse cara tá maluco, essa mina tá maluca ainda...”

Ninna: Ainda.

Virgínia: Ainda né (risos). Porque uma hora os pilares estão sendo derrubados e ela vai deixar de ser louca também, né. A loucura é construída também, né. A nossa loucura também é construída. Loucura das mulheres machistas também é construída. Aceitar essa burca virtual, né. Ó eu sendo preconceituosa. As minas árabes talvez gostem da burca, né, se sintam de fato protegidas (risos). Mas enfim, aí é outra casinha delas, né. Elas saírem da casinha delas é um trabalho delas, se elas quiserem sair, se acham que deve. Enfim...

Luana: E quais são as pautas gerais da Marcha das Vadias?

Virgínia: Homens parem de encher o nosso saco. Fiquem no seu quadrado (risos). Não, sem brincadeira, é a não culpabilização da vítima, é desconstruir essa ideia de que as mulheres merecem ser estupradas, né, Bolsonaro vai tomar no cú, sabe... Ai deus, isso também é preconceituoso. A nossa linguagem é extremamente discriminatória e pejorativa com relação á sexualidade, né. É uma merda (risos).

Luana: É difícil se controlar...

Virgínia: É difícil xingamentos e formas de demonstrar indignação sem ofender a sexualidade de alguém, especialmente das mulheres, dos homossexuais, enfim (risos). Até quando você tenta ofender a sexualidade de um homem você ofende outra pessoa

que não o próprio homem. Ofende a mãe dele, a mulher dele, o irmão dele, mas nunca ele mesmo (risos). Foda (risos).

Luana: E qual a sua opinião sobre outras correntes feministas?

Virgínia: Ai, nossa! Tantas, não? Eu acho que existem alguns pontos de vista ultrapassados, que é o feminismo liberal que já deu, né. Achar que tudo se resume a gênero não, porque existem outras formas de opressão, tipo a mulher branca que parece a Barbie tem um tipo de opressão, uma mulher negra em situação de rua tem quinhentos milhões de outras, não dá pra você comparar. Me preocupo uma tentativa de você querer dizer pra outra, também né, o que que ela tem que fazer. Esse feminismo que quer dizer pra outras mulheres o que que elas têm que fazer, feminismo branco querendo dizer pra negro o que que ela tem que fazer ou pra indígena, com o que ela deveria se preocupar, né. E eu percebi isso um dia, uma vez que eu fui pra uma aldeia, e eu ficava puta com umas coisas e eu queria dizer pra elas: “Como assim, vocês vão deixar?! Eles tão fazendo isso com vocês! Vocês ficaram o dia inteiro esperando pra ir jogar bola eles deixaram vocês jogarem bola cinco minutos e tão te expulsando do campo! Vocês vão sair do campo?!” (risos). E elas saíram, tipo, elas tinham se divertido torcendo pra eles, elas tinham jogados cinco minutos e já era super legal (risos). Quem sou eu, sabe (risos)? Outro feminismo é o transfeminismo, né, que entra e... É complicado, né, porque você se percebe sendo opressora de fato, né, assim... E ao mesmo tempo não. Quando uma mulher trans vira pra mim e fala: “Ah, você tá sendo transfóbica”. Pra mim nunca viraram e falaram isso, né, não sei se porque eu não me manifestei muitas vezes à respeito disso, mas pra amigas minhas, sim, né. E aí eu fiquei... Eu já me senti, assim, oprimida dentro do movimento quando uma menina negra vinha me dizer que “ai, por causa disso, não sei o que, e aquilo outro” e aí eu ficava achando.... ficava me sentindo silenciada, sabe, pela feminista negra, como se eu sofresse menos. De fato eu não sofro algumas opressões que ela sofre, só que mesmo que algumas pessoas me considerem negra porque meu cabelo é cacheado, eu sou... Meu, olha a cor da minha pele. Minha pele é branca, sabe. No Brasil eu sou branco, alguém que me olhe na rua vai falar: “Ah, aquela mina é branca”. Então é engraçado porque nesses momentos em que eu me senti oprimida e silenciada pela outra mulher, eu me lembrava de um amigo que se dizia tentando entender o feminismo e não sei o que, que ele não era feminista nem nunca ia ser porque ele era homem, não sei o que. Eu... Ta bom, feminista é outra coisa pra homem, não é você querer dizer o que tem que

fazer. Quando você faz isso é que você não tá sendo... Quando você quer dizer pra uma mulher com o que que ela tem que se preocupar é que você não tá sendo feminista. Em outros momentos você pode ser, quando você questiona um amigo seu que ele tá sendo babaca, que ele tá sendo machista quando ele xinga as meninas na festa da faculdade, sabe, “que são todas umas vadias” ou manda a bixete tirar a blusa, sabe, esse tipo de coisa. Mas eu me sentia silenciada e conseguia, nesse momento, pensar: “Nossa, fulano... Acho que era assim que fulano se sentia” (risos). Claro que nunca vai ser a mesma coisa porque esse fulano é um homem, é um branco, é doutorando. Tipo, meu, nunca que ele vai sofrer qualquer opressão próxima das que uma mulher negra, uma mulher branca, uma mulher indígena sofre. Mas esse... No final das contas existem muitas possibilidades de você realmente ver o humano quando você questiona as diversas formas de opressão que existem, né. A de gênero é uma delas, e é lógico que essa vai tornar qualquer outra muito maior, mas essa simplesmente, ela é... só uma. E eu acho que o feminismo tem sempre que olhar pra isso. Qualquer feminismo que ignore que existem outras formas de opressão... Ai, é um feministinho, sabe, feminisminho, uma coisinha ali que se perdeu no tempo. Igual, sabe, aquele bando de marxistas vermelhos que ficam gritando e falando que “ai, só a classe salva”, sabe. E aí “Ah, e a revolução feminista fica pra depois. Ah, porque a creche não é importante. Ah, vocês tão dividindo o movimento”. Ah, tomar no seu cú, tá! Vai tomar no seu cú, vai fazer o café, lavar a sua roupa e cuidar do seu filho, depois você vem aqui falar que a classe é mais importante do que qualquer outra coisa, né. Falei pra caralho agora! Não sei se eu respondi o que vocês perguntaram (risos).

Luana: Não, sim, respondeu sim.

Ninna: Falou coisas muito interessantes, assim, legal.

Luana: É... A gente vai fazer algumas perguntas agora sobre temas que tão acontecendo na... Tão por aí.

Ninna: Algumas coisas atuais, assim.

Virgínia: certo.

Ninna: Sabe a polêmica entre a Pitty e a Anitta no Altas Horas?

Virgínia: Quem?

Ninna: No Altas Horas...

Virgínia: A Pitty?

Ninna: A Pitty e a Anitta... Sabe o que aconteceu?

Virgínia: Ah não! Me conta (risos). Não assisto TV muito, cara (risos).

Ninna: Eu também não (risos).

Virgínia: Fico sabendo dias, semanas depois (risos).

Ninna: Eu também, pelo facebook. Tipo... é, como é que era?

Luana: É porque assim, em algum momento a Anitta falou que não seria legal...

Não é ideal uma mulher sair ficando com vários caras, então, assim...

Ninna: Porque ela fica mal falada...

Luana: É, ela fica mal falada e meio que o cara que fala mal dessa mulher tem razão.

Ninna: E a Pitty, tipo, “não, ninguém tem que falar nada”, sabe.

Luana: E a Pitty meio que falou isso, que ele não tem que falar, ele não tem... Não importa o que ele pensa, né, daquela atitude, ele não tem que falar nada. Então não sei se você viu, se repercutiu alguma...

Virgínia: Então, eu não vi, não tava sabendo, gratidão por me contarem (risos). Mas sabe, isso me remete a um seminário que eu estive no semestre passado e uma reflexão que eu to... Vira e mexe ela volta, sabe. O quanto a gente tem que saber que a gente vai ser... vão tentar nos desqualificar, nos deslegitimar e nos tornar menos amorosa, afetiva e o caralho a quatro, sabe. Especialmente se você for feminista, né, e declaradamente feminista, ou se você for identificada como feminista, vão sempre tentar dizer que o que você diz é parcial, é enviesado, é menos verdade porque você é feminista, porque... E que, portanto, as coisas que você defende são imorais, são absurdas. O que a Pitty tá falando é um pouco disso: ninguém tem que falar nada. Mas eu acho que antes até de você exigir que o outro não fale nada, você tem que tá muito certa, e é por isso que... Você tem que tá muito certa de que essa opinião é inexpressível. Você tem que tá aqui dentro e isso que é o difícil porque ao longo da nossa vida, do nosso desenvolvimento como seres humanos, a gente aprende que o olhar do outro sobre nós é fundamental, ele nos constitui, né. Você desconstruir isso, você não precisar desse olhar mais é o se tornar adulta, é o se tornar mulher, é o se tornar humana, né. Apesar desse olhar, você não precisar da aprovação, né. É disso que a Pitty tá falando. Só que ela fala do outro, né, quando ela fala: “Ah, ele não tem que falar nada”. Não, mais do que isso: a gente é que não tem que se importar, sabe. Quando eu penso nas pessoas que rompem com a questão do gênero, com os limites do gênero, eu me sinto, assim, um cocô, sabe. Por que o que há de mais forte do que um homem que

não quer mais ser homem, que não quer mais ser reconhecido como homem e sai na rua de salto-alto, penteada, vestida com um puta de um vestido? Sabe, esse cara, essa mina, não se importa com nada (risos)! Eu me sinto, assim, a pessoa mais fragilizada do mundo quando eu vejo uma pessoa... Eu fico querendo olhar, sabe, eu fico... Só que eu fico com vergonha porque parece que eu to encarando, né. Quando eu vejo uma prostituta eu fico louca assim, porque eu quero olhar, mas eu não posso porque eu me sinto que eu to ofendendo de tal... olhando assim. E na rua que eu trabalho tem várias prostitutas porque é ali no centro, né. Então dá vontade de ver, de admirar a coragem, a força dessas pessoas, sabe. Elas até podem se importar, mas elas fingem muito bem que não se importam (risos).

Ninna: Sim, com certeza.

Virgínia: E é essa força que faz com que a invasão do outro deixe de ser tão forte, deixe de ter tanto poder, né, e eu acho que é isso que as feministas precisamos aprender: que foda-se mesmo, não é da boca pra fora. Da boca pra fora não adianta, da boca pra fora o cabresto tá na sua cabeça, sabe, o arreio tá na sua boca. “Ele não tem que falar nada” é “Eu não me importo, não tenho que me importar. Eu tenho que saber que vão fazer isso”. Sabe, vacina, é disso que feminista precisa, vacina. Saiba que vão te desqualificar, conforme-se, vão te desqualificar, vão tentar te tirar da cozinha para que você perca a razão, sabe, e aí eles possam dizer: “Não, maluca. Olha lá, gritando comigo. Não, tacou uma pedra em mim”. Não, não taca pedra em ninguém não, deixa o cara falar, deixa ele falar, deixa ele se queimar sozinho. É disso que a gente tem que... É isso que a gente que aprender: oh, fazer a diva, fazer a fina, sabe. É um pouco isso que a gente tem que aprender. Sabe, eu sempre... Meu ideal de “foda-se” é a Eva Blay, sabe. Ela tem uma cara de “foda-se” (risos). Gente, quando eu fizer cara de “foda-se” da Eva Blay to bem, assim, vou pro céu, sabe (risos). Já to no céu aliás, que a gente não vai pra céu nenhum, a gente vive o céu.... Ou não (risos). A gente vive o céu ou o inferno, é tudo aquilo aqui, agora, presente e é isso aí gente.

Ninna: Legal.

Virgínia: Eu respondi a sua pergunta? Acho que eu não to respondendo as coisas que vocês tão perguntando (risos).

Luana: Respondeu sim!

Ninna: Respondeu sim. Não, bem legal. A próxima é : qual a sua opinião sobre identidade de gênero?

Virgínia: Nossa moça, que pergunta é essa (risos)? Eu não entendi a sua pergunta.

Ninna: Não... O que você acha, tipo... Você concorda com a ideia de tal, ou você tem uma visão diferente, assim...

Virgínia: Não, concordo. Tipo, cada um é o que diz que é e ponto. Sabe, uma coisa que eu li e... Olha só, como que a adolescência é importante na vida da pessoa, né. Quando eu era adolescente, final, assim, jovem, tipo dezoito, vinte anos, eu jogava RPG.

Ninna: Ah, legal.

Virgínia: E aí tem um jogo que chama "Lobisomem". Vocês conhecem?

Luana: Não conheço...

Ninna: Não...

Virgínia: É da... do Storyteller, né. E aí tinha uma frase que eu nunca mais vou esquecer, no livro dos vampiros falando sobre os lobisomens, falava assim: "Para você demonstrar respeito chame os lobisomens da forma como eles se chamam. Eles se chamam Garu. Você quer que ele perceba que você o respeita? Chame-o de Garu, não chame-o de lobisomem." Nossa, isso foi uma aula de antropologia em três linhas (risos). Nossa, é isso! Galera, ele é o que ele diz que é e foda-se o que você acha dele.

Ninna: Isso é o que importa.

Virgínia: Isso, pronto.

Ninna: Legal.

Virgínia: Fantástico. RPG é a lei, foda demais (risos). Vocês já jogaram RPG?

Luana: Eu nunca joguei (risos).

Ninna: Eu curtia jogar, mas eu meio que desisti.

Virgínia: É muito legal, super recomendo, porque é muito bom (risos).

Ninna: Deve ser bem legal mesmo. Legal, hãh... tá. Sabe a charge do Latuff?

Virgínia: Hmm.

Ninna: Essa.

Virgínia: Ahh...

Ninna: O que você acha dela?

Virgínia: Vacina. Isso não é feminismo radical, isso não é feminismo. Isso daqui é o que dizem que é o feminismo. É tentando desqualificar o feminismo. É um homem,

inclusive (risos). É um homem falando e ele tá dizendo que isso daqui é feminismo e isso daqui é feminismo radical. Então ah gente... Vacina.

Ninna: Entendi.

Virgínia: Trouxa. É um trouxa (risos).

Ninna: Tá... O que você acha da retratação dele?

Virgínia: Ai, que fofo (risos)! Ah, eu gostei. Bonitinho.

Luana: Você já tinha visto?

Virgínia: Não tinha visto não, mas ele foi um fofo bonitinho.

Ninna: Um fofo bonitinho (risos).

Virgínia: Depois que um monte de mulher amiga dele deu na cara dele, né, com essa merda (risos). Seu trouxa, cala a boca (risos). Tô cara, fala sobre homem, vai falar sobre masculinidade (risos).

Ninna: Fica quietinho. Entendi. A próxima é... Sabe o que aconteceu no VMA, que Beyoncé colocou lá “feminist”?

Virgínia: Não, mas parece bom, me parece muito bom (risos).

Ninna: Ela tava no meio do show assim, e tipo, ela colocou lá atrás um telão enorme, tipo, “feminist”. E um outro exemplo é o grupo de funk carioca Gaiola das Popozudas, aquela música lá, sabe, “ a porra da buceta é minha”?

Virgínia: Ué, isso não é da Valesca?

Luana: É que a Valesca participava... Era da Gaiola das Popozudas.

Virgínia: Ah! Então, eu acho ótimo que essas minas peguem e digam que elas são feministas porque elas influenciam muita, muita gente! Muita gente, cara. Quando a Valesca pegou aquela porra daquela “não mereço ser estuprada” e colocou no facebook dela eu comentei imediatamente “Adoro essa mulher, ela é foda, que linda, é maravilhosa”. Ela nem é tão assim né, mas é importante, cara, isso, essas pessoas. Essas pessoas se dizerem feministas e meu “não tenho medo de me chamar feminista” faz com que meninas que tenham dúvida, não tenham dúvida, ou meninas que têm ojeriza de serem consideradas feministas porque aí elas vão ser feias, com pelo no sovaco, né, e tipo “ nenhum homem me quer, por isso eu sou feminista” (risos). Essas coisas idiotas... Elas param com essa frescura e tomam a vacina, sabe? É isso.

Ninna: Entendi.

Virgínia: Começam, né, a primeira dose (risos). É uma coisa assim meio marqueteira ainda, né, mas te deixa propensa a deixarem falar pelo menos, né. Não é

uma coisa “Ai, não, não, feminista não, feminista não”, tipo “Beyoncé é feminista. Ah, Valesca é feminista. Ah, tudo bem, passei a ser feminista também, então tudo bem”. É meio idiota ainda, meio... Adolescente precisa da afirmação, da aprovação de alguém ainda, né. Mas, meu, é assim que a gente cresce, né, elas... O público delas é esse que precisa de aprovação pra interpretar a informação. É isso, por hora (risos).

Ninna: Legal, legal. Qual é o seu posicionamento sobre aborto e se tem algum caso específico em que essa prática não é aceitável, alguma coisa assim?

Virgínia: Óh, aborto é dos outros, você quer fazer aborto, você faça. Eu sou totalmente a favor da legalização do aborto, das mulheres decidirem. Cada uma decide o que quer, quando quer, porque quer, porque cada uma tem seus motivos e, sabe, aquela coisa “chame o Garu de Garu”, tipo, meu, não queira dizer da vida do outro, sabe, não queira dizer da vida da outra o que que é imoral e não sei o que mais, sabe. Pra mim é muito claro isso. Mas tem alguns casos que pra mim não tem a menor, a menor possibilidade de alguém dizer que não pode fazer. Tipo, antes dos três primeiros meses, meu, não tem nem sistema nervoso. Não dói. Nem dói. Vai tomar no seu cú, sabe, vai tomar no seu cú. Não é a sua vida que vai mudar depois, sabe. A mulher tem uma vida, ela tem uma vida histórica, ela tem uma vida social, ela tem uma vida profissional, uma vida afetiva, uma vida de violência. Não é você que vai dizer se ela pode fazer um aborto ou não porque nem dói. E alma... Óh, alma você acredita na alma? Então que bom pra você, meu querido, então não faça um aborto, tá. Agora, não vai falar pra outra que não pode. Agora eu, hoje... Eu hoje, né, porque eu dez anos atrás faria um aborto com certeza se ficasse grávida. Dependendo de quem eu ficar grávida hoje, é capaz que eu faça um aborto também, do meu namorado, não, mas se eu fosse estuprada, certamente. Grávida de um fulano que por acaso fui, trepei (como eu fiz ano passado, de um cara que fingiu que tava usando camisinha comigo, inclusive gozou dentro de mim, filho da puta... em outros países isso teria sido juridicamente considerado estupro, inclusive) eu teria feito um aborto. Tanto que a primeira coisa que eu fiz depois que eu percebi a merda que ele tinha feito comigo foi passar numa farmácia e comprar uma pílula do dia seguinte. Mas se eu tivesse grávida de oito meses, de qualquer fulano, meu, eu não ia conseguir fazer um aborto. Eu, eu, né. Agora, não sei... Se uma pessoa demorou oito meses pra decidir que ia fazer um aborto de um estupro, eu vou dizer que ela tem que ter o bebê (risos)? Sabe, mesmo que não tem, que seja um estupro... Eu não sei, cada caso é um caso. Como é que você vai legislar sobre isso, sabe? A vida de um

homem não muda. Se ele quiser sumir, ele some. Agora, como é que faz, né, a mina vai sumir? Não, porque lá no documento de nascido vivo vai tá o nome dela. Do homem o homem vai lá e diz quem é a mãe no cartório, mas a mulher não pode ir lá no cartório dizer quem é o pai e o cara registra, né. Então é a vida da mulher, é a vida profissional, acadêmica dela, é o futuro dela que muda completamente. É ela que não vai poder mais ir pro role, sabe, é ela que vai ser julgada, é ela que vai ficar noites em claro trocando fralda, é ela que vai ter depressão pós-parto, sabe. Então não venha me dizer que tem regra pra fazer aborto, sabe. Pra mim cada uma decide a sua própria consciência, sabe. Ninguém faz aborto porque gosta, “ah, acho que eu vou ficar grávida hoje porque daqui... ah, acho que vou fazer um aborto daqui quatro meses só de brincadeira, assim” ou então “ai, nossa, acho que eu vou ficar grávida daquele meu ex-namorado filha da puta só pra poder dizer pra ele que eu fiz um aborto daqui cinco meses”. Assim, sabe, é aquela ideia do patriarcado de que as mulheres são ardilosas, que elas são mentirosas, que elas são sedutoras, malignas... Opa, desculpa, cuspi (risos).

Ninna: Imagina, relaxa.

Virgínia: Aquela ideia de que as mulheres são demônios encarnados, sabe. E ah, isso me cansa, cansa. Não, na boa, vai tomar no cú de novo (risos). Ó eu lá com minhas ofensas homofóbicas, né, porras. Não dá pra xingar sem ofender alguém cara, não dá (risos). Vou chamar de “bobo” daqui a pouco porque é a única forma (risos). E ainda por cima também é capacitista, né. Por que o que que é o bobo? É o retardado né (risos). Não dá gente, não dá pra xingar.

Luana: É difícil (risos).

Virgínia: A gente tem que ficar aqui no mundo de Buda (risos). Não xingue, não vibre essas coisas. Vibre, sei lá, amor, vibre luz, mas... Sei lá, enfim (risos). To sendo louco, acho que vocês não esperavam uma louca dessa no trabalho (risos).

Luana: Relaxa (risos).

Ninna: Nossa, mó legal.

Virgínia: Vão contar pra professora: ”Gente, a gente entrevistou uma maluca, só pra formular de Buda e não sei mais quem” (risos).

Luana: Imagina, de jeito nenhum (risos).

Virgínia: “Que não dá pra xingar nesse mundo”

Ninna: Imagina, é legal, legal. Tá... Próxima pergunta... Em uma matéria da Folha de São Paulo em sete de dezembro de 2014 com o título “Mulheres querem pornô

com mais naturalidade, realismo e enredo” foram divulgados os resultados de uma pesquisa feita pela Playboy TV. O número de mulheres entre os assinantes aumentou, chegando a 54%, e segundo a matéria isso influencia um outro resultado que diz que 63% nas pessoas interessadas nesse tipo de programa preferem cenas naturais. O que você pensa sobre isso?

Virgínia: Que as pessoas gostam de trepar (risos). Gostam de ver também, né (risos). Eu não sei... As mulheres gostam de historinha, né, deve ser isso (risos). Já viram? Tem aqueles mangás pra menino e aqueles mangás pra menina e tem uma historinha no das meninas, né. Depois elas trepam também, mas a gente precisa de preliminares (risos). A gente gosta, né, carinho (risos). Os homens também gostam, mas é que eles não sabem. Não ensinaram eles. A gente aprende porque a gente toma banho, né, os meninos não tomam (risos). A gente aprende que é “uh, ah, isso é bom, gostosinho, uau” (risos). Pesquisa idiota, deve ser... Dá dinheiro essa porra, né mano, então lógico que eles vão pesquisar (risos). É isso, meu: pornô é dinheiro... Quando você compra pra assistir, né, porque você pode fazer o seu no seu quarto, mas enfim (risos).

Ninna: Legal, legal.

Virgínia: Sem gravar, tá gente, porque senão é... Whatsapp é uma tristeza, não gravem essas coisas (risos). Não pode dar brecha. Depois da nuvem, sabe...

Ninna: O que?

Virgínia: Da nuvem, da Apple, essas coisas que tiram foto foi pra nuvem (risos). Ah gente, não tiro foto com o meu celular... mas nem amarrada (risos). Menos amarrada, né gente. Que loucura (risos).

Ninna: Tenho medo, vai que um cara maníaco... Sei lá... Vai me torturar. Eu morro de medo disso (risos). Enfim, tá. Outra pergunta: o que exatamente você considera como estupro?

Virgínia: Como estupro?

Ninna: É, a partir de que ponto é estupro ou não é...

Virgínia: Não, por exemplo, o que aconteceu comigo eu considero um estupro. O cara mentiu pra mim e, não contente, gozou dentro de mim. Estuprador. Mas... Ó gente, estupro é qualquer situação que o cara entra dentro de você porque você não consegue dizer não, seja porque você não consegue por uma questão, né, de medo, de vergonha, de não conseguir dizer que, sabe. As mulheres são ensinadas à santa, você não consegue

dizer não pra o que você não quer. Você não consegue sair da situação. Tipo, se você mudou de ideia você não consegue mais mudar de... sabe. Se o cara se utiliza dessa sua dificuldade que você aprendeu porque você é mulher, é estuprador, cara. Então, assim, qualquer homem que finge não tá percebendo as coisas que tão acontecendo na frente dele, é um estuprador.

Ninna: Entendi.

Virgínia: Sendo óbvias, né, se você trepa com uma mina bêbada que tá te “hãh, hãh” mas aí você vai lá e come assim mesmo, você é um estuprador. Uma mina bêbada dormindo no sofá, estuprador. Uma drogada, estuprador, sabe. Meu, simples: não quer, não tem como se defender, não tem como se negar... Paraplégica, é estuprador, sabe. Criança, estuprador. Fico de cara, assim, com algumas decisões judiciais que dizem, por exemplo, que uma menina que é prostituta não pode ser estuprada porque ela não é mais inocente.

Ninna: Nossa.

Virgínia: Teve algumas decisões recentes nesse sentido. “Ela realmente não pode ser estuprada”, ela é, ela não foi, ela é cotidianamente estuprada se ela é prostituta com doze anos. Isso é exploração sexual, isso é estupro. Toda vez que ela entre num quarto, ela já foi estuprada... Ou na rua, né...Ai, enfim (suspiro). Suspiro longo.

Ninna: É, sim sim... Tá... Acabou essa parte. Aí tem... Se você não se incomodar, tem o questionário socioeconômico e tal, que é importante pro trabalho, e tal. Tudo bem?

Virgínia: Vamos ver.

Ninna: Seu nome e idade. Não vai ser citado no trabalho.

Virgínia: Ai, pode pular essa? Mas eu tenho trinta e dois anos e meio (risos).

Ninna: Não, mas relaxa, a gente não vai falar nada no trabalho nem nada.

Virgínia: Uhum.

Ninna: A qual classe social você diria que pertence?

Virgínia: Eu sou classe média, eu acho, né. Classe média.

Luana: Como você se auto-considera.

Virgínia: Ah, sou classe média. Eu quero uma casa própria, sabe (risos). Essa é uma das minhas preocupações, sabe (risos). Pra um futuro breve eu gostaria de ter minha casa, então acho que eu sou classe média (risos).

Ninna: Se você não quiser responder alguma pergunta, você não responde, tá.

Virgínia: Uhum.

Ninna:Tá. Você costuma acessar internet de vez em quando?

Virgínia: Eu tenho até internet no celular agora, gente. Roubaram meu celular, daqueles que não tinha nada. Agora eu tenho um e uso a internet o tempo inteiro. Eu até descobri que eu uso muito, tenho que parar de usar (risos). Senão eu vou ter que pagar a mais pra Claro, né (risos). Não, mas eu já aprendi, eu só não posso entrar em sites que não são o Facebook. Posso usar o Whatsapp bastante, o email, mas não na Folha, não (risos). Eu entro em casa, eu uso wi-fi (risos).

Ninna: Você tá estudando atualmente?

Virgínia: Sim, sim. Faço mestrado.

Ninna: Mestrado, tá.

Luana: Em que você faz mestrado?

Virgínia: É em psicologia social, né, porque eu sou psicóloga no Núcleo de Psicologia Política e Movimentos Sociais.

Ninna: Ah, legal.

Luana: Você fez graduação em psicologia?

Virgínia: Sim, sim. Estudei na UNESP de Bauru.

Ninna: Legal. Considerando todos os seus anos de estudo, você estudou em escola pública, ou particular, ou os dois?

Virgínia: (suspiro) Numa particular, cheia de freiras...

Ninna: Ai, nossa.

Virgínia: Mas ela era boa, né.

Luana: Mas tinha professora de história (risos).

Virgínia: É, tinha a professora de história, graças a deus, né. Literalmente, porque né, era uma igreja lá dentro (risos). Tinha até aula de religião. Ai, coitada da gente.

Ninna: Ai, coitada.

Luana: Você estudou o período todo nessa escola?

Virgínia: É... A maior parte dos anos eu estudei nessa escola. Teve... A sexta série eu fiz em outra escola, mas depois eu voltei pra essa. O prézinho tinha feito em uma escolinha pequena, mas na segunda série eu fui pra essa escola. Então fiz bastante... A maior parte da minha vida escolar foi nessa escola.

Ninna: Legal. Até que ano da escola sua mãe ou madraستا estudou?

Virgínia: A minha mãe fez faculdade. Ela se formou no ensino superior. Ela fez uma especialização também, mas ela é igual eu, ela não fez o tcc. Ela se formou, mas não se formou, sabe (risos).

Ninna: E o seu pai/padrasto?

Virgínia: Meu pai estudou o ensino médio. Ele começou a faculdade, mas ele não terminou. Meu pai é caminhoneiro, né, ele gosta do role, não gosta de estudar não (risos).

Ninna: Entendi. Você se denomina de que cor ou raça?

Virgínia: Então, eu me chamo de branca, mas eu... Não sei... Me falaram que o meu cabelo, né, assim... Esses cachos... Eu tenho cá com os meus botões que de repente, né, assim, meu bisavô (aquele que minha bisavó não sabe quem era) talvez fosse negro, né. Eu tenho essa esperança (risos). Porque a minha família inteira é portuguesa, né. Mó sem graça cara, tipo, mó triste ser branca no Brasil (risos).

Ninna: Não, é mesmo, é mesmo, totalmente... O que que você tá trabalhando hoje, tipo, qual o seu trabalho?

Virgínia: Eu sou psicóloga num serviço público.

Ninna: Ah é, você falou. Legal... Falando novamente do seu pai, qual era a ocupação ou atividade principal que ele exercia quando você tinha quinze anos?

Virgínia: Ele era caminhoneiro. Ele sempre foi caminhoneiro.

Ninna: Sempre foi caminhoneiro?

Virgínia: Não, não, ele foi bancário também, mas eu não era nascida. Não conta (risos). Desde que eu me conheço por gente ele era caminhoneiro.

Ninna: Legal. E a sua mãe, quando você tinha quinze anos?

Virgínia: Ela era advogada num banco... Advogada de um banco.

Ninna: Ela sempre foi advogada?

Virgínia: Ela era bancária antes, né. Aí quando ela terminou a faculdade ela prestou um concurso interno e aí ela se tornou advogada no banco em que ela já estava.

Ninna: Legal... Tá... Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você... É... Aproximadamente a renda da sua casa no mês passado.

Luana: Se você quiser a gente pode falar algumas faixas.

Ninna: É, tem umas faixas aqui.

Virgínia: Ah, eu acho que eu to nessa... Ai gente, eu tenho vergonha (risos).

Luana: Não, não, se você não quiser, sem problemas.

Ninna: Não precisa. Se você não quiser, não fala.

Virgínia: É, eu prefiro...

Luana: Tudo bem.

Virgínia: Fico meio me sentindo fora da realidade (risos).

Ninna: Relaxa.

Luana: A gente não tá aqui pra julgar ninguém.

Virgínia: Não é muito, mas é muito comparado com a maioria da população, eu fico com vergonha de achar pouco ainda, de querer mais, tá ligado (risos).

Ninna: Não, tudo bem. A última pergunta: se não for incômodo, a gente gostaria de saber qual é a sua orientação sexual. Se você não tiver confortável em falar, não precisa falar.

Virgínia: Eu sou heterossexual.

Ninna: Hétero.

Virgínia: É. Mas eu já me perguntei “não, será que sou?”, mas não, sou sem graça, tipo, gosto de homem (risos). Aliás, esse é meu problema, né, tipo, se eu não gostasse acho que a minha vida ia ser tão mais fácil. Simplesmente ia sorrir falar “Tchau pra vocês, falou! Vou pro outro lado” (risos). Ó eu aqui sendo louca, as lésbicas pira comigo falando isso (risos).

Ninna: Nossa (risos), também acho que seria mais fácil se eu fosse lésbica. Ia ser muito mais fácil, sabe, eu acho assim (risos). Essa era a última pergunta.

Luana: É, foi isso mesmo.

Virgínia: Você ia falar alguma coisa?

Luana: Não. Muito obrigada por todas as informações que você deu, compartilhar sua ideias...

Virgínia: Pelas risadas (risos).

Luana: Pelas risadas (risos). Não, de verdade, obrigada por compartilhar suas ideias, suas histórias.

Virgínia: Gratidão vocês.

Luana: Muito obrigada viu, foi muito útil.

Virgínia: Foi uma honra. Adoro estudante.

Luana e Ninna: Ah, que legal.

ENTREVISTA COM ANGELA – MARCHA DAS VADIAS (via Skype)

Luana: Bom dia! Não sei se você tá sabendo de como é nosso trabalho.

Angela: Pera aí, só um instantinho, que meu computador tá desmontando.

Luana: Claro, de boa!

Rafaela: Sem problemas.

Angela: Aí, melhorou, pronto. Ah, eu sei sim. Sou eu que, que acompanho os emails. Fui eu que falei com vocês esse tempo todo.

Luana: Ah, então tá certo. Então, só pra resumir... Pra dá uma resumida... (problemas na conexão com a internet).

Angela: Opa, voltou?

Rafaela: Mais ou menos...

Luana: Voltou, agora voltou. Deu problema aqui na internet.

Angela: Ah, tá certo, vamos lá.

Luana: Então, pra resumir, a gente é estudante de Ciências Sociais da USP e a gente tá fazendo uma pesquisa sobre história de vida de mulheres militantes. A gente tá conversando um pouco, queria fazer algumas perguntas. Assim, não existe resposta certa ou errada, você não vai se identificada e, assim, qualquer pergunta que você não se sinta a vontade pra responder, não precisa, tá?

Rafaela: A gente vai tá gravando a conversa, tudo bem?

Angela: Tudo bem.

Rafaela: A gente pode começar com as perguntas?

Angela: Vocês têm quantos anos?

Rafaela: Dezoito.

Luana: E eu tenho dezenove.

Angela: Aí, estamos de volta?

Luana: Aqui estamos. Oi, tá me ouvindo?

Angela: Tudo bem? Estão me ouvindo?

Luana: Sim, a gente tá agora.

Angela: Então tudo bem.

Rafaela: Pode começar?

Luana: Quantos anos você tem?

Angela: Eu tenho trinta.

Luana: Trinta, tá certo.

Rafaela: Sua família tem alguma história com a militância? Se sim, qual?

Angela: Não, na verdade não. É... Na verdade eu passei por situação de trabalho infantil durante a infância, foi um processo, é, foi uma das coisas que eu me empurrei pra militância, mas na verdade foi esse processo dentro da minha própria família. Como eu tenho quatro irmãos mais novos, meus pais tinham aquela mentalidade de que eu precisava ser dona de casa enquanto eles saíam pra trabalhar. Então, com nove anos, eu cozinhava, passava, cuidava dos bebês, trocava as fraldas, deixava a casa pronta, comida pronta pra quando eles chegarem. Então na verdade, a minha família não tem uma relação de militância, mas a relação conflituosa que a gente teve foi muito importante pra eu perceber que alguma coisa tava errada naquela minha rotina.

Rafaela: Sim, então você diria que o fato da sua família, que sua família influencia de alguma forma sua opção pela militância?

Angela: Sim, eles influenciam no sentido de que eu nunca, eu sentia desde a infância, com a infância tão marcante, tinha alguma coisa errada, aquela vida era muito difícil, era muito sofrida, que de alguma forma tinha alguma coisa errada ali. Então, e, meus pais na verdade, eles são muito humildes, foram muito humildes, então quando eu era criança, eles estudavam, terminar o supletivo, pra conseguir um emprego melhor, a gente era uma família pobre. Então, acho que aquela condição, essa condição me influenciou. Não tanto eles, meus pais e meus irmãos não tem militância, não tem, é, um posicionamento político, assim, ativo sobre as coisas e eles trabalham pra pagar as contas, basicamente. Mas essa relação de ter sido a filha mais velha e ter um irmão dois anos mais novo, que ele não tinha nenhum dever, assim, doméstico, isso me causava muita estranheza.

Rafaela: E, você participa de algum outro movimento social?

Angela: Não, eu participo só da Marcha das Vadias. Foi o primeiro movimento que eu participei, assim, ativamente. Porque até então eu acompanhava um pouco de distância, mas isso tem a ver, eu sempre fui, na adolescência eu trabalhei com o movimento estudantil, participei um pouco do movimento, mas nada significativo, porque eu tinha uma rotina doméstica muito, é, muito sufocante né, de limpar, de cuidar da casa, enfim, como se eu fosse uma pessoa adulta, então durante muito tempo isso restringiu a minha participação em qualquer outro tipo de coisa. Não conseguia, assim, fazer trabalho em grupo na escola, porque também tem isso, não podia sair de casa porque tinha dois bebês pra eu cuidar. Então, a primeira vez que eu comecei a participar

mais ativamente do movimento foi do grêmio estudantil na escola, já tava com 15 anos, e mesmo assim tinha que ser todo, foi na mesma época que, minhas primeiras manifestações, na época era as manifestações contra a invasão do Iraque, foi a primeira vez que eu comecei a sair de casa, eu passei, assim, boa parte da minha vida realmente em casa, sem sair de casa. E, aí foi isso, e mais tarde, eu saí de casa com 18 anos, e, aí eu comecei a frequentar outras coisas, mas ativamente eu considero a Marcha meu primeiro movimento.

Rafaela: E sua família apoia de alguma forma sua atividade no movimento feminista?

Angela: Hoje sim, hoje eles têm uma postura bem mais... No começo, logo que eu comecei a ir em manifestação, acompanhar assembleia estudantil, logo que eu sai de casa eu mantinha contato com meus pais e tudo mais, ligava pra eles, visitava uma vez por mês, e eles tinham muito receio, sabe? Pra você ter ideia, a minha família, eles acreditavam que as pessoas que foram exiladas na ditadura que elas não foram exiladas, que elas tinham realmente cometido crime, terem assassinado pessoas, e tinham fugido, porque eles eram matadores. Então eles tinham uma compreensão bem oficial, da história oficial das coisas, então eles tinham um medo enorme dos movimentos, sabe? Qualquer tipo de manifestação política. E aí com o tempo, eles, é, com o tempo eles viram que eu sai de casa, entrei pra faculdade, consegui me sustentar sozinha, consegui, aí voltei pra casa pra ajudar eles a pagarem as despesas, e aí esse processo todo que eu tava fora de casa, fiz terapia, e aí isso ajudou eles a entender o que era pra mim o movimento. Então, hoje eu posso dizer que pra minha mãe tem uma concepção totalmente diferente, que meu pai, apesar de não ser diferente, acreditar nas mesmas coisas que ele acreditava, ele sente de uma certa forma orgulho do que eu faço, sabe? Ele não tem vergonha de chegar no meio da família dele, dos irmãos, e dizer “aí, a minha filha não veio almoçar hoje, porque ela tá participando da Marcha das Vadias”, sabe? Então, hoje eles sabem, a gente conversa, eu converso com eles sobre as nossas questões, eles ouvem, então eles sabem o que eu faço e pra mim é importante, de certa forma como eles percebem que, isso é importante.

Rafaela: E você disse que a Marcha das Vadias foi a primeira coletiva que você realmente participou. Mas você entrou em contato com alguma outra coletiva feminista antes de participar da Marcha?

Angela: Ah sim, eu tive com meus primeiros... Eu costumo dizer que foi um contato meio orgânico... Eu, porque o feminismo tem essa questão que você se incomoda com as coisas e você não sabe que aquilo é o feminismo ainda, sabe? E aí, por exemplo, na escola onde eu estudava tinha, desde criança, tinha a questão que era assim: toda lista de chamada vinha primeiro o nome de todos os meninos de A a Z e depois o nome das meninas de A a Z. Isso implicava várias coisas, sabe? Implicava quem ia sair pra comer o lanche primeiro, porque era tudo em ordem de chamada. Então assim, era um problema o tempo todo, porque na hora de sair pra pegar o lanche, saia primeiro todos os meninos, depois saia as meninas, Então, e, isso me incomodava, sabe? Eu não consigo lembrar exatamente quando foi que eu fiquei sabendo que aquilo lá era o feminismo. Mas eu me lembro claramente que quando eu tinha uns 14, 15 anos, eu já conhecia também o movimento das mulheres a favor do aborto. O meu primeiro contato mesmo foi com leitura, é, eu acho que basicamente por leitura, porque foi uma época que eu tava lendo, quando eu tinha uns 14, é, uns 13, 14 anos, eu comecei a ler muito, porque, como eu falei, como eu ficava trancada em casa, a minha estratégia foi, eu tinha o privilégio de estudar em uma escola que tinha uma biblioteca gigante, isso lá no começo dos anos 90 ainda, hoje as escolas nem tem bibliotecas mais. E aí minha escola tinha uma biblioteca gigante, então eu saia da aula, e pegava alguns livros e como eu ficava trancada em casa, eu lia. Então, eu li enquanto os bebês estavam dormindo, eu lia enquanto a roupa estava de molho, e essas coisas. Então foi aí que eu li muito, meu primeiro contato com uma autora mulher foi a Rosa Luxemburgo, que tinha na biblioteca. Eu já tinha... Isso, é, meu primeiro contato foi a teoria de esquerda, né, da Rosa Luxemburgo, aí na mesma época eu tava lendo Os diários do Che, aí eu começo a ler, foi nesse período que eu começo a ter mais contato sobre feminismo, sobre traição, sobre tudo mais. Então acho que meu primeiro contato foi lendo mesmo, não com o movimento em si, a partir daí que eu comecei a saber que tinham pessoas que faziam aquilo acontecer. Tá e deixa eu ver. É isso que já, ah sim, que teve a grande questão que acho que meu primeiro contato, assim, com mulheres reais que falavam sobre feminismo foi um grupo de... É muito engraçado isso, mas é verdade, minha família é muito tradicional, muito antiga, então, a minha única possibilidade de sair de casa era pra igreja, e aí eu tive a sorte imensa de ter um grupo de jovens na igreja, quando eu tava com uns 14 anos, que eu comecei, que meus pais permitiram que eu fosse, de ter um padre e um grupo de freiras que eram muito ligados a teoria da Libertação, que é a

Teologia da Libertação, que fala, sabe, de desigualdade, que falavam sobre o direito das mulheres. Então meu primeiro contato foi esse, era uma freira que dava aula de catequese e que ela era muito progressista, falava, não falava a palavra aborto e essas coisas, mas ela trazia uma perspectiva diferente de opressão, inclusive de opressão de gênero, acho que foi ela a primeira pessoa que me fez ouvir a palavra gênero.

Rafaela: Mas coletiva em si, você participou de alguma antes da Marcha?

Angela: Não, coletiva em si não, a Marcha foi meu primeiro coletivo.

Rafaela: E qual sua opini...

Angela: É porque tem a questão também que eu sou jornalista, então eu resisti por muito tempo em entrar em algum coletivo, em procurar mesmo, porque o posicionamento político dentro da profissão de jornalista traz algumas barreiras de acordo com a área que você trabalha. Então eu trabalho com política, com jornalismo político desde 2007 quando me formei e isso atrasou um pouco. Só quando eu sai da redação de política, deixa eu ver em 2011, acho, é, 2012 quando eu sai da redação de política e fui pra redação de cultura que eu achei que eu podia me envolver em um coletivo de verdade, que isso não ia atrapalhar a minha profissão como jornalista. Então isso atrasou um pouco, então eu só fui realmente conhecer o coletivo coletivo e entrar foi a Marcha em 2013.

Rafaela: Tá certo.

Angela: 2012, no final de 2012, isso.

Rafaela: Qual sua opinião sobre outras correntes feministas?

Angela: Hmm, isso é tão difícil (risos). Eu costumo dizer que eu sou, por mais que eu tente eu acabo sempre sendo a reformista, a reformista não, a conciliadora da Marcha. Então eu tenho uma posição de muito, de, eu sou muito apreensiva, fico muito tensa com os movimentos mais radicais, eu acredito piamente que as ações começam com um discurso, então assim, eu tenho muito medo do discurso, por exemplo, na nossa última marcha, no nosso último ato de rua, nossos atos sempre é muito espontâneo, então as pessoas fazem os cartazes que querem, elas puxam os gritos que elas querem, sabe? É claro que as baterias preparam algumas coisas, mas é tudo muito espontâneo. Então eu fiquei muito preocupada, por exemplo, quando a gente viu uma grande quantidade de cartazes pedindo, ah, “mate seu estuprador”, sabe, “nós vamos cortar sua pica”. Eu tenho uma posição muito apreensiva e muito, apreensiva mesmo, eu fico com um pouco de pé atrás, porque eu acho que isso pode se tornar um, que discurso se torna

prática. Então é assim, em relação as feministas radicais eu tenho um envolvimento muito tenso com elas, tem outras meninas da Marcha que elas nos trazem as informações, que elas nos trazem os conceitos, mas eu tenho, é, enfim, eu sou um pouco apreensiva com o radicalismo e eu... Assim outras correntes... Ah sim, a gente tem o feminismo negro que faz parte do meu diálogo constante dentro da Marcha, de trazer a questão do movimento negro e a gente tem embates muito intensos, de tentar entender a posição da Marcha em relação as mulheres negras e as mulheres negras em relação a Marcha. Então, acho que o feminismo negro é hoje o grande avanço, sabe, é o grande ponto chave. E, mas assim, eu acho que as mulheres negras hoje são a grande vanguarda, eu acho que a Marcha é vanguarda também. A gente tá caminhando, não em direções diferentes, a gente faz caminhos diferentes. Por participar do movimento Marcha das Vadias, enquanto Marcha das Vadias eu dialogo com o movimento negro, não participo ativamente do movimento de mulheres negras. Isso faz parte da minha posição política de que, de eu, é, de ocupação, sabe, sempre isso faz parte da minha trajetória profissional e tudo mais, a gente tem outros movimentos que, a construção de novos espaços específicos, como é o movimento de negro, e minha posição sempre é de ocupar os espaços que a gente ainda não ocupou de maneira, assim, tem um valor simbólico, sabe. Então eu acho sim que é importante tá dentro da Marcha das Vadias como mulher negra, acho sim que é importante tá dentro da redação de grandes jornais como eu trabalhei, como, sabe, posicionamento de esquerda, consegue trazer fontes diferentes.

Então, eu acho que é isso assim, eu tenho uma grande, a gente tem uma gama muito vasta, sabe, de movimentos. Eu tenho também, é, a gente tem hoje, os movimentos mais antigos, que são as mulheres que estavam lutando contra a ditadura, as mulheres sindicalistas e tudo mais. E hoje a gente tem, nos movimentos mais jovens, a gente tem uma postura muito de não lidar com a política institucional, então, por exemplo, pra ficar mais claro pra vocês vamos falar do exemplo do MPL, por exemplo, eles não elegem, eles não têm candidatos e aí a gente chega aqui, eu falo assim porque moro em Brasília hoje, então a gente chega aqui no Congresso e a gente não... Esses movimentos da juventude e, inclusive os movimentos de mulheres, nós temos uma resistência muito grande a fazer parte do jogo político institucional, então, em relação de se fazer partido, se fazer campanha, se eleger, de fazer política nesse sentido e eu acho que, é claro, tem um papel importante de mostrar como o sistema político tá

deslegitimado, mas eu também penso, que, pela minha, como eu já trabalhei com política aqui no Brasil, eu sou setorista do Congresso, eu trabalho diariamente com o Senado, a Câmara, e aí a gente vê que realmente isso ainda não tá chegando aqui. A gente ainda tem as decisões políticas tomadas pelos grupos muito mais, né, arcaicos, sabe, se nós, o movimento de mulheres da juventude, não estamos pensando em ser eleitas, em fazer o movimento entrar, trazer isso pro movimento institucional, tem outras pessoas fazendo isso e fazendo muito bem, como a Kátia Abreu. Então eu acho que essas são as minhas, o que eu poderia, o que eu pontuo como outras vertentes de movimento e minha opinião.

Rafaela: Como e quando foi que você conheceu a coletiva Marcha das Vadias?

Angela: Ah, então, eu me lembro de ter acompanhado desde o, acompanhado a primeira movimentação da Marcha lá em 2011 no Canadá. E aquilo foi, uau, sabe? Achei aquilo o máximo, mas, e aí em 2011 já teve uma aqui, mas eu não fiquei sabendo tal. Mas em 2012 eu já sabia que tinha, então em 2012 eu já tava acompanhando a movimentação da Marcha aqui, acompanhando de pesquisando na internet, de saber que existia, que ia acontecer, isso gerou uma pauta muito grande na redação, essas coisas. E aí eu fui, é, eu sempre acompanhava. A primeira Marcha em 2012 eu tinha uma amiga, somos muito amigas, que ela participava na época, ela participou da primeira formação do coletivo e aí ela que ia me informando tudo que tava acontecendo. E no ano seguinte, pra próxima, passado a primeira marcha, o primeiro ato que eu fui em 2012, aí eu já entrei e já comecei a participar do coletivo. Mas meu primeiro contato, eu vi o movimento surgir, emergir, com as marchas do Canadá, da Europa e aí, pela minha amiga, eu fiquei sabendo que isso estava acontecendo aqui também.

Rafaela: De onde vem a vontade de você estar nessa coletiva especificamente? Foi em algum momento marcante pra você?

Angela: Foi um momento marcante sim. De... Na verdade é uma coisa bem pessoal mesmo, né? Como eu falei eu não militava, mas eu já, eu conhecia o movimento feminista, eu lia, sabe, eu conversava sempre e aí quando essa minha amiga começou a participar, aí eu comecei a participar pra ficar mais junto dela e tal, pra gente compartilhar mais coisas e também, porque eu sempre tive uma vontade imensa de participar mais ativamente de alguma coisa. Então meio que, quando eu ia pras primeiras manifestações lá quando eu era adolescente, depois teve um grande hiato, sabe, eu não lidava muito bem com o movimento estudantil na faculdade, porque

tinha a questão de que, ai, aquela questão... É bem engraçado assim, porque acho que vocês vão entender isso bem, da questão de o movimento estudantil tava lá nas assembleias, mas as pessoas estavam há sete, oito anos na faculdade, reprovavam em todas as disciplinas, iam mal, só iam beber, não apareciam na aula, sabe. E eu tinha uma postura de que, enquanto pessoa negra, que eu entrei na faculdade pública, vim de uma classe social em uma época que não existia cotas, apesar de existir intensamente a luta pelas cotas, que eu não podia aceitar um movimento estudantil que fosse falho na questão acadêmica. Então, eu tinha essa vontade de participar do movimento estudantil, mas aí percebi essa barreira, sabe, eu não tinha, assim, uma postura tácita entre os membros que negligenciavam a carreira acadêmica. E eu não podia fazer isso, porque as pessoas negras não podem negligenciar nada, não podem. Então não tive uma posição ativa no movimento estudantil e fui me sentindo culpada, me sentindo que eu não conseguia ser uma militante de verdade, então quando eu vi a Marcha, que eu não tava, pelo menos eu tinha estabilidade financeira, eu já tava morando sozinha em São Paulo de volta, então foi um momento da minha vida que eu falei “ok”, sabe, “acho que agora eu posso realmente me dedicar pra isso”, que era uma coisa que eu queria fazer a muito tempo.

Rafaela: E o que você mais gosta dentro dessa coletiva especificamente?

Angela: dentro?

Rafaela: Dessa coletiva feminista especificamente.

Angela: Nossa... (a conexão com a internet foi perdida).

Rafaela (pelo celular): É, um minuto que eu estou falando com você pelo celular agora, porque nossa internet ficou instável de novo e caiu. A gente tá tentando resolver aqui, se não resolver a gente te liga de novo, pode ser? E aí faz assim, sem imagem do nosso lado, tem algum problema?

Angela: Não, não tem não. O jeito que ficar melhor pra vocês a gente faz.

Rafaela: A gente vai tentar uma resolvida aqui e acho que agora foi. A gente já te liga novamente, tudo bem?

Angela: Tá bem, tá ótimo.

Rafaela: Obrigada. Um minutinho.

Angela: Certo.

Rafaela (pelo computador): Voltou.

Luana: Desculpa.

Angela: Não, sem problemas. Ai, gente eu esqueci! É que eu sou velha já! (risos) Vamos lá, eu disse que a Marcha foi meu primeiro coletivo, mas foi meu primeiro coletivo feminista... Nossa, tá até melhor agora! Foi meu primeiro coletivo feminista, porque antes, logo quando eu sai da faculdade eu participava das discussões sobre a contrapartida que os estudantes de universidade pública deveriam dar pra sociedade, porque tem aquela questão de que se forma, vai trabalhar, ponto final e dane-se o retorno daquilo. Então, meu primeiro coletivo, assim, foi um coletivo voltada pra educação, pro ensino da educação na periferia, a gente juntou... Eu sou de Carapicuíba, que é uma cidade da Grande São Paulo, na zona oeste, é divisa com Barueri, Osasco, ali. Então, eu me formei em 2007, é, participamos em 2006 de um movimento estudantil e a gente percebeu ali, a gente se encontrou naquele evento mais ou menos uns dez, quinze estudantes que moravam na região, que vinham de universidade pública. Depois da gente se formar, a gente se juntou e nós montamos um coletivo com cursinho pré-vestibular pra outros estudantes de escola pública. A gente acabou se conhecendo pelo movimento estudantil na faculdade, é engraçado assim, na época era o Orkut, e aí a gente começava a ver, eu estudei na UNESP em São Paulo, e entrava na comunidade da UNESP e você começava a “Ah também sou de Carapicuíba”, no meu campus, era sei lá, nós éramos três de Carapicuíba, sabe? E aí a gente começou a se encontrar e a gente montou esse coletivo e fomos dar... (a conexão com internet foi perdida novamente).

Rafaela: Caiu de novo.

Angela: Aí, voltamos. Então, aí quando a gente saiu do ensino médio, eu saí do ensino médio em 2001. Ou em 2002? Acho que 2002, por aí. Quando a gente saiu lá em Carapicuíba, o cenário era de uma sala de quarenta, quarenta e cinco alunos de terceiro ano de cada sala, dois, três no máximo tinham perspectiva de fazer faculdade, não era nem de fazer universidade pública. Daqueles quarenta por sala, se 10% tinha uma perspectiva de fazer faculdade já era uma coisa muito acima da média. Geralmente eram dois, três que iam fazer faculdade e, assim, estudávamos numa sala de quarenta e cinco, acho por aí, algumas, tínhamos 17 anos e nós éramos três prestando vestibular: eu e mais um, é nós éramos dois que a gente fazia cursinho, outro rapaz fazia cursinho comercial, de verdade, que tinha uma posição melhor, eu fazia cursinho de um projeto social, então é assim, sabe? Era muito, era chocante, tanto que hoje eu to com 30 anos, aquelas pessoas que se formaram comigo têm 30 anos e hoje, 80% delas estão fazendo a primeira faculdade. Então, assim, a gente voltou, terminou a faculdade, voltamos pro

bairro, montamos um cursinho e a gente passou três anos aí, dando aula aos sábados, é, levava os outros estudantes pra conhecer feira de estudante, conhecer carreira, sabe, tentando dialogar com os professores daquelas escolas, porque era cômico, sabe, eu lembro claramente na minha época, quando você dizia que “Ai não, eu vou prestar vestibular”, os professores riam na sua cara. Então, meu primeiro coletivo foi esse, a gente voltou lá com o conceito de que os estudantes de universidade pública têm que voltar sim, e dá uma contrapartida social pra sociedade que bancou aquela formação, então durante três anos a gente deu aula de graça, em um lugar que um cursinho pré-vestibular mais próximo tava a uns 15 km e a gente voltou lá, principalmente pensando que aqueles estudantes que estavam ali precisavam saber que a gente existia, que a gente tinha crescido ali, passado por aquela escola e a gente tinha ido pra uma universidade pública, que a gente tinha bons empregos, que a gente existia. Porque, na periferia, tem esse problema muito intenso de que, quando, isso é o que aconteceu com a gente, por exemplo, hoje nenhum de nós mais mora lá ou passa por lá, sabe? Então quando a gente vai pra faculdade, sai, assim, nossa identidade ainda é de periferia, mas, gente, na hora que você consegue o mínimo de condição financeira, não dá pra continuar morando em um lugar que não tem água encanada, não dá pra continuar em um lugar que por exemplo, tem uma questão da periferia, dos valores da periferia, por exemplo, eu sou uma mulher, solteira, sozinha, que não quero casar e não quero ter filhos, sabe, e o meu melhor amigo que participou toda essa minha vida política a gente compartilha e a gente tá nessa mesma condição e ele é gay, sabe, a periferia não tem muito espaço pra gente, não tem muito espaço pra gente, como é que a periferia lida com uma mulher que mora sozinha, em uma casa, que não tem o perspectivas de construiu uma família tradicional, essas coisas, sabe? Então com tudo isso, o objetivo do coletivo era esse, mostrar pros jovens que a gente existia, até pra mostrar que você tem alternativas de caminho sim. Aí hoje, lá em Carapicuíba, na minha quebrada, a gente já tá numa segunda geração que são pessoas que foram sim pra universidade, mas voltaram e estão lá, sabe. Então esse foi meu primeiro coletivo, mas coletivo feminista a Marcha foi meu primeiro coletivo, eu tinha que falar disso, porque foi uma fase muito importante, muito importante mesmo da minha vida e da minha posição política.

E daí você tinha me perguntado o que eu mais gosto na Marcha, né? Nesse coletivo Marcha das Vadias. Com certeza é nossa visibilidade, nossa capacidade de dialogar com as pessoas, sabe? Primeiro porque coletivo a gente tem inúmeros, sei lá,

quando a gente vai, agora a gente tá começando o processo de construir o 8 de março e aí o 8 de março reuni uns 30 coletivos feministas, sabe. Eu lembro claramente há dois anos atrás meu primeiro 8 de março, que eu fui naquela primeira reunião de organização, que eu falei “Poxa vida, onde é que estão todos esses movimentos coletivos feministas que ninguém sabe que existe?”, sabe, não que ninguém sabe que existe, isso vocês cortam pra não parecer maldoso. Mas é realmente isso, a visibilidade, sabe, você tem lá não sei quantos coletivos que não tem a capilaridade que a Marcha consegue ter, por exemplo, a gente atende, hoje, essa semana a gente tá se dedicando a atender vocês, mas a gente atende estudantes com entrevista, vamos dizer, que pelo menos um trabalho de estudante por semana, estudante, a gente já atendeu estudantes de 13 anos procurando fazer trabalho sobre feminismo, sabe? Então, hoje uma grande conquista que a gente tem hoje uma militante de 13 anos que consegue dialogar com os estudantes que procuram a gente, dessa idade. Então, acho que isso é a parte mais incrível, nosso alcance nesse sentido, sabe, as pessoas sabem que a Marcha das Vadias existe e o nosso norte é muito, assim, universal, porque é a questão do assédio sexual, sabe, isso é muito, porque a Marcha surgiu dessa ideia de achar que as mulheres são culpadas pelo estupro, que é a roupa e que é tudo mais, então, é uma situação que eu diria que 90% das mulheres já passou, então gera uma identificação bem imediata. Então, e também o nome, sabe, o nome é bem polêmico, e as pessoas, as pessoas sentem uma certa repulsa, mas elas gostam de polêmica, sabe? Então todo mundo sabe que a gente existe, então, acho que é isso, a gente consegue dialogar, a gente costuma dizer, que nós somos, a gente já percebeu, que nós somos de certa forma uma porta de entrada, sabe, pras meninas, pras pessoas, pras mulheres né, porque a gente é um coletivo exclusivamente de mulheres, pras mulheres no feminismo, então, 90% das mulheres que a gente recebe nas reuniões, elas estão ali pela primeira vez, sabe, “Olha, eu sinto isso, eu passo por isso e eu queria vir aqui e na reunião de vocês”. Então isso é o que eu mais gosto, a gente consegue receber as mulheres ali, pela primeira vez, e a partir daí elas vão aprender a pensar, a gente tem muitas também que saíram da Marcha pra formar outros movimentos, saíram pra estudar, saíram pra pensar outras coisas, mas que passaram pela Marcha como porta de entrada. Então isso, que eu acho mais legal. A gente consegue dialogar com a mídia, que é uma questão muito importante pra mim, pra atuar, assim, na forma como as pessoas constroem suas visões de mundo, muito da visão de mundo de cada pessoa é construído pelo o que ela recebe, sabe, nos meios de comunicação, então

a gente tem essa postura de dialogar com a mídia. Então, por exemplo, acontece alguma coisa, por exemplo, não sei se vocês viram que começou a anunciar o BBB dizendo que ia ter uma feminista radical, aí o que acontece, a gente, Marcha das Vadias, a gente recebe uma enxurrada de pedido de entrevista da imprensa do Brasil todo, porque eles sabem que estão acostumados a dialogar com a gente. Acho que cada movimento tem sua postura, acho todas legítimas e válidas, mas muitos movimentos não conversam com a mídia, porque, enfim, a gente sabe o que é a mídia tradicional, a grande imprensa no Brasil, então eles não dialogam. Mas a gente dialoga, com a postura de que tem mulheres lendo aquilo, e se elas tiverem o mínimo contato com a nossa versão, pode ser o primeiro contato delas com o feminismo que pode abrir outras portas, então eu acho isso muito legal, a gente consegue dialogar com a mídia, a gente faz um trabalho, nesse período agora, a gente tá começando nosso período de organização do ato de rua, nesse período a gente faz um trabalho intenso de como é que vai ser nossa conversa com a imprensa lá no dia do ato, essas coisas. Isso eu acho mais legal, sabe, a gente consegue falar com o mundo, não falar só com as nossas parceiras feministas, acho que isso é o principal pra mim.

Rafaela: Além dessa importância que você citou do coletivo pra sociedade, qual a importância que você atribui dessa coletiva pra você?

Angela: Ah sim, nossa! Eu acho que isso é um pouco geral, sabe? A primeira coisa é você estar em contato com pessoas, com mulheres, que concordam com você, então é uma troca, acho que pra mim foi fundamental, sabe, eu não achava que, era aquilo que eu falei, eu passei muito tempo trancada em casa, sabe, vivendo uma vida só doméstica e eu não tinha com quem conversar, eu não tinha relação de empatia com outras pessoas, eu acho que era só eu no mundo, que só eu pensava essas coisas e isso foi uma coisa que eu carreguei enquanto trauma, nessa solidão, sabe, nessa sozinha do mundo, durante muito tempo. Aí quando eu entrei na coletiva, as coisas mudam sabe, aí você percebe que esse isolamento, essa foi a importância pra mim, você percebe que esse isolamento que você passou a vida inteira, é só mais uma estratégia do patriarcado, só isso. E aí você chega lá, e você vê todas as mulheres, com histórias de vida semelhante, com traumas semelhantes, e aí você vê, pra mim foi muito importante, eu sempre achava que minha vida era completamente política, sabe, e aí quando eu entrei tive mais certeza ainda de que sim, que qualquer coisa na vida de uma mulher é extremamente político. Então foi essa solidariedade, esse encontrar as mulheres com as

mesmas questões que eu foi fundamental, assim, sabe, você para de se sentir um ET. Então isso pra mim foi incrível, você encontrar ali e desvenda... Pra você ter ideia, e também tem isso, eu tinha lido muitas coisas, você ter ideia do que é feminismo, do que é machismo, o que é sexismo e tudo mais, mas na hora que eu entrei no coletivo, que a gente começa aquele processo de troca, aí cai uma cortina de, assim, pequenas estratégias cotidianas do patriarcado que te deixa muito mais forte pra fugir das armadilhas, então você conseguir ver, conseguir desvendar com muito mais facilidade cada pequena, cada pequeno grilhão que eu carregava, sabe, no cotidiano e encontrar, assim, perceber que minha trajetória de vida não era, que minha história de vida era uma trajetória política marcada pela estratégia de opressão, sabe, pelo patriarcado.

Rafaela: Certo. Quais são as pautas gerais da Marcha das Vadias?

Angela: Uhum, tá. A gente teve um processo super legal, em 2013 foi, que a gente, mais ou menos se organiza assim durante o ano, que é na primeira etapa do ano a gente organiza o ato e na segunda etapa a gente conversa, cria, produz, sabe, debate, e a gente definiu já em 2013 três, um triple pras nossas pautas gerais, que são três grandes guarda-chuvas. Deixa até eu baixar aqui, porque tem um que eu sempre esqueço gente, acho que é uma relação de trauma que foge da minha cabeça...(risos). Então, vamos lá, que é a não culpabilização da vítima... Ah... Deixa só eu pegar a carta aqui. Eu mandei a carta pra vocês?

Luana: Sim, mandou sim.

Angela: Certo. É, não culpabilização da vítima, que é a gente acabar com aquela história que a mulher tem alguma culpa pelo abuso sexual ou qualquer tipo de violência que ela sofra, que tem aquela grande questão de que “Ah, mas que horas você tava na rua”, sabe, é aquilo, quando roubam seu carro ninguém te pergunta o que você tava fazendo com o carro na rua. Então essa é a questão, as três pautas, a não culpabilização da vítima, a autonomia da mulher sobre seu próprio corpo e a terceira é a bendita que eu sempre esqueço. Autonomia da mulher sobre seu próprio corpo, não culpabilização da vítima e tem uma terceira que eu falo pra vocês quando eu lembrar.

Luana: Tudo bem.

Angela: A gente tem esses três guarda-chuvas, que... Gente, não posso esquecer isso! E aí a gente tem, a gente trás como nossos princípios. O que a gente fala, que isso, eles, é, são capilarizados que nosso tema tá em torno disso, sabe. Nosso tema ano passado foi Quem Cala Não Consente, então isso tá ligado a não culpabilização da

vítima, na intersecção de que se ela não diz que não explicitamente, assim, um não magistral é porque ela consentiu sim e não é uma violência sexual. Então a gente levantou, nosso tema do ano passado, foi a não culpabilização da vítima, a gente dizer que foi muito complicado em uma situação de violência sexual que tem muitas coisas ali, que é muito complicado você dizer que não, assim. Se você tá em uma situação, a gente sempre fala, assim, por exemplo, a maior parte da violência é cometida por parentes né, dentro do ambiente doméstico, aí você pega meninas principalmente em uma situação que não tem condições de se manter sozinha, que não tem casa própria, que não tem pra onde ir, então como é que você diz não pra essa violência. Então, ano passado nosso tema foi esse, mas a gente trabalhou com essas três pautas principais: não culpabilização da vítima, autonomia... Poxa, qual a terceira?! Autonomia é nossa pauta onde entra a defesa do aborto, a questão onde entra aquelas coisas da defesa do próprio corpo, a mulher pode fazer sim o que quiser com o corpo dela. É aí que entra a grande questão do topless na Marcha, é assim, porque a gente tem todo o direito de usar nosso corpo como representação política, o corpo da mulher é o maior templo de manifestação política. Então, é isso, de usar a roupa que a gente quer, então são, essas pautas são sempre interligadas... Mas eu passo isso bonitinho por email pra vocês que me deu um branco agora.

Rafaela: Ok. A gente vai agora fazer umas perguntas sobre uns eventos que aconteceram ultimamente. Você sempre da polêmica que aconteceu entre a Pitty e a Anitta no Altas Horas no dia 6 de dezembro?

Angela: Soube, soube sim. A gente não conversou enquanto coletivo sobre isso, mas a gente, é, conversei com várias colegas da Marcha sobre isso, também acompanhei no Facebook, tudo mais, então eu soube sim.

Rafaela: E o que você pensa sobre essa polêmica?

Angela: Ah, eu, de certa forma eu penso que o feminismo virou o grande assunto da moda de repente né? Então eu acho que mais do que a discussão em si, que a Anitta ali representava todo o senso comum que a gente pode ter sobre o que é uma mulher, que uma mulher pode sim ter toda a liberdade desde que essa liberdade seja para se colocar como objeto sexual e, como chama?, a serviço dos homens, a serviço do poder estabelecido e tudo mais. Então, o que eu acho que ficou bem claro ali, foi, tem o senso comum que diz o que é liberdade pra mulher e tem a grande discussão do que é liberdade, porque eu acho que aquela situação ficou muito pompom?, Pra mim ficou

muito latente o que é a grande capacidade de incorporação da cultura de massa e tudo mais sobre qualquer assunto que surja, que a Anitta ali ficou muito claro do que é essa incorporação, a gente vem de um século de grande luta de mulheres, a grande revolução sexual é a revolução dos anos 60 e aí vem a cultura de massa, vem o mercado e tudo mais e se apropria disso e transforma na Anitta. Que é aquela posição de que sim, você é uma mulher livre e tudo mais, mas você se oferece como objeto, não se oferece, mas se você se propõe sim a cumprir seu papel de objeto sexual pros homens. Isso não quer dizer que você é livre. Então pra mim, o que ficou mais claro essas duas coisas: que ficou evidente que todo mundo quer falar de feminismo hoje, que falar de feminismo é o que te joga você pro topo da mídia hoje, que é diferente da posição da Pitty que faz feminismo a muito tempo, e pra mim a Anitta ali ficou claro o que é essa apropriação de qualquer coisa que é transgressor, a cultura de mercado consegue mastigar qualquer tipo de conceito que surja e transformar aquilo em produto de mercado. E deixa eu ver o que mais... E a Anitta é funkeira né, a gente sempre tem hoje um embate muito grande de que é... (a conexão com a internet foi perdida novamente).

Angela: Aeee, estamos de volta!

Rafaela: Tá difícil.

Angela: Então, aí tem a grande questão das funkeiras, porque tem aquele grande preconceito contra o funk, contra a cultura de periferia, contra a cultura negra, tem aquela questão, de é que se aquelas mulheres podem ser consideradas empoderadas, porque é, e a Anitta já tinha um embate, que tá sendo um grande pilar da incorporação da cultura de mercado, da mulher livre como produto de mercado da cultura massa, e ela já tem um embate com a Valesca, que é nossa musa (risos), a musa da Marcha. Que tem um embate com a Vaslesca, que é uma mulher que chuta a porta mesmo, sabe. Então, acho que isso também gerou essa polaridade, por causa disso, a Pitty uma roqueira, que é um movimento musical estabelecido e conhecido como válido e da Anitta ser uma funkeira, que é o grande movimento marginal hoje. Então, nossa, foi incrível essa discussão, foi uma concentração de várias discussões ali.

Rafaela: Aproveitando sua deixa sobre a Valesca, no último Video Music Awards, da MTV, a Beyoncé projetou em grandes letras a palavra “Feminist”...

Angela: Uhum.

Rafaela: ... atrás do pouco, né? Já o grupo de funk carioca Gaiola das Popozudas, lançou a música cujo nome é “A porra da buceta é minha”, que a cantora defende o

poder da, do corpo da mulher e de você ter relações sexuais com quem você quiser. Qual sua opinião entre as duas manifestações?

Angela: Uhum. Acho que hoje a gente vive um movimento muito intenso de vários feminismos, acho que essa é a grande representação que o feminismo hoje ganhou capilaridade e ele está, e isso acho que é o movimento, de certa forma, vamos lá, vamos ser teóricos agora que isso é a parte mais legal que a gente pode falar de ... Porque é, o movimento feminista hoje ele é movimentos feministas no plural, esqueci o nome da teórica, daqui a pouco eu acho aqui, ela fala isso, hoje a gente pensa que estar nos movimentos feministas... (a conexão com a internet foi perdida novamente).

Rafaela (por celular): Oi, um minuto. A gente não sabe se fica por celular ou se fica no computador. Acho que o computador voltou agora, um minuto.

Angela (por computador): Oi?

Luana: Tá conseguindo ouvir a gente?

Angela: To ouvindo, só não tá entrando o vídeo, mas aí eu vou falando, tudo bem?

Rafaela: Ok, tudo bem. Então sobre aquela pergunta da Beyoncé e da Valesca...

Angela: Aí, vocês voltaram! Então, eu tava dizendo que o feminismo hoje, é, o feminismo de hoje, a gente tem aqueles que dizem que a gente estaria em uma quarta onda ou seria uma continuação de uma terceira onda... (a conexão com a internet foi perdida novamente).

Angela: Oi?

Rafaela: Tá sem vídeo, agora tem vídeo. Tá muito difícil aqui.

Angela: Então, o feminismo hoje ele não pode ser... Ok? Vocês estão me ouvindo?

Rafaela: Sim, pode continuar.

Angela: Então, talvez essas características sejam da pós-modernidade. Então hoje a gente não tem um feminismo, hoje a gente tem a afirmação de identidades múltiplas muito intensas. E isso tem tudo a ver com a Marcha, porque como é a Marcha das Vadias? A gente é um movimento que tá no mundo inteiro, que tá no Brasil, no Brasil nós somos, se não me engano, 16 Marchas das Vadias, mas cada uma é independente, então a gente segue a horizontalidade, cada Marcha... (a conexão com a internet foi perdida novamente).

Rafaela (pelo celular): É, a gente desistiu do computador, não vai ter jeito, vai ser pelo celular mesmo.

Angela: Tudo bem, vamos continuar, sem problemas, gente.

Rafaela: Desculpa. Pode continuar.

Angela: Tudo bem. A gente tem que ver que então o feminismo hoje ele é múltiplo, por exemplo a Marcha, cada, é, a gente, porque a gente não tem uma organização nacional? Porque a única coisa que a gente conversa de vez em quando é tentar escolher um dia pra que todas as Marchas vão à rua no mesmo dia, porque a gente fica mais legal, mais visível, dá mais impacto, mas nem isso é definido, por exemplo, já tem Marchas que decidiram não fazer ato de rua mais. Então cada Marcha é autônoma, isso que eu falei dos princípios e tudo mais, a gente tem o grande efeito gerador, o grande fato gerador, o evento ocorrido que gerou a Marcha que é lá a questão do Canadá em 2011 e depois disso as Marchas vão pipocando pelo mundo, mas são autônomas. E o que a gente fala é que a Marcha tem que ser autônoma, horizontal, embora a gente tenha várias coisas em comum, é cada mulher ali em sua localidade, na sua identidade política e cultural, na sua relação com aquele contexto, que vai saber o que é o feminismo ali, por exemplo, nós aqui de São Paulo, a nossa questão é o que é o feminismo em uma grande metrópole e tudo mais, que é diferente do que é o feminismo na periferia de São Paulo, o que é a luta de mulheres negras na periferia. Então hoje a gente pode dizer que tudo isso são vários feminismos, várias formas de você pegar toda a base e transformar aquilo em ações cotidianas de transformação e empoderamento, e acho que essa questão da Beyoncé e da Valesca tá muito dentro disso, sabe. Que, por exemplo, elas têm, elas veem, como eu posso dizer? O universo de opressão que elas vivem, as raízes e tudo mais é completamente diferente, e o que é feminismo e empoderamento é completamente diferente pra cada uma delas também, por exemplo, é diferente você falar o que é empoderamento para uma mulher negra, americana, e tudo mais, inserida, é, aceita, vamos dizer assim, em uma cultura de massa e tudo mais e você falar o que é feminismo pras mulheres de comunidade, faveladas, mulheres periféricas. Então, eu acho que a Beyoncé e a Valesca são as duas grandes fontes do feminismo hoje, porque o feminismo hoje precisa dialogar com o cotidiano, com a realidade de cada uma daquelas mulheres, a gente não tá mais em uma época em que a grande questão do feminismo é conseguir o direito a voto, a grande questão é, eu diria que hoje a nossa grande questão é sim, talvez, né, o assédio sexual, mas acho que a

gente não tem uma grande questão, a grande questão hoje é afirmar essas identidades múltiplas e os mecanismos de opressão que recai sobre cada identidade de mulher. Por exemplo, a gente tem o transfeminismo, o transfeminismo é um feminismo, quais são os mecanismos ali, sabe. Então acho que é isso que são duas manifestações que mostram como o feminismo hoje tá atingindo várias identidades diferentes de mulher.

Rafaela: Certo. Agora, sobre a charge do Latuff a cerca do feminismo radical. Você viu ela?

Angela: Sim eu vi, eu acompanhei, a gente teve uma discussão intensa também sobre ela, como eu tinha falado anteriormente, a gente primeiro tem a grande questão de que ele é, hoje tem uma questão muito intensa, que inclusive faz parte dessa afirmação de identidade da gente dizer e acreditar que só uma pessoa negra sabe dizer e categorizar o que é o racismo, porque incide sobre ela, no cotidiano dela e ela que passa por isso, só uma mulher sabe identificar e tudo mais o que é opressão de gênero, porque incide sobre ela e é uma coisa, que é uma visão super antiga que Lévi-Strauss já abandonou no final da carreira lá atrás, de você vir com o olhar de fora e determinar o que é opressão ali para aquela comunidade e tudo mais. Paulo Freire pode ser o grande teórico de empoderamento sobre isso, de dizer que as classes, as pessoas oprimidas precisam construir suas estratégias de superação, isso passa inclusive pelas outras pessoas aceitarem o ponto de vista das pessoas oprimidas, dizendo “isso aqui é opressão”, porque é sobre elas que incide, então elas sabem onde é que a corda aperta, vamos dizer assim. E aí tem essa grande questão de um homem pode dizer o que é feminismo radical e o que não é feminismo radical ou pode fazer a definição do que é feminismo radical? Não, quem deveria fazer essa definição são as feministas, as próprias feministas radicais, e aí tem a grande questão que é onde eu geralmente tenho colocado minha divergente a visão dos outros grupos que, isso acontece dentro também do feminismo negro, teve uma outra discussão que eu parto dos dois princípios, que é a discussão daquela minissérie da Globo, “O sexo e as negas”, que a gente tá em uma grande luta por direitos e tudo mais e pra perceber e aí que quando a gente diz, por exemplo, uma questão, pera aí, deixa eu voltar lá, se não fica enrolado. Quando a gente diz que só, a gente tem que tomar cuidado pra não excluir a sociedade, porque tudo isso: opressão de gênero, de classe, de etnia, de raça, tudo isso é um problema da sociedade como um todo e é claro que os grupos oprimidos têm que ser protagonistas da superação disso, mas quando a gente simplesmente diz, porque muita gente dizia pro Latuff “Ah,

ele é homem, ele não pode falar nada e tudo mais”, com certeza não pode, mas o meu grande medo é que a gente comece a criar uma divisão na sociedade né, porque a gente tá aqui o tempo todo lutando pra que as opressões sejam discutidas e aí de repente vem gente de fora e começa a discutir essas opressões e a gente diz que essas pessoas não podem discutir, qual é a possibilidade dessas pessoas realmente entenderem que “não, racismo não é problema meu, racismo é problema dos negro, homofobia, não é problema meu, homofobia é problema dos gays, é, feminismo radical, opressão de gênero não é problema meu, opressão de gênero é problema das mulheres” e aí a gente cai naquela grande questão de só talvez incentivar o nihilismo autodestrutivo burguês, sabe? Mas, enfim, a grande questão é eu acho que isso é um ponto. Ponto dois, a charge dele tava ali defendendo um cara que estava sendo acusado, sim, pode ser isso, é, esse foi o estopim, mas a gente devia também refletir se é essa a imagem que o feminismo radical tá passando? Porque, por exemplo, isso eu to falando pra vocês que é uma coisa muito difícil de ser, fora da Marcha das Vadias, das minhas amigas da Marcha, nem a Marcha como um todo, to falando isso pra vocês, porque na minha visão daquela charge, talvez aquilo seja a grande imagem que o feminismo radical tá construindo de si mesmo e o que ele coloca ali tá errado por que? Tá errado por que foi um homem que colocou? Se fosse uma outra feminista construindo aquilo... Sabe, eu acho que muita gente tem essa imagem do feminismo radical. E aí o que mais me preocupou é essa questão que ele precisava pedir desculpas por aquilo e aceitar que aquilo não era, que ele tinha feito algo errado e eu não sei, eu confesso que essa charge do Latuff foi nossa última grande discussão dentro do movimento e que eu fiquei muito balançada, porque essa discussão acabou ligando com outra discussão muito antiga sobre o escracho, que o que é o escracho em si, sabe? Ai gente, acho que é tudo que eu consigo falar, essa é uma questão muito difícil.

Rafaela: É, agora outra pergunta. Em uma matéria publicada pela Folha de São Paulo em 7 de dezembro do ano passado, com o título “Mulheres querem pornô com mais naturalidade, realismo e enredo”, foi divulgado os resultados de uma pesquisa feita pela Playboy TV que o número de mulheres entre os assinantes aumentou, chegando a 54% assinantes. Segundo a matéria isso influencia outro resultado que diz que 63% das pessoas interessadas em programas eróticos preferem cenas naturais. O que você pensa sobre isso?

Angela: Então, é, a gente tem a grande questão de que praticamente não existe um mercado pornográfico que atenda a mulher, que é um dos grandes tabus, que a mulher não deveria ter sexualidade. Então essa grande sexualização, se falando de feminista, talvez as mulheres estão começando a ser vista como um mercado consumidor, como aconteceu com os gays, nos 80, que de repente aquela grande luta por direitos que fez os empresários perceberem que aqueles homens tinham um grande poder de compra, porque eles não tinham que bancar família, não tinham que bancar várias coisas e esse começou um grande mercado de produtos pros gays. Então, eu acho que o primeiro ponto é que as mulheres começam a assinar porque sim, mulher pode ter sexualidade, pode se masturbar, pode procurar informação sobre sexualidade e tudo mais, acho que isso é um ponto. Mas até que ponto essas mulheres estão procurando a revista Playboy pra ver como é o padrão de corpo, porque existe isso do padrão de beleza. Será que isso vai se converter em um novo mercado que produz pornografia real pra mulheres reais ou isso vai se converter, vai ser aquela grande assimilação do mercado e da cultura de massa, e vai se converter em só mais um meio de propagar qual é o padrão ideal de corpo, de comportamento sexual pra mulher, acho que essa é a grande questão, sabe? Ou a gente vai tá só mais um movimento de mulheres fazendo cirurgia plástica na vagina, porque a vagina dela é diferente do padrão de vagina que aparece nas revistas, acho que esse é o grande ponto.

Rafaela: Certo. Agora, o que você considera como estupro?

Angela: Ah sim, olha a gente teve nosso terceiro pilar, aquele que ficou faltando é combate a cultura do estupro. E aí, eu acho que nossa lei do estupro deixa bem claro a minha visão do que é o estupro em si, porque esses dias eu ouvi exatamente um comentário assim de alguém contando uma história de uma menina que sofreu violência sexual que pra mim foi um estupro e que ela dizia assim “Ah, os caras fizeram ela pagar um boquete e foram embora, só não estupraram ela porque não quiseram”. O sexo oral forçado já é um estupro, então pra mim estupro não é só pênis na vagina, primeiro ponto, e dois, estupro não é só uma relação com violência física explícita, por exemplo. Eu tenho uma posição mais radical nesse ponto, eu sempre coloco a questão de que o início da vida sexual das mulheres, quantas começam a vida sexual naquela pressão com o primeiro namorado de que “vamos fazer, vamos fazer, vamos fazer sexo”, aquela pressão de que se não fizer sexo ele vai embora e tudo mais e aí essas meninas fazem sexo pela primeira vez, ficam traumatizadas e só vão ter uma relação sexual de novo

dois, três anos depois ou quando já tão adultas, sabe. Essa primeira relação sexual acontece mediante tortura psicológica, porque é uma tortura psicológica, mediante uma coerção uma tortura psicológica é estupro, então pra mim, tem várias coisas que é estupro sim. Sim, eu consenti fazer sexo com meu namorado, mas eu consenti em que condições? Se tem pressão, tortura psicológica é estupro. E também, por exemplo, eu comecei a relação sexual, mas teve uma hora que meu parceiro quis fazer sexo anal, não é porque você tá numa cama dando a buceta pra ele que ele pode comer seu cu. Se ele fez isso com você dizendo não, com você resistindo foi estupro, então eu acho que a gente tem que pensar é o consentimento e a condição desse consentimento. E aí tem a questão por exemplo, do estupro marital, não é porque você tá casada com a pessoa, que ele tá ali todo dia, que você tem que fazer sexo com ele. Acho que a gente passa por uma grande situação de muitas mulheres em relacionamentos estáveis de serem estupradas. Então pra mim, tudo isso é estupro e muitas delas são consideradas sim pela nova lei do estupro, de 2008, mas a gente precisa criar a consciência que precisamos falar sim de sexo. Se a mulher se sentiu estuprada, então é estupro e ponto final.

Rafaela: Agora a gente vai fazer algumas perguntas sobre você, tudo bem? Às vezes as pessoas falam em classe social, a que classe você diria que pertence?

Angela: Nossa, você foi logo pra pergunta difícil (risos). Hoje eu acho que eu sou sim classe média e isso é um grande conflito de identidade, porque eu cresci na periferia em uma família pobre, a minha primeira cama com colchão, só pra mim, eu ganhei com 11 anos de idade, então o primeiro carro dos meus pais e foram tirar carteira de motorista, eu já nem morava com eles, eu tinha 22 anos. Então hoje eu não moro mais na região de periferia, mesmo quando eu morava em São Paulo, eu já morava sozinha no centro. Hoje eu moro em Brasília, tenho um emprego estável aqui, tenho uma posição profissional bem estabelecida. Então eu posso dizer que sou classe média, mas quanto identidade de classe eu me sinto pobre, então essa é uma grande questão (risos).

Rafaela: Pensando nos seus pais até que ano da escola sua mãe estudou?

Angela: Minha mãe ela tem ensino superior, mas ela fez ensino superior a distância em um curso oferecido pelo governo do estado de formação de professores, então ela não foi pra uma faculdade, sabe, ela fez um curso a distância de dois anos e conseguiu o diploma. Mas o diploma dela é de ensino superior, só é reconhecido por algumas instituições, porque foi um programa de subsídio. Se ela quiser, por exemplo, dar aula em escola particular o diploma dela não é reconhecido. Mas eu digo que ela

tem ensino superior, ela fez magistério, mas ainda era ensino médio aquela época. E meu pai ele tem até o ensino médio e o ensino médio dele é supletivo.

Rafaela: Falando novamente do seu pai, qual era a ocupação ou atividade principal que ele exercia quando ele tinha 15 anos?

Angela: Desempregado. Ele fazia bico, ele passou muito tempo desempregado.

Rafaela: Essa foi a ocupação que ele exerceu por mais tempo?

Angela: Não, ele foi até quando eu tinha uns 12 anos, ele era gráfico e aí veio a grande revolução digital que ele não tinha se preparado pra isso, aí ele ficou desempregado e depois ele conseguiu emprego no setor de limpeza e hoje ele já trabalha como supervisor de serviços gerais e ele já trabalha com isso há uns 12 anos.

Rafaela: E a sua mãe? Qual era a atividade dela quando você tinha 15 anos?

Angela: Professora, minha mãe é professora desde que eu tenho 8 anos.

Rafaela: Na renda na sua casa, você disse que mora sozinha, de quanto teria sido aproximadamente a do mês passado? Eu vou ler algumas opções e você me diz entre quais faixas estaria: até R\$ 724,00, mais de R\$ 724,00 a R\$ 1.448,00, mais de R\$ 1.448,00 a R\$ 2.172,00, mais de R\$ 2.172,00 a R\$ 2.896,00, mais de R\$ 2.896,00 a R\$ 3.620,00, mais de R\$ 3.620,00 a R\$ 5.068,00.

Angela: É essa.

Rafaela: Mais de R\$ 3.620,00 e menos R\$ 5.068,00?

Angela: Isso, é essa.

Rafaela: Se não for um incômodo, nós gostaríamos de saber sua orientação sexual, mas você só precisa responder se sentir confortável.

Angela: Eu sou heterossexual.

Rafaela: Foi isso, acabamos.

Angela: Então, tá certo gente, espero que eu tenha ajudado.

Luana: Ajudou muito.

Angela: Desculpa as divagações.

Luana: Imagina...

Rafaela: Foi ótimo!

Luana: Muito obrigada por compartilhar sua história com a gente, suas ideias...

Angela: Ah obrigada. E obrigada a vocês por estarem fazendo esse trabalho que com certeza é uma fronteira que a gente precisa romper também de falar de feminismo dentro da academia.

HISTÓRIA DE VIDA COM FRIDA – MANAS CHICAS

Frida: Tá então... é eu acho que o primeiro contato que eu tive com o feminismo foi quando eu tava no segundo ou no terceiro ano do colegial, através de uma amiga que era muito próxima, é muito próxima ainda, é... Ela teve na época, ela começou a ter uns problemas com o namorado dela em relação a questões estéticas, assim, tipo, ele ficava coagindo ela a... a fazer academia, dizia que tipo, ah, que o corpo dela não era bom o suficiente, comparava ela com outras mulheres, várias coisas assim, e... o que chegou também foi, tipo, um sofrimento muito intenso. Ela vinha conversar de como ela estava se sentindo incomodada e que ela não aguentava mais, mas que ela gostava muito dele, etc e tal. É... e aí, a partir daí, a gente começou meio que a... é... nutrir uma certa raiva, assim, que a gente não sabia direito como é... canalizar né? E... então, tipo, a gente se ajudava como se fosse uma situação meio particular assim: ‘ah não, então, ele é um cara idiota, num sei o que, não sei o que lá’. E aí com o passar do tempo a gente começou a ler, não lembro, acho que no meio desse rebuliço a gente começou a ler coisas sobre... sobre isso né? Sobre a questão estética, e tal, e aí foi que ela me mostrou... é... foi aí que ela mencionou o feminismo, assim, por que até aí, tipo... não sei, até a... sei lá... sétima série e tal eu era o tipo de pessoa que falava que eu não era nem machista e nem feminista, eu era humanista, sabe? E aí tipo, depois que ela me mostrou, é, alguns textos sobre feminismo então a gente começou a ler e eu comecei a perceber tipo ‘puts, não, pera, é... as experiências delas são equivalentes às minhas experiências e...’ (Aparece uma gata na sala) oi Zara, vem dar bom dia pra elas (falando com a gata) ‘... são equivalentes às minhas experiências, é, em vários outros aspectos assim, em coisas que ela tava passando e eu tava passando, e aí outras amigas minhas estavam passando e então foi meio que um insight assim ‘caraca, todo mundo tá passando a mesma coisa’ e aí... e tipo, a partir disso eu comecei a ler mais textos sobre o assunto... é... isso eu acho que eu já tava, tipo, no terceiro ano e tal, mas eu nunca tinha conversado com ninguém fora ela, né? A gente conversava muito sobre isso, mas nunca tinha conversado com nenhuma outra menina sobre feminismo... é... e aí depois que eu entrei na... nessa época entre colegial e prestar vestibular pra, pra faculdade... é... eu caí num blog que... em que eu, tipo, tive acesso a alguns textos feministas que eu nunca tinha lido, assim, é... Eram completamente diferentes de outras coisas que eu já tinha lido... tipo uns textos mais

teóricos e tal, e daí foi que eu tive o primeiro contato com o feminismo radical, sem sabe que era feminismo radical, e daí tipo foi muito impressionante por que... eu... ah, eu não sei se vocês sabem, mas a coletiva Manas Chicas é um coletivo feminista radical, acho que... não falei isso, desculpa, e aí foi muito impressionante porque aquele lance que eu tinha de tipo ‘ah, as minhas experiências são equivalentes às experiências dela e de outras mulheres e tal... foi, foram coisas que eu acabei lendo nos próprios textos, e tem muito assim, a primeira vista, e ai eu passei pra ela e foi, assim, por um tempo fomos só nós assim... e (a gata volta) meu, para de capetar ein! (Falando com a gata)... e dai ela... deixa eu pegar ela, acho que ela está com medo de vocês (pega a gata do chão) e aí tipo... é... eu passei os textos pra ela e tal, e a gente conversava muito sobre, e ai cada vez eu fui lendo mais, mas nunca tinha tido contato com nenhuma outra menina, nem sabia que tipo, existiam pessoas que eram feministas radicais, assim, fora eu ela e, sei la, a pessoa que estava escrevendo os textos... E aí tipo... é... quando eu entrei na faculdade eu conheci um amigo meu é... que tinha contato, é, ele tinha uma banda, e aí a menina da banda dele, ela era vocalista da banda dele, era feminista radical também, e aí elas tinham uma amiga em comum, e ela tava entrando nas sociais, tava prestando pras sociais que era também, e ai eu comecei a entrar em contato com essa menina por e-mail, e ela me colocou num grupo de feminismo radical no Facebook. E aí tipo, a gente discutia várias questões, relacionadas a isso e tal, e aí acabou que surgiu, tipo, algumas meninas se encontraram pra montar um coletivo, e ai eu descobri que existia muitas outras, muito mais meninas que... é... eram feministas radicais também, tipo, na usp, fora da USP, tal, e tipo em outros estados, foi muito legal descobrir isso, tipo, muito feliz, assim. E consegui discutir assuntos que eu me sentia muito... limitada pra discutir com outras pessoas que se diziam feministas, assim... é, relacionados a prostituição, e tal, então foi meio que um alívio assim, ‘puxa, caraca, consegui discutir com outras pessoas que não são minhas amigas’. E ai depois disso eu comecei a conversar com, tipo, essa menina pessoalmente e tal, acho que a gente se encontrou a primeira vez na reunião do... do coletivo feminista das sociais, o Lélia Gonzalez, e aí ela me chamou pra fazer parte do Manas. E ai desde então é... essa é a minha vida agora (risos). Eu tô militando no Manas Chicas e daí a gente toca coisas tipo... é... enfim né, sair do Facebook foi uma oportunidade ótima, porque hoje eu acredito que individualmente a gente não faz nada né? Eu acredito no feminismo como uma luta política, a gente acredita no feminismo como uma luta política que demanda uma organização coletiva,

então nesse sentido a gente precisa agir coletivamente em direção a um alvo específico, a um objetivo específico, e é uma coisa que as pessoas não conseguem fazer sozinhas, como a luta anticapitalista ou a luta antiespecismo é... e daí nesse sentido eu também me senti muito mais respaldada enquanto indivíduo, pra poder falar as coisas que eu penso e tal, ou mesmo pra poder discutir. Eu cresci muito politicamente é... e acho que... sei lá, é... como pessoa assim também.

Luana: se você quiser contar pra gente as suas experiências, o que você pensa de alguns assuntos dentro do feminismo

Frida: Quais assuntos? Eu sou meio introvertida gente (risos)

Maria: ah, o que você quiser falar, assim, em relação ao Manas, as pautas que você concorda, ou se tem alguma que você discorda. O seu nome não vai ser colocado, então assim, a gente quer mais que você conte... tudo (risos).

Frida: Caraca! (risos) Tá então, deixa eu ver... é... nossa gente, muita coisa... espera... Então, em relação ao manas na verdade não tem muita... assim, não tem muito problema nem se divulgar o nome e tal, porque a gente tem, a gente é uma organização centralizada, por exemplo: eu sou centralizada pelo Manas Chicas, então tudo que eu for pautar sobre o feminismo em outros espaços, espaços de frente única e tal, é, eu preciso falar em nome do manas, e tipo, essas coisas que a gente fala, é, em nome do manas elas são pra todas as meninas do manas, entendeu? E aí o que a gente não concorda entre nós são polêmicas, algumas coisas são polêmicas abertas, então, por exemplo, eu posso discordar de você, mesmo a gente fazendo parte da mesma organização, sem isso ser problema nenhum. É, então, na verdade, o que eu discordo não teria por que tipo... sabe? Porque elas sabem que eu discordo e tal. Mas enfim, é... a gente, quando a gente começou a constituir o coletivo e tal, é... a gente pensou, é, em duas coisas que seriam muito importantes né, é, de serem pautadas tanto internamente quanto na nossa relação com outros coletivos, que seria um documento interno de método, no sentido de como a gente se organiza, como a gente age e tal, e uma carta de princípios, geral, e aí todas as membras que pretendem entrar pro coletivo elas que necessariamente concordar com esses dois documentos, que são documentos essenciais. No sentido dessa carta de princípios a gente delimitou uma série de coisas que a gente acredita que são feminismo, né? É... e a nossa posição a assuntos específicos partindo disso... é... eu não sei se é exatamente, pera aí, eu não sei se é exatamente isso que vocês querem que eu

fale, mais sobre a questão, tipo, do que é a nossa concepção de feminismo ou tipo... orientação...

Maria: eu acho que podem ser as duas coisas... eu acho que tudo é muito importante...

Frida: tá, beleza. Então, e, no sentido da nossa concepção de feminismo, o que acontece é assim, a gente tem uma, sei lá, um ponto básico do qual partem todas as outras coisas, então no caso a gente segue... o feminismo radical é um feminismo materialista, então ele, é... acredita que o problema das mulheres vem diretamente da exploração que elas sofrem dos homens né, então nesse caso, é... essa visão materialista condiciona todas as nossas perspectivas com relação a pornografia, prostituição, padrões de beleza, etc e tal. É... e daí nesse sentido, por exemplo, é... a gente acredita que... pera aí, deixa eu tentar organizar na cabeça ... tá, então, a gente acredita que as mulheres enquanto classe sexual são, é, exploradas pelos homens enquanto classe sexual, então, por exemplo: a sobrevivência material dos homens depende da exploração deles sobre as mulheres. E... tem muito a ver com a teoria materialista e tal, tipo, as feministas materialistas se basearam muito, é... em Marx pra puxar isso pro feminismo materialista que não é a mesma coisa que o feminismo marxista, precisava falar isso, porque eles são absolutamente diferentes. E... e a partir disso a gente acredita que, é, existem alguns mecanismos que fazem com que as mulheres sejam mais facilmente exploradas pelos homens, então por exemplo, a exploração laboral, reprodutiva e tal, ela se consolida muito mais facilmente através de alguns instrumentos como a heterossexualidade compulsória, que faz com que todas as mulheres, com que todas elas estejam muito mais próximas dos homens, de uma maneira forçada, né? Não natural, e tal, e isso é muito mais eficiente, por exemplo, do que uma exploração que se mantem, é... sei lá... através da porrada, assim, sabe? Então tipo, a proximidade é muito mais efetiva nesse sentido. E daí a gente questionou tudo que parte disso e que serve para a manutenção, é, dessa exploração né, então por exemplo, é... a gente critica a prostituição não só porque a gente acha que, é, tem a ver, é uma questão tipo, de mercado e tal, e que você está vendendo, trocando sexo por dinheiro e tal, não só em termos capitalistas mas a gente critica também em termos que a prostituição é uma institucionalização do direito masculino de acesso aos corpos das mulheres indiscriminadamente... e... então uma outra coisa relacionada a isso também é a nossa concepção sobre gênero. Então isso, meu, é uma polêmica gigante na internet e tal, falando 'ah, o feminismo radical é

transfóbico' e etc, mas na verdade a nossa crítica não é em relação a... a gente não está criticando pessoas trans individualmente, né? A nossa crítica é em relação a identidade de gênero, porque a gente reconhece que... é... o gênero em si ele não é um sistema de identificação, é um sistema impositivo. Então, é, por a gente acreditar que o que faz uma mulher não é, tipo, ela se identificar com algumas características de gênero, mas sim ela ser uma mulher enquanto identidade política, e não enquanto identidade social. Então por exemplo, eu sou uma mulher porque eu sou explorada em um sistema de relação entre os sexos e isso me torna mulher enquanto identidade política, o que não tem a ver necessariamente com as coisas com as quais eu me identifico, então, é, na verdade a gente acredita que o gênero ele nos foi imposto, né, desde muito cedo, e que por isso é absurdo falar que alguém se identifica com um gênero específico, porque por exemplo eu nunca me identifiquei em ter cabelo comprido, ou, sei lá, usar determinado tipo de roupa, e pra nós o gênero é um sistema de manutenção da diferença sexual, então tipo, através dessas características de gênero você delimita muito claramente e visualmente quem é homem e quem é mulher, e também isso ajuda a você delimitar características que estão ligadas ao ser homem e ao ser mulher, então por exemplo, com isso você naturaliza a maternidade compulsória, a heterossexualidade compulsória e tal, e tudo isso serve a exploração, então a gente acha que a solução pra isso não é tipo, é, trocar de lado o gênero e tal porque a gente acha que isso só reforça padrões de gênero, então sei lá, por exemplo, se necessariamente um cara que não gosta de usar calça ou gosta de usar saia, eu sei que é um exemplo muito banal, é... ele acha que ele precisa se identificar como uma mulher pra isso, pra se sentir livre, nesse aspecto é o que a gente acha que ele está trocando de lado e só reforçando os padrões que estão relacionados ao gênero feminino e ao gênero masculino. Então pra gente é muito mais eficiente a abolição do gênero, porque aí uma pessoa que gosta de usar saia não necessariamente precisa ser uma mulher pra isso. Então, é, todas as nossas concepções derivam dessa noção que a gente tem, é... de feminismo enquanto uma questão de feminismo materialista né, enquanto uma questão de exploração. É, e pra isso a gente crítica, por exemplo, grupos que... é... sei lá, reconhecem que a prostituição é um problema, mas não reconhecem que identidade de gênero é um problema. Porque na verdade existe uma incoerência na base dessa questão, porque se você reconhece que a prostituição é um problema porque você reconhece? Porque você, sei lá, vê que mulheres estão sendo exploradas sexualmente por caras e tal, mas ao mesmo tempo você não reconhece que,

é, fazer a manutenção do gênero corrobora com essa exploração. Então nesse sentido todos os nossos... as nossas perspectivas feministas derivam disso, é, do radical, da raiz, que é a exploração. A raiz do problema é a exploração que as mulheres sofrem enquanto classe. Acho que é isso gente, de maneira muito grosseira, assim.

Luana: conta um pouco mais das suas experiências dentro do Manas...

Frida: é... nossa que difícil...

Maria: como que a sua família vê você dentro do feminismo e do Manas?

Frida: Ah, uma droga né. É... (Risos) ah, quando eu entrei pro manas foi... tipo, quando eu entrei pro feminismo na verdade, e depois mais pra frente pro manas, é... eu mudei muito algumas coisas assim... então tipo, mesmo... é... eu fiquei muito mais crítica em relação a maneira de é... me vestir, sabe, ou de me comportar, etc. Eu fiquei muito menos tolerante com brincadeiras, com piadas, e tal. Eu nunca fui, na verdade, muito tolerante, porque... acho que isso é uma questão de personalidade, assim, eu sou bem chata, mas depois que eu entrei pro feminismo eu fiquei mais. Mas depende do ponto de vista né, pra mim eu fiquei mais legal (risos). Mas pra família foi meio engraçado, assim, minha vó ficou tipo assim ‘nossa, mas, sei lá, o que aconteceu? Você não era desse jeito...’, assim sabe? E por eu morar na casa da minha mãe né, é uma coisa muito cotidiana assim, a gente se vê sempre e tal, e ai ela começou a se incomodar muito com... em relação com sei lá, alguns cortes de cabelo, ou o lance de não depilar a perna, pra ela foi o horror da vida dela, assim nossa que droga, ela fala todo dia, até hoje, ‘você não vai depilar essa perna?’ e meu eu já falei 500 vezes que não. E tipo, foi meio difícil nesse sentido, e embora eu acredite que individualmente isso não, não vou falar que não significa nada, significa sim, mas que individualmente isso não é muito politicamente efetivo, sei lá, não é uma mulher que vai sair com a perna peluda que vai destruir o patriarcado, sabe? Não adianta. Mas, é... eu acho que é bom porque ajuda, as mulheres entre si criam uma cultura de resistência, em relação a várias coisas, tipo, parece ser uma coisa muito pequena pra nós, mas pra algumas mulheres é muito difícil se desvincular disso, né? E dai se elas encontram um espelho, ou tipo, força em outras mulheres elas se sentem mais fortes pra tipo, resistir em relação a esses padrões. É... por que que eu falei isso? É, eu acho que eu falei isso porque eu acho que embora não seja muito politicamente efetivo, porque pra mim a gente tem que se organizar em grupos, etc e tal, agir coletivamente, é importante nesse sentido de criar uma cultura de resistência. Então foi meio que difícil pras pessoas que estavam meio ao redor lidarem

com isso, assim. É... foi muito legal porque a minha irmã, eu tenho uma irmã menor, e daí tipo, a gente conversa muito sobre essas questões e hoje em dia ela é uma pessoa muito melhor na idade dela do que eu fui uma pessoa na idade dela, assim. Ela tem muita consciência sobre várias coisas e tal, e é muito bom poder conversar com ela, e é tipo uma força que eu tenho em casa assim, e minha prima também, tipo, ela é meio distante, assim, dessas questões e tal, mas a gente sempre conversa e tal, daí você vê que a pessoa começa a considerar coisas que ela não considerava antes. Então isso foi legal, porque eu conseguir trazer, tipo, pessoas que são importantes pra mim pra isso né? Mais próximas e tal. Mas ao mesmo tempo causou rixas e eu tive que cortar contato com várias pessoas, tipo, pessoas que eram amigas na escola e tal, eu desapareci assim, sem problema nenhum, porque não rolava mais manter alguns tipos de contato. E assim, a gente fala que tipo, o feminismo é muito bom em alguns sentidos mas ele também traz tristezas, sei lá, um monte de tristeza, se pá ele trouxe mais tristezas do que felicidades, assim. E... não tem problema, porque eu acho que assim, na real, o feminismo não quer deixar ninguém feliz, sei lá, a gente está lutando por uma coisa maior assim. Então, nesse sentido, depois que eu entrei pro Manas Chicas eu me senti muito bem em alguns sentidos, no sentido de achar pessoas que são é... sei lá, tão... como que é o nome? É... ah! Que tem tanta convicção nisso quanto eu assim, e tal, ao ponto de deixar parte da vida delas de lado pra militar por isso e tal, pensando em coisas maiores depois, tipo organizações maiores e tal, e poder discutir livremente com essas pessoas coisas que eu acredito e tal e a gente poder trocar políticas junto, isso foi tudo muito bom, o manas é uma parte muito importante da minha vida, assim, se pá uma das mais importantes, uma das minhas prioridades assim. E ao mesmo tempo também trouxe uma série de tristezas, porque você começa a perceber coisas que você não percebia antes, tipo você tem que sair todo dia na rua e perceber que a exploração está em todos os lugares e tal, e então eu acho que é um pouco disso, assim, né? Tipo, as vezes a gente está, militando, tocando algumas ações, ou as vezes a gente conversa com algumas mulheres e tal, e ouve elas falando, e aí a gente se sente muito bem porque é meio que porra, uma reafirmação... nossa, falei, desculpa... é uma reafirmação do que você acredita tipo na experiência das mulheres, assim. É daí que o feminismo radical veio né, ele veio de grupos de reafirmação de consciência, as mulheres se juntavam pra falar dos problemas delas e a partir disso elas viram que os problemas que elas achavam que eles eram muito particulares na verdade eram problemas que eram particulares a todas as

mulheres, e daí veio o fato de serem problemas políticos. Então é muito legal quando você conversa tipo... é, sei lá, com uma mulher, tipo com a sua vizinha assim, na rua, e ela fala pra você alguma coisa que na verdade tá lá escrito lá na teoria mas que na verdade veio da boca da Sua vizinha em uma outra época assim, sabe Então tipo, é muito legal quando isso acontece, e ao mesmo tempo também é muito triste, assim, porque “nossa que louco então na real isso é real, a gente ta tipo, militando no caminho certo ” e tal só que ao mesmo tempo “porra, isso é real, assim, que droga”. Então foi, a gente teve muito dessa experiência quando a gente... a gente compôs por um tempo o comitê pela abolição da prostituição né : E... que a gente meio que fundou, assim, uma parceria com outras mulheres e... e com algumas outras organizações que se interessaram em colar e tal. E a gente tocava um projeto com uma mulher que é ex é... uma ex mulher prostituída e... é... atualmente ela milita na Marcha Mundial das Mulheres e ela tocava um projeto individualmente com uma moça que ela é... uma irmã Regina, ela é de uma pastoral, que era um projeto que ela ia lá na praça da luz e aí ela procurava mulheres prostituídas e tal e conversava com elas, e chamava elas pra conversar sobre alguns assuntos e tal. E aí tipo, a gente conheceu essa moça, o nome dela é (what) e a gente é... começou a... chamou ela pra fazer parte do comitê e tal, e começou esses projetos junto com ela. Então dependendo, sei lá, tipo, tinha uma quarta-feira por mês em que a gente fazia uma reunião com várias mulheres prostituídas da luz em que a gente discutia alguns assuntos específicos né : E... sei lá, teve uma época, uma vez foi um sarau e tipo, aí elas... e foi muito louco, assim, porque... as pessoas têm uma noção de prostituição que é muito romantizada, assim, no sentido “ah, são sempre, então, mulheres” é... sei lá, de vinte a trinta e poucos anos e aí elas... “sei lá, atendem em casas e não sei o que não sei , sei lá” Meu, isso rola porque é tipo prostituição prive, assim, isso rola muito, mas também tem um outro lado da prostituição né : Que é aquela prostituição das mulheres que fazem ponto lá na Luz, assim. Então elas ficam lá tipo, sozinhas, esperenado os caras chegarem e não sei o que, e meu é impressionante, assim, porque tem de sei lá, tipo, vinte, até mulheres de setenta e cinco anos, assim, que continuam se prostituindo. E... é muito louco porque grande parte dessas mulheres não sabem nem ler assim. Então tipo, no sarau a gente pendurou uns poeminhas, assim e tal, e aí tipo, no sentido, na tentativa de tentar com que a gente se integrasse e tal a gente falava “ah, vamos lá ler” e a gente lia um pouco e tal, e elas liam um pouco e... era muito louco assim, porque elas começavam a ler, e uma não sabia e a outra começava a

tirar sarro assim, sabe: Porque existe consciência polirica nenhuma nesse sentido e tipo, eu ouvia elas falando algumas coisas também é muito difícil, assim, sabe: Entao tipo, eu saí 3 vezes pra chorar assim, e voltei, sabe: E ao mesmo tempo, tipo, foi legal também porque você ouvia tipo... você perguntava e... sei lá, “você tá na prostituição por quê:” aí elas “ah, porque eu quero”, assim e tal, tem muito disso, assim. E aí depois você começava a conversar um pouco mais com elas e aí você falava, mas, por exemplo, “se você tivesse a oportunidade agora de fazer qualquer outra coisa você sairia de prostituição:” “com certeza”, sabe: Então tipo, é muito louco, assim, você tipo, fazia esse tipo de conversa com essas mulheres e tal e perceber que as coisas nas quais você acredita se mostram tanto na prática. (pausa) É... daí acho que o principal que o manas me trouxe foi isso, assim, sabe? Ter mais consciência política no sentido de organização mesmo, e saber o que eu tenho que fazer pra militar de maneira efetiva e também é... abrir um milhão de portas para entrar em contato com um milhão de mulheres com quem eu acho que não teria contato ou com quem eu acho que eu nem saberia abordar essas questões se eu não estivesse organizada assim, sejam elas mulheres em situação de prostituição ou seja a minha tia que sofre violência doméstica assim, sabe? E é muito louco, porque você chega pra essas mulheres e você sempre acha que vai ter uma resistência enorme, e aí você chega e fala “não meu, você já pensou, isso é violencia, sabe? Você está dependente emocional do cara e ta sofrendo violência em vários sentidos” e daí a mulher chega e fala “nossa, pode crer”. Então é muito louco, assim, Nossa, to aqui na abstração loucura gente, vocês tão entendendo alguma coisa?

Maria e Luana: Sim! (risos)

Frida: Ah ta! (risos) É...e ao mesmo tempo tambpem em relação à questão de organização foi legal também, porque logo que eu conheci o feminismo eu só ficava chorando, assim, minha militância política era chorar, aí u via alguma coisa e chorava. Aí eu chorava. E eu fiquei muito deprimida um tempoem relação a isso, e aí eu lembro que uma vez, quando eu comecei a descobrir, no colegial, socialismo e tal eu também ficava chorando pelos cantos. Eu via mendigo e eu chorava. Aí uma vez o meu professor chegou pr ami me disse “Frida, chorar não vai adiantar nada, ass pessoas vão continuar na rua e você vai continuar chorando, eu acho que existem outros meios de você fazer isso”. E isso foi muito um insight pra mim, tipo, em relação ao feminismo também. Eu pensei tipo “não adianta ficar chorando aqui, me lamentando e tal”. E aí foi engraçado, porque depois que eu comecei a me organizar toda a tristeza que eu sentia,

tipo, ela foi convertida em raiva, o que foi bom, porque a raiva é retroalimentar, assim, raiva é u, sentimento politicamente eficiente, e tristeza não, então isso foi legal também porque agora eu sinto raiva das coisas e a gente tem vontade de fazer coisas, sabe? Tipo, e não, sei lá, eu vendo sozinha na minha casa e tipo “ai que foda” assim, chorando. Então, acho que foi legal, tipo, de sentimentalmente se organizar, sabe? Foi legal em todos os aspectos. (pausa) Ai gente, fala mais coisa, não sei, dá mais um gancho aí. (pausa) Eu sei que vocês não podem ficar interferindo muito. (risos)

Luana: Você faz o que atualmente? Você estuda, trabalha...

Frida: é, eu estou no quarto ano das sociais. E... e eu trabalho, eu faço... eu sou bolsista do PET, eu não sei se vocês conhecem, programa de educação tutorial e daí eu desenvolvo uma pesquisa de iniciação científica lá que agora eu vou ter que interromper porque eu vou pra Portugal, mas na volta eu vou continuar fazendo, sobre violência homofóbica e a retratação da violência homofóbica na mídia. Então a gente compara como que veículos... é... assim, mainstream, tipo na internet e tal retratam os mesmos casos de violência homofóbica que veículos LGBT. E além disso a gente toca uma serie de outros projetos, tipo eventos, cine debates e tal. É... e fora isso eu to militando no manas e... eu fazia mais alguma coisa mas eu não lembro... ah! tá! Então, e daí eu tenho um projeto serigráfico também, que chama tesouraria, que é um projeto em que a gente faz camisetas relacionadas a questões políticas e tal e vende a baixos custos também reaproveitando roupas, tipo de brechó essas coisas e tal... é isso, essa é a minha vida, basicamente. (pausa)

Luana: o que você pensa de outras correntes feministas?

Frida: ta, deixa eu ver... é, nossa, agora vai ser hein... é... então, na verdade, a gente acredita que o feminismo radical não é uma corrente, a gente acredita que o feminismo radical é o feminismo não modificado, ou seja, sem influência de outros fatores né? Então é justamente por ele ser radical, ou seja, “ir à raiz”, a gente acredita que ele é o feminismo em si, que na verdade é pura e simplesmente a luta das mulheres enquanto grupo contra a exploração que elas sofrem dos homens enquanto grupo, né? Então é um movimento que visa a libertação das mulheres. A questão é: a gente não considera que as outras correntes sejam feministas porque algumas posições que elas defendem impedem justamente trilhar o caminho até esse objetivo, que é a libertação das mulheres. Então, por exemplo, para nos não adianta um grupo se assumir feminista porque na verdade isso é só um discurso, e a gente tem que ver materialmente se aquilo

que ela faz e defende corrobora à luta das mulheres. Por exemplo, para nós o feminismo que se auto-intitula feminismo liberal não é feminista porque embora as meninas digam “ah não, a gente defende a igualdade, a libertação da mulheres, elas acabam fazendo coisas que, por exemplo, vão no sentido contrário, por exemplo, defender a prostituição como empoderamento, e para nós defender a prostituição como empoderamento não é uma pauta feminista, né? E isso não reforça a luta das mulheres por sua libertação. Então a gente acredita que tipo tem que fazer o caminho oposto, né? Não você se dizer feminista, a partir daí você considera tudo que você disser feminista, mas você considerar o feminismo um conjunto de coisas que necessariamente precisam estar em consenso para que a luta seja efetiva, né? Então se você for feminista e eu for feminista e nós defendermos coisas completamente diferentes a gente nunca vai conseguir ter um movimento político consistente pra lutar pelas nossas finalidades. Então... e sei lá de nenhuma forma a gente está culpando mulheres que caíram no feminismo liberal. Assim, as primeiras coisas que eu conheci de feminismo eram do feminismo liberal e meu, é claro, isso tá bombando hoje em dia, tipo, na mídia inclusive e tal, e a gente vê isso com casos de celebridade, cantoras e etc que se assumem feministas e que defendem posições aleatórias assim... e... tipo, isso é em todo lugar, então é óbvio que se você começa a falar sobre feminismo você vai cair nisso necessariamente, sabe? É muito difícil alguém começa a falar de feminismo e cai no feminismo marxista sem ter contato com um partido, da mesma forma que o feminismo radical, é muito difícil uma menina começar a pensar sobre feminismo e digitar no Google feminismo e aparecer feminismo radical, assim, é praticamente impossível isso acontecer. Então tipo, a gente acha também que a gente pode fechar com alguns grupos em algumas questões, assim, por exemplo, quando as mulheres estão lutando pelo aborto legal, gratuito, seguro e tal, normalmente a gente luta ao lado de vários grupos, grupos feministas marxistas, grupos feministas, tipo, meninas que se identificam com o feminismo liberal e etc porque é uma pauta específica. É... isso não quer dizer que normativamente, em teoria, a gente considere o feminismo liberal e o feminismo marxista como feminismo. Então nesse caso o problema do feminismo liberal é um problema que não é só do feminismo liberal, o liberalismo é uma política que tem invadido as mais diversas instâncias, assim, desde movimentos anticapitalistas até os movimentos feministas, movimentos LGBT, meu, o movimento LGBT é bolado de liberalismo, e também o feminismo marxista... então tipo... eu sei que parece meio... meio rude falar assim de começo, tipo, “ah, a

gente acha que os outros feminismos não são feminismo”, na verdade eu já quase apanhei em outros eventos porque eu cheguei e falei no microfone “gente, então, a gente acha que isso não é feminismo” (risos), mas... eu acho que é preferível começar por essa frase e depois ir explicando o que a gente não acha do que o contrário. E daí nesse caso o feminismo liberal por isso, e sei lá, o feminismo marxista é... eu acho que é o feminismo com o qual a gente tem mais problemas, assim, tanto o feminismo socialista né? E aí entra dentro disso o feminismo marxista e o feminismo anarquista porque na verdade são feminismos que não consideram a... o problema das mulheres como um problema estrutural, né? Como um problema que está na base econômica, na estruturação da sociedade, então, tipo, na base econômica você considera o problema das mulheres como um problema supraestrutural, então no caso elas não dizem que as mulheres sofrem exploração, elas dizem que as mulheres sofrem opressão e que o machismo é um problema ideológico supraestrutural derivado da exploração capitalista dos trabalhadores assalariados, né? E a gente não concorda com isso, porque a gente não acha que... e o fato delas acreditarem nisso as leva a pensar que o sujeito político do feminismo é a classe trabalhadora, porque só a classe trabalhadora vai conseguir subverter essa relação de exploração que pode abrir caminho para acabar com o machismo, enquanto problema ideológico. E a gente acredita que não, pra nós não é a classe trabalhadora, homens e mulheres da classe trabalhadora, que vão fazer a revolução feminista. Pra nós são as mulheres enquanto classe sexual, sejam elas trabalhadoras ou não trabalhadoras. E isso não quer dizer também que a gente negue que existem diferenças entre elas, sabe? Não é porque a gente considera mulheres como classe sexual que a gente não sabe que mulheres negras tem problemas próprios, assim como as mulheres trabalhadoras tem seus problemas específicos. Sei lá, por exemplo, mulheres trabalhadoras estão submetidas à dupla exploração, uma por serem mulheres e outra por serem trabalhadoras. E daí nesse caso a gente também não fecha com feminismo marxista, por causa disso. Isso significa muito, claro, por exemplo, no movimento estudantil as vezes quando rola... não sei se vocês ficaram sabendo, mas recentemente teve o encontro de mulheres da USP, o EME, e daí a maior parte das organizações que compõem a Frente Feminista são organizações ligadas a partidos e tal, e necessariamente elas seguem a linha feminista do partido, ou colocada pelo setorial de mulheres do partido, que na maior parte das vezes, aliás, todas as vezes é feminismo marxista. Então na verdade o que mais se diferencia delas, que tá no limbo entre

feminismo marxista e feminismo ‘não sei’ é a Marcha Mundial das Mulheres, mas de resto, o Movimento de Mulheres em Luta, o Pão e Rosas, etc e tal, eles todos seguem a linha do setorial de mulheres do partido e isso é feminismo marxista. E a gente trata muito com elas, assim, na hora de colocar algumas políticas, porque elas sempre querem, tipo, introduzir um homem trabalhador no meio, sabe? Então, é... normalmente esses grandes encontros, eles são uma disputa meio acirrada, assim. O que é muito triste também, porque na verdade a nossa concepção é que elas, sei lá, seguindo esse tipo de linha na verdade não estão fazendo nada politicamente efetivo na direção da libertação das mulheres. Então a gente fecha em algumas questões, como por exemplo, as feministas marxistas elas são muito resistentes ao discurso da prostituição enquanto libertação, então elas condenam muito a questão da prostituição, e também são pela abolição da prostituição e tal, e a gente encontrou um respaldo muito forte nos grupos feministas marxistas quando a gente tava no comitê pela abolição da prostituição, e outras questões como por exemplo a questão trans é absolutamente diferente, a gente já quebrou o pau supremo, porque pra elas não tem problema nenhum se você, tipo, se identifica como mulher então você é mulher e tem que fazer parte do movimento feminista, e pra nós não. Então a gente também tem muitos problemas com elas nesse sentido. Com o anarcofeminismo na verdade é um bagulho meio louco, assim. Porque as meninas que são anarcofeministas, conversando com elas, elas nunca sabem dizer de fato o que é o anarcofeminismo. Elas são anarquistas e são feministas então necessariamente elas acham que são anarcofeministas, assim, que é uma terceira coisa. E a gente diz que não, que você pode ser anarquista e feminista, sem precisar ser anarcofeminista. Então é muito louco, porque a gente fala tipo “ah, e aí, o que o anarcofeminismo defende?” “ah, ele defende a libertação das mulheres e o fim do capitalismo”, mas beleza, eu também defendo isso e sou anarquista e feminista radical, assim (risos). Então a gente nunca teve problemas fortes, assim, com elas porque na verdade não tem nenhum movimento político muito conciso, assim, sabe, do anarcofeminismo. É... e aí tem outras questões também que são bem mais complexas, tipo... (barulho de obra) da obra aí do lado atrapalhando a gente (risos), por exemplo a questão do feminismo negro, do lesbofeminismo e tal, que atualmente a gente tem tido vários problemas em relação a isso. Tipo, muitas meninas do feminismo negro acham que porque elas são negras e são feministas elas necessariamente precisam ser feministas negras. A questão é que não existe nada no feminismo negro,

normativamente e teoricamente que seja diferente do feminismo... do feminismo em si pra que exista uma outra corrente feminista, entende? E dai a gente acha que tipo... o feminismo negro é um problema no sentido que ele caracteriza o restante do feminismo como feminismo branco necessariamente, que é uma coisa que a gente não quer. A gente não acha que as mulheres negras tem que ser trazidas pro centro do feminismo, porque existe realmente um problema histórico de consolidação do feminismo com, sei lá, brancas na academia que escreveram as principais pautas feministas. E também existiram muitas mulheres negras que questionaram isso, sei lá, uma das grandes questionadoras disso, uma delas foi a Audre Lorde, que muitas feministas negras hoje reivindicam, que era feminista radical. Então ela questionou, tipo, os padrões brancos do feminismo radial e etc, sem necessariamente ter que fundar alguma coisa a parte, sabe? Então a gente acredita que na verdade as mulheres negras, enquanto mulheres negras elas tem que ser trazidas para o centro do feminismo, sem que isso negue, tipo, problemas específicos, né? Então acho que, tipo, uma coisa é existirem grupos de mulheres negras que tem necessidade de se auto organizar enquanto mulheres negras pra discutirem os seus problemas, meu, eu acho isso que isso é absolutamente válido, até porque nenhuma mulher negra tem que ser obrigada a ficar trocando ideia com mulher branca sobre racismo, acho que não tem nada a ver. Outra coisa é você reivindicar um feminismo diferente. Ai eu já acho que é um problema, porque... sei lá, não existe um movimento antirracista feminino e um movimento antirracista masculino só porque existem homens e mulheres. Da mesma forma o movimento anticapitalista não se divide em branco e negro, feminino e masculino, é... esses movimentos eles se unem no que é importante pra luta, então no caso do movimento anticapitalista a classe trabalhadora se une enquanto classe trabalhadora, independentemente das divergências internas, e pra nós no movimento feminista as mulheres tem que se unir enquanto classe sexual, independente das divergências internas, e sem que elas sejam atropeladas também, acho que todas elas precisam ser tratadas... é... então nesse caso a gente acha que tipo, por exemplo, existem muitas feministas negras radicais que estão em constante embate, assim, por exemplo, uma das próprias... eu não sei, quem de vocês entrevistou a Audre?

Maria: eu.

Frida: Ah, ta, então, a Audre por exemplo, ela está sempre em constante embate com outras feministas negras e tal, que são de movimentos... que são feministas liberais

e tal... tem isso também, as pessoas falam “ah, porque fulana é feminista negra” mas ai tipo, sei lá, tem feminista negra marxista, feminista negra liberal, entendeu? Então na verdade o feminismo negro... teoricamente ele não é um conjunto formado de opiniões, assim, tipo, de coisas feministas. Então isso que é o problema, a gente quer que essas mulheres se organizem também, segundo um conjunto de políticas feministas, assim, e dai tipo, ela tá sempre em constante embate com essas meninas porque, meu, não é isso, assim, sabe? Você pode militar no movimento antirracista e tal, mas no que se refere às questões de mulheres é importante que a gente tenha um movimento político consistente, né? Então nossa crítica na verdade ao feminismo negro é isso. É a mesma crítica ao feminismo marxista, tipo, o fato de você ser feminista e marxista não te torna automaticamente feminista marxista, não é uma somatória que cria uma coisa qualitativamente diferente. E o lesbofeminismo é a mesma coisa, a gente não acha que porque você é lésbica e feminista que precisa criar uma outra coisa, que é o lesbofeminismo. Porque na verdade o feminismo, se você for perceber, é o único movimento político adjetivado, né? “Eu sou feminista marxista, sou feminista negra, sou...”, ninguém nunca chega e fala “sou marxista feminista”, sabe? Ou então “ah, eu sou marxista negra”, ninguém fala isso, assim, sabe? E eu acho que isso também tem muito a ver com o fato de, tipo, o feminismo ser uma luta secundarizada, porque as mulheres, tipo, através da maternidade compulsória, do gênero e tal, elas sempre aprenderam a ceder, né? E tipo, sempre a servir, então você está sempre “ah, tudo bem, a gente vai relevar isso”, “não, tudo bem, não sei o que, não sei o que lá...”. E o feminismo, tipo, necessariamente por ser formado por mulheres acabou fazendo a mesma coisa, né? Então parece que é meio a mãe de todas as lutas. Ai, sei lá, chega alguém e faz bosta, assim, tipo, na luta anticapitalista e é “não, tudo bem, a gente releva”, sabe? Então se a menina é feminista, mas foi estuprada pelo colega de partido ai tudo bem, a gente vai dar uma punição pra você mas você pode continuar militando com a gente, assim, sabe? Então isso acaba irritando a gente um pouco, porque na verdade o feminismo ele é sempre tão adjetivado que é impossível quase a gente ter uma... sei lá, uma luta sólida, assim, sabe? E em direção aos mesmos objetivos, se a gente não tem uma base sólida teórica a gente nunca vai chegar num objetivo sólido, sabe? Então o nosso problema com outras correntes é esse, né? É não entender que a questão das mulheres também é uma questão material e de exploração, e que dai a única coisa que pode destruir isso é a luta das mulheres enquanto classe sexual, com

todas unificadas, assim. E daí, tipo, não tem como fazer isso de maneira artificial, sei lá, no 8 de março, por exemplo, que colam 50 mil mulheres, assim, mas se você for conversar com ela sobre qualquer coisa você vai ver que ela não pensa como você, sabe? E aí? E a hora que tipo, o bicho pegar? O movimento racha, né? Então o nosso problema na verdade é esse, embora a gente possa trocar algumas coisas particulares em conjunto, se você for pensar no movimento feminista enquanto movimento político que visa a libertação das mulheres é muito difícil você dizer que é possível a existência de várias correntes, assim. E aí na verdade a gente acabou se intitulando feminista radical, assim... a gente né? Tô me colocando no mesmo patamar das meninas que começaram a fundar o feminismo radical. Na verdade elas começaram a falar em feminismo radical por causa disso, né? Como uma necessidade de se diferenciar de outras questões, né? De outros tipos de feminismo... Então na verdade não é que a gente pensa que a gente é uma corrente, não, a gente pensa que a gente é o feminismo. Olha a prepotência! Mas numa necessidade em discussões, tipo, de se diferenciar a gente acabou falando feminismo radical. Na verdade ele surgiu assim, né? Foram mulheres que estavam militando em movimentos anticapitalistas e sentiam que, tipo, os problemas delas não seriam sanados pela luta anticapitalista, né? Que é o que o feminismo marxista prega. Então elas tinham um milhão de problemas em relação aos próprios militantes de dentro das organizações delas, e elas se afastaram e tentaram achar uma maneira de entender porque elas continuavam tendo esses problemas e tal, elas descobriram que é porque a luta anticapitalista não vai sanar os problemas das mulheres, assim. É... acabar com eles e tal, e que tipo, é necessário que haja lutas paralelas: a luta anticapitalista, a luta antirracista e aí a luta feminista também. Então a gente acha que, tipo, todas as lutas elas são igualmente importantes, e que a gente acredita que existem,... que todas elas são, as relações são igualmente estruturantes, assim. Então, por exemplo, a gente também acha que pessoas negras não são somente oprimidas, a gente acredita que elas são exploradas também, enquanto uma classe racial, por exemplo... e... que... é... nenhuma dessas lutas é mais importante do que a outra Então eu acho pras mulheres, tipo, quando a gente diz que no feminismo é importante que as mulheres se vejam enquanto mulheres acima de qualquer coisa, não quer dizer que pra vida delas é mais importante isso, entende? Pra, sei lá, pra uma mulher negra, quando ela estiver militando no feminismo eu acho mais importante que ela se veja enquanto mulher acima de qualquer outra coisa. Mas isso não quer dizer que, tipo, a luta antirracista tem que ser

menos importante né? Eu acho que na hora que ela tá na luta antirracista ou em grupos antirracistas ela tem que se ver como negra acima de tudo. Então a gente acha que, sei lá, por exemplo, é... tanto a luta antirracista, quanto anticapitalista, quanto feminista e até a luta antiespecista também, a gente no manas tem uma política de reconhecimento da exploração animal, isso é uma coisa muito importante para nós, e a gente fica, sei lá, puta da vida assim com a galera que só reconhece uma exploração. Então, tipo, sei lá, a gente teve um embate muito forte com meninas da Frente Feminista uma vez, porque a gente queria que, sei lá, por exemplo, foi no próprio encontro, porque a gente queria que a alimentação pudesse ser, sei lá, toda vegana, assim. E elas disseram que não, que elas eram politicamente contra. E a gente acha isso muito foda, assim, porque então você reconhece que existe a exploração dos trabalhadores, etc e tal, mas não reconhece que outras explorações possam existir, assim, sabe? Então nesse sentido as quatro lutas são muito importantes pra nós, mas em termos de feminismo é mais importante que as mulheres se reconheçam enquanto classe sexual do que qualquer outra coisa (pausa).

Luana: e você participa de algum outro movimento social?

Frida: Então... a gente tá... eu fazia parte de um grupo de... é que agora ele tá meio parado, de discussão, era um grupo de estudos anarquista e a partir desse grupo a gente tava se articulando pra formar uma organização. Aí a gente acabou parando, porque entrou de férias e tal, e aí agora eu vou viajar e aí eu acabei me afastando, porque eu acho que não faz muito sentido eu entrar numa organização se eu não posso estar ativamente militando nela... por esse tempo... mas, é... eu não faço parte de nenhum partido, eu não concordo com partido, etc e tal. E... eu também não faço parte da OSL, que é a organização mais importante em termos de... proporções, assim, atualmente no cenário nacional, porque eles não tem nenhuma política clara em relação ao feminismo, e... isso é muito preocupante, na verdade eles não tem política nenhuma em relação ao feminismo, a gente tenta conversar com eles e eles “ah, daora o feminismo”, assim, sabe? E daí isso pra mim é um impedimento bastante forte, assim. Então não, por enquanto eu não tô, mas quando eu voltar de Portugal, que vai ser daqui a 6 meses a gente... provavelmente o pessoal por aqui já vai estar se articulando, e eu pretendo estar. E... enfim, as questões da causa animal também são bastante importantes e tal. E assim, tipo, em relação a racismo obviamente a gente pode sempre tentar discutir a nossa posição enquanto pessoas brancas, assim, né? Então, tipo, eu e algumas amigas minhas somos brancas e a gente sempre discute algumas questões, inclusive com amigas nossas

que são negras e tal, discutimos e tal, mas obviamente gente não milita no movimento antirracista porque seria ridículo, né? Assim, tipo, movimento negro, sabe? Só ia estar eu lá, então eu acho que é uma questão de quem é sujeito político da luta, né? O que não impede a gente de discutir, sei lá, “porque eu não sou sujeito da luta antirracista eu não posso discutir sobre racismo, vou continuar sendo racista aqui”, tipo, não né? Isso tem a ver também com a questão dos homens no feminismo, né? Tipo, a gente não acredita que o homem possa ser feminista, porque enfim, vocês estão explorando a gente sistematicamente, então ia ser ridículo vocês chegarem e falarem que são feministas, vocês não são o sujeito político da nossa libertação, mas isso não quer dizer que você tenha que ser um escroto até o resto da vida, assim, sabe? “Ah, então porque eu não posso ser feminista eu vou aqui consumir prostituição e bater na minha mulher”, assim, sabe? (pausa) acho que é isso gente... é que eu sou meio...

Luana: Você cresceu com a sua família aqui?

Frida: aham... é, é... é o único lugar que eu morei até hoje, desde que eu nasci... (pausa)

Maria: O que você acha daquela polêmica que teve entre a Anitta e a Pitty, no programa Altas Horas?

Frida: Ah, então, na verdade eu não entrei muito no mérito de estudar isso a fundo... eu não sei se por causa da entrevista vocês podem me contar o que foi. Eu lembro que, tipo, a pergunta era uma coisa, aí a Anitta respondeu uma coisa meio liberal assim, tipo de mulheres chegarem em homens na balada, não foi isso?

Maria: Na verdade a Anitta falou alguma coisa do tipo “ah, a mulher tem que se dar o respeito”...

Luana: É que ela falou que vê na noite as mulheres pegando 50 caras e que a mulher fica mal vista por isso, e que o cara que julga ela tem razão...

Maria: E aí a Pitty falou que não, que a mulher pode ficar com quem e com quantos caras ela quiser. E aí gerou toda uma polêmica ao redor disso...

Frida: Então... É, na verdade a gente considera as duas posições politicamente problemáticas. Eu acho que, nossa, a opinião da Anitta é quase moralista, assim, né? Tipo, é bizarro, né? Esse lance de “ah, a mulher tem que se dar o respeito”, como se ela não tivesse que ser respeitada por terceiros, é bizarro... eu vejo alguém da pastoral falando isso... é... e aí sei lá, acho que não tem nem como discutir isso, isso é absolutamente antifeminista, em todos os aspectos. Mas ao mesmo tempo eu acho que a

resposta da Pitty também é muito liberal, no sentido de que não reconhece alguns problemas que pra nós são coisas muito importantes. Esse lance de tipo “meu corpo, minhas regras” ou então “a buceta é minha e eu dou pra quem eu quiser”, esse tipo de coisa e tal foram argumentos que foram muito introduzidos pelo liberalismo dentro do feminismo... então, por exemplo, eu falei pra vocês que a gente tem problemas com a questão da heterossexualidade compulsória, meu, a gente acha que a heterossexualidade compulsória é uma ferramenta muito forte que é o tempo todo... a manutenção dela é feita o tempo todo em tudo que a gente vê, então tipo, revista, televisão, esse lance do feminismo liberal que incentiva “não, a mulher fica com quantos caras ela quiser” na verdade nega que a relação heterossexual não é a mesma coisa pra homens e para mulheres. Então tipo, obviamente a gente não culpabiliza nenhuma mulher que é heterossexual, obviamente, mas é importante que se reconheça que uma relação heterossexual vai sempre ser uma relação violenta, por mais legal que o cara seja, porque ele sempre vai obter privilégios e, tipo, de alguma forma isso corrobora com a exploração das mulheres enquanto grupo, assim, né? Então... eu não sei se vocês já chegaram a pesquisar alguma coisa sobre feminismo radical, mas tem um texto que é chocante na internet que chama ‘lesbianismo político: uma saída contra a heterossexualidade compulsória’ ... eu não lembro exatamente o nome do texto, mas é chocante esse texto, é tipo perguntas e respostas, e tem uma hora que fala assim “ah, porque a mulher heterossexual ela...” é... é tipo “a mulher heterossexual é o inimigo? Não, a mulher heterossexual não é o inimigo, mas ela é a colaboradora do inimigo” e sei lá, na minha organização e tal a gente não concorda com isso, porque a gente acha que ela não tá colaborando com o inimigo de maneira nenhuma, assim, sabe? Até porque não é porque você reconhece uma coisa compulsória que você consegue destruir isso, tipo, a sociedade tem um poder muito forte, assim, sabe? E coisas de socialização que são incrustadas em você desde a infância as vezes você nunca consegue se livrar delas e... não necessariamente por isso a gente pensa que todas as mulheres são lésbicas, é absurdo falar isso também, né? Mas a gente acha que tipo, se existisse uma sociedade absolutamente libertária onde todo mundo pudesse ser naturalmente o que é, a gente acreditaria que todas as pessoas, ou pelo menos a maior parte delas fosse bissexual, porque não corta em nenhum dos lados, assim... é... mas... gente, eu tô... enfim... vocês fazem sociais né? Vocês tão entendendo o que eu tô falando, também não acho que todo mundo é naturalmente bissexual, não é isso, eu acho que tem muito de construção social

em cima disso e tal mas a questão é que na nossa sociedade não é isso que acontece. A maior parte da nossa sociedade é heterossexual e isso não significa que todo mundo é heterossexual, então “puta, que pena”, não é isso, né? É porque existe um movimento compulsório nesse sentido. E daí, pra mim, frases como essa, tipo, “ah, a mulher pode dar pra quem ela quiser” ou “ela pode pegar quantos homens ela quiser” negam que existe uma diferença de peso entre um homem e uma mulher numa relação heterossexual, sabe? Por mais legal que a pessoa seja, que o cara seja e tal, e eu acho que a gente precisa ter uma... eu tenho uma amiga que diz uma coisa muito engraçada, ela fala que a gente precisa ter um ‘amor crítico’ em relação a tipo, por mais que você, tipo, “ah, é o meu cara” e você esteja se relacionando com ele, você tem que reconhecer que sempre vai ser uma relação violenta em alguma medida. E que... você... enfim, você tem que se relacionar criticamente nesse sentido, né? De que, tipo, por exemplo, todas as feministas radicais que eu conheço fazem um, mesmo as heterossexuais fazem um esforço muito forte para se orientarem pra mulheres, se não romanticamente em muitas outras questões da vida, na maior parte das coisas da vida. Então, é... isso não quer dizer também que se a pessoa é heterossexual el é menos feminista, não é isso. Mas é ter uma visão mais crítica em relação a isso né? Tipo, o feminismo liberal, o feminismo marxista não tem, pra eles é só uma questão de tipo “ah, viva a diversidade de opiniões, gays, héteros, e etc”, e pra nós não existe uma questão valorativa aí, né? Tipo, o lesbianismo ele é em si, por negar a questão do acesso dos homens etc e tal, uma forma de resistência, né? É um movimento de resistência em relação ao patriarcado... que a gente acha que sozinho não soluciona nada também... mas é importante não ter esse mesmo peso, não entender as coisas como mesmo peso. E aí nesse sentido eu acho que a afirmação da Pitty é muito politicamente problemática. Eu entendi o que ela quis dizer, qual foi a questão, ela ter falado isso na hora né... porque enfim... elas estavam em rede nacional e tal... ela falou isso na hora? Ou ela falou depois, no Twitter?

Luana: Foi na hora...

Frida: É porque tipo, ela estava em rede nacional, etc e tal, e óbvio que mesmo que... sei lá, eu já ouvi a Pitty falar algumas coisas que eu achei muito legais, assim, sabe? Eu não me lembro agora exatamente o que foi... mas eu não acho que ela iria, mesmo que ela fosse feminista radical, eu não acho que ela fosse falar “não, pera aí. Eu diria a princípio que a mulher pode ficar com quem ela quiser, mas reconhecendo que existe a heterossexualidade compulsória...”, eu não acho que ela iria falar isso, assim,

sabe? Obviamente ninguém ia entender nada o que estava acontecendo... e... eu acho que foi meio que, tipo, também um lance de querer responder imediatamente a uma coisa que ofendeu ela muito, mas não que a gente ache que a resposta dela foi a mais apropriada, sabe? Então eu acho que ela poderia ter falado outras coisas. Mas... é isso... É tipo a... meu, tem muita mina, é uma loucura isso, mas tem muita mina que acha que a Beyoncé e tipo, outras... sei lá, é quea Beyoncé se assumiu, né? Feminista, tipo, no show e tal... e tipo mano, sem questionar nada assim, então tipo, você vai ver umas músicas da Beyoncé assim e elas tem umas letras bizarras assim, sabe? Tipo, mano, eu adoro Beyoncé assim, eu amo as musicas dela musicalmente, mas eu odeio as letras então eu tento ouvir música sem prestar atenção, mas é muito difícil. A mesma coisa tipo Nick Minaj, essas pessoas da vida assim, mas meu, tem um movimento muito forte tanto nos cliques quanto nas letras de autoafirmação, assim, a Valesca por exemplo, eu também acho que a música que ela faz é ótima, mas eu não consigo ouvir por causa das letras. E tipo, tem muito esse lance de autoafirmação do tipo ‘a buceta é minha e eu dou pra quem eu quiser’, sabe? Tipo, ‘minha pussy é o poder’ e tal, e a gente acha isso extremamente problemático, porque embora seja uma mulher falando isso ‘minha pussy é o poder’, e embora pareça tipo muito empoderador a primeira medida se você for ver esse empoderador não individualmente mas em relação a empoderador como movimento político da mulher enquanto classe, isso é empoderador enquanto nada, assim, sabe? Porque na verdade o que você ta falando é tipo eu defendendo o acesso dos homens ao meu corpo indiscriminadamente, assim, sabe? Então acho que é isso né, é você ter que enxergar as coisas não com uma postura individual, ou como uma intenção, sabe? ‘Ah, mas a intenção dela é boa’, meu, mas intenção não muda o mundo, assim, sabe? E daí tipo, passar a enxergar isso como uma questão política, né? De movimento em conjunto, quais são as implicações políticas disso, né? Ou sei lá, tipo, as implicações políticas de... é... tipo, você continuar colocando tipo... sei lá... defendendo uma música, enquanto feminista e tal, defendendo uma música que fala tipo... sei lá, que usa tipo, o termo ‘inimigas’, ou tipo ‘beijo no ombro que o recalque passa longe’, assim, sabe? Meu, é uma música extremamente tipo... sei lá, tá o tempo todo na defensiva de mulheres em relação a outras mulheres, assim, sabe? E tipo, mano, eu acho a música ótima, mas eu acho que eu ouvi e acabou, assim. Então eu acho que é isso, você tem que entender até as mesmas coisas enquanto... quais são as implicações políticas delas para as mulheres enquanto um grupo, assim. Sei lá... acho que é isso...

Luana: quantos anos você tem?

Frida: 21

Luana: quando você saiu do ensino médio você entrou direto nas sociais?

Frida: aham, eu tinha 17

Luana: e foi aí que você começou a militar no manas?

Frida: foi... não. Foi... no segundo ano das sociais que eu entrei pro manas. Que foi quando essa menina que eu, com quem eu conversei pelo Facebook entrou nas sociais também. Ela é um ano mais nova que eu... não de idade, das sociais. Ela é tipo, caloura do nosso ano, assim. Então faz... 3 anos? É, são 3 anos... (pausa)

Luana: não sei, se você quiser contar mais alguma coisa...

Frida: deixa eu ver... ah, eu adoro gatos (risos), não, tô brincando gente! Fiquem a vontade pra perguntar qualquer coisa, porque eu sou meio, tipo, eu falo muito quando tem um direcionamento, assim, mas se não tem um direcionamento eu fico quieta pra sempre, assim (risos).

Luana: você é vegana?

Frida: não, infelizmente não. Eu tô tentando muito forte, assim, mas é que, tipo, eu sou bailarina e eu treino muito musculação, etc e tal, e eu tive um problema de anemia que é um problema persistente assim, ele não passa nunca. E eu tentei fazer tratamento por muito tempo com suplementos e tal e tava resolvendo pra caramba assim, só que... mano, eu tenho muitos problemas de saúde... e eu tenho tipo pangastrite e aí o suplemento tava fazendo muito muito mal pro meu estômago e daí eu tive que parar de tomar suplemento um tempo e voltou a minha anemia, e eu não conseguia mais treinar, não conseguia mais fazer nada, eu tava muito muito fraca, tipo, eu dormia o dia inteiro. E aí a minha nutricionista falou “você vai ter que voltar a comer ovo”, então, hoje em dia eu como ovo (risos). Omelete... mas eu estou tentando muito, assim, e... tipo, eu tento o máximo possível de refeições que eu posso eu tento fazer veganas e também não uso coisas vindas de animal, etc e tal. E eu também acho que é sempre uma coisa muito importante a gente... sei lá, sempre que puder, vai ter evento, vai ter várias coisas que sei lá, que a alimentação seja vegana. Então por exemplo, o manas vai fazer um evento no sábado, é o primeiro festival de feminismo radical, e tipo, a nossa alimentação vai ser inteirinha vegana, assim, sabe? O pessoal aceita o vegano ou não. Não mata né gente? Comer uma abobrinha um dia, assim. E... e também porque, sei lá, tipo, acho que a causa animal não tem a ver também só com veganismo né, isso também

é uma saída um pouco liberal, “então se o mundo inteiro vai se vegano os animais estão livres”, não, pera, né? Porque ainda tem vários outros aspectos, tipo testes, vários outros aspectos. Também o um movimento contra a exploração animal se limita muito na questão do veganismo, e aí vai pra questão do individualismo, e as vezes chega até em uns níveis bizarros tipo ‘produtos veganos’, ‘supermercados veganos’, ‘restaurantes veganos’, e aí você tá tipo, sei lá, fazendo um movimento capitalista louco, assim, no sentido de criar uma comunidade vegana inteira, todo mundo consumindo veganismo e os animais continuam sofrendo, assim, sabe? Então eu acho também que nesse sentido precisa ter um movimento organizado. É mais ou menos que nem, tipo, sei lá, existem uns movimentos muito legais, tem o Animals Liberation Front e tem também o... vocês já ouviram falar do PETA? Então, só que o PETA é, mano, eu acho que eles tem um parafuso a menos né, não é possível assim, porque eles são um movimento organizado em direção à saída da exploração animal e tal, mas tipo, mano, eles são muito misóginos, assim, sabe? É bizarro, assim, em todas as propagandas deles tipo, eles colocam a mulher no chão, de um jeito assim, bizarro. Então, também não dá pra ser assim, né? É isso... nossa é muito engraçado isso, é só porque, nossa, “aí eu luto contra a exploração animal, então foda-se as outras”, sabe? Tipo, aí na hora que eu sair daqui eu penso nas outras coisas. É muito engraçado também.

Luana: E durante o seu ensino médio os seus professores discutiam essas questões na sala de aula?

Frida: Então, eu tinha um professor, que na verdade foi a pessoa que me impulsionou a fazer ciências sociais, porque... a gente começou a ter aulas de sociologia, eu não lembro se foi na oitava série ou se foi no primeiro ano, mas até então, quando eu estava na sexta série, sétima série eu queria fazer alguma coisa aleatória, tipo propaganda e publicidade, hoje em dia eu lembro disso e quero me dar um tiro, assim, é... e... depois quando eu entrei, tipo, quando eu cheguei na oitava série, primeiro colegial, eu queria muito fazer história, muito, assim, porque esse cara era meu professor de história, e aí quando eu comecei, foi no primeiro colegial, quando eu comecei a ter aulas de sociologia eu comecei a me identificar muito mais com sociologia do que com história. E aí eu fui falar com ele, perguntei, sei lá “o que eu faço na faculdade pra estudar isso?”, aí ele falou ciências sociais, e eu falei ok e prestei ciências sociais, e foi basicamente isso. E ele era a única pessoa que falava minimamente sobre essas questões em sala de aula, então ele, tipo, sempre foi uma

pessoa muito crítica. Minha irmã hoje em dia estuda na mesma escola que eu estudei, tem aula com ele ainda, e aí ele tava falando ontem do caso do ‘je suis charlie’, sabe? E tipo, causando, assim, na sala de aula e eu fiquei imaginando a cara dos estudantes, porque eu não sei nem se essas pessoas tiveram contato com o que aconteceu recentemente, sabe? E minha irmã vibrando, assim, porque ela conversa muito comigo sobre isso, então ela é uma pessoa muito crítica e tal e ele tipo... me levou a conhecer uma série de coisas que eu nem fazia ideia que existiam e tal, mas tudo sobre movimento anticapitalista, assim, sabe? Feminismo nem passava pela minha cabeça, assim, só quando eu comecei a conversar com essa minha amiga e tal, mas também nunca cheguei a conversar com ele sobre isso, tipo, foram duas coisas meio separadas, assim. Mas... é,, quando eu sai pra universidade eu ainda pretendia a entrar pra partido e tal, mas aí tiveram algumas pessoas que iluminaram o meu caminho, aí sei á, deixa eu pensar direito sabe? aí foi quando eu pensei, quando eu entrei no meu primeiro ano de faculdade foi quando eu comecei a pensar direito sobre as coisas que eu queria fazer politicamente com a minha vida, e não só ‘e o vento levou’, assim. Aí que o feminismo ficou muito mais forte e eu comecei a me aproximar muito mais de organizações anarquistas e tal, e estudar mais sobre o assunto, porque, sei lá tipo, quando eu estava na quinta série eu falava que eu era anarquista, mas pra mim anarquismo era sair quebrando coisa e tal. Hoje em dia eu sei que a gente tem que quebrar coisa com algum motivo, não adianta só quebrar (risos). E aí foi o único professor, na verdade, os outros professores eram bizarros, inclusive é... eu tinha uma professora que era tipo... falava mal de nordestino, porque joga tudo no mesmo saco assim, na sala de aula, falava que a classe média era responsável por pagar os impostos todos do país, e que o pessoal baiano vinha pra cá e roubava os nossos empregos, o que é ridículo né, porque eles estão, eles vem pra cá e se submetem a empregos de exploração absurda, assim, e que a minha professora nunca faria se tivesse a oportunidade, assim, sabe? Então tipo, ridículo, ela só falava umas bostas assim, absurdas. E aí eu tretei com ela algumas vezes em sala de aula, até me anotarem na pasta, aí eu parei de tretar, me resignei na situação (risos). Mas foi bem triste assim, tipo, no final do ensino médio eu já politicamente eu tava muito frustrada, porque eu não conseguia conversar com ninguém, eu só gostava das aulas de história e sociologia mesmo, e todos os professores eram péssimos, e os alunos também, tipo, ninguém tinha consciência política de nada, assim, foi muito difícil. Era uma escola particular que fica aqui próximo, só que é uma escola de bairro,

assim, sabe? Então tipo não é uma boa escola em vários sentidos e também tipo, fica sempre aquelas mesmas pessoas de bairro, sabe? Que tipo, não tem contato com nada, não vão pra outros lugares... e ai foi tipo, foi bem difícil assim, estabelecer laços políticos na escola. Foi mais depois que eu sai mesmo, e tal, e meu, eu tenho amigas, tipo, grandes amigas da escola até hoje, assim, sabe? Mas que foram pessoas que tipo... acabaram mudando junto comigo, assim. Então essa menina que era a minha grande amiga na escola é tipo muito muito amiga minha até hoje, assim. Uma outra moça que militou com a gente no manas, mas teve que sair porque ela passou em Bauru, na faculdade, e dai ela não tava mais dando conta e tal, essa também foi uma menina que eu conheci na escola e tal... Então tipo, foi legal nesse sentido, assim. Mas as pessoas que acho que não acompanharam politicamente eu acabei cortando laços porque não rolava mais. Tinha até um amigo nosso que, ele, sei lá, até alguns anos atrás, tipo, quando eu tava no primeiro ano da faculdade ele ainda saia com a gente e tal, mas ele é muito direitói de assim, não tem como conversar com ele sobre absolutamente nada, assim. Nada. Nem tipo, questão de gosto assim, tipo, “vamos falar sobre cinema?”, não, não dava. E ai tipo, deliberadamente uma hora a gente parou de chamar ele pro rolês, assim (risos). Ai tipo, ele também, depois a gente até tentou chamar pra uma coisa mais importante, mas ele não colou, e ai a gente entendeu que era um movimento recíproco de afastamento, assim, sabe? Mas foi isso assim, era bizarro. (pausa) Ah, e a minha irmã tem uma professora ela veio me contar que tem uma professora que fala sobre feminismo, mas que é frustrante, porque pra professora a única coisa feminista que já existiu na história foi tipo, voto, assim. Mulheres lutando pelo voto (risos) e ai eu falei “que bosta” sabe? Mas beleza, né? Pelo menos ela citou a palavra feminismo na sala de aula, assim.

HISTÓRIA DE VIDA DE SIMONE – MARCHA DAS VADIAS

Luana: Não sei se te explicaram como é nosso trabalho...

Simone: Ah, pelo o que eu entendi, eu tinha que escolher um tema e falar... Ou não?

Luana: Então, somos estudantes de Ciências Sociais e estamos fazendo uma pesquisa sobre história de vida de mulheres militantes e sua identificação com coletivos.

Tudo o que você quiser contar é importante pra gente e não tem nada que seja certo ou errado...

Simone: Então na verdade eu posso falar, tipo, minha história como militante ou... o que?

Luana: Isso. Tudo o que você pensa, sente, experiências marcantes que você queira compartilhar, o que você se sentir confortável pra...

Simone: A partir do momento que eu me identifiquei como feminista ou...

Luana: Pode ser

Simone: ... de antes também, sei lá.

Ninna: Da sua família alguma coisa, tipo a sua infância, se você lembra de alguma coisa também.

Simone: Então, é. Bom... Eu estudei desde pequenininha num colégio, tipo, no mesmo colégio, ali perto de casa, e... era um colégio muito interessante, porque eles estimulavam muito a gente a, tipo, misturar menino com menina, né? Então, era, tinha uma coisa, tipo, na educação física de que o professor só começava a aula depois que a gente percebesse se a gente tava, tipo, intercalado, um menino e uma menina. Então eu vejo a minha escola, assim como, a escola, o ensino que eu tive, assim, como um principal, assim, um fator importante na minha, no meu desenvolvimento, assim desse lado político e tal, porque isso começou quando eu era pequenininha tal, só que mais pra frente, assim, o colégio sempre estimulou a gente se envolver na política, participar de grêmio, essas coisas. Então acho que desde pequena eu sempre me interessei, sempre achei interessante, esse, esse lado, assim, mais político.

Ah... E aí rolaram... Não sei, assim, é engraçado que depois que você entra no movimento feminista, você começa a perceber várias, é, situações de opressão, assim mais, ainda que menores, assim, mais sutis, mas que você já viveu antes né? Então acho que talvez seja interessante, não sei exatamente como vocês vão focar nisso, mas, é, eu sempre gostei muito de jogar futebol, né? Então isso sempre foi um, não sei, foi sempre uma coisa, tipo, “Ah, chegou a menina que gosta de jogar futebol”, aí os meninos olhavam assim com uma cara... Então era engraçado, porque eu sempre tive muitos amigos meninos né, sempre gostei muito de jogar futebol, então meio que eles sempre, não sei, sempre foi fácil de interagir assim com os meninos e ao mesmo tempo em que quando eu chegava, assim, em um lugar que as pessoas não me conheciam, “Ah, ela quer jogar futebol, ela é menina, e não sei o que”, aí eu sempre tinha que pegar e

mostrar, que sei lá, eu sabia jogar, enfim, pros meninos pararem de me encher o saco. Aí isso, isso foi engraçado, porque aí, sei lá, no final do meu colegial já era aquela coisa tipo, futebol misto, aí eu era escolhida antes dos meninos, assim, umas coisas assim. Então, sei lá assim, várias situações ou... Esse tipo de, de relato assim, vocês tem interesse, não sei?

Luana: Sim, sim, pode contar. Tudo o que você se sentir a vontade.

Simone: Ah, sei lá, assim, tipo. Mas assim, dessas coisas mais passadas, vai?

Luana: O que você quiser.

Simone: É... Ah, sei lá, eu lembro, talvez seja até interessante em algum momento vocês usarem, sei lá, mas é, que eu gostava, é, muito de, tipo, brincar com os meninos, essas brincadeiras, futebol, e aí em um dado momento quando eu era pequena, assim, tipo, sei lá, seis anos, sete anos, eu virei e falei, assim, “Ah queria ter nascido menino”, aí minha mãe fez aquela cara, tipo, “Ohhh, como assim? Mas por que você queria ter nascido menino?” “Ah, porque menino tem brincadeira muito mais legal, tipo, correr, não sei o que”, eu já, tipo, já tava numa época que eu já não ligava tanto pra, sei lá, Barbie, assim, nunca gostei de panelinha, sei lá. E aí a minha mãe ficou toda preocupada, assim, teve um período que ela ficou tipo “Oh, mas como assim, você queria ter nascido menino, você queria ser menino? Por quê?” “Ah, porque as brincadeiras são mais legais, não sei o que, pode jogar futebol”, aí minha mãe meio que me explicou, assim né, “Ah mas essas coisas também, não tem problema”. Aí deu uma, uma tranquilizada assim, enfim.

É engraçado, assim, que olhando pra trás a gente vê várias coisas que, que em um dado momento, assim, agora no contexto de militância eu percebo como, é, foram muitos, assim, pequenas opressões ao longo do meu crescimento, enfim. E acho que foram mais ou menos importantes pra eu construir minha imagem, de certo modo, e me entender na política, no contexto feminista, assim. Que mais? Ah, sei lá.

Luana: E aí, como você se descobriu feminista, começou no movimento?

Simone: É, então, eu me formei no colégio em 2012, né? E aí eu tirei meio que 2013 pra me localizar, eu até ficava brincando que era pra, era um crescimento espiritual, assim, porque eu fui fazer várias coisas que eu sempre tive curiosidade, fazer um curso de teatro, um negócio, tipo, eu dei um tempinho assim, que era pra eu me, tipo, é, meio que me localizar, assim. Aí eu fui atrás de conhecer partidos, essas coisas, porque sempre senti uma necessidade né? O pessoal, os meus amigos que eram da

política, eles já eram de partidos e coisas, mas aí eu falei não, deixa eu descobrir com calma o que que eu quero. E aí uma amiga minha comentou que, eu sou da Marcha das Vadias né? Uma amiga minha comentou que na escola dela teve um debate, assim, que o grêmio organizou com uma das meninas da Marcha das Vadias, que era explicando a questão do shorts, porque não deixaram umas meninas entrarem de shorts na escola, porque falaram que era muito curto e não sei o que e aí rolou um bate-papo sobre isso. E aí essa minha amiga pegou o contato das meninas da Marcha e aí a gente falou ah, vamos ver como que é a situação, vamos ver no que que dá, vamos descobrir o que é esse feminismo que elas tão propondo. E aí, foi isso assim, a gente mandou o email, pediu pra elas avisassem quando tivesse a primeira reunião, reunião do ano e aí em 2013 a gente, eu comecei a participar da Marcha junto com essa amiga. E aí, esse foi meio que meu primeiro contato com o feminismo, mas foi engraçado, porque, foi uma coisa que muito, assim, juntou né? Então, tipo, meio que minha formação política, as coisas que eu pensava, ou mesmo, sei lá, é, minha visão sobre ativismo LGBT, ou enfim, era muito de acordo com o que eu via no feminismo da Marcha, assim, e isso foi legal, porque meio que bateu muito, assim. E... é, aos poucos eu fui me interando mais, estudando mais, tipo, lendo mais coisa, foi um momento de muita, assim, de grande descoberta de um pouco da teoria, um pouco das vertentes, um pouco, assim, do mix. Foi assim que eu entrei na Marcha das Vadias.

Luana: Se você quiser contar experiências que você teve, como militante ou não...

Simone: Ah, assim... Acho coisas, é, os pontos que foram muito interessantes a partir do momento que eu comecei a militar é que é a questão do empoderamento e da empatia, né? Tipo, no meu colégio, tive uma experiência com um projeto social que era muito assim, de você tentar se colocar no lugar da pessoa, tinha um lance de empatia muito forte e aí quando eu entrei na Marcha, comecei a ter contato mais com o feminismo, assim, eu percebi como empatia era uma questão, assim, fundamental pra você entender a questão das outras mulheres diferentes da sua, porque, né, todo mundo é diferente e tal, e isso foi bem doido, assim. Eu lembro que a primeira vez que deu um clique maior, assim, sobre a questão de empatia com outras mulheres, se colocar no feminismo, assim, sei lá, foi numa mesa que a Marcha das Vadias fez em 2013 com, é, militantes trans e entre as pessoas tá a Dani Andrade, não sei se vocês já ouviram falar.

Luana: Já.

Simone: E ela falando, assim e tal, e eu nunca tinha, tipo, tudo bem, você tem uma visão, você acha que você tá respeitando tal, mas ela foi, tipo, apontando várias coisas, assim, que nunca tinham me passado pela cabeça e eram só questão de, assim, empatia pura sabe? Tipo, uma situação que ela pegou e falou “Ah, porque acontece assim, assim, assim, pras pessoas parece que, ah, nada demais, mas aí eles te pedem seu documento e não sei o que e blablabla e não vale o documento, porque não é igual como você tá pessoalmente e não sei o que”. E aí foi bem doido, assim, foi um primeiro momento, assim, de percepção de empatia que eu fiquei: gente, é fundamental a gente falar disso né, e fundamental que a gente tente empatizar com as outras meninas, enfim levar a causa, sei lá, tipo.

E aí, com relação a empoderamento, que eu acho que é um dos pontos em que o feminismo é muito importante né? É muito doido, quando você começa, quando entrei no movimento, eu tinha algumas questões comigo, assim, que eram, assim, tudo bem, sei lá, eu entendia que tinha um padrão estético, enfim, todo um contexto de beleza, por exemplo, que era muito social, mas num, tudo bem, assim, eu entendia isso, em dados momentos eu falava, ah, foda-se o que os outros estão pensando, aquela coisa, mas eu não conseguia exatamente, é, desassociar, sei lá, minha percepção de autobeza, ou enfim, essas coisas, e do resto do mundo, assim, do contexto. E aí foi doido, porque conforme eu ia conversando, trabalhando com as meninas, tipo, sei lá... Uma questão que eu acho que é bem, mais ou menos presente, assim, no feminismo, que é a questão da depilação, da não depilação, assim, da questão corporal, e aí eu fui percebendo como que rolava a questão do empoderamento, assim, tipo, aí eu... Nunca tinha me passado pela cabeça antes, por exemplo, não me depilar, e aí por um momento eu fiz tipo ah, vamos ver como é que é, vamos ver como é essa experiência, como que rola, tipo, o que é tudo isso que a gente tava conversando, vamos ver na prática. E aí foi bem interessante, assim, foi um momento que eu, que eu fui percebendo e fui me empoderando mesmo. É que acho que é um processo meio subjetivo, né? Cada um tem seu jeito, seu empoderamento, mas assim, foi uma coisa bem doida assim, perceber que aquilo já não me afetava tanto quanto em outros tempos, assim, sei lá.

Luana: Como foi? Você acha que tá nesse processo de empoderamento?

Simone: Ah, acho que é, assim, não posso falar que já tá completo né? Porque acho que é um negócio muito constante, até porque tem momentos em que você se sente mais a vontade com certas coisas, tem momentos que você tá mais fragilizada, mas, é

doido, assim, porque rola em vários campos, né? Então, por exemplo, sei lá, cantada de rua, assim. Antes era um negócio que eu ficava... Assim, as vezes eu não reparava, as vezes eu reparava, só passava reto, né, fingia que não, não era comigo, mas depois que eu comecei a perceber, tipo, o absurdo de um cara achar que ele pode invadir seu espaço e falar, tipo, umas coisas grosseiras, absurdas, ou mesmo que ele vire pra você e fale “Ai que lindinha”, não perguntei sua opinião, sabe. Então a partir do momento que eu comecei a perceber, assim, tipo, e entender as questões, eu acho que eu ganhei muito em nível de resposta, assim, sei lá, tipo, se antes eu não respondia, ou se antes eu, sei lá, mandava tomar no cú, agora se o cara me vira e me fala uma coisa dessas eu já paro, olho pra ele com uma cara de má, falo tipo “E aí, sua mãe também anda na rua, você gostaria que também cantassem ela e não sei o que”, e começa, assim, é meio doido.

Teve um dia que foi, realmente, assim, eu não esperava aquilo de mim, mas o cara me cantou, do lado da rua de casa, se não fosse não sei se eu estaria tão confiante pra falar o que eu falei, mas tipo um cara, assim, em cima de um caminhão, assim, eles estavam jogando uns sacos de cimento, assim, numa construção do lado de casa, aí o cara falou “Nossa, boa noite!”, aí eu fiquei... “Por que você me falou boa noite? Você sabe que...” e aí eu mandei um discurso mo bonitinho, sabe? Não fiquei só naquela, foi mo discurso tipo, “Mano você sabe que isso representa um perigo, não sei o que, quando você tá fazendo isso pra uma mulher ela se sente acuada e não sei o que, porque o próximo passo pode ser um estupro e não sei o que”, e tipo, comecei a falar um monte e ele ficou “Ah, não sei o que, só tava falando boa noite”, aí eu falei “Então pensa antes de falar boa noite” e foi legal, porque saiu super político e eu super... Sei lá, tipo coisas que vem com um tanto assim de militância, de vivência, sei lá. A partir do momento que você, acho que a partir do momento que você também, que você, tipo... Eu sempre tive isso em mente, assim, se fosse um debate, você tivesse total segurança sobre um assunto, acho que você se saí muito mais solta, assim, acho que o empoderamento vai por aí, assim, você começa a ter contato, você entende todos os pontos, a maioria dos pontos daquilo, você se sente bem mais solta, mais tranquila pra falar, ou enfim, as situações.

Luana: Segurança mesmo...

Simone: É, tipo isso, assim.

Luana: Você cresceu com seus pais? Você comentou que sua mãe te apoiou em brincar com brincadeiras consideradas brincadeiras de menino e tal. Você cresceu com seu pai também?

Simone: Sim, sim, eu, é, meu pai, minha mãe, meu irmão mais velho e minha irmã mais nova. E... é, assim, de um modo geral meus pais sempre foram bem tranquilos, assim, ahm... Assim, por exemplo, em um determinado momento que eles, sei lá, no começo quando eu era menorzinha, minha mãe ficava meio assim com essa coisa de futebol, “Ai meio perigoso né? Meio violento, porque as pessoas ficam se chutando, não sei o que”, mas, assim, aos poucos ela foi deixando, mas, por exemplo, já, sei lá, judô que eu queria fazer quando eu era pequena ela falou que não queria, porque era uma luta e era perigoso, mas em compensação, sei lá, capoeira que ela via mais como uma dança que as minhas amigas faziam na escola também, ela deixou eu fazer, assim, sabe? Mas sei lá, é uma coisa meio doida, assim, meus pais nesse sentido, sempre foram mais ou menos tranquilos, assim, e acho que o contexto da escola ajudou bastante. Mas é engraçado também, porque, tipo, os três irmãos né, cada um é de um jeito, assim. Então, nesse sentido eu era mais molequinha, meu irmão era mais quietinho na dele, minha irmã era aquele estereótipo de menininha patricinha, pequenininha, tipo. Ah, sei lá, uma mistura bem doida, assim.

Luana: Pra você ter um irmão mais velho foi difícil em algum sentido, em alguma situação?

Simone: Ah, acho que, assim, sempre rolou... Sempre não, assim, bem coisa de irmão mesmo, assim, mais pelo sentido de irmão, mas daquelas coisas, tipo: olha os brinquedos dele, que legais! Mas, até aí eu podia brincar com o lego dele, enfim, era tranquilo. Mas era uma coisa tipo... Assim, nada muito acrescentado, assim. Nada mau irmão, de boa.

Luana: Se você quiser contar mais experiência pra gente.

Simone: Ah sei lá, me fala mais aí do trabalho, o que posso argumentar mais, ajudar, como é, sei lá, tipo.

Luana: É sobre mulheres militantes mesmo, como é a história dela, como conheceu o feminismo...

Simone: Ah, sei lá.

Ninna: Qualquer coisa que você puder contar pra gente é importante, contribui muito.

Simone: Ah, não sei, acho que os pontos mais relevantes, assim, eu diria foram esses. Desde pequena eu me senti incomodada em algum aspecto com essas restrições que eles me colocavam por eu ser menina e fui criada em um colégio que sempre me estimulou a falar, não sei o que, então nesse sentido as coisas eram mais tranquilas, assim, sempre estimulou a gente a, sei lá, participar dessas coisas políticas, correr atrás, tipo, sei lá, sempre fui representante de alunos, assim, nunca gostei que os outros me representassem também, tinha um lance assim, e aí calhou que foi se encaminhando por uma coisa que o feminismo foi a luta que mais fez sentido, assim, mesmo, sei lá, politicamente... Não sei se vocês vão achar muito absurdo isso... É, vocês fazem sociais né? Ah, não sei se...

Luana: Não se preocupa com a gente.

Simone: Não, tipo, tranquilo assim, é que eu acho engraçado assim, que as pessoas quando a gente pensa em política, elas pensam muito numa questão, tipo, ah, se é de direita, esquerda, se é comunista, socialista ou neoliberal, capitalista, umas coisas assim. E a minha visão, a visão que eu tenho de política é que em primeiro momento é tão importante mais a gente falar, tipo, do ser humano, da construção da pessoa, antes de falar de sistema econômico, sabe? Então pra mim, isso passou a ser assim, “politicamente, ah o que que você é?” “Sou feminista”, entendeu? Pra mim, assim, é uma coisa que vai mais por esse lado do ser humano. Porque o ser humano a gente consegue mudar coisas assim menores, mais pontuais, assim, sei lá, tanto questão opressão quanto educação, sei lá.

Luana: Então quando você falou que tava estudando os partidos políticos, você chegou a se identificar com algum?

Simone: Então, não, tipo, não assim... Não que eu tenha, por exemplo, não que eu tenha, sei lá, corrido atrás de partidos de direita, nem passou perto disso, assim. Mas os dois partidos que eu mais me identificava assim, que no caso era o PSTU e o PSOL, eu cheguei a ir em algumas atividades, conversei com militantes tal e eu vi que exatamente não era minha vibe, assim, não era minha luta principal, como eu disse. E, aí depois eu fui conversar, fiquei mais próxima de um amigo que era anarquista, já mais, tipo, pra uma coisa anarquista do que pra um, assim, em um primeiro momento, uma organização partidária, ou enfim. Eu acho que eu funciono melhor em movimentos autônomos, tipo a Marcha, e em alguma coisa assim, nesse sentido que não participem

desse modo da política do que partidariamente, porque acho que você fica muito engessado, sei lá, tipo, mas assim. Aí eu acabei só indo pra Marcha mesmo.

Luana: Como você tá considerando essa experiência dentro da Marcha?

Simone: De estar na Marcha, assim? Ah, acho que me enriquece muito, assim, tipo, como militante, como pessoa, assim, porque a Marcha tem um negócio que é muito doido, assim, tipo, a gente tem um grupo, assim, mas ele vai se, conforme o tempo vai passando, de ano pra ano, assim né, ele vai mudando muito, assim, roda muito as pessoas que estão lá, então é muito legal, porque eu já tive contado, assim, com uma par de feminista diferente, de visões, de coisas, e é legal, porque é uma construção constante, né, então. A cara da Marcha, apesar da gente, assim, sei lá, seguir uma ideia ter uma, mais ou menos, uma linha de militância mais ou menos definida, é interessante porque são momentos e momentos, assim, então de repente tem um momento que surge umas meninas, umas militantes um pouco mais, sei lá, voltadas pro lado artístico, pro viés artístico, a gente faz umas produções mais nesse sentido, assim, e aí tem umas horas que, sei lá, vem gente que escreve muito bem e aí a gente tenta produzir algum material escrito e tal. Então é bem legal, assim, nesse sentido, mesmo, sei lá, em questão de vertente, assim, vertente feminista é interessante que na Marcha acaba entrando muita gente variada, assim, então, tem as meninas que têm, sei lá, um feminismo mais periférico, tem as meninas que são mais do movimento negro, tem as feministas radicais, tem, assim, a galera que é mais anarco, é, feminismo anarquista, como é o nome disso? É, anarcofeminista, é, enfim. É legal, porque roda, assim, tem uma mistura bem grande. Sei lá, é engraçado, porque isso, acho que a Marcha das Vadias não transpassa tanto, tipo, quando as pessoas pensam, elas pensam mais nas questões, não sei, que tá muito frequente falar essa coisa de feminismo liberal, acho que as pessoas vem muito a Marcha das Vadias como isso, sendo que, mano, é um negócio tão mais rico, tão mais cheio de coisas, mas enfim.

Luana: Pode contar mais.

Simone: Ah, é por aí assim. É legal, porque eu sempre gostei, assim, acho que aprende muito com contato com coisas diferentes e tal, a Marcha sempre propiciou, então é bem doido, assim.

Luana: O que você acha do feminismo ter essas várias correntes? Então você acha que agrega...?

Simone: Eu acho que é importantíssimo, porque aquela frase lá de nenhuma ser livre enquanto todas não forem. É, porque assim, não adianta você ter um feminismo aberto, pra geral, se você também não focar em, tipo, nas especificidades de mulher. Então, acho que, assim, na minha visão, isso é uma característica bem do anarcofeminismo e um tanto assim do feminismo da Marcha, assim, a gente tenta trabalhar todas as questões, assim, obvio que em algum momento a gente tem que focar em uma coisa mais geral. Então, por exemplo, os temas do ano, ano passado ‘Quem Cala Não Consente’, ano retrasado, é, ‘Quebre O Silêncio’, tipo, pra falar de violência doméstica. Tem alguns assuntos que são mais abrangentes que a gente trata também. Mas é muito interessante, porque acho que... É importante você ter as especificidades das pessoas respeitadas, trabalhadas e entendidas, assim, e ao mesmo tempo que também é importante pra autonomia da mulher, daquele tipo de mulher, porque se você não se autogere né, você não pode dizer que você, que tal grupo tá liberto, que ele tá conseguindo se empoderar, tipo, não rola assim, é importante cada um ter sua organização também.

Luana: Qual sua experiência com essas, com esses vários feminismos?

Simone: Ah cara, acho que é um constante aprendizado, assim. Tem momentos, assim, que eu leio coisas que dá um choque, mas eu tento sempre né, a gente coloca sororidade como palavra de ordem, assim e tenta... (ruídos altos de crianças)

Luana: Acho que tá tendo uma excursão.

Simone: Vai ficar muito barulho?

Luana: Acho que dá.

Simone: Se eles subirem tá tudo bem.

Luana: Acho que dá, eles tão subindo já.

Simone: É... O que eu tava falando?

Luana: Qual sua experiência...

Ninna: Sororidade...

Simone: Então, a sororidade como palavra chave, assim, palavra de ordem, porque é bem isso, assim, se você se debate com uma coisa que você nunca entendeu antes... Primeiro de tudo sororidade, depois, né, empatia, ver o que que ela tá falando, tenta entender, se coloca. E dependendo de como for, acho que a gente tem que, sei lá, entender nossas limitações, assim, dentro do, tipo, sei lá, eu como uma menina branca, tipo, não vou sacar todas as nuances do movimento negro, do feminismo negro, assim.

Então em um dado momento, é bem assim, você entende seu lugar naquela luta, naquele ponto e assume esse papel, assim, tipo, não sou protagonista desse feminismo, não sou, vou ficar aqui, vou entender e tentar ajudar da forma que elas acharem melhor, assim, sabe? É uma coisa bem doida assim, porque é autopercepção dentro do movimento, eu acho. E assim.

Luana: Como você vê o homem, a participação no feminismo?

Simone: Acho que é importante a participação deles, mas assim, a linha de percepção deles da autogestão é muito sutil né? Então se você... Mano, feminismo é autogestão, assim, como eu disse, não tem como, autogestão e autonomia, não tem como, é, você, sei lá, empoderar a pessoa oprimida com o oprimido junto, com, tipo, a permissão do... Não, pera, calma, saiu confuso. Tipo, assim, participação do homem, é importante, mas é em um segundo lugar, não é protagonizando, é tentando entender, é... Tipo, sabe, eles já tem tantos espaços de fala na sociedade que é muito importante a gente tentar, tipo, é importante que eles entendam, na verdade que não é o espaço deles exatamente, assim, tipo... Eles podem ajudar? Podem, devem, mas...

É uma imagem super bonitinha assim, que tem um cara, assim, falando, aí tem um xis em cima, de errado: “Vou, quero ajudar no feminismo”, sei lá, “Quero ter mais voz no feminismo”, era uma coisa assim, aí tem um xizinho, tipo não é isso, aí tem o mesmo desenho do cara, só que escrito “Vou usar os espaços que eu já tenho na sociedade pra ajudar no feminismo”, é isso assim, sabe? Na verdade o papel do homem, assim, eu vejo no movimento é mais assim, dia a dia, cotidiano, sei lá, ver um cara mexendo com uma menina na rua, já vira e fala “O que você tá fazendo e não sei o que”, fala com os amigos assim... É uma questão muito complicada, né, porque privilégios é uma coisa muito difícil de, assim, se o cara não quiser rever de verdade, ele não vai rever e não vai dar em nada, assim. Mas, é importante que se trabalhe, até porque né, a outra metade da sociedade é deles, então, tipo, faz parte, assim. Mas é uma questão bem assim, tem coisas encaminhadas, com entendimento certo, no lugar certo, assim.

Luana: E você faz o que ultimamente? Você estuda? Trabalha?

Simone: Eu faço cursinho. Vou fazer cursinho esse ano de novo, não deu ano passado. Tô prestando, tô tentando entrar em direito na USP.

Luana: Legal. E aí, no cursinho você sente, algumas vezes o pessoal fala que os professores no cursinho são meio abusivos.

Simone: Aí, é complicado assim, tipo, é que eu já tive em dois cursinhos, assim. Eu fiz, em 2013 eu fiz metade do ano em um cursinho, aí ano passado eu fiz o ano inteiro em outro, esse ano eu vou voltar pro primeiro cursinho. E, tem umas coisas bem complicadas, assim, tipo. É, o primeiro cursinho que eu fiz, no meio do ano que é o que eu vou voltar agora, tinha um negócio que me irritava muito muito, que era... A sala era em tabladinhos, tipo degrauzinhos, não muito alto, mas pra gente conseguir, pra quem tiver lá atrás conseguir enxergar o professor. E sempre rolava, assim, se alguém saía, se alguma menina né, alguém não, tem nome: menina, saía pra ir ao banheiro e voltasse, assim, no meio da aula, os caras começavam a assobiar muito lá de trás, tipo “Nossa, fiufiu” e tipo, mano, no meio da aula, assim, tal. Tinha umas que, tipo, até xingavam, outras que só olhavam e faziam assim arg e tal. Eu ficava pensando: gente! É tipo assédio em aula, assim, sei lá, tipo, mano, que absurdo!

E nesse primeiro cursinho que eu fiz eu não tinha muito as manhas de, tipo, virar e falar, sei lá, “Professor, isso que eles tão fazendo é babaca, tipo, manda parar que eu quero prestar atenção na aula”, assim, sabe, alguma coisa assim. No cursinho tem muito essa coisa de mandar bilhete, assim. Então quando o professor falava alguma merda, tipo, sei lá, homossexualismo, “Não, professor, não é homossexualismo é homossexualidade”, eu mandava bilhetinho e tal, comentava, mas não era muito efetivo, sabe? Tipo, aí nesse cursinho que eu fiz ano passado, o ano inteiro, acho que por eu ter feito, assim, mais amizades, assim tipo, por eu perceber mais a sala, eu já conseguia, tipo, sei lá, levantar a mão pra falar, tipo “Professor, você falou um negócio errado” ou então, “Professor, a galera tá...”, sei lá, “...arrastando”, é que esse outro cursinho era mais tranquilo nesse sentido de, sei lá, entrar gente na sala e começar a assobiar, assim.

Mas, sei lá, é foda né, porque, tipo, você, é importante, sei lá, você apontar essas coisas menores, mas que são do dia a dia, e ao mesmo tempo você fica naquelas de: putz, mas será que eu to exagerando? Será que não? Aí você pensa: ah, em que medida que meu exagero, não é, tipo, não exatamente uma coisa que, tipo, me fizeram acreditar que era um exagero, quando devia ser uma coisa normal, assim, sei lá. (altos ruídos de crianças)

Luana: As crianças estão se divertindo ali.

Simone: É, não, o áudio vai ficar super legal... As crianças gritando ali.

Luana: É, mas acho que vai dar pra ouvir.

Simone: O que são essas imagens aqui? Vocês estavam discutindo alguma coisa?

Luana: É, sim. A gente tava pensando... A charge do Latuff sobre o feminismo radical, não sei se você viu.

Simone: Aham

Luana: Então, o que você pensa sobre.

Simone: A melhor versão foi quando colocaram feminismo radical e um skate aqui. Vocês viram? Achei ótimo.

Luana: Eu não vi essa (risos).

Simone: Sensacional (risos). É, eu acho que assim, essa coisa que rolou com o Latuff tal, é o maior exemplo, que tipo, o cara só vai se desconstruir assim se ele, tipo, se ele quiser, assim, mesmo, sei lá. Mas vocês querem que eu comente sobre o feminismo radical ou...

Luana: O que você quiser.

Simone: ...o que aconteceu, sei lá. Ah, sei lá, por um lado foi interessante pra ver, porque, tipo, eu até brincava com uns amigos, assim, “Ah, fulano vai tá na revolução”, então, “Ah, o Latuff vai, vai tá lá dentro das coisas”, aí quando ele fez isso, eu “Putá, o Latuff não vai tá na revolução” (risos). Tipo, cara, mas, que foi bem isso, quando ele postou essa tirinha, ele até comentou, assim “Porque temos que tomar cuidado, porque o feminismo é libertação, mas o feminismo radical está tendendo pra essa coisa de femismo”, que eles falam que, não não existe, mas, tipo, seria a inversão dos papéis né? Aí foi engraçado, assim. Quando eu vi eu fiz, puta, só fala merda, devia ficar quietinho tal. E aí depois quando ele fez essa outra aqui, tipo... É bem fogo, porque não dá pra você saber se ele realmente entendeu ou não, ou se ele só tava tipo, querendo ficar de boa sem gente enchendo ele na internet, né. Mas tipo, eu achei interessante, porque eu fiquei reparando, assim, ele realmente tentou desenhar pessoas muito diferentes, assim, mulheres bem diferentes em características tal, e acho que foi, foi um bom meio, até que ele se saiu bem, mas de qualquer jeito a gente não vai esquecer tão cedo (risos). Já não compartilho coisa dele.

Mas, enfim. E aí sobre essa coisa do, vai, que ele usou feminismo radical. Acho que é muito complicado, porque, assim, ahm, a sociedade já vê o feminismo como uma coisa radical como um todo né? Então, sei lá, não sei se vocês viram que o Big Brother falou que ia mandar uma feminista radical. Tipo eles colocaram na chamada deles

assim: “Ah, o que aconteceria se a gente chamasse uma pessoa com mania de limpeza e uma pessoa suja”, aí aparecia aqueles bonequinhos deles, estranhos, assim. “O que aconteceria se a gente chamasse um machão...”, aí tinha tipo, um bonequinho fazendo assim, “... e uma feminista radical”, aí tinha tipo um daqueles robozinhos segurando uma plaquinha com o símbolo do feminismo, tipo. E aí eles falaram que iam colocar uma feminista radical lá. E aí foi engraçado, porque a gente conversando, assim, entre as feministas, a gente fez, tipo, gente, qual a chance de ser alguém, tipo, uma feminista da vertente feminismo radical. Assim, pra eles qualquer feminismo, tipo, pra eles, só o fato de você, sei lá, não o homem não pode, sei lá, em alguns grupos não pode participar dos grupos feministas. Pra eles já é, nossa, super radical, assim, sabe, tá sendo extremista. Então, acho complicado, por exemplo, no caso dessa tirinha, que foi só mais um reforço de estereótipo, assim, tipo, foi só mais, sei lá, um cara que se diz de esquerda, que tá nos movimentos de esquerda, que é super, sei lá, engajado politicamente, mostrando como pra ele o feminismo radical é uma, assim, sabe, o não entendimento sobre a causa, tipo, a colocação dele é completamente assim: temos que tomar cuidado, porque tem um feminismo radical que é errado, que quer matar homens, assim, sabe. Gente, não é por aí, assim, sei lá.

E bom, sobre o feminismo radical em si mesmo, eu to começando a ter um pouco mais de contato agora, procurando ler uns textos tal. Tinha umas coisas que eu não concordava, sei lá, principalmente, com relação à questão trans, e agora eu to lendo mais, to me informando mais, assim... Entendo, não sei se concordo com tudo, concordo com muita coisa, mas, sei lá, é isso. Tentando justamente né, enfatizar, entender o que elas tão propondo, daquele modo.

Luana: Se você quiser contar mais coisas pra gente, alguma experiência que você viveu.

Simone: Ah...

Luana: O que você pensa dos assuntos dentro do feminismo... O que você quiser.

Simone: Ah, acho que assim, atualmente, é uma discussão que a gente até tem tido mais ou menos, na Marcha, mas é, tá uma situação meio bizarra assim, porque tem vários, tipo, tretas internas né, tipo, são necessárias, é necessário que você tenha autocrítica do movimento, enfim, ninguém quer ser massa de manobra, mas é muito doido, porque às vezes a gente se pega, tipo, discutindo tanto questões internas, que... tipo, internas, e, sei lá, as vezes tipo, teóricas, assim, acadêmicas, como chamam, e

acabam esquecendo um pouco do feminismo prático... Que é tipo, mano, tentar levar informação, sei lá, pras mulheres da periferia, tentar, tipo, tentar trazer mais gente pro movimento, tipo, e, assim, sabe, tipo, uma coisa de tentando trabalhar a sociedade como um todo, o machismo enraizado, enfim. Isso é uma coisa que a gente tem visto bastante, assim, principalmente, se vocês acompanham algum grupo de internet, assim, não sei, tipo, rola bastante umas discussões, umas tretas, assim. É importante, mas acho também, que a gente tem que pensar muito nessa coisa sororidade e empatia, sabe, quais são os limites das pessoas e qual que é o meu limite pra respeitar a pessoa, sei lá. É isso assim. Que mais?

Luana: Ah, não sei, se você quiser contar mais alguma coisa.

Simone: Ah, não sei, o que que é o projeto de vocês, assim? Não sei direito.

Luana: Então é...

Simone: Vocês estão recolhendo, mas, sei lá, vocês vão fazer uma coletânea de coletivos, sei lá?

Luana: É, a gente vai, algumas, algumas histórias de mulheres militantes. A gente não vai colocar nome, nem identificar. E ver como foi esse processo...

Simone: Vocês vão tentar identificar umas coisas semelhantes, algumas coisas, assim, tipo da história de cada uma.

Luana: ... Então, ver como é o processo, né, de chegar ao feminismo, né, dentro dos coletivos feministas.

Simone: Ah, eu to meio há pouco tempo, desde 2013. Não sei se eu posso te ajudar muito além do que eu já disse.

Luana: Já ajudou bastante. Se você quiser contar sobre seus projetos de vida, não sei, você falou que queria fazer direito.

Simone: É, quero entrar em direito, na USP de preferência que eu to ligada que os roles políticos lá tem mils, assim, tem várias coisas assim, me interesse muito pelo lado político. É, me formar em direito, de repente, em um primeiro momento com certeza trabalhar em, com direitos humanos, trabalhar, de repente, com mulheres, defender casos, assim, de mulheres que sofreram violência, enfim, essas coisas, direitos LGBT também me interesse muito, assim, sei lá. Mas por aí assim, tipo, feminismo entrando no trabalho, o trabalho entrando no feminismo, de um jeito que eu queria, assim, mais ou menos, tipo.

Luana: E seus pais apoiam sua militância?

Simone: Ah, então, é doido né. Porque eles viram e falam “Mas você tá sendo muito radical”. Tipo, mais de uma vez eu já cheguei em casa puta assim, porque os caras mexeram comigo e eu respondi, aí eles falaram “Ai, tá sendo muito radical, não sei o que, porque não responde, é mo perigoso”, aí eu fico: ai gente, para, me deixa. Assim, mas eles acham interessante, assim, que eu tenha, tipo, que eu participo de política tal, eles acham legal, assim, não é muito a praia deles, mas eles acham importante e eles veem que eu gosto e que eu me dou bem, então, tipo, rola um apoio, tipo, nesse sentido. Mas por outro lado também é aquela coisa “Ai, mas vocês estão exagerando, essa coisa de feminismo, não sei o que, tal”, mas aí a gente trabalha, conversa com calma “Não, veja bem, pai, é isso aqui”.

Luana: E seus grupos de amigos também, consegue lidar?

Simone: Então, eu até brinco que eu tive muita sorte, assim, porque meu grupo de amigos cresceu comigo nesse colégio, né, então de certo modo nossa forma de pensar, mais ou menos tranquila, mais ou menos, tipo... Claro que você sempre vai ter estereótipos, sempre vai ter um monte de coisa, mas é, com eles foi muito tranquilo, assim, tipo, eles viram que, eu já era meio, eu já era, tipo, feminista, só não sabia, sei lá, o nome daquilo, sabe, já tinha uma coisa política bem definida. Aí quando eles viram que era aquilo, eles falaram tipo “Ah legal, ah, já tinha ouvido falar dessa Marcha das Vadias, ah, vamos, vamos, quando tiver você chama”, tipo, umas coisas assim, então foi mais ou menos tranquilo, assim. E, é bem bacana, sei lá, alguns amigos homens, até viram, tipo, viram e falam “Ou, se eu, tipo, sei lá, falar isso, isso, isso, tá, tá sendo machista?”, eles agora já até tão, às vezes tentando se rever, assim, em uns dados momentos. Então nesse sentido não tem nada muito, assim, problemático do tipo: “Ah, lá vem ag feminista do role”, assim, sabe, mais ou menos tranquilo.

Luana: Suas amigas, você comentou que foi no colégio que vocês conheceram a Marcha, né? Elas também entraram?

Simone: Então, uma amiga minha entrou, ela ficou até o começo de 2014, depois ela saiu, porque ela é de um partido tal e aí ela tava cheia de coisa do partido, não sei o que, e deu preferência pro partido. Aí eu falei é, tá bom, vai lá. Mas aí foi isso, assim. Mas aí ela, por exemplo, faz parte do... Qual o nome? Não é vertente. Tipo quando você tem um movimento menor dentro no partido, correntes, não, tipo tem a parte do partido que é do movimento negro, não sei o que, tem o feminista e aí ela faz parte do feminista, assim, sabe, do partido, tipo.

Luana: Luta dentro do partido.

Simone: É, sim. O que eu já não vejo como, sei lá, o ideal de luta, mas vai lá né, acho.

Luana: Por que você acha isso?

Simone: Ah, porque é meio isso que eu tinha falado, de questão de, pra mim a ordem das coisas é primeiro você tem que trabalhar a questão cultural, trabalhar, tipo, quando você trabalhar mais a questão do ser humano, eu acho que não como consequência, mas aos poucos você vai ficando mais fácil trabalhar a questão, sei lá, de ideologia econômica, do sistema, assim, sabe. Sou um pouco a não revolução, sou um pouco a... reforma. Reforma? Sou um pouco reformista, assim, sou um pouco reformista. Mas acho que o processo, assim, das coisas assim, se a gente quiser fazer direitinho, mano, é você pegar aos poucos e ir trabalhando, assim. Primeiro a questão do ser humano, discutir opressão, discutir educação, educação é muito importante, e depois você vai pra uma coisa mais econômica. Tipo, pra mim não me bastaria, por exemplo tá em um partido e só participar da ala feminista, sendo que a luta maior do partido não é, sei lá, pelo feminismo, é pela, eleger pessoas e tal, que tem a ideologia tal, e não sei o que, tipo, já não é por aí que eu vejo as coisas.

Luana: Você comentou que queria entrar na USP. Tá saindo vários casos de trotes violentos, estupros, o que você acha? Não sei se você acompanhou.

Simone: Sim, sim, sim. Ai, é foda né. Tipo, essas coisas em faculdade tem muito relato, assim, tipo, sei lá, amigas tal que eu conheço que já rolou umas coisas assim, e tudo que eu consigo pensar é se eu chegar e acontecer uma coisa dessas vai ter uma briga, assim, tipo, vai rolar uma briga, vai rolar um escracho, sei lá. Tipo, no momento que, sei lá, no nível de empoderamento que eu to, não tá legal mexer comigo, assim, tipo, sei lá. Mas é foda né, tipo, é um reflexo, sei lá, a USP como universidade, ao meu ver, é só um reflexo, assim, talvez um pouco mais recortado, assim, talvez uma galera um pouco mais cheia de grana, mas, tipo, é só um reflexo do que você tem fora, assim, então, tipo, se essas violências acontecem, sei lá, de maneira sutil em um trote, como que elas também não acontecem no dia a dia né. Enfim, se não acontece, por exemplo, estupros em festas que tem um contexto, assim, tal, não sei o que tal, que em teoria, algumas pessoas já vem como, ah, sei lá, um contexto sexual, você tá indo pra uma festa você já quer pegar alguém, não sei o que, tipo. Se isso já não acontece ali, tipo, sei lá,

em um contexto acadêmico, como que não acontece fora, assim, sei lá. Reproduçãozinha do mundo.

Ninna: Você falou muita coisa importante, assim, muita coisa interessante.

Simone: Tá, deu, deu...

Luana: Se quiser falar mais alguma coisa.

Simone: Não sei gente, tipo, não sei. Espero que tenha dado coisas pra contribuir.

Luana: Sim, muito, ajudou muito!

ANEXOS

ROTEIROS – ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDA

CABEÇALHO

Bom dia/tarde. Somos estudantes do curso de Ciências Sociais e estamos realizando uma pesquisa sobre a identificação da história de algumas mulheres militantes com seus respectivas coletivas feministas. Assim, gostaríamos de fazer algumas perguntas. Não existe resposta certa e tudo o que você nos disser será útil. Não há necessidade de responder alguma pergunta caso se sinta desconfortável.

QUESTIONÁRIO SÓCIO-ECONÔMICO

Para começarmos, gostaríamos de saber seu nome e sua idade (reforçar que o nome não será citado no trabalho)

1 - Às vezes as pessoas falam em classes sociais. A qual classe social você diria que pertence?

2 - Você costuma acessar a Internet, ainda que de vez em quando? (se sim) Onde?

3 - Você está estudando atualmente? (se não) Você nunca foi à escola, parou de estudar ou terminou?

4 - Qual foi a última série ou ano de estudo que você completou?

5 - (se não passou do Fundamental) Ler e escrever qualquer palavra são atividades que você acha fácil ou difícil?

6 - (se estuda/ estudou) Considerando todos os seus anos de estudo, você estudou: só em escola pública, só em escola particular ou estudou em escola pública e particular?

7 - Qual faculdade você cursou/ está cursando?

8 - Pensando nos seus pais ou responsáveis que te criaram, até que ano da escola sua mãe/madrasta estudou?

9 - E seu pai/ padrasto?

10 - No Brasil tem gente de várias cores ou raças. Você diria que a sua cor ou raça é qual?

11 - Atualmente você faz algum trabalho remunerado?

12 - (se SIM) Qual o cargo/função que você ocupa hoje?

13 - Falando novamente de seu pai, qual era a ocupação ou atividade principal que ele exercia quando você tinha 15 anos?

14 - Esta foi a ocupação que ele exerceu por mais tempo?

15 - Qual era a ocupação ou atividade principal de sua mãe quando você tinha 15 anos?

16 - Esta foi a ocupação que ela exerceu por mais tempo?

17- Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, considerando salários, benefícios, aposentadorias ou qualquer outra fonte de ganho, de quanto foi aproximadamente a renda na sua casa no mês passado?

1. Até R\$ 724,00

7. Mais de R\$ 5.068,00 a 7.240,00

2. Mais de R\$ 724,00 a R\$ 1.448,00

8. Mais de R\$ 7.240,00 a R\$ 10.860,00

3. Mais de R\$ 1.448,00 a R\$ 2.172,00

9. Mais de R\$ 10.860,00 a R\$ 14.480,00

4. Mais de R\$ 2.172,00 a R\$ 2.896,00

10. Mais de R\$ 14.480,00 a R\$ 21.720,00

5. Mais de R\$ 2.896,00 a R\$ 3.620,00

11. Mais de R\$ 21.720,00 a R\$ 36.200,00

6. Mais de R\$ 3.620,00 a R\$ 5.068,00

12. Mais de R\$ 36.200,00

18 - Se não for incomodo, gostaríamos de saber sua orientação sexual. (responder apenas se estiver confortável)

PERGUNTAS PARTICULARES

- 1 - Sua família tem história com alguma militância? Se sim, qual?
- 2 - O fato de sua família ser (ou não) militante influenciou de alguma forma a sua opção por ser militante?
- 3 - Você participa de algum outro movimento social?
- 4 - Sua família apoia a sua militância no geral?
- 5 - Sua família apoia a sua militância no movimento feminista?
- 6 - Você já tinha entrado em contato com alguma coletiva feminista anteriormente? Se sim, quais?
- 7 - Como foi sua experiência com essa(s) outra(s) coletiva(s)?
- 8 - Você já participou ativamente de alguma outra coletiva anteriormente? (se sim, qual/quais?)
- 9 - Qual a sua opinião sobre outras correntes feministas?
- 10 - Quando e como você conheceu a coletiva (colocar nome da coletiva aqui)?
- 11 - De onde surgiu a vontade de você estar nessa coletiva especificamente? Foi em um momento marcante para você?
- 12 - Há quanto tempo você faz parte desta coletiva?
- 13 - O que você mais gosta dentro dessa coletiva feminista especificamente?
- 14 - Qual importância você atribui a essa coletiva para a sociedade?
- 15 - Qual importância você atribui a essa coletiva para você?
- 16 - Quais são as pautas gerais da sua coletiva?

PERGUNTAS DE MAPEAMENTO

- 1 - Você soube da recente polêmica que aconteceu entre as cantoras Pitty e Anitta no programa “Altas Horas” que foi ao ar dia 6 de dezembro? O que você pensa sobre essa polêmica?
- 2 – Qual sua opinião sobre identidade de gênero?

3 - O cartunista Latuff criou polêmica ao publicar uma charge acerca do feminismo radical. O que você pensa sobre essa publicação?



Depois disso, Latuff tentou se retratar com essa segunda charge. Qual sua opinião sobre essa retratação?



4 - No último Video Music Award (VMA) do canal de televisão MTV, ocorreu uma apresentação da cantora Beyoncé. Durante seu show, ela colocou em grandes letras a palavra "Feminist" no telão logo atrás de seu palco. Já o grupo de funk carioca Gaiola

das Popozudas lançou uma música cujo nome é “a porra da buceta é minha” em que a cantora defende que ela tem relações sexuais com quem ela quiser. Qual sua opinião sobre essas duas manifestações?

5 – Qual o seu posicionamento sobre aborto? Existem casos específicos (ou não) em que a prática do aborto é aceitável?

6 - Em uma matéria publicada pela Folha de São Paulo em 7 de dezembro de 2014, com o título “Mulheres querem pornô com mais naturalidade, realismo e enredo”, foi divulgado os resultados de uma pesquisa feita pela Playboy TV. O número de mulheres entre os assinantes aumentou, chegando a 54%. Segundo a matéria isso influencia outro resultado que diz que 63% das pessoas interessadas em programas eróticos preferem cenas naturais. O que você pensa sobre isso?

7 - O que você considera como estupro?

ROTEIROS CORRIGIDOS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CIÊNCIAS SOCIAIS VESPERTINO – 2º SEMESTRE DE 2014

Métodos e Técnicas de Pesquisa II

Profª: Paula Marcelino

Luana Ferreira Bispo – 8978771

Maria Tranjan Soares Do Prado – 8517842

Rafaela Romano Do Nascimento – 9042192 (5)

Tainá Scartezini Orssatto – 8573182

Vinícius Ferreira Modena – 8978576

Movimento feminista PLANO DE PESQUISA

a) **Tema da pesquisa:** O tema dessa pesquisa tem principalmente duas questões centrais, que são buscar compreender os motivos que levam uma mulher a ser feminista (ou não) e tentar entender as razões pelas quais essas feministas escolheram uma corrente determinada dentro do Feminismo em geral, possivelmente entendendo, assim, o que une umas as outras. ?

b) **Pergunta da pesquisa:** Nossa pergunta sociológica tem o propósito de questionar as duas principais vertentes do nosso tema, sendo, portanto, a seguinte: “Quais são os fatores ocorrido na experiência pessoal das mulheres que levam-nas a ser (ou não) feministas e que as colocam mais de acordo com uma corrente determinada do Movimento Feminista?”. *boas perguntas!*

c) **Campo de trabalho:** Nosso grupo decidiu conversar, primeiramente, com mulheres adeptas do Movimento Feminista e aquelas que não o seguem. Sendo assim, optamos por dialogar com duas mulheres não-feministas, uma que se considere branca e outra que se considere negra. No momento seguinte, o grupo planejou conversar com representantes de diferentes coletivos feministas, selecionando as seguintes correntes: feminismo negro, feminismo trans, feminismo lésbico, feminismo radical, feminismo liberal e feminismo

isso não vai dar, mo-

Tras que encolher o campo.
Escolher dois e focar nelas.

interseccional. Escolhemos essas vertentes por considerarmos suficientes para que possamos ter um panorama mais geral da situação.

d) Hipóteses: O cerne principal da hipótese levantada pelo grupo é a de que existem experiências pessoais determinadas que fizeram uma mulher optar por ser feminista (ou não) e ocasionaram com que ela acabasse se identificando mais com uma certa corrente feminista.

e) Bibliografia:

CARVALHO, Mario; CARRARA, Sérgio. (2013), "Em direito a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil". *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, Rio de Janeiro, n.14.

DAMASCO, Mariana Santos; MAIO, Marcos Chor; MONTEIRO, Simone. (2012), "Feminismo negro: raça, identidade e saúde reprodutiva no Brasil (1975-1993)". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol.20, n.1.

LACOMBE, Andrea. (2007), "Das entendidas e sapatonas: socializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro". *Cadernos Pagu*, Campinas, n.28.

PRÁ, Jussara Reis; EPPING, Léa. (2012), "Cidadania e feminismo no reconhecimento dos direitos humanos das mulheres". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol.20, n.1.

SARTI, Cynthia A. (2001), "Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro". *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 16.

* As hipóteses podem ser bastante aperfeiçoadas a partir do momento em que o campo estiver melhor delineado e a bibliografia lida.

- guardem esta versão do plano. Ela deverá ser anexada ao trabalho final.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CIÊNCIAS SOCIAIS VESPERTINO – 2º SEMESTRE DE 2014

MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA II
PROF^a: PAULA MARCELINO

Luana Ferreira Bispo – 8978771
Maria Tranjan Soares Do Prado – 8517842
Ninna Perez da Silva Dellape – 8979153
Rafaela Romano Do Nascimento – 9042192
Tainá Scartezini Orssatto – 8573182
Vinícius Ferreira Modena – 8978576

SEGUNDO PLANO DE PESQUISA

a) Tema da pesquisa

Essa pesquisa trata, sobretudo, de motivações decorrentes das experiências de vida que ocasionaram a identificação de certas mulheres com o Movimento Feminista, mais especificamente com duas grandes correntes: o Feminismo Liberal e o Feminismo Radical.

b) Problema da pesquisa

Nossa pergunta sociológica tem o propósito de questionar as duas principais vertentes do nosso tema, sendo, portanto, a seguinte: “Quais são os fatores ocorrido na experiência pessoal das mulheres que levam-nas a ser feministas e que as colocam mais de acordo com uma corrente determinada do Movimento Feminista?”. *lem!*

c) Campo de trabalho

Nosso grupo decidiu conversar com coletivos adeptos de duas grandes correntes dentro do Movimento Feminista: o Feminismo Liberal o Feminismo Radical. Isso porque acreditamos que essas duas vertentes podem dar uma visão bastante ampla do Feminismo em geral. Assim, escolhemos, para realizarmos nossas entrevistas, as coletivas feministas Marcha

das Vadias e Manas Chicas para representarem, respectivamente, as ideias principais do feminismo liberal e do feminismo radical.

d) Hipóteses

O cerne principal da hipótese levantada pelo grupo é a de que existem experiências pessoais determinadas que fizeram uma mulher se identificar mais com uma certa corrente feminista.

e) Técnicas de pesquisa selecionadas

Nosso grupo optou por duas técnicas. A primeira delas é a entrevista semi-dirigida. A partir dela pretendemos obter pontos de vistas mais específicos sobre acontecimentos nas vidas das entrevistadas que podem estar relacionados com as suas disposições de serem adeptas de coletivos feministas.

A segunda técnica é a história de vida, alcançada pela entrevista aberta. Essa é uma técnica importante para que consigamos compreender qual é a percepção do interlocutor dos temas abordados, isto é, qual é o papel que o feminismo ocupa na vida das mulheres entrevistadas segundo a sua percepção e qual relação esse papel pode ter com as suas experiências pessoais.

Faremos com cada coletiva cinco entrevistas, sendo destas quatro semi-dirigidas com duração de cerca de 30 minutos e uma história de vida.

f) Fonte de dados

Usaremos, como auxílio, os manifestos de cada coletiva para identificar algumas diferenças entre elas.

Carta-manifesto da Coletiva Feminista Radical Manas Chicas

Disponível em: <<http://manaschicas.wordpress.com/carta-manifesto/>>.

Acesso em: 5 de dezembro de 2014.

Carta de princípios da Marcha das Vadias Sampa

Disponível em: <<https://marchadasvadiassp.milharal.org/carta-de-principios/>>.

Acesso em: 5 de dezembro de 2014.

g) Bibliografia

ALMEIDA, Marlise Míriam de Matos. (1999), "Simone de Beauvoir: uma luz em nosso caminho". *Cadernos Pagu*, Simone de Beauvoir e os feminismos do século XX – 1999 (12), pp.145 -156.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. (2014), *Feminismo e Política*. Introdução (p.7-16) Capítulo 1 (p.17-30), Capítulo 5 (p.93-108), Capítulo 8 (p.123-130) e Capítulo 9 (p.131-138). Boitempo Editorial.

KRITSCH, Raquel; VENTURA, Raissa Wihby. (2012), "*Justiça e poder: críticas da teoria política feminista à igualdade liberal*". Associação Brasileira de Ciência Política. Disponível em:
<http://www.cienciapolitica.org.br/wp-content/uploads/2014/04/8_7_2012_19_50_39.pdf>. Acesso em: 01 de dezembro de 2014.

PRÁ, Jussara Reis; EPPING, Léa. (2012), "Cidadania e feminismo no reconhecimento dos direitos humanos das mulheres". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol.20, n.1.

SARTI, Cynthia A. (2001), "Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro". *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 16.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. (2008), "Feminismo radical – Pensamento e movimento". *Revista Travessias*, Paraná, vol.2, n.3.

STRATHERN, Marilyn. (2006), *O gênero da dádiva*. Capítulo 2: Um lugar no debate feminista, p. 53 a 77. Tradução de André Villalobos. Editora Unicamp.

P.S. Anunciar este plano ao trabalho final



26/01/15

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CIÊNCIAS SOCIAIS VESPERTINO – 2º SEMESTRE DE 2014

MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA II

PROF^a: PAULA MARCELINO

Luana Ferreira Bispo – 8978771

Maria Tranjan Soares Do Prado – 8517842

Ninna Perez da Silva Dellape – 8979153

Rafaela Romano Do Nascimento – 9042192

Tainá Scartezini Orssatto – 8573182

Vinícius Ferreira Modena – 8978576

ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMI-DIRIGIDAS

CABEÇALHO

hem!
Bom dia/tarde. Somos estudantes do curso de Ciências Sociais e estamos realizando uma pesquisa sobre a identificação da história de algumas mulheres militantes com seus respectivos coletivos feministas. Assim, gostaríamos de fazer algumas perguntas. Não existe resposta certa e tudo o que você nos disser será útil. Não há necessidade de responder alguma pergunta caso se sinta desconfortável.

QUESTIONÁRIO SÓCIO-ECONÔMICO

Para começarmos, gostaríamos de saber seu nome e sua idade (reforçar que o nome não será citado no trabalho)

- 1 - Às vezes as pessoas falam em classes sociais. A qual classe social você diria que pertence?
- 2 - Você costuma acessar a Internet, ainda que de vez em quando? (se sim) Onde?
- 3 - Você está estudando atualmente? (se não) Você nunca foi à escola, parou de estudar ou terminou?

- 4 - Qual foi a última série ou ano de estudo que você completou?
- 5 - (se não passou do Fundamental) Ler e escrever qualquer palavra são atividades que você acha fácil ou difícil?
- 6 - (se estuda/ estudou) Considerando todos os seus anos de estudo, você estudou: só em escola pública, só em escola particular ou estudou em escola pública e particular?
- 7 - Qual faculdade você cursou/ está cursando?
- 8 - Pensando nos seus pais ou responsáveis que te criaram, até que ano da escola sua mãe/madrasta estudou?
- 9 - E seu pai/ padrasto?
- 10 - No Brasil tem gente de várias cores ou raças. Você diria que a sua cor ou raça é qual?
- 11 - Atualmente você faz algum trabalho remunerado?
- 12 - (se SIM) Qual o cargo/função que você ocupa hoje?
- 13 - Falando novamente de seu pai, qual era a ocupação ou atividade principal que ele exercia quando você tinha 15 anos?
- 14 - Esta foi a ocupação que ele exerceu por mais tempo?
- 15 - Qual era a ocupação ou atividade principal de sua mãe quando você tinha 15 anos?
- 16 - Esta foi a ocupação que ela exerceu por mais tempo?
- 17- Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, considerando salários, benefícios, aposentadorias ou qualquer outra fonte de ganho, de quanto foi aproximadamente a renda na sua casa no mês passado?
- | | |
|--|---|
| 1. Até R\$ 724,00 | 7. Mais de R\$ 5.068,00 a 7.240,00 |
| 2. Mais de R\$ 724,00 a R\$ 1.448,00 | 8. Mais de R\$ 7.240,00 a R\$ 10.860,00 |
| 3. Mais de R\$ 1.448,00 a R\$ 2.172,00 | 9. Mais de R\$ 10.860,00 a R\$ 14.480,00 |
| 4. Mais de R\$ 2.172,00 a R\$ 2.896,00 | 10. Mais de R\$ 14.480,00 a R\$ 21.720,00 |
| 5. Mais de R\$ 2.896,00 a R\$ 3.620,00 | 11. Mais de R\$ 21.720,00 a R\$ 36.200,00 |
| 6. Mais de R\$ 3.620,00 a R\$ 5.068,00 | 12. Mais de R\$ 36.200,00 |
- 18 - Se não for incomodo, gostaríamos de saber sua orientação sexual. (responder apenas se estiver confortável)

PERGUNTAS PARTICULARES

- 1 - Sua família tem história com alguma militância? Se sim, qual?
- 2 - O fato de sua família ser (ou não) militante influenciou de alguma forma a sua opção por ser militante?
- 3 - Você participa de algum outro movimento social?
- 4 - Sua família apoia a sua militância no geral?
- 5 - Sua família apoia a sua militância no movimento feminista?
- 6 - Você já tinha entrado em contato com alguma coletiva feminista anteriormente? Se sim, quais?
- 7 - Como foi sua experiência com essa(s) outra(s) coletiva(s)?
- 8 - Você já participou ativamente de alguma outra coletiva anteriormente? (se sim, qual/quais?)
- 9 - Qual a sua opinião sobre outras correntes feministas? *quais?*
- 10 - Quando e como você conheceu a coletiva (colocar nome da coletiva aqui)?
- 11 - De onde surgiu a vontade de você estar nessa coletiva especificamente? Foi em um momento marcante para você?
- 12 - Há quanto tempo você faz parte desta coletiva?
- 13 - O que você mais gosta dentro dessa coletiva feminista especificamente?
- 14 - Qual importância você atribui a essa coletiva para a sociedade?
- 15 - Qual importância você atribui a essa coletiva para você?
- 16 - Quais são as pautas gerais da sua coletiva?

*Coletiva
ou
Coletivo?*

PERGUNTAS DE MAPEAMENTO

- 1 - Você soube da recente polêmica que aconteceu entre as cantoras Pitty e Anitta no programa "Altas Horas" que foi ao ar dia 6 de dezembro? O que você pensa sobre essa polêmica?
- 2 - Qual sua opinião sobre identidade de gênero?

3 - O cartunista Latuff criou polêmica ao publicar uma charge acerca do feminismo radical. O que você pensa sobre essa publicação?



Depois disso, Latuff tentou se retratar com essa segunda charge. Qual sua opinião sobre essa retratação?



4 - No último Video Music Award (VMA) do canal de televisão MTV, ocorreu uma apresentação da cantora Beyoncé. Durante seu show, ela colocou em grandes letras a palavra "Feminist" no telão logo atrás de seu palco. Já o grupo de funk carioca Gaiola das Popozudas lançou uma música cujo nome é "a porra da buceta é minha" em que a cantora defende que

ela tem relações sexuais com quem ela quiser. Qual sua opinião sobre essas duas manifestações?

5 - Qual o seu posicionamento sobre aborto? Existem casos específicos (ou não) em que a prática do aborto é aceitável?

6 - Em uma matéria publicada pela Folha de São Paulo em 7 de dezembro de 2014, com o título "Mulheres querem pornô com mais naturalidade, realismo e enredo", foi divulgado os resultados de uma pesquisa feita pela Playboy TV. O número de mulheres entre os assinantes aumentou, chegando a 54%. Segundo a matéria isso influencia outro resultado que diz que 63% das pessoas interessadas em programas eróticos preferem cenas naturais. O que você pensa sobre isso?

7 - O que você considera como estupro?

anunciado para história de vida

ROTEIRO DA ENTREVISTA ABERTA

nao dirigida

Bom dia/tarde. Somos estudantes do curso de Ciências Sociais e estamos realizando uma pesquisa sobre a história de vida de algumas mulheres militantes. Tudo o que você pensa, sente, seus interesses e suas visões de mundo nos são relevantes. Não existe informação que nos seja inútil ou que esteja errada. Gostaríamos, então, que você nos contasse um pouco sobre você e as experiências que você considera marcantes e que queira compartilhar conosco.

bem!

P.S. Anexar este plano ao trabalho final.

[Assinatura]
26/01/15

CARTAS-MANIFESTO E OUTROS TEXTOS DAS COLETIVAS

CARTA-MANIFESTO DA COLETIVA MANAS CHICAS

Somos uma coletiva feminista radical, pois compartilhamos das ideias de que, primeiramente, vivemos em uma sociedade onde a exploração e a dominação de homens sobre mulheres, enquanto classes sexuais, são estruturais. Direcionamo-nos às questões específicas das mulheres contra o sistema patriarcal; no entanto, nos posicionamos contra outros sistemas de exploração como o racismo, o capitalismo e o especismo (exploração de animais não-humanos).

Entendemos que a relação de exploração das capacidades reprodutivossexuais e laborais das mulheres pode ser verificada cotidianamente no mundo, como uma relação concreta. Podemos perceber que, em relação às mulheres, existe uma grande desigualdade ocupacional e de renda no âmbito do trabalho; as mulheres estão submetidas aos postos de trabalho mais precarizados, abrangendo a maior parte das pessoas que estão sujeitas ao trabalho informal, não-pago e mal-pago. Esta exploração também pode ser verificada através do trabalho doméstico compulsório, efetivado por meio das instituições do casamento e da maternidade, consistindo estas as principais obrigatoriedades de trabalho feminino, que são justificadas com base no “amor” da esposa/mãe. As mulheres estão, em sua maioria, sujeitas à dependência financeira, afetiva, psicológica e sexual do homem – o que, ainda hoje, nos revela a necessidade imposta de consumir casamento como contrato econômico. As mulheres também estão sujeitas à constante exploração reprodutiva, resultando disto o controle masculino do parto, do aborto e da contracepção, a violência obstétrica e a obrigação (naturalizada) de uma mulher ser mãe, bem como a esterilização forçada de mulheres, principalmente de mulheres negras e indígenas. Acreditamos que toda forma de violência sexual imputada às mulheres também é fruto de sua condição subordinada em sociedade. Consideramos que a submissão da sexualidade das mulheres aos homens pode ser verificada na prostituição, no estupro (inclusive o estupro marital), na punição das mulheres devido a adultério, nas restrições à masturbação feminina, na obrigatoriedade de cumprimento de uma sexualidade heterossexual (e conseqüente negação/punição da sexualidade lésbica), na naturalização da “pulsão” sexual masculina como direito (inclusive do casamento consistindo num direito dos homens em ter este acesso sexual às mulheres) e na

normalização forçada da mulher responder com prazer à violência sexual e à humilhação (como ocorre na pornografia). Toda forma de violência física às mulheres também pode ser compreendida como inerente a uma sociedade patriarcal, na qual podemos verificar o espancamento de mulheres, o feminicídio, a violência doméstica, o confinamento de mulheres e a privação de seus movimentos (por exemplo, exclusão das mulheres das ruas por meio do estupro como terrorismo) e às imposições estéticas que levam ao atrofiamento e confinamento das mulheres, como prática da mutilação genital feminina e de cirurgias estéticas.

Vemos o sistema de gêneros (masculino/feminino) como um dispositivo ideológico deste sistema de dominação, pois serve para dar respaldo, justificar e naturalizar a dominação sobre as mulheres: neste sentido, o gênero feminino é imposto às mulheres nos termos de classificá-las e de delas demandar um comportamento subordinado, passivo e condescendente. Aos homens é demandado comportamentos ativos, auto-afirmativos, expansivos e agressivos. Defendemos que este sistema de gêneros demanda muito mais do que somente atitudes de indivíduos, como se deles cobrasse uma simples “performance” ou “identidade”; ele mantém um sistema de dominação.

Para nós, mulheres não são um gênero, mas uma classe (sexual). Acreditamos na necessidade de mulheres se entenderem como um agrupamento socialmente e politicamente definido. Mulheres não são apenas uma categoria social mas, antes, uma categoria política, que deriva de seu papel em uma relação de exploração. A classe sexual é o que afirma a posição das mulheres em sociedade e o que compartilhamos enquanto grupo que possui vivências comuns, relativas a como fomos e somos um grupo dominado. Salientamos que são vivências comuns, mas não idênticas. Reconhecemos que somos, assim mesmo, um grupo heterogêneo. Por exemplo, as mulheres negras estão submetidas a duas diferentes formas de exploração que se articulam. O conceito de classe não é para sugerir que todas dentro dela estão numa situação absolutamente idêntica, mas que algo nos diz respeito como um grupo.

Nos referimos a homens como uma classe pois acreditamos que devemos analisar o patriarcado estruturalmente, e não só segundo atitudes e comportamentos individuais. Somente homens como classe possuem poder político sistemático (baseado histórica, econômica e culturalmente) para explorar e oprimir mulheres. Enxergar tal caráter estrutural é o que define uma análise radical (que vai à raiz) do patriarcado.

A estabelecida demarcação de um espaço “privado” que, supostamente, não deve estar sujeito à intervenção política, é fundamental à exploração e dominação masculinas; demarcação essa que permite aos homens se apropriar das energias emocionais, laborais, sexuais e reprodutivas das mulheres. Tornar o pessoal político permite às mulheres reconhecer como uma face da dominação o que elas consideravam ser fruto de conduta individual ou de relações interpessoais.

Acreditamos que o desmantelamento da divisão entre público e privado implica a necessária problematização da ideia de consentimento, sobretudo no que concerne às relações heterossexuais – toda relação heterossexual envolve algum grau de violência, uma vez que há, inevitavelmente, uma hierarquia de poder. A heterossexualidade compulsória é a ferramenta que viabiliza, de forma mais imediata, a exploração das mulheres, garantindo o acesso sistemático dos homens às mulheres, o trabalho doméstico compulsório, a maternidade obrigatória, a dependência econômica, emocional e política destas em relação àqueles. Ainda, este processo operacionaliza a divisão e a competição entre as mulheres, impulsionando mais fortemente a identificação com homens do que com outras mulheres e dificultando que elas se compreendam enquanto classe. Nesses termos, a lesbianismo adquire um sentido político, seja essa vivenciada de uma maneira politicamente consciente ou não; as mulheres lésbicas apresentam-se como uma possibilidade de rompimento com o contrato (hetero)sexual e uma afronta ao sistema patriarcal. Porque existe uma coação social para que as mulheres se conformem à norma, podemos, nesse sentido, entender a sexualidade como socialmente construída e, portanto, também passível de desconstrução. Isso não quer dizer que a política feminista equivalha à ou se valide pela lesbianismo, ou que mulheres em relacionamentos heterossexuais devam ser culpabilizadas. Nenhuma mulher se beneficia ou obtém privilégios a partir de uma relação heterossexual.

Estas são as nossas diretrizes e perspectivas políticas as quais podemos esclarecer e debater em caso de dúvidas e questionamentos.

CARTA DE PRINCÍPIOS DA COLETIVA MARCHA DAS VADIAS

A COLETIVA

Somos uma coletiva feminista, de esquerda, apartidária, autogerida e organizada horizontalmente. A coletiva, sediada na capital paulista, é composta por mulheres de diferentes etnias, classes sociais, regiões do país, religiões, idades, orientações sexuais e identidades de gênero. Acima de nossas diferenças, que apenas enriquecem nossa troca e nossa luta, está a violência de gênero. É ela que nos une e é contra ela que lutamos. Nos articulamos e atuamos politicamente com a finalidade de colaborar na construção de um mundo em que haja justiça para as mulheres.

Na coletiva atuam exclusivamente mulheres, pois queremos criar um espaço seguro para que as mulheres tenham voz e poder de decisão, sendo protagonistas na construção de sua luta, onde haja empoderamento feminino e se amplie a capacidade de atuação das integrantes.

Temos por objetivos a organização anual da Marcha das Vadias na capital paulista, a ampliação do debate sobre as demandas feministas, a defesa da autonomia das mulheres sobre seus corpos e suas vidas, o incentivo às denúncias de violências contra as mulheres e o fim da impunidade dos agressores.

Assim como lutamos contra o heteropatriarcado e o sexismo, combatemos também o capitalismo, o racismo, a transfobia, a lesbofobia, a bifobia, a homofobia, a gordofobia e outras formas de opressão que recaem sobre grupos humanos marginalizados, pois acreditamos que as demandas feministas são inseparáveis de outras lutas igualmente importantes na construção de um mundo justo.

NOSSO ESPAÇO DE ARTICULAÇÃO E LUTA

Ocupamos as ruas todos os anos em marcha por acreditarmos que é preciso pautar politicamente a violência a que nós mulheres sobrevivemos cotidianamente, que muitas vezes é vista como um assunto privado. A marcha é um momento de catarse coletiva, em que as mulheres se sentem unidas em prol de um objetivo comum, empoderadas e seguras para tomar as mesmas ruas em que cotidianamente sofrem os mais diversos tipos de violência. Marchamos porque é preciso expôr nossa indignação e demonstrar nossa força.

Incentivamos a participação política das mulheres ao convidá-las a expor suas experiências pessoais, que se refletem nos cartazes em primeira pessoa, no microfone vivo (ação em que uma pessoa fala e a multidão repete frase a frase), na construção do manifesto vivo (momento de microfone aberto a qualquer pessoa que queira denunciar

violências) e na pluralidade que se observa no ato de rua. Essa é uma forma de aproximar o feminismo das mulheres.

Acreditamos na importância de promover a mudança social através da cultura e da expressão individual, pelo questionamento dos valores sociais dominantes, com o objetivo de transformar as relações interpessoais ao construir e sedimentar novos valores, que incluam o respeito às mulheres e o seu reconhecimento de fato como cidadãs. Para isso, procuramos divulgar o feminismo ao maior número de pessoas possível, dialogar sobre a violência, expôr a cultura do estupro e tornar públicas visões alternativas de mundo.

Nosso foco são as mulheres, com quem procuramos manter um diálogo direto, tornando o feminismo acessível ao demonstrar como suas ideias têm sentido e permeiam o cotidiano de todas nós.

NOSSOS PRINCÍPIOS

Somos mulheres e compartilhamos princípios políticos e éticos, que orientam nossa forma de pensar e agir:

- Que a roupa ou o comportamento sexual de uma mulher nunca seja usado como desculpa para proteger o agressor e justificar a violência;
- Que a sobrevivente nunca seja apontada como culpada pela violência à qual sobreviveu;
- Que a sociedade entenda que só o agressor é culpado pela agressão;
- Que a palavra da sobrevivente de violência de gênero nunca seja questionada;
- Que a luta coletiva das mulheres contribua para o seu empoderamento, protagonismo e autonomia;
- Que o feminismo seja mais forte que o machismo;
- Que a autonomia de todas mulheres sobre seus corpos e suas vidas seja uma realidade;
- Que a cultura feminista seja capaz de eliminar o machismo da sociedade;
- Que a coletiva mantenha sua independência, não compactuando com pessoas e organizações políticas, econômicas e religiosas que violem os direitos das mulheres.

Feminismo

O feminismo é nosso discurso e também nossa prática. Baseadas nessa filosofia que define nossa visão de mundo, acreditamos que a sororidade transforma a nós mesmas e, assim, nos torna capazes de tentar influenciar positivamente os outros ao

nosso redor. Como filosofia e prática política de defesa da igualdade entre mulheres e homens, o feminismo é a base de nossa atuação.

Autonomia das mulheres

Um dos impedimentos à libertação das mulheres dos mais diversos tipos de violência é a disseminação da visão dela como objeto e não como sujeito. A mulher ainda é vista como um ser mais frágil e menos capaz de dirigir sua própria vida e isso se reflete no modo como é tratada: feito propriedade a ser protegida (e, para tanto, se preciso, ter a sua liberdade e seus direitos restritos ou suprimidos) por homens, por exemplo o pai, o irmão, o namorado, o marido. Lutamos pelo fim dessa subordinação e pela autonomia das mulheres sobre seus corpos e todos os aspectos de sua vida. A mulher é capaz e deve ter o direito de fazer suas próprias escolhas e agir de acordo com suas necessidades e consciência.

Somos favoráveis a todas as formas de expressão da autonomia das mulheres sobre suas vidas e seus corpos. As mulheres devem ter o direito a usar as roupas que desejarem, sem por isso serem molestadas. Devem ter o direito de se comportar sexualmente da maneira que desejarem, sem que isso as faça cair nas armadilhas do julgamento machista. As mulheres não devem ser julgadas por sua aparência, seja porque fogem aos padrões de beleza socialmente impostos, seja por procurarem se adequar a eles. As mulheres devem ter o direito de decidir o tipo de trabalho que pretendem desenvolver ao longo de suas vidas, com dignidade, segurança e com remuneração igual à dos homens. As mulheres devem ter direito a interromper uma gravidez indesejada, de modo que o procedimento seja acessível, seguro e gratuito.

Defesa da palavra da sobrevivente

Está no imaginário social a ideia de que as mulheres são insolentes, mentirosas, manipuladoras. Sua palavra, diante da palavra de um homem, é tida como de menor valor e menos confiável. Diante de uma acusação de agressão, portanto, não é diferente. Desde amigos e familiares até autoridades policiais e judiciárias, em geral as pessoas tendem a desacreditar a denúncia de violência de gênero feita pela mulher.

A mulher que sobrevive a um caso ou situação de violência não deve ser mais uma vez humilhada, tendo sua palavra colocada em dúvida. Por isso, nosso papel é acreditar em sua palavra, acolhê-la, ajudá-la a sair da situação de violência e denunciar quem a agrediu, se assim for sua vontade, sempre com respeito à sua autonomia.

Não-culpabilização da vítima

A mulher sobrevivente de violência tem grandes chances de sofrer um outro tipo de agressão: as pessoas tendem a responsabilizá-la de alguma maneira pela agressão sofrida. Seja apontando o tipo de vestimenta utilizado, a quantidade de álcool ingerido ou o tipo de relação estabelecida com a pessoa que a agrediu. Defendemos que em hipótese alguma a mulher deve ser culpada por qualquer tipo de violência que sofra. Essa ideia advém da cultura do estupro e dificulta a resistência, a denúncia e o combate à violência pelas mulheres. A única pessoa que pode ser culpada por uma violência é quem a comete, e somente ela deve ser responsabilizada e punida. Culpar a sobrevivente é violentá-la mais uma vez, e isso é absolutamente inaceitável.

Empoderamento das mulheres

Toda mulher está sujeita a sofrer algum tipo de violência de gênero apenas por ser mulher. Nem toda violência, no entanto, é imediatamente reconhecida como tal por quem a sofre. Acreditamos que é preciso que as mulheres se empoderem para saber reconhecer e resistir às violências a elas infligidas. Por isso, nosso foco é o empoderamento das mulheres, para que não caiam ou não permaneçam em situações de violência. Devemos atuar no incentivo responsável de denúncias, conhecendo as leis e a realidade dos serviços e dos fluxos de atendimento à mulher sobrevivente. O empoderamento se dá pelo conhecimento dos direitos, pela prática da sororidade, pela formação de redes de apoio mútuo, pela resistência, quebra do silêncio e denúncia da violência.

Glossário:

cultura do estupro - uma série de ideias e comportamentos estabelecidos culturalmente que, se não incentivam a prática do estupro, fazem com que a agressão aconteça de forma naturalizada e até de forma a não ser percebida ou reconhecida como estupro. A cultura do estupro permeia e atua de forma transversal na sociedade e, portanto, o combate a esse pensamento deve unir mulheres de todas as etnias, religiões, orientações sexuais, identidades de gênero e classes sociais.

empoderamento - ações que fortalecem a mulher, sua autoestima, fazendo com que ela se sinta mais fortalecida para se impor socialmente, defendendo seus direitos e sua dignidade.

estupro - qualquer ato sexual sem consentimento. Pode ocorrer mediante agressão física ou psicológica, chantagem (seja envolvendo elementos emocionais, financeiros ou

de qualquer tipo), ameaça ou em uma situação em que a pessoa não está em condições (sejam físicas ou psicológicas) de consentir ou se negar a praticar o ato sexual.

heteropatriarcado - união entre os conceitos de heterossexualidade e patriarcado. A ideia de heterossexualidade como única forma possível e aceita de comportamento sexual dos indivíduos é excludente e aprisionadora, criando a heteronormatividade. A doutrina heteronormativa define padrões de comportamento para homens e mulheres. Assim, a heterossexualidade se torna uma sexualidade, ou padrão, dominante em detrimento de outras possibilidades de vivência da sexualidade humana: lesbiandade, homossexualidade, bissexualidade, assexualidade e outras.

Já o patriarcado pressupõe a relação autoritária e hierárquica entre homens e mulheres, os primeiros sendo considerados superiores, seja biológica ou culturalmente. Essa relação desigual é devida à atribuição de valores a um determinado papel. Ao masculino se associa a ideia de competitividade, orgulho, coragem, dever de proteger e defender, força, enquanto para o feminino os valores associados são de dependência, fragilidade, tranquilidade, romance, doçura e sentimentalidade, consumismo. Assim, a heteronormatividade e o patriarcado são baseados em papéis de gênero, que funcionam como atos repressivos para a nossa liberdade individual e social.

mulher - toda pessoa que se identifique com essa identidade de gênero. A categoria envolve, portanto, uma ampla variedade de pessoas, cuja diversidade reflete a imensa pluralidade que compõe nossa sociedade – em que as pessoas se diferenciam e se identificam por sua classe social, cor, etnia, identidade de gênero, orientação sexual, religião, crenças, geração, deficiências. Buscamos construir um feminismo que considere essa pluralidade, procurando lutar pelas demandas dos diversos grupos de pessoas que se identificam como mulheres.

sobrevivente - aquela que sobreviveu à violência de gênero – preferimos sobrevivente a vítima por acreditar que a palavra vítima impõe novo sofrimento e estigmatiza a mulher, enquanto a palavra sobrevivente empodera. Valoriza sua força e capacidade de superação.

sexismo - incapacidade ou recusa de reconhecer os direitos, as necessidades, a dignidade ou o valor de pessoas de um certo sexo ou gênero. Em geral é usada como forma de rebaixar apenas o gênero feminino.

sororidade - empatia, união, solidariedade, lealdade e identificação entre mulheres

ALGUMAS QUESTÕES SOBRE ABORTO – MANAS CHICAS

Muito se tem falado sobre o que resulta da criminalização do aborto, mas pouco sobre por que existe essa criminalização e como isso está relacionado à sociedade em que homens exploram mulheres. Também é necessário considerar, para além da defesa de sua legalização, os mecanismos necessários para garantir real acesso e segurança desta prática às mulheres, bem como iniciar uma discussão sobre por que o aborto é realizado e o que sua ocorrência indica. Esse texto tem por objetivo, portanto, discutir estas diversas temáticas que envolvem a questão da interrupção da gravidez.

Heterossexualidade obrigatória, maternidade compulsória, exploração das capacidades reprodutivas, divisão sexual do trabalho: o que tudo isso tem a ver com o aborto?

É necessário, antes mesmo de considerarmos a criminalização do aborto, questionar sua ocorrência. Usualmente se compreende que a criminalização do aborto resulta de uma sociedade patriarcal; no entanto, ainda é preciso considerar que tal prática também é consequência da opressão sobre as mulheres, pois suas escolhas reais foram reduzidas quando foram levadas a uma gravidez não desejada. A própria necessidade de realizar um aborto se dá por vivermos em uma sociedade que impõem os modelos da heterossexualidade e maternidade compulsórias. Devemos lembrar que a heterossexualidade é imposta às mulheres para que, entre outros motivos, seja possível explorar suas capacidades reprodutivas. A imposição deste modelo de sexualidade, que geralmente é voltado para o prazer masculino (o que muitas vezes não inclui uma relação sexual com qualquer tipo de método anticoncepcional), está ligada a como é naturalizado que as mulheres cumpram também o papel da maternidade, pois retira a autonomia das mulheres e garante o acesso masculino a seus corpos. Assim, o modelo de relação heterossexual vigente funciona como um mecanismo para manter e naturalizar a pressão colocada sobre as mulheres para que tenham filhos. A imposição da heterossexualidade e da maternidade para as mulheres torna, portanto, questionável a verdadeira escolha das mesmas em ter filhos; do que decorre que, pressionadas, engravidem sem que de fato o tenham desejado, tornando o aborto muitas vezes necessário. O aborto é então, ao mesmo tempo, uma afronta à maternidade compulsória,

por ser uma recusa à maternidade, e um produto dela – se não fosse compulsória, muitas mulheres não precisariam abortar.

Em relação à criminalização do aborto, é importante discutir sua relação com um sistema de exploração e dominação masculinas, onde o corpo da mulher se coloca como uma das maiores fontes de obtenção de recursos. Uma das maiores ferramentas para garantir tal exploração é a maternidade compulsória, que possibilita exploração tanto das capacidades reprodutivas quanto do trabalho doméstico das mulheres. Ao controlar as capacidades reprodutivas das mulheres, obtém-se o poder de definir a reprodução de seres humanos atuando, por exemplo, sobre a quantidade de mão-de-obra disponível e sobre a distribuição de recursos da humanidade. Além disso, a maternidade também garante a exploração do trabalho feminino não-pago, uma vez que faz com que as mulheres fiquem ainda mais presas ao âmbito privado e tenham mais dificuldade de ocupar (profissionalmente, politicamente...) o espaço público. É necessário levar tais informações em conta e as utilizar como referencial de análise sobre as condições em que se inserem as mulheres em termos de direitos reprodutivos, como é o caso do aborto. A criminalização do mesmo representa um mecanismo que possibilita a preservação da maternidade compulsória e tudo que está relacionado a ela (a exploração das capacidades reprodutivas e a divisão sexual do trabalho).

O significado da criminalização do aborto

Criminalizar o aborto tem consequências diferentes para homens e mulheres. Além do fato de envolver diretamente o corpo da mulher, devemos considerar que socialmente o fardo da criação dos filhos não recai igualmente sobre os dois e, portanto, passar por uma gravidez traz consequências para as mulheres que não existem para os homens. A criminalização do aborto resulta, de fato, na criminalização das mulheres que o praticam, recaindo sobre elas uma responsabilização desigual em comparação aos homens, sem que se leve em conta a desigualdade de poder entre homens e mulheres no que tange a esse assunto. Desta forma, criminalizar o aborto deixa de considerar (a) a falta de acesso à educação sobre métodos anticoncepcionais (incluindo a contracepção de emergência); (b) os impactos, sobre uma mulher, de forçá-la a ter um filho resultante de uma gravidez não desejada; (c) a carência de recursos financeiros e psicológicos para que as mulheres levem adiante uma gravidez. A defesa da criminalização do aborto, além de ser produto do reforço constante ao cumprimento da maternidade compulsória, impele às próprias mulheres a responsabilidade pela gravidez, por conta de uma suposta

“voluntariedade” de suas ações; não permitindo, desta forma, fornecer verdadeira autonomia às mulheres – autonomia esta que deve reconhecer a existência de uma gravidez não desejada, inclusive de uma relação sexual não desejada.

Apesar de ser um passo importante, a legalização do aborto não significa que a maternidade passa a ser uma escolha das mulheres, pois devemos sempre ter em mente o contexto em que suas escolhas são feitas. A legalização não reduz o peso da maternidade compulsória na vida das mulheres: até em países onde o aborto foi legalizado as mulheres não escolhem de fato engravidar, uma vez que essa “escolha” não é um fato isolado; desde pequenas, as meninas são condicionadas e persuadidas por meio da família, da religião, de brinquedos, programas de TV e filmes ou até por necessidade econômica (como em casos de “barrigas de aluguel” por exemplo) a ter filhas/os.

Devemos ainda levar em conta que não almejamos simplesmente a legalização do aborto, como se nada mais em torno desta questão precisasse ser questionado. O aborto é imposto a mulheres negras, indígenas e em situação carcerária, como um entre outros métodos – também se destaca a esterilização forçada – para implementar políticas eugenistas e racistas. Devemos, portanto, discutir não só a necessidade de legalizar o aborto, mas também pensar como garantir que o poder de decisão sobre a utilização deste procedimento esteja de fato na mão das mulheres e não de médicos, maridos, empresas, instituições ou de qualquer outra pessoa. Queremos o fim do controle masculino da concepção e da contracepção, pois só isso possibilitará que o aborto não permaneça sob controle dos homens.

Morte de mulheres como consequência da criminalização do aborto

A criminalização do aborto é maléfica para as mulheres tanto no sentido de facilitar a exploração de suas capacidades reprodutivas, quanto no de expor as vidas daquelas que não querem continuar com uma gravidez aos riscos de um aborto em uma clínica não regulamentada, ou com a utilização de métodos caseiros sem assistência médica. Em locais com leis restritivas à prática, o número de abortos inseguros são altíssimos, sendo praticados 23 abortos inseguros a cada 1000 mulheres nas idades de 15-49 anos, em média. Lugares que permitem o aborto, em contraste, possuem uma média de menos de 2 abortos inseguros a cada 1000 mulheres em idade reprodutiva.

Um exemplo emblemático é o da Romênia, durante o período de 1957 a 2002, que mostra diferentes perspectivas das consequências que as legislações acerca do aborto

têm sobre vida das mulheres. No período entre 1957 a 1966 instituiu-se acesso amplo a abortos legais e, em 1960, a mortalidade por abortos era de 20 mulheres a cada 100.000 nascimentos. De 1966 até 1989, durante o período pró-natalista do governo de Ceausescu – quando a prática do aborto era restringida – o número de mortes aumentou em sete vezes, sendo registrado um pico de 148 a cada 100.000 nascimentos em 1989. Entretanto, nesse mesmo ano, com a mudança nas leis, transformou-se prontamente o quadro ao incorporar o acesso a abortos mais seguros, fazendo com que este número caísse pela metade. Em 2002, a mortalidade por abortos inseguros era menor do que 9 mulheres a cada 100.000 nascimentos e o número de mortes por abortos era menos da metade do número de mortes em partos.

Outro exemplo é o do Uruguai que, após a legalização do aborto (em outubro de 2012), não registrou nenhum caso de morte de grávidas por esta causa (pesquisa feita um ano após a legislação). Claro que mesmo esses exemplos de legalizações não são perfeitos. No Uruguai, por exemplo, as mulheres têm que passar por algumas etapas em que precisam justificar sua decisão e que muitas vezes podem significar um desencorajamento em realizar o aborto. Mesmo que o quadro ainda precise melhorar muito, os números já mostram que a legalização é um passo importante na questão de saúde das mulheres. Através desses dados chega-se à conclusão de que leis que restringem e criminalizam o aborto geram índices desproporcionais de mortes causadas pela prática, já que estes ocorrem majoritariamente de forma precarizada, traduzindo-se assim em um panorama de descaso e negligência para com a vida de milhares de mulheres.

Pequeno panorama da situação no Brasil

No Brasil, atualmente, o aborto só é legal nos casos de gravidez de mulheres com menos de 14 anos, resultantes de estupro, em que haja risco para a saúde da mulher ou em que os fetos sejam anencéfalos. Por ser uma prática ilegal na maioria dos casos, muitas mulheres, por não desejarem continuar com a gravidez, recorrem a métodos perigosos para abortar. Em média, 602 mulheres são internadas por dia por causa de infecções oriundas de abortos clandestinos e o aborto constitui a quinta maior causa de morte materna, considerando apenas os casos notificados.

Apesar disso, atualmente tramitam mais projetos que criminalizam (ainda mais) o aborto do que projetos que visam a legalizar sua prática. Entre estes projetos está o PL 478/2007, conhecido como Estatuto do Nascituro, que considera o feto, desde a

concepção, como uma pessoa – de modo que, se aprovado, o aborto seria concebido como um homicídio. Em casos de uma gravidez oriunda de estupro, o Estatuto obrigaria a mulher a continuar com a gravidez e, como uma medida supostamente reparativa, garantiria uma cesta básica por mês à família, até a criança completar 18 anos. Tal medida é absurda por não levar em conta que o problema da gravidez oriunda de um estupro não é apenas o peso financeiro de criar uma criança não planejada, pois há que se considerar os traumas emocionais e psicológicos relacionados a levar adiante uma gravidez fruto de estupro.

Vários grupos religiosos são conhecidos por defender arduamente a criminalização do aborto. No Congresso, por exemplo, é principalmente a bancada evangélica que pressiona pela aprovação desse Estatuto. No entanto, não devemos nos iludir acreditando que “se o Papa fosse mulher, o aborto seria legal”, pois não é apenas por culpa da Igreja que o aborto ainda não é legalizado. Não podemos nos esquecer que a criminalização favorece o sistema patriarcal e, portanto, os homens como um todo.

Ao passo que temos um movimento ascendente no sentido de aprovar projetos que criminalizem o aborto, podemos verificar também um outro movimento, no sentido da revogação de direitos já conquistados. A portaria 415, de 21/05/2014, representava um avanço no sentido viabilizar e regulamentar abortos que já são previstos por lei. Tal portaria incluía a interrupção da gravidez na tabela de procedimentos realizados no SUS, possibilitava a presença de uma/um acompanhante durante o procedimento e garantia repasse de verba para possibilitar tais procedimentos. No entanto, ela foi revogada por Arthur Chioro, ministro da Saúde. A revogação representa um retrocesso por: dificultar a realização dos abortos legais no SUS, reduzir o aporte financeiro (o que pode prejudicar a qualidade e segurança do procedimento), facilitar a ocorrência de violência obstétrica (por não garantir a possibilidade de acompanhante) e prejudicar a obtenção de dados e estatísticas sobre a realização deste procedimento (pois sem a identificação do procedimento, há uma subnotificação de vezes em que é realizado no SUS).

Aborto seguro, legal e gratuito e o fim do patriarcado!

O caso da portaria 415 mostra o quão necessária é a discussão sobre políticas públicas quando o assunto é aborto, pois a legalização pode ser insuficiente se não houver recursos disponíveis e funcionários qualificados para realizar o procedimento de forma segura no sistema de saúde pública. Queremos a garantia de que esse

procedimento possa ser feito gratuitamente no SUS e não apenas em alguns hospitais privados. Além disso, precisamos de uma educação sexual feminista nas escolas, que não só ensine sobre métodos contraceptivos, mas também questione a heterossexualidade.

Queremos o fim da sociedade patriarcal, pois só assim as mulheres terão de fato autonomia sobre seus próprios corpos e conseguirão fazer uma real escolha por ter filhos ou não. A criminalização do aborto é uma resposta patriarcal para um problema patriarcal, no sentido de que, com a heterossexualidade e a maternidade compulsórias, as mulheres não escolhem de fato engravidar e a proibição do aborto só significa mais um meio de garantir sua exploração (tanto de suas capacidades reprodutivas quanto de seu trabalho doméstico). O aborto seguro, legal e gratuito certamente não significa o fim da exploração da mulheres, mas é um passo importante em relação ao direito ao próprio corpo e à saúde da mulher, e simboliza uma quebra, até certo ponto, com a maternidade compulsória.